

e só esperão que se lhes proporcione hum comodo estabelecimento para correrem a procurar neste hospitaleiro e abençoado Brazil a fortuna que não podem achar no solo do seu paiz, por nimamente povoados.

Rapuecia informar á assembléa que, posto a mesa se não achasse autorizada com poderes especiaes para admitir rebatos nas dividas dos colonos inscriptos, attendendo a que consideravel numero de colonos allemes alugados a jornal nas obras da provincia do Rio de Janeiro, longe de diminuir sua assaz crecida divida, a ia diariamente augmentando, julgon conveniente aos interesses da sociedade celebrar com o governo da mesma provincia hum contracto, pelo qual este, tomando a seu serviço os ditos colonos, se responsabilisou pelo pagamento de suas dividas em seis pagamentos mezaes, fazendo-se nestas por parte da sociedade hum abatimento razoavel, e calculado em 40 por cento no total da divida; este contracto, celebrado no 1.º do corrente mez, vai junto ao presente relatorio, e espereira a Meza que mereça a approvaçao da assembléa.

A' vista do exposto, he manifesto que a sociedade se acha habilitada para continuar as operações da sua instituição; mas tendo estas sido interrompidas pelos embarços que momentaneamente occorrerão, nascidos não tanto do seu estado financeiro, como de alguns defeitos dos estatutos, cumpre que a assembléa geral dos accionistas habilite a mesa para poder dirigir os negocios da sociedade com mais prospero resultado, reformando o artigo 4.º dos ditos estatutos por forma conveniente: reforma de absoluta necessidade, por ter mostrado a experiencia que os colonos trazidos nos navios portos em navios de especulações particulares, que tem unicamente em vista o ganho, quando este deverá entrar como meio, e não como fim principal, são ordinariamente braços inertes, e muitas vezes desmoralizados, e por isso se demoram tempos infinitos nos depositos da sociedade: demora que colloca a administração em graves embarços, e compromette seriamente os interesses da mesma sociedade; accrescendo não serem estes os braços de que o Brazil carece, e crasso erro parece ser proteger a admissão de população ociosa e desmoralizada, que não pôde dar outro resultado que augmento de consumidores improductivos, e de perturbadores da ordem publica, e da particular das familias. He sobretudo conveniente que a sociedade faça o ensaio do estabelecimento de colonos agricolas, verdadeira base sobre que deverá assentar toda a colonisação, que muito cumpre promover: sem estas duas alterações nos estatutos a sociedade não poderá prestar ao paiz os serviços que se propoz, e este tem o direito a esperar della. Rio de Janeiro, 30 de abril de 1840.—José Clemente Pereira.

(Do Jornal do Commercio.)

MARANHÃO.

Quartel da Presidencia, e do Commando das Armas na Cidade do Maranhão 26 de Junho de 1840.

Ordem do Dia n. 47.

Manda S. Ex. o Sr. Coronel Pro-sidente, e Commandante das Armas da

Provincia, fazer publico para conhecimento da Divisão Pacificadora do seu Commando, que chegando á esta capital no dia 16 do corrente a noticia de que no dia 14 se havia sublevado a guarnição militar da villa do Itapucurú-mirim, e a pretexto de falta de pagamento de soldos, havia aprisionado com força armada os seus Officiaes, inclusive o Sr. Major Commandante Carlos Augusto d'Oliveira, que bastante enfermo se achava, ordenou com a maxima promptidão a todos os pontos circumvisinhos, para que destes partissem forças contra os revoltosos, que se tinham apoderado da villa, na presumpção de que algum plano houvesse entre elles, e os rebeldes; e organizando de mais nesse mesmo dia, apesar de todas as difficuldades, huma respeitavel força, partiu com ella no vapor Fluminense, na madrugada do dia 17 deste mesmo mez. Foraõ de-sez-cabecas desta sublevação o 2.º Sargento da Companhia de Caçadores de Montanha João do Rego Barros, o Sargento Adjuncto Brig Carlos Helcher (Alemao enganado), o 1.º Sargento d'Artilheria da Bahia Ezequiel Luiz da França, e hum outro Sargento que ainda se não acha preso, os quaes excitaram os Soldados á reclamação de pagamento de soldos. Permanecendo todos os Officiaes durante a noite divididos pelos diversos pontos avançados, por hum medida tomada pelo Sr. Major Commandante, em consequencia de hum esquim, que apparecera, no qual davão vivas aos rebeldes, facil foi á hum signal dado pelas 3 horas da madrugada, apoderarem-se dos mesmos Officiaes, desarmal-os, e pol-os em custodia, ficando o referido Sargento Rego Barros, e seus complices senhores da villa; e sem demora expedirão para a Bella-Agua huma mulher, e para o Caracubal hum proprio com mensagem aos rebeldes, que o mesmo Sargento Barros esperava em seu soccorro, mantendo por isso tudo com apparente socego para não causar alarme antes que elles chegassem. Dirigio entretanto o predito Sargento hum Officio ao Sr. Major Commandante Carlos Augusto d'Oliveira, (que, apesar de sua grave enfermidade, deixára o leito ao signal de rebato, e por elles fora preso), pedindo pagamento de soldos, com declaração ao mesmo tempo de que se o não fizesse, elle não responderia pelo resultado: o Sr. Major temendo comprometter a villa, e o ponto, rico de munições, que bem se pode avaliar em cerca de dezenas de contos de reis, por ser ali hum dos principaes depositos, e querendo acalmar a desordem por meios brandos, ja que outros recursos não tinha, alcançou dos habitantes hum emprestimo da somma necessaria para aquelle pagamento. Nem assim depozeram os sediciosos as armas; mas como se desceadasssem, e dominados pela mesma insubordinação que os levára áquelle arrojo, poderão os Officiaes sair de suas prisões, e se recolher aos pontos proximos. O Sr. Capitão Manoel Lopes Teixeira Junior, e mais Officiaes, que vierão ter a villa do Rozario, deixando ali o Sr. Major gravemente enfermo, subirão pelo rio com 100 praças dessa villa, e forão atacar os sublevados, em quanto de todos os lados marchavão outras partidas contra elles. Ao inopinado ataque destas praças commandadas pelo mesmo Sr. Capitão Lopes, parecendo aos revoltosos ser maior o numero destas, e elles ainda sem o soccorro dos rebeldes, que tardavão, amedrontados não

ousarão fazer resistencia, sendo por consequente presos, e desarmados; e conhecedores depois de que tão pequena era a força sitiante, planejavão arrombar a fraca prisão para atacar a força legal pela retaguarda, quando esta fosse para as trincheiras defender a villa dos rebeldes, com quem contavão, e que devião chegar por aquelles dias; aconteceu porem que o proprio seu emissario á Raimundo Gomes não pôde a elle chegar por estar este chefe rebelde sitiado com os seus no Caracubal pelas nossas forças, e voltou a villa com esta noticia. A mulher que partira para a Bella-Agua chegou ao seu destino, e deu relação do caso aos rebeldes d'aquelle lugar, que em numero maior de 300 atravessarão o rio Munim, com direcção para a mesma villa do Itapucurú-mirim; mas felizmente forão ter ao ponto do Gaiola, onde existe hum destacamento legal apenas de 40 praças, commandadas pelo Sr. Tenente Fortunato José da Costa, e travarão ali renhida peleja. Intrincheirada esta pequena força em frente de hum casa, que lhe servia de Quartel, a que os rebeldes lançarão fogo, resistio heroicamente pelo largo espaço de 18 horas consecutivas, apesar do incendio pela retaguarda, e do fogo de mais de 300 armas pela frente ficando mortos 12 rebeldes, alem de muitos feridos, que com os mais retrocederão, deixando completa victoria aos 40 bravos, e ao digno Sr. Tenente Fortunato, que os commandava, dos quaes apenas ficarão feridos 1 cabo, e 4 soldados. É esta uma das mais heroicas acções que tem havido nesta guerra, não tanto pelo destroço dos rebeldes, como por impedir a que se apoderassem da dita villa do Itapucurú-mirim.

Chegando S. Ex. a villa, logo depois da sua tomada, fez severamente castigar os sediciosos, para exemplo de hum crime que hia produzindo tão funestas consequencias e formar Conselho de Investigaçao, e de Guerra aos Sargentos cabecas da revolta; e estando estes incursoes em pena capital, espera todavia a ultima decisão para execucao della; e, dando as mais exactas providencias para a fortificação da mesma villa, voltou a esta capital, onde chegou no dia de hontem 25 do corrente.

O mesmo Exm.º Sr. tem nomeado Capitão de Commissão para o 5.º Batalhão Provisorio o Sr. Tenente Fortunato Joze da Costa, que tanto se distinguio nesta acção.

Antonio Nunes d'Aguilar, Adjuncto, e Quartel Mestre General.

CHRONICA MARANHENSE.

Attengão!

—O habil e intelligente inspector do thesouro provincial, o honrado secretario da santa casa, o zeloso e economico ex-administrador das tulhas, em summa, o sr. Leonel Joaquim da Serra, é um pouco desmemoriado; deffeito tam pequeno não deve todavia ser notado entre tantas partes brillantes que o arream. Já vae em mais de quatro mezes que S. S. pediu ao publico que suspendesse o seu juizo acerca do que da sua administração das tulhas escreven a Chronica, porque a tudo daria cabal e satisfactoria resposta com documentos; mas até hoje, nada de novo, e o juizo do respeitavel publico pendurado ha quatro mezes, suf-

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

QUINTA-FEIRA 2 DE ABRIL DE 1840.

N.º 225.

Assigne-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapros de Vidigal Irmão & Co, rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas tendem-se a 160 reis na sobrelleita Fabrica, e os avisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

MARANHÃO.

Quartel da Presidência, e do Commando das Armas na Villa do Itapucurá mirim 17 de Março de 1840.

Ordem do Dia n. 19.

Ordem S. Ex.º o Senhor Coronel e Commandante das Armas da Provincia, que todas as embarcações que navegarem pelo Rio do Itapucurá só sejam registradas na occasião da partida, e nos lugares para onde se destinarem, devendo apresentarem com todos nos Pontos Militares por onde passarem, Documentos que provejam terem sido registradas. Ordena outro sim o mesmo Exm. Sr. que os Srs. Commandantes dos Pontos Parciaes recebam dos Pontos Graes a que pertencem, os generos precizos para fornecimento dos Destacamentos, não devendo continuar o abuso até agora seguido nos ditos Destacamentos de serem por si mesmos fornecidos, e isto de huma maneira pouco regular.

Os Srs. Commandantes dos Pontos Graes não mudam mensalmente os Commandantes dos Pontos parciaes, e quando não haja Officiaes que cheguem para este serviço, poderão passar de hum para outros Pontos. Tendo cessado os motivos pelos quaes se mandára reunir todas as Canoas, e mais embarcações aos diferentes Pontos do Rio Itapucurá, ordena o mesmo Exm. Sr. que fique sem effeito esta disposição. O mesmo Exm. Sr. manda fazer publico que o Morro Agudo foi occupado pelas forças da legalidade, depois de huma renhida peleja, no dia 24 do mez p. p., e que acossados os rebeldes em todas as fortificações por elles construidas, e que cubrião aquelle foco de reunião, foram forçados a retirar-se, deixando mortos no Campo o faccioso Lamego, e mais 4 bandidos, além de muitos feridos que foram por elles conduzidos. — Assignado: Antonio Nunes de Aguiar, Adjunto e Quartel Mestre General.

PARNAHIBA.

Ilm. Sr. — Em data de 18 do corrente Officiei a V. S. em resposta ao seu Officio de 15 do mesmo, e agora tenho a communicar-lhe, que não entrei no dia 21 como lhe tinha communicado por causa da traição que houve da parte do Guia, que eu levava ensinando-me o caminho, o qual se chama Francisco de Souza morador nos algodões, que tendo

se hido offerecer ao Tenente Coronel me acompanhava dois dias, antes de chegarmos aos algodões me pediu para hir em casa, e eu accedi por ter deixado outro em seu lugar, mas o que foi elle ver em casa? foi avizar os Rebeldes, e ensinar-lhes o lugar na fazenda delle que nos devião esperar para nos fazerem foga, o que assim aconteceu; appareceu-me nos algodões e perguntando-lhe o que havia, disse-me que por ali não havia novidade, só sim que a distancia de huma legoa na estrada que havíamos de passar, havia humas cazas nas quaes havia alguns Rebeldes, e que era preciso hir com algum escuro para os apauar, eu fiado nelle assim o fiz; ainda com escuro me accordei, dizendo então oras! levantei-me, mandei formar tudo, e logo que tudo prompto tirei a guarda avançada no Capitão Torres, e o fiz marchar recomendo-lhe pozesse as cazas em cerco, até que chegasse com a gente, mandei o Guia acompanhá-lo, e este em lugar de hir manda hum menino em quanto diz fexava a porta da caza; a meia legoa de distancia rompeo o fogo com a Guarda avançada e a queima roupa, ouço o fogo e puz-me em marcha marchei com a gente que levava, e logo que ali cheguei, como antes estava meio escuro, perguntei ao Capitão onde estava a nossa gente e o inimigo, disse-me, aqui é a gente nossa, e ali o inimigo, mandei cessar o fogo, e logo que clariou reuni a gente, mandei-a estender á direita para o mouro, e á esquerda para a estrada, mandei avançar, e com pouca resistencia abandonaram as trincheiras deixando 9 mortos e alguns feridos porque se vio muito sangue pelas pedras, e dos nossos 8 feridos, tres morrerão poucas oras depois, dois gravemente, e tres levemente, tudo isto da guarda avançada, quando procurei o Guia para avançar mais não o achei, mas fugio, razão porque voltei para a caza curar os feridos, e como sonheasse por hum escravo do rebelde Domingos que foi prisioneiro em Santa Rosa que elle tinha alli 600 homens, resolvei-me a mandar reunir a força toda no Brejo para onde fui por causa do Pasto para os animaes; avista pois do expellido mando esse portador para o pôr ao fiado do acontecido, e juntamente para V. S. mandar reunir toda a força que puder tanto dessa como da Matriz, e logo que prompta me communicar para alli, pois não quero arriscar-me a hir alli unicamente com 150 praças de Linha, além destas tenho mais 60 G. N., mas é gente com que não conto, pois só com aquelle pequena fogo fugirão hum poucos, e muito principalmente abandonando de guarnecidas, e sem um só soldado

de Linha as Villas de Sobral, Granja e Villa Viçosa, e V. S. não deve ignorar debandando-se os Rebeldes alli, elles se reúnem e vão a Granja e Villa Viçosa, alli terão muita gente que se lhe rouba e depois peor será, isto mesmo eu vou ponderar ao Exm. Sr. Presidente, que tendo-me ordenado fosse para o Brejo, avista do expellido, não posso abandonar as fronteiras, com tudo elle resolverá o que melhor entender. Em quanto não tiver resposta de V. S. vou mandar para a Ubaituba hum destacamento, a fim de não estar aquelle ponto descoberto por ser o caminho da comunicação dos rebeldes com os da Granja. Deos Guarde a V. S. Quartel do Commando da Força de 1.ª Linha no Brejo em 21 de Março de 1840. — Ilm. Sr. José Francisco de Miranda Ozorio, Prefeito da Parnahiba. — Assignado: Joaquim da Rocha Moreira, Major e Commandante.

CHRONICA MARANHENSE.

O senhor doutor Candido Mendes do Alencar, advogado, professor de geometria, e demais haberechegado com outras occupações, sempre teve tempo para digirir uma carta ao bacharelgo Legalista, a quem qualifica de *estúpido*, na qual queixando-se amargamente de lhe attribuirem os communicados do Amigo do Raiz, e de outros mascarados, sem to-lhavia negar positivamente a nossa asserção, chama-nos *charlatão*, *justamente* *excepcional* como o *terdugo* da nossa *patetia*, *algor* de muitas *famílias innocentes*, entre as quaes se conta a sua, que perdeu quanto possuia, e quatorze parentes do sr. doutor, vellos e crianças, que foram assassinados!

No meio da dissolução da sociedade, e da relaxação das leis e da moral, quando os partidos e os individuos se horatam tam facéis, accusações tanto ou mais sanguinolentas que estas, fora sem razão da nossa parte mostrar admiração e estranheza por esta apoplexia de insultos que subiu á cabeça do joven e aventureiro bacharel; o senhor Leonel, qualificado de escritor amigo da ordem, pelo seu digno imitador, ja nos tem habituado, e a muitos homens de bem, no expectaculo de tan monstruosos furores. Por-moso e incomprehensível é porem o effeito do espirito do partido! o sr. Candido Mendes, assignando o seu nome, e nomeando-nos pelo nosso, não dávida fangar-nos a impetuação da complicitade em roubo e assassinatos, antes no-la faz nos termos mais afrontosos, e com todas as apparencias do mais entranhavel ranço e má chusca, ouso queixar-se de que

a Chronica o ataca, que se avilta com insultos, e que procura vingar-se do sr. doutor, porque elle nos não bajula, como alguns tem feito, porque commetteu o grave peccado de não respeitar os nossos conhecimentos, e finalmente porque se não bandeou ao partido que cobriu de luto o Maranhão, e de que somos o digno chefe! Grande Deos! pois alguém se lembraria do desconhecido sr. Candido Mendes só por tais motivos? Peró e risível animal ao mesmo tempo fica sendo o homem, quando se deixa possuir pelo espirito de partido, e pela mais ridicula e fôla vaidade! Tenha por certo o sr. Candido que nunca demoramos o nosso pensamento sobre o mais ignorado dos bachareis, pois bem pouco se nos dá que elle se bandeie a este ou aquelle partido, que adule a este ou aquelle chefe, porque em fim tudo é adular; a Chronica rebateu, sim, com o necessario vigor, ao miseravel que não tendo pejo de manifestar a sua asquerosa ambição pelas ignobes palavras—*quero subir seja como for*—se deu ao mister de caluniar regularmente as nossas acções, que desfigura, os nossos escriptos, que interpola, e as nossas ideias, que tortura; ao infame que reproduz os pasquins sobre o vapor inglez; ao cobarde, que não declarava o seu nome, porque fitava a interesses oppostos, de que por ventura já estará em parte desenganado.

E já agora, passaremos revista a algumas das proposições do senhor Candido Mendes; não nos tractou S. S. tam cavalheiramente, que não devamos aproveitar os meios que na sua carta nos forneceu para lhe tirarmos por algum tempo a vontade de nos atacar frente a frente.

Advertiremos primeiramente que ainda quando houvessemos errado, attribuindo os communicados da Revista ao sr. doutor, estavam agora sobradamente justificados, por que S. S. não só excedeu a virulencia desses communicados, como os acha excellentes, optimos, irrespondiveis, e até pretende que a esta ultima qualidade, que lhes presta, se devem os insultos que elle suppõe ter recebido da Chronica. Não ignoramos que o senhor Candido Mendes e outros tem assalhado que o auctor desses communicados é o menor João Bernardino Jorge Junior, e até que este joven inexperiente, por uma vaidade pueril, se tem pavoneado de tam gloriosa paternidade, dando assim desgostos á sua familia, e mostrando-se ingrato a um importante beneficio que deve ao redactor da Chronica; mas nem é possível suppor tanta malicia, como a do Amigo do Paiz, em annos tam verdes, nem ha nenhuma semelhança entre as declamações taes e quejandas de um, e os ensaios verdadeiramente do estudante, que temos visto do Sr. Jorge, n'um dos quaes, publicado ha poucos mezes, chama elle *ingratos* os commandantes da guarda nacional porque não dispensavam do serviço os alumnos do lyceio! Demais este joven confessou a seu pai que o Amigo do Paiz era o mesmissimo Sr. Candido Mendes, e a nós, que elle apenas tirava as provas da Revista, donde vinha suspetarm-n'o de collaborar para a sua redacção. Mais esta immoralidade dos senhores que dirigem a Revista; seduzem um pobre menino, persuadem-n'o a dar-se por testa-de-ferro, e corricitam-n'o a desobedecer a seu respeitavel pae, que com razão ou sem ella, poz-lhe preceito que se

abstivesse de tomar a menor parte na redacção de jornaes. Os dous dignos mestres hão de ainda ser causa do joven estudante passar por algum desgosto domestico, de que ja nós o temos livrado. Mas entremos na materia da correspondencia.

O senhor Candido Mendes falla-nos em quatorze de seus parentes que foram assassinados, por nossa ordem; servindo a sua fortuna de recompensa, aos nossos obedientes mandatarios. Cremos que allude aos seus parentes assassinados no Brejo. A este insulto atroz e homicida poderamos facilmente responder com outros iguaes; mas não faremos tal, e observaremos apenas, repetindo o que ha tempos disse S. S., que a não ser a relaxação das leis, esse escripto calumnioso não seria publicado; o senhor bacharel-advogado sabe muito bem que asseverando factos de tanta gravidade, que não só não pode provar, mas que em juizo se não admittem á prova, infringiu scientemente uma das nossas leis, a que garante aos cidadãos a inviolabilidade da sua reputação. O senhor Candido falla nos seus parentes mortos; nós lhe fallaremos nos vivos. Entre estes, seu tio, o sr. capitão-mór Valerio, e outros muitos, foram accusados de cúmplices na revolta; o Investigador usou do nome de Valerio para caluniar a outro cidadão; enxovalhando os cabellos brancos desse respeitavel ancão, accusou-o de ter concorrido para a morte de sua propria mãe, (avó do sr. doutor) e de ter dito que os rebeldes a ninguém faziam mal, mesmo depois de ter sido por elles assassinado seu proprio irmão! Ora pois, o sr. Candido esquecido de que, se os seus parentes foram victimas dos furores dos rebeldes, foram igualmente accusados de os excitar e proteger, concorre quanto pode para dar consistencia a accusação calumniosa de que os partidistas da opposição no interior promovetam a desordem; em lugar de defender os seus parentes vivos, accusa-os indirectamente (porque de um modo directo fora de todo escandaloso) de terem concorrido para a morte dos que foram assassinados, e bandeia-se com o partido, e escreve para os jornaes, que os caluniam e perseguem. O escandalo ainda sobe a mais. O veneravel Vigario Proença Ribeiro, padrinho e protector do sr. Candido, tem sido insultado e calunhiado atrozmente pelo senhor Leonel; e o bom do afilhado, continuando a perceber os beneficios da protecção, e a viver na graça do padrinho, não só não defende a sua honra ultrajada, como escreve para os jornaes que o ultrajam, e anda por essas ruas de braço com o seu calumniador, o senhor Leonel! Defenda o senhor Candido a reputação dos seus parentes vivos, e a dos seus immediatos protectores; não se ligue com os seus calumniadores por uma maneira tam indecente; depois que assim o fizer, poderemos acreditar que dá lagrimas sinceras á memoria das sacrificadas victimas; por agora só podemos crer que o ambicioso mancebo não recua nem diante do sacrilegio de revolver as cinzas dos seus parentes mortos, com tanto que isso possa servir ao bom exito das suas especulações.

O redactor da Chronica não se tem justificado das rigorosas accusações que lhe hão feito os escriptores da ordem. Não é só sob o seu proprio nome que o sr. Candido Mendes o diz; o Amigo do Paiz, e a Revista, sustentam a mesma proposição, e pintam-nos como excen-

taungados da communhão maranhense, execrado como um monstro, pela opinião publica em geral, pelos martyres da legalidade, pelos militares, abandonado até dos nossos proprios amigos. Mas, graças a Deos, a verdade é que servimos de orgão a um partido sem duvida tam numeroso como o dos nossos adversarios; que cada dia recebemos não equivoacas provas de estima e consideração da parte dos mais illustres defensores da ordem, nesta e na vizinha provincia, sendo alguns d'entre elles da nossa particular amisade. A fé, que se estivessemos tam fracos, não excitariamos tanto as iras dos taes escriptores da ordem. E no entanto completamente falso que não tenhamos respondido satisfactoriamente; tanto assim que os nossos antagonistas de mui apertados se hão visto frequentemente na necessidade de recorrer a imposturas tam miseraveis como a do vapor inglez, e a essas banaes declamações sobre as ruínas causadas pela revolta, como se as declamações, e os insultos, podessem supprir a falta de provas.

Sustentado pois por uma grande parte da provincia, honrado com a estima e amisade dos mais bravos e benemeritos militares, e tambem de muitos martyres da legalidade, continuaremos a receber de boa sombra os insultos dos Candidos e Leões, e passaremos muito bem sem as aflições dos Sergios, Ernestos, e Severinos Carneiros, porque recebemos muita honra com as suas antipathias. Nem a nossa reputação depende de um artigo de mais ou de menos; havemos de defender-nos quando e como quisermos; descanse nessa parte o sr. Candido, por que ate publicaremos de novo a carta que nos foi dirigida sob o nome de Raimundo Gomes, e cuja letra, ja competentemente reconhecida, é do seu digno pae, o sr. Fernando Mendes de Almeida.

Terminaremos aqui declarando que foi contra a nossa vontade que fallamos no procedimento do sr. Candido Mendes para com alguns dos seus parentes; não amamos investigar as relações domesticas de ninguém; mas não podia menos a audacia do homem que mette a mão no cadaver dos assassinados para depois salpicar de sangue o rosto dos seus adversarios, do homem que nos chama verdugo, e em cuja casa as cartas que se nos dirigem, são retidas prisioneiras por acasos, e esquecimentos, segundo as desculpas que gaguejou, depois de apanhado em flagrante.

A Revista e os seus collaboradores vão em progresso; da estúpida patranha do vapor inglez, que ja foi materia só de pasquins, passam agora a appellidar o povo contra a oppressão do partido liberal, que disem ser medonha, porque em Alcantara estão as Virgens todas sendo sacrificadas aos appetites brutos dos patriotas influentes! O digno cavalleiro andante, que parece ter tomado a seu cargo a defeza da honra agravada das nichelas, dá-se por tam mudamente informado dessas torpes particularidades, que o dissera um dos eunuchos, guardiões dos alheios prazeres; o Amigo do Paiz sabe o nome, e a naturalidade das victimas; tem uma lista dellas, que lhe foi dada por um Alcantarenses distincto e queiroso de taes escandalos; enumera cuidadosamente os meios de seducção empregados, e nem lhe esquece citar o perverso adoptivo, que ajuda os li-

bertinos nas suas lubricas emprezas....! Só nos admira que o *Amigo do Paiz* não apresentasse a fatal lista, para que o digno redactor, que consente na publicação de tais torpezas, lhe ajuntasse as suas graves reflexões!

É a pobreza alcantarense quem agora roubou todos os cuidados do collaborador do jornal da caluannia; elle brada ás armas, chama que a libertem, que dentro em pouco não haverá ali uma só menina honrada; vê-se que o desejo do Amigo do Paiz é aditar a pobreza de Alcantara por uma maneira que não deixe lugar a dúvidas, tal como foi aditada a pobreza do Icatu, da Miritiba, do do Rosario, da Manga, do Brejo, de Caxias, que vergada sob o peso da oppressão, arrastada na carreira precipitosa do crime, está hoje devorando e sendo devorada por um modo espantoso!

Nada, em Alcantara decididamente impera o mais ferrenho despotismo. Pois não ha ali um adoptivo perverso que auxilia os prazeres illicitos dos rapazes, e quando brigam as meninas de escola, não ha bofetadas e panos de vinagre? Ora não, Alcantarense, toca a sacudir o jugo; a Revista vos dá generosamente a mão, para que entre vós se estabeleça a benéfica influencia do certo; o bae-marte e a faca de ponta serão postos na ordem do dia; tereis recrutamentos, e assassinatos em pleno dia. Apoz virá algum bravo conquistador, que se esconderá, sim, atraz do primeiro anteparo nas occasiões de fogo, mas que assassinará os prisioneiros, e ainda aquelles que por acaso lhe cahirem nas mãos, á força de chibata-das, á estocadas do bayonetes, á descargas de fuzillaria!

Mas é tempo de arredar-nos de tal assumpto; assaz é dar a noticia de que a Revista, em desespero de causa, arrojou-se a accusar os seus adversarios de acções torpes, entrando para isso no sanctuario da vida domestica, e descendo a particularidades que envergonham a todo homem honesto. Quem acreditaria que a devassidão dos costumes, verdadeira ou supposta, seria chamada para o campo da discussão, e empregada como incoi politico para abalar a influencia da opposição em uma commarca? quem acreditaria sobretudo que a Revista, depositado o ultimo resto de pudor, se prestaria a servir de vehiculo a taes infâmias? Assaz é recommenda-las ao desprezo publico, ainda o dissemos; quanto ao mais, os anjos que lhe respondam.

— Aos órgãos da facção depredadora já não bastam as desordens passadas, e actuaes para alimento da intriga que do continuo promovem: já se futurizam outras novas, e a acreditarmos o Legalista e o Amigo do Paiz, tracta-se de nada menos do que de pôr na rua os presos que vieram de Caxias, e de fazer-se uma nova revolução. As razões em que se fundam os dignos escrivinhadores para assegurar-lo, são fortissimas: 1.º O ter pedido a assemblea provincial da Bahia a commutação da pena de morte imposta a doze réos militares da revolta de 7 de Novembro; 2.º o ter-se annuciado a publicação do *Guajajara*, destinado a rebater os jornais da facção; 3.º o ter engordado um dos presos; 4.º o jogarem elles a manilha; 5.º a pretensão que tem alguns de se reconhecerem cadetes; 6.º finalmente o haver uma lancha que traz para terra cartas de presos, dirigidas

das aos mesmos *amigos da ordem*! Depois de tam brilhante arrasoado, brada-se que estamos perdidos; que o patro-nato a favor dos presos é escandaloso, que a relaxação a bordo da charrua não pode ser maior. Examinemos nós qual seja a verdade.

Os crimes de que estão indigitados esses homens não são dos que costumam excitar as sympathias de quem quer que seja; nada menos, está publico que expedindo o ex-presidente Felizardo uma ordem para serem elles presos, o sr. Sergio recusara cumpri-la, e allegara a esse respeito algumas desculpas. Os leitores podem avaliar os motivos de tal procedimento. O sr. Lima reiterou a ordem, e os presos vieram com effeito para a capital, mas sabemos de boa parte que trouxeram muitas cartas de recommendação dos partidistas da facção, e o proprio legalista confessa que elles de bordo dirigem cartas aos *amigos da ordem*. De resto, acham-se a ferro todos quantos vieram de Caxias, menos José Joaquim da Silveira, supponho que por ser capitão. Não é impossível que um ou outro desses homens seja injustamente accusado, mas em geral os seus crimes estão provados, e algum gene até sob o peso de accusações capitais. É de inteira falsidade que haja partidos que tomem a sua defeza; os individuos que os recommendaram já nós dissemos quaes fossem.

Mas as Revistas, os Legalistas, sabem que se tracta de alcançar para elles ordem de haberes corporis, e que até se trata de os salvar por meio de uma revolução! A invenção não destitui da do vapor inglez.

O Amigo do Paiz possui-se então de negra melancolia, julga que o Brasil caminha para o abismo, e que não será nenhum milagre que a opposição, que tanto forceja por *subir ao poleiro*, se apodere da direcção dos destinos do paiz! E na verdade, o paiz estará perdido, em quanto o seu predilecto *Amigo* não for pelo menos eleito deputado.

Não terminaremos sem reformar uma inexactidão, que muito de proposito escapou ao pobre moço, no meio das suas megoas; a assemblea da Bahia não pediu que fossem *perdoados* os réos militares, mas somente que lhes fosse commutada a pena de morte em outras menos barbaras e terriveis; talvez em attenção aos longos annos de serviço desses infelizes, e aos mui relevantes que alguns de entre elles prestaram á independencia. Outros quando chio de furor o Amigo do Paiz chama *monstros* a miseraveis réos condemnados á morte, e elogia o *Correio Mercantil*, esquece-se que o seu redactor, o doutor Sampaio Viana, foi um dos deputados que votaram a favor da commutação. Mas que lhe importam as contradicções, a quem quer só calumniar?

De resto, cremos piamente que podemos dormir descansados, sem receio de conspiradores; os presos estão desemparados, até daquelles mesmos que talvez em Caxias lhes extorquisessem grossas sommas.

VARIEDADE.

Da Opposição.

— A opposição desagrada a todas as vontades, a todo poder; entretanto que

d'ella necessitam todas as vontades, todo poder; he ella que lhes dá ou faz a sua verdadeira força e o encanto dos seus gozos; sem ella tudo se amortecerá; que digo? nada existiria no mundo: tudo, na natureza, vivo e se conserva por contrastes e por opposição.

Sem sombras não pode existir a luz; he a sua opposição só que a todos os objectos dá realce: se o fogo não encontra mais do que uma ligeira palha, não gasta em consumi-la, nem existe, sendo um momento; não tem duração, sendo quando acha uma madeira solida e consistente que lhe possa resistir.

O amor acabaria de languir, se o prazer acompanhasse os desejos. A belleza que se defende da flamma do amor, e lhe resiste, fã-lo mais vivo e mais duradouro.

Qual seria a gloria do vencedor sem a resistencia do vencido? Se aos nossos desejos, se á satisfação das nossas necessidades, nem uma coisa se oppo-esse, não perderia a industria toda a sua actividade? A dura pobreza he o que estimula e incita, e que, lhe resistindo, a encaminha, e a obriga a ir em demanda da fortuna.

O continuo praser dos sentidos se tornaria em dor, ou enjôo; he mister, que o cansaço ou os obstaculos o interrompam, e que assim ás necessidades como aos desejos, dêem o tempo de renascêrem.

Se bastante fôr ver, para aprender, o estudo perderia todo o seu valor. He necessario que uma especie de obscuridade, e fortes barreiras nos façam sentir o gosto e avultar a honra de penetrar o que he obscuro, e superar as difficuldades. A virtude deixaria de interessar-nos, e de excitar nossa veneração, nosso enthusiasmo, se não tivéssemos precisão de vencer nossas paixões, nem de lutar contra os revezes, e contra a desgraça.

Todo o merito de uma boa educação consiste por ventura em outra coisa, a não ser na continua á opposição do mestre firme e prudente, á inconstancia, aos caprichos, e á preguiça da nossa idade infantil?

Os homens não são outra coisa senão grandes meninos: cada um de nós se não fosse contido por uma poderosa opposição, muitas vezes cegamente se entregaria ás suas loucas paixões, ao seu egoismo; quereria gozar de tudo quanto o houvesse de tentar. A religião, as leis, as autoridades, oppõe-se aos seus erros, aos seus excessos, e reprimindo todos os interesses privados, os constringem a cederem ao interesse geral.

Por outra parte, os ministros da religião; os órgãos das leis, os agentes da autoridade; investidos do poder religioso, civil e militar, conduzirão o genero humano á mercê dos caprichos d'elles mesmos, e o lançarão bem depressa na escravidão, se a opposição necessaria e formidavel da virtude, do valor, da opinião publica e de *solidas instituições*, não esclarecessem a sua razão e não refreassem as suas vontades.

Tudo o mysteiro das sociedades humanas ha este: ellas florecem, quando um governo virtuoso e forte se oppõe ao delirio das paixões privadas, e—quando o espirito publico, o vigor das instituições, e a coragem dos cidadãos fazem um inexpugnavel antemural contra as paixões e contra os desvarios e excessos das autoridades.

Quando, porém, diversamente acontece, isto he, quando a multidão não re-

conhece um poder regulador, um forte guia, caber-se na anarquia que causou as cruéis desordens da Roma, a vergonha e as desgraças de Athenas; e quando o poder ou autoridade não encontra uma opposição legal e corajosa que lhe resista, degenera em tyrannia e, por seus próprios excessos combatido se destrói e abisma-se.

He então que se vê subirem ao throno e logo desaparecerem homens fúrios em imbecis, como Caligula, Claudio, Nero, Heliogabalo, no principio tyrannos, e depois victimas de um escravo.

A opposição, que os governos encerram como um espantalho, he pois, para elles uma verdadeira precisão; he ella a força que os sustenta, he o astro que os allumina. Sem o seu apoio, elles se desviam e precipitam.

He assim que, em outro tempo, a opposição do collegio sagrado de Memphis tornou sabida e duradoura a autoridade dos monarchas do Egypto.

Os magos, na Persia, seguindo as maximas de Zoroastro, conservaram muito tempo a astoridade do principe e a segurança do povo. A grave e veneravel opposição do Areopago foi a unica egula, que, por algum tempo, livrou Athenas, do destruidor flagello da anarquia.

Em quanto os Ephoros e o senado de Esparta esclareceram e restringiram a autoridade real, Lacedemonia foi o templo da gloria e da liberdade.

Roma mereceu os respeito do Universo, em quanto o senado conteve o povo, em quanto a opposição dos tribunos neutralisou o orgulho dos patricios; cahiu na escravidão, quando o artificio Octavio e seus cruéis successores se fizeram superiores ás instituições e ás leis, e seu palacio tornou-se um theatro de devassos costumes e de homicidios, quando deixou de haver uma opposição que sustentasse o seu throno vacillante.

Os barbaros sepultaram, por muitos seculos, a Europa em espessas trevas. A ignorancia produziu e prolongou a escravidão dos povos; a força tão somente imperava, o nascimento era a só origem e fundamento de todo direito. Os principes, os senhores feudales lutavam entre si cavalgando sobre os povos oprimidos. Algum raio de luz, que as continuas guerras não produziram era a luz unica desses horribis tempos, no qual a espada de Brenno parecia haver espelhado todas as balanças da justiça.

Então viu-se a ordem e a tranquillidade renascer no Occidente, quando as letras ali reapareceram, quando a razão nascente se oppoz aos egros furroes do phanatismo e do feudalismo; do longo e sanguinolento choque dos partidos se tirou formado um outro germen de opposição; a honra adquiriu um poder, que muito tempo, na Europa moderna, serviu de fôco e de lei. A religiosidade esclarecida de alguns pontífices nlogou os costumes, e oppoz-se á quotidiana effusão de sangue; a habilidade de alguns principes oppoz á usurpação feudal uma legislação collegida da dos Romanos; o povo foi admitido nas assembleias a apresentar do poder a franca opposição dos seus queixumes; e na ausencia das maximas nascentes, os parlamentos adquiriram um justo rector, defendendo a justiça contra os grandes, contra os ministros e contra a ambição da Curia Romana.

A imprensa propagou as luzes; os povos, guiados por sua claridade, se en-

caminharam gradualmente para uma emancipação geral. Agora, esclarecidos emilira por tantas experiencias, nós temos e defendemos uma constituição, a qual estabelece as preciosas opposições de poderes contra balancados, que se equilibram. O rei, que deve ser poderoso para a sua propria felicidade, se oppoz do alto do seu throno a toda discórdia intestina, a toda ambição condemnavel. Uma camara alta, por seu interesse hereditario, he o primeiro apoio d'esse throno, o primeiro antemural contra as paixões arbitrarías ou anarquicas.

Uma camara de representantes do povo defende a propriedade, a liberdade, a igualdade.

A opinião publica, neste estado de poderes contra-balancados, e de opposição legal a todo excessos, a todo arbitrio, a toda injustiça, vem a ser a mais forte arma do governo: o essencial para elle he bem conhecida-la, porque com ella se torna invencivel.

Pois bem! para reconhecer esta opinião publica que tantas lousas ou tantos odios, tantos prestigios, ou prejuizos, se esforça por desfigurar, a luz a mais util he aquella que resulta de uma opposição qualquer: mesmo quando se engana, ella nos esclarece; porque de seus mesmos erros vislumbra sempre algumas verdades.

Se uma opposição, dado mesmo que se lhe supozia desvios na sua marcha, demonstrasse á autoridade haver ella commettido graves faltas, haverem os seus agentes abusado do poder, ou aliás ter-se ella em alguns pontos apartado dos principios da justiça e da constituição, não seria para a autoridade um dever, o reparar suas faltas, punir seus agentes, e tornar aos principios de que se havia desviado? e esta opposição não seria então igualmente util ao povo e ao governo? e não seria ella, em vez de um máu adversario, um sábio conselheiro?

Então, se uma opposição apaixonada, guiada somente por seus interesses, faltasse ao respeito que deve ao rei e á carta constitucional; se essa opposição, affectando um falso zelo pela constituição que ella houvesse muito tempo combatido, temerariamente a atacasse, estigmatizando a com o epitheto de revolucionaria; se inconsequentemente, ao mesmo tempo que pertinaz, invocando a carta, e despresando os principios de todo governo representativo, propozesse um alvitre para obrigar a maioria da nação a obedecer á minoria, para incumbir, aos antigos inimigos da liberdade, o cuidado de defende-la, confiar á sua defesa áquelles que nunca houvessem manejado as armas, excluir da publicá administração os homens experimentados e habéis, e confidá-la ao orgulho offendido, e á perigosa inexperiencia; se, enfim, cega por seu egoismo essa opposição deixasse, em cada palavra, ressumbrar o seu unico desejo, isto he, o de apoderar-se de todas as honras, de todos os empregos, de todos os poderes, para depois submeter-nos ao jugo dos privilegios do arbitrio, da intolerancia; e sacrificasse á semelhante desejo até a mesma honra e a independencia nacional, que seria, que seria uma tal opposição? Não seria outra coisa senão uma facção reprovada pela publicá opinião; não faria, senão dar ao governo que ella atacasse, toda a força da mesma opinião publica; cada um dos seus esforços para se elevar, a precipitaria em terra, e a mesma publicidade dos seus escriptos se-

ria a prova da sua torpezza e da sua derrota: tanto he verdade, que toda opposição pode sempre ser util; ella he a luz ou o cimento, porque esclarece ou consolida o poder.

Tem-se dito com tanta agudeza quanto razão, que a opposição, em um Estado, he como, no corpo humano, o humor bilioso: em uma certa quantidade he indispensavel para a conservação da vida; em excessos he nocivo á saúde. A sabedoria, a firmeza, a justiça e a moderação de um bom governo he o que deve e que pode conter a opposição em justos limites.

(Conde de Segur.)

(Do Constitucional, da Bahia.)

NOTICIAS.

—Do officio que neste numero transcrevemos, dirigido ao benemerito prefeito da Parnaliba, e onde se refere uma acção em que os rebeldes foram batidos, não se deprehende bem onde a mesma acção teve lugar. Supposto esteja como datado do Brejo, supponhamos haver niso inexactidão, porque o nosso correspondente que nos remetteu o officio, assevera que as communicações com o Brejo estão interrompidas por alguns grupos rebeldes. Creemos que a acção teve lugar nas Frecheiras ou suas visinhanças, e que a tropa que desalojou o inimigo faz parte de uma expedição de 200 homens, vinda ultimamente do Ceará. O senhor coronel Osorio tinha feito sair da Parnaliba uns 80 homens, que se haviam postado nos lugares convenientes, para cortar a retirada ao inimigo, e aprisionar os debandados. Naquelle villa continuavam os receios pela affluencia dos rebeldes do Maranhão para aquelle lado. As cartas que dali temos alcançamos até 24 de Março passado.

Na nossa provincia, quasi na mesma data, partiu o senhor presidente da provincia, de Itapicuri-mirim para a Vargem Grande, onde se diz que ja se acha o senhor major Falcão, commandando uma columna, novamente creada. O senhor major Bezerra subiu embarcado para Caxias com 200 homens. A ordem do dia que publicamos mostra que S. Exe. continua a tomar todas as providencias necessarias para a boa fiscalisação dos diheiros publicos, e para se evitarem violações do direito de propriedade. Nunca as mãos lhe doam!

AVISO AOS SNRS. ASSIGNANTES.

Com este n.º finda o 9.º trimestre; rogamos aos senhores assignantes que ainda devem tanto este, como outros atrasados, se sirvam satisfazer-los, e a todos em geral, que reformem as suas assignaturas.

AVISO.

Na Botica de Joaquim José Godinho: no canto Piqueno, tem á venda muito bons Bixas francezas.

Maranhão, Typographia Imperial Maranhense. Anno de 1840.

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

DOMINGO 5 DE ABRIL DE 1840.

N. 226.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto no 12, e na Fabrica de Chapcos de Vidigal Irmão & Co, rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$200, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os artigos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

MARANHÃO.

Quartel da Presidencia e do Comandante das Armas na Villa do Itapicuru, 19 de Março de 1840.

Ordem do Dia n. 21.

S. Exe. o Sr. Coronel Presidente e Comandante das Armas da Provincia, ordena que fiquem desligados das Prefeituras todos os individuos que, á titulo de guias, alguns Prefeitos tinham a sua disposição, vencendo diariamente 640 reis, e uma ração de estape, devendo taes individuos serem incorporados como praças dos Batalhões Provisórios dos lugares a que pertencerem, tendo os mesmos vencimentos que percebem as praças dos referidos Batalhões.—Antonio Nunes d'Aguiar, Adjunto e Quartel Mestre General.

CHRONICA MARANHENSE.

Transp.

Nos primeiros numeros da Chronica publicado no corrente anno, prescindindo das causas que poderiam gerar a revolta que tal os nossos campos, mostramos, e ao que nos parecia, com alguma evidencia, que a causa do progresso della estava sobretudo na imprudencia do partido dominante, e no desleixo, incapacidade, corrupção, e cobardia da maior parte dos seus agentes. A esse relatório dos acontecimentos que tiveram lugar durante os seis primeiros mezes da desordem, se respondeu, dando-se-nos de rosto com alguns erros de nomes, e logares, e assignalando-se nos inexactidões do dia e do lugar, e a razão é obvia: impossível fora destruir o facto geral de que nove homens, capitaneados por um caudilho estúpido e sem prestigio, foram gradualmente arescendo o seu bando, zombando sempre das numerosas forças que a facção depredadora lhe oppunha. A impossibilidade em que estão os seus órgãos de defender-se nessa parte, querem-n'a elles encobrir, attribuindo tudo a conspirações, a maneios secretos, a doutrinas subversivas, e ao mais com que diariamente atormentam a consciencia publica. Desde hoje começaremos a consagrar alguns artigos ao exame de taes accusações, ainda no risco de passarmos por meios atilados, e de calharmos por algum tempo no lago grosseiro, que nos armam aquelles que não tem outro assumpto sobre que escreverem, e que toda a sua salvação consideram posta nesse meio desesperado—de accusar, accusar eternamente, e sem provas, para alimentar as suspeitas que unicas escoram hoje

o abatido edificio da sua influencia. Mas o nosso exame será rapido; temos tambem muitas accusações que fazer, e já é tempo de os opprimidos tomarem a offensiva contra os oppressores.

Começaremos por uma accusação que não é pessoal, passaremos depois á que abrangem o partido inteiro a que pertencemos; esta especie de egoismo será facilmente comprehendida: é a accusação de nos havermos correspondido com os rebeldes.

Quando se perdeu Caxias, e o desalento couro nos animos dos que hoje dão sentenças de morte a cada canto, manifestando-se por actos da mais vergonhosa cobardia, nós que nunca havíamos procurado o presidente da provincia em dias de mais honra, nós que havíamos feito mais ou menos opposição ao seu governo até então, na hora do grande perigo o procuramos, e identificamos com a sua sorte do nosso partido. A maioria dos nossos amigos políticos fez o mesmo. E o Redactor da Revista, que emudecera de cobardia, que em vez de excitar os bríos da população asombrada, mudou-se do centro da cidade, para as proximidades do embarque, aludindo a esse procedimento que tanto nos honra, sempre balbuciou que *todos os cidadãos, sem distincção de creança*, tinham ido oferecer os seus serviços ao exil. presidente da provincia. Esses cidadãos são hoje accusados da maneira a mais vil. Foi nessa primeira entrevista com o senhor Felizardo, que nos elle communicou, que falta de forças, como se viu, estava disposto a fazer algumas concessões para conciliar os partidos, e mesmo á rebelião, para detenha-la e contê-la, e foi em consequencia do plano que elle tinha adoptado, que nós e mais tres cidadãos dirigimos cartas a alguns rebeldes com quem tinhamos tido relações. Nessa carta todo empregamos para persuadir aos rebeldes a deporem as armas, e a respeitarem as vidas e as fortunas que tinham á sua disposição; promessas de perdão, e premios, ameaças de castigo, exaggeração das forças da legalidade, declaração explicita de que a opposição via com horror os desordens, nada foi esquecido. Quando, mezes depois, publicamos essa carta no nosso jornal, tal sensação produziu ella que o nosso generoso accusador, o senhor Francisco Sotero dos Reis, viu-se na dolorosa necessidade de confessar no seu Investigador que nessa carta não havia nada que não respirasse os mais puros sentimentos de nobreza e generosidade. Mas foram correndo os tempos, e com as victorias da legalidade, o honrado cavalheiro cobrou animos, e poz-se do outro accôrdo, e já agora nas paginas do novo

jornal que escreve consente que o *Amigo do Paiz* conteste o Investigador, por quanto a nossa carta hoje prova somente a nossa convicção, o governo não concorreu para que a escrevessimos, e o facto de nos havermos empenhado a favor de nossos inimigos pessoais, que então era generosidade e nobreza de caracter (e nós supponhamos o contemporaneo capaz de generosidade, disse o Investigador) hoje só prova que davamos ordens aos rebeldes, e que elles as cumpriam! Depois de ter lembrado ao redactor da Revista qual foi o juizo do investigador acerca da nossa carta, porque parece que já disso se não lembra bem o contemporaneo, comprou pravar-lhe, que se a escrevemos, foi por insinuação do governo da provincia. Lê-se o seguinte documento:

Manuel Felizardo de Souza e Mello, Bacharel Formado em Mathematicas pela Universidade de Coimbra, capitão graduado do Imperial Corpo de Engenheiros, e Lente da Escola Militar do Rio de Janeiro.

Atteste que depois da entrada dos rebeldes em Caxias, constando que naquella cidade muito mais de dusentos dos melhores cidadãos se achavam presos, e em imminente perigo de serem assassinados, e mostrando os mesmos rebeldes, por meio de uma Deputação que me enviaram, indícios de não quererem continuar a devastação da Provincia, concordei que algumas pessoas, e entre ellas o Sr. João Francisco Lisboa, escrevessem nos chefes, fazendo-lhes conhecer os recursos suficientes que o Governo tinha para os aquietar, e aconselhando-os, como meio de tornarem menos agravantes seus delictos, e de se fazerem assim mais indigenas totalmente da Graça Imperial, a soltar os presos, e a depor as armas. As cartas que então foram dirigidas pelo Sr. Lisboa, e mais tres cidadãos respeitaveis (*) me foram apresentadas antes de serem enviadas. O que tudo sendo verdade o affirmo a fim de constar quando preciso for. Maranhão 8 de Fevereiro de 1840.

Manuel Felizardo de Souza e Mello. Reconheço a letra e assignatura da attestação retro ser do Exm. ex-Presidente desta Provincia Manuel Felizardo de Souza e Mello. Maranhão 2 de Abril de 1840.—Estava o signal publico.—Em testemunho de verdade.—Joaquim Baptista da Cunha.

(*) Os senhores desembargador José Martini, doutor Antonio Borges Leão de Castello Branco, e tenente coronel Raimundo Pereira da Silva, um dos mais opulentos capitalistas do Piahy.

Pessoas agora á carta de Raimundo Gomes, thema principal é eterno das declamações da Revista. Primeiramente advertimos que na carta que escrevemos para Caxias provocamos a correspondência com alguns dos principaes rebeldes, e de accordo com o governo, por entender este que era esse um meio de se obter mais facilmente o fim proposto, — a pacificação da provincia. Não seria pois materia de espanto que alguns rebeldes escrevessem a pessoas desta capital, quando o mesmo governo os fazia instar para isso. Ali publicamos de novo essa carta que a Revista ha poucas dias extrahiu da Chronica, e chamaremos ainda a attenção dos leitores para as phrases em que o caudillo rebelde nãu positivamente diz que tendo-nos escripto desde Maio varias cartas, de nenhuma tinha tido resposta, queixando-se logo em seguida do nosso *rigoroso silencio* para com elle. A isto é que chama o contemporaneo a nossa *correspondencia* com rebeldes, quando *correspondencia* exprime propriamente uma mutua troca de cartas! Acreditamos que esta foi escripta pelo senhor Fernandes Mendes de Almeida, digno pae do sr. doutor Candido Mendes, que com tanto desenhado nos falla em rebeldes, e na sua correspondencia, fazendo-se deslembado de que o seu respeitavel progenitor serviu de secretario a Raimundo Gomes. E que provas ha de ser effectivamente a carta desse caudillo? o certo é que estando toda ella escripta por letra do seu secretario, a sua supposta assignatura é de letra differente, como para fazer crer que o chefe rebelde effectivamente a assignou, sendo no entanto certo que elle nem sequer sabe ler. Ali va a carta com a letra reconhecida.

III. — Sr. João Francisco Lisboa.

— Desde Maio que tenho escripto a V. S. varias cartas, e de nenhuma tenho tido resposta; não sei a que attribua *este tão rigoroso silencio da sua parte*; continuo a fazê-lo para despertalo do letargo em que parece está para comigo. Vi a que dirigio a Silveira, e não sei qual o motivo de nada me dizer a mim, devendo estar certo da minha boa fé, e Patriotismo, e do quanto tenho feito a prol do partido que seguimos, e dos meus desejos para que tudo vá em boa ordem. A minha bida a Caxias foi a mais necessaria, attento as malversações de alguns homens estorçados, e que presumem que o Patriotismo e a Liberdade Brasileira, consiste em matar e roubar: com effeito com a minha presença serenaram os animos, evitei o massacre, e o saque, e se não fiz tudo quanto podia a honra da nossa Cauza, confesso-lhe que não tive quem me ajudasse: finalmente a immergir-lhe os encomodos e affeições, que tive para deixar Caxias em saqueo como ficou, seria hum nunca acabar, e deixo isso aquelles que o presenciarão. Não pude logo soltar os prizonos porque temi que certos espiritos apaixonados não desenvolvessem algum alvoroço contra elles, e por isso os conduzi em minha companhia até aqui, e hoje se achão soltos. Devo dizer-lhe que fiz hum bella aquisição para o nosso partido qual foi a união do Tenente Coronel Severino Dias Carneiro, que hoje é contemplado hum dos Commandantes das Forças do meu Commando.

Como mandei de Caxias hum commissio de Brasileiros, que o Conselho julgou dignos de representarem perante

o Presidente da Provincia nossas requizições, e até hoje ainda nada disserão a respeito do que se lhes incumbio, novamente o Conselho deliberou mandar dous Srs. o Reverendo Vigario Domingos da Rocha Viana, e George Growel, como fazendo parte da 1.^a, a saber do resultado, pois tendo eu oito mil homens em armas, não posso estar parado, nem contolos, hum vez que haja muita demora em tal resposta; por isso que tambem lhe rogo a brevidade da vinda da Deputação, e por ella espero que V. S., ou mesmo o mais breve possivel me diga alguma couza, dando-me seus conselhos para saber o que heide obrar a respeito. Dejeo-lhe saúde e sou

De V. S.

Am.º P. obr.º e Cr.º

Crestá 31 de Agos-
to de 1839.

Raymundo Gomes Vieira Jutahy.

Reconheço a letra da carta supra, e retro ser do Fernando Mendes d'Almeida, por outras iguaes cartas que do mesmo se me apresentarão. Maranhão 16 de Março de 1840. — Estava o signal publico — Em testemunho de verdade. — Leoncadio Alexandrino Bello.

Com os dous documentos publicados cremos ter victoriosamente respondido a essas monotonas e repisadas denuncias dos homens que nos achavam *animados do melhor espirito* nas occasiões de perigo. Agora só nos resta, nesta parte, não justificar-nos de actos proprios, mas somente [cousa estranha e digna do tempo!] do que a nosso respeito pensava o caudillo rebelde se é que lhe pertence a carta que nos foi dirigida em seu nome, e que o exm. Sar. Feizardo nos fez a honra de mandar entregar. Cumpre notar que a excepção do facto de não ter recebido resposta nossa, da noticia que dá de haver feito a *bella aquisição* do tenente coronel Severino, e da jactancia de ter 8200 homens em armas quando apenas teria então uns 40, tudo o mais são flores de rethorica, traçadas pela pluma elegante do sr. secretario-privado Fernando Mendes de Almeida. Ainda apesar disto, explicaremos como esses homens grosseiros se poderiam persuadir de que um partido constitucional os apoiava. Primeiramente a facção depredadora fez quanto esteve a seu alcance para dar consistencia a esse bonto, assalhando-o em jornaes, na correspondencia official, em cartas, e em discursos; e em segundo lugar, não houve um só cidadão, que tendo a infelicidade de cabir em poder das hordas de assassinos, para escapar aos seus furores, e adularlos, não se declarasse do seu partido, não lhes pintasse tudo a contento, não lhes fizesse crer que a provincia inteira aplaudia os seus triunfos. Como he que esses homens ignorantes, e que pela maior parte não sabem ler, poderiam fazer differença entre a opposição legal que o partido liberal fazia á facção depredadora, e a opposição armada que elles incitavam fazer aos prefeitos? porque nova jurisprudencia se accusa uma porção numerosa de cidadãos conspícuos, só porque malvados muito estúpidos mostravam contar com elles, sendo que os accusadores com as suas denuncias e perseguições os conduzião a essa convicção? Mas como se na propria facção depredadora devíamos sempre achar a nossa

justificação, o senhor Fernando Mendes de Almeida, o senhor P.^o Domingos da Rocha Viana, o senhor Severino Carneiro, mereceram tambem as sympathias dos rebeldes, sendo um escolhido para emissario, outro para secretario privado, e outro para commandante de um batalhão. Nem se diga que esses cidadãos tinham estado presos, e eram victimas dos rebeldes, porque a allegação é de todo em todo contraproducente. E em verdade se os estúpidos caudillos rebeldes tinham a simplicidade de acreditar que um Severino, a quem elles estiveram a ponto de assassinar, se bandeira a final com elles de muito boa fé, e nesse pressupposto lhe confiavam o commando de um batalhão, e a presidencia de hum commissão encarregada de convocar gente que viesse engrossar o partido rebelde, que muito é que acreditassem o mesmo de outros cidadãos, a quem as denuncias da facção, e as forçadas adulações dos prisioneiros, davam como seus adherentes?

Poremos aqui termo as nossas reflexões sobre esta parte principal das accusações, e guardamos para os numeros seguintes as que são relativas ás doutrinas dos jornaes opposicionistas, á natureza das requizições dos rebeldes, aos auxilios que elles encontraram na comarca de Caxias, e outras semelhantes; mas desde ja contamos que a Revista se dará por mal satisfeita, e sustentará com a costumada impudencia que não lhe respondemos, e que no certame jornalístico canta ella completa victoria todos os sabados e domingos. E contamos igualmente que á miúdo de outra materia, e sem saber como ha de continuar a interessar a população em favor de certos individuos, ha de repetir até á saciedade e ao enojo, as mesmas ideas com que unicamente se occupa ha 15 mezes a esta parte. Esperamos porém que o respeitavel o joven doutor Candido Mendes nos perdoe o horroroso crime de recebermos cartas que o senhor seu pae escrevia em nome dos rebeldes — Este só resultado compensará o nosso trabalho.

Orthographia e phrases do Sr. Leonel.

— Seremonia, por terem o insultado, ameaçando, illeceles, hera, expregava, remethen, tustous, preças, dolia. Amalhamos (por analysemos) este bocadinho d'ouro. Balcidade, dinnuncia, peço, imbarço, escramentado, protentozza, inbustreiro, groseiras, publicasse, treceiro. Ter elle referido-se. Secessado, rediculo, impreghar, inpunhão, (por empunham) poruulgô, patheos, (por pateos) enzia, vesitas, ultraliçoados, maçoens, sençata, orgulhoza, hum dos indignos que o alagou, pre-juro, servizos, irreprehencível, pocco, inniciado, pope, empocasse, depois de ter sercido-lhe, enfames, appostazia, incidiolas, pirigo, progreo, pasciencia, perquadir, segar, (por cessar) gruceira, (por grosseira) pezonhento, &c. &c.

E esta a orthographia de que usa o senhor Leonel Joaquim da Serra, inspector do thesouro publico provincial do Maranhão! Quem se quiser desenganar lêa os avulsos, e correspondencias publicadas sob o seu proprio nome no Cometa, esta mesma semana. O que torna porem ainda mais pittorescos e apraziveis os escriptos do bem educado e intelligente inspector é a circumstancia de variar a sua original orthographia a cada linha, e a cada termo; basta um exemplo — em vez

de grosserias, escreve elle ora grossuras, ora grosseiras! Estas bellezas de forma servem para emitir pensamentos relativos a monstros, assassinos, ladrões, prostitutas, corruptos, Verres, tigres, e outras cousas semelhantes, que o senhor Leonel bota com prodigiosa facilidade.

Ignorancia crassa, desprezo de todas as leis da decencia, e boa educação.— Seja esta por ora a nossa unica resposta.

VARIEDADE.

A Morte do Duque d'Enghien.

—A catastrophe do duque d'Enghien pertence ao dominio da historia. He ella huma pagina ensanguentada que ninguém terá o poder de arrancar do livro em que Napoleão traçou com a ponta da espada tantas victorias e conquistas.

Na origem, porém, desse terrível episodio, como na origem da maior parte das grandes lembranças da vida politica dos homens os mais eminentes, vê-se, considerando-as com attenção, essa serie fatal de influencias estranhas e de erros involuntarios, que formão o capitulo desconhecido, intimo, e muitas vezes tambem o mais amado dos mais vastos como dos mais sinistros acontecimentos. He alli que he preciso indagar as causas mysteriosas, causas muitas vezes insignificantes, os indagações secretas muitas vezes bem elucidas: e toda vez que ha crime, he ainda nesse capitulo que se deve procurar o nome do culpado.

Ea, que admiro apaixonadamente o genio de Napoleão; eu que me curvo com respeito diante de seus grandes feitos, não teria folheado esse pequeno desvio de sua magnifica existencia, se, a-travez do consul enganado por seu ministro, não descobrisse o homem que perdou aos complices de Jorge. As scenas privadas deste triste drama só accusão a maldade dos coactos e absolvem, no tribunal dos povos, a consciencia do senhor.

Havia já algum tempo que Paris estava agitada por sinistros boatos. A policia do consulado tinha descoberto o foco de huma conspiração machinada pela Inglaterra. O chefe apparente da empresa, Jorge Cadoudal preso com seus complices, esperava como elles a sentença dos juizes; mas, o movel da conspiração, não tem sido possivel conhecê-lo.

Somente dois criados de Jorge Cadoudal tinham declarado separadamente que em cada dez dias, pouco mais ou menos, vão em casa de seu amo hum individuo calvo, de estatura regular e de cabellos louros; que á sua entrada todos se levantão com respeito; que até os mesmos condes de Polignac e de Rivière ficão de pé e descobertos em sua presença, e que sua opinião prevalecia nos conciliabulos da conspiração. A vista destas incompletas revelações, que abrião ás conjecturas hum campo illimitado, as cabeças se esquentão, os espiritos fermentão e as idéas se exaltão. Huma tarde, a corte nascente das Tuileries se achava reunida ao lado de Napoleão. A residência de Piehgru em Paris ainda era ignota, e o nome da mysteriosa personagem de que tinham fallado os criados de Jorge Cadoudal era hum enigma indecifrável.

Todos se perguntavão com espanto quem podia ser esse incognito, e Napo-

leão principalmente parecia em extremo contrariado por não poder remover esse véo ainda impenetravel.

85 Talleyrand, então ministro dos estrangeiros, guardava silencio. Napoleão, impaciado sem duvida com essa tranquillidade inoportuna, disse-lhe com vivacidade: "Cidadão ministro, esse trama foi urdido pela Inglaterra, e muito me admira que não tenhais ainda podido remontar á sua origem. Esse negocio vos diz respeito."

"Cidadão consul, já cuidei delle; julgo possuir o fio de toda essa intriga abominavel" respondeo o habil diplomata com hum sangue frio imperturbavel.

"Pois bem! vos nos direis pois quem he essa personagem mysteriosa, da qual minha policia ignora ainda até a existencia."

"Cidadão consul, ella não pôde ser senão hum membro da casa de Bourbon."

Olharão todos huns para os outros a esta declaração inesperada. Napoleão mesmo ficou quasi aterrado com o peso dessa revelação dubitativa, expressa em termos ambíguos.

"Reflectistes bem na accusação que proferistes?" perguntou Napoleão com voz severa.

"Sim cidadão consul."

"Então que dados tendes para pensardes assim?"

"Nenhuma, a não ser a minha experiencia dos homens e das cousas. O alvo de Jorge Cadoudal era a volta desses que elle denomina seus reis legítimos. Ninguém ha aqui que o ignore. Crede-me, consul, crede-me, o chefe da casa de Bourbon tem muito espirito para deixar commetter hum crime inutil. Hum membro da sua familia deve ter vindo secretamente a Paris, a fim de inspirar os soldados no dia de perigo e de organizar a victoria no dia que se seguir a batalha."

Este commentario da opinião de Talleyrand no conselho privado produziu o effeito que elle aguardava de sua arenga. Esta opinião era especiosa, em fim, ella era verosimil.

"Cidadão ministro," replicou Napoleão, "vós sabeis onde existem todos os membros da casa dos Bourbons. Qual delles vos he suspeito? será o conde d'Artois?"

"Cidadão consul, a personagem mysteriosa das sessões da conspiração só conta 35 annos. Os criados de Jorge Cadoudal assim o declararão."

"He o duque de Berry?"

"O duque de Berry nem he calvo, nem tem os cabellos louros. Além disto, esse individuo, a quem tanto os conspiradores respeitão, usa de roupa fina e elegante."

"Nem pôde ser o velho Condé: sua idade não concorda com semelhante tentativa."

"Nem tão pouco o duque d'Angoulême, que está em Mittau. Mas, ainda nos resta o duque d'Enghien, príncipe de hum caracter atrevido e resolutivo, que veio morar ha 6 mezes, na margem direita do Rheno, em Etteimhem, perto de Ollembourg, onde se acha hum associação de emigrados."

Esta insinuação perfida, que devia acarretar fructos bem amargos, commoveo Napoleão.

"Cidadão ministro" disse elle ao de pois "vós me enviareis hum relação dos tramais da sociedade de emigrados d'Ol-

embourg: desejo saber em que se occupa o duque em Etteimhem."

Na manhã seguinte, Mortier, inspector dos gendarmes, foi chamado ao castello.

Napoleão confiou-lhe o cuidado de informar-se detalladamente do emprego de tempo do duque d'Enghien no lugar isolado que elle tinha recentemente adoptado. O official a quem Mortier encarregou dessa missão não encontrou o duque d'Enghien em Etteimhem. Tinha-se ausentado havia dez dias, como acontecia muitas vezes. Os moradores de Etteimhem, que não sabião o que o duque fazia durante essas longas e mysteriosas desapareções, as attribuíão a hum fim romantico, a hum móvel desconhecido, e, por huma incrível fatalidade, essas ausencias tinham huma maravilhosos conexão com as appareções da personagem denunciada pelos criados de Jorge.

O official contentou-se com essas primeiras informações tão vagas e tão incompletas; e, em vez de esboçar-se em descobrir o lugar onde o duque d'Enghien passava os dias de sua ausencia, em vez de tentar aprofundar os motivos occultos della, partio d'alli immediatamente, convencido de que o filho de Condé deixara Etteimhem para ir a Paris. Talleyrand aproveitou-se desse erro, e, em hum conselho consular a que foi chamado com Fouché, propoz a prisão do duque no territorio do ducado de Bade.

O duque d'Enghien, no entanto, cujo nome causava em Paris tantas agitações, despertava tantos temores e esperanças, nem se quer se lembrava do trono de seus avós, e seu pensamento viajava bem longe do horizonte politico, em huma caplora mais suave e mais tranquilla.

Esses dias de ausencia que devião custar-lhe até a vida, fornecer o thema de huma accusação capital, erao consagrados ao amor. Na vespera de sua prisão, ainda estava junto da princeza Carlota de Br... a quem não tinha deixado desde a viagem a Etteimhem do official parisiense.

"Eu não sei" disse-me depois a amante infortunada, do duque d'Enghien "se elle presentia mysteriosamente alguma catastrophe, porque no dia 14 de Março estava muy abatido."

"Que tendes, meu caro Henrique?" he perguntava eu vendo o abismado em huma sombra e muda melancolia.

"Não sei, Carlota. Tudo me aborrece. Estou inquieto e agitado por vagos terrores. Temo que nos separem bem depressa" respondeo elle chegando-se para mim com ternura. E eu só olhava isso com hum chimer, hum puerilidade, eu sabia quanto sua vida era inoffensiva e solitaria. Não pensava que a politica podesse busca-lo no seio de huma morada tão tranquilla. O tempo estava nublado, suppoz que sua tristeza era nervosa, e he propoz huma partida de caça.

"Tendes razão" disse elle "a fadiga distrahirá meu pensamento dessas negras preoccupações que abatem meu espirito bem a meu pesar."

Abraçou-me e sahio com dous ajudantes de campo e dous galgos. Erao 4 horas quando voltou da caça, e me mostrou o seguinte bilhete que havia pouco lhe haviam entregue: "Príncipe, huma relação da mais alta importância foi feita ao haillio... ella interessa vossa vida e segurança; o haillio não vem pôde escrever, mas vos esperará esta noite ás 9 horas. Não rades a Etteimhem."

AVISOS.

Atemorisou-me essa vaga ameaça de hum perigo tanto mais formidável quanto era desconhecido; e roguei ao duque de Enghien que fosse ao lugar que lhe era designado e á hora aprezada.

"Se alguém destja minha vida" respondeu elle "eu não poderei por muito tempo escapar ao perigo que me ameaça. Este aviso talvez seja hum laço; confie-mos na Providencia."

Esta ultima reflexão fez com que eu deixasse de insistir. Talvez que fosse com effeito hum tração em que eu o ia meter. Mas, nunca pude colligir, tambem, qual seria o resultado desse passo, nunca tinha visto aquelle que tinha escripto o bilhete. Mas he de presumir que o que-rião salvar, e então ainda era tempo.

"Henrique" lhe disse eu depois do jantar, com o tom de hum terror real "vós não me deixareis hoje como era vossa intenção. Vós não ireis a Etteim; não he assim?"

Perem todos os meus rogos foram inu-tilis; não sei que fatalidade o conduzia á sua perda. Partiu. Eu o segui com os olhos, e bem depressa desapareceu com dous ajudantes de campo que o esperavam.

No dia seguinte, despertei sobre-saltado por hum bulha estranha de ca-valleiros que corria á galope.

"Levantei-me á pressa, cheguei á janella e vi o duque de Enghien prisioneiro."

"Apenas tivemos tempo de nos des-pidir com os olhos, e para sempre!"

Todas as noites, nessa época, os of-ficiaes do palacio se reuniam em hum sa-lão depois do jantar. No dia em que se espalhou a noticia da morte do duque de Enghien na corte e na cidade, nada foi alterado nesse costume. Napoleão of-fereceu a M.^{me} Ch. de Remusat hum pa-rtido de vista. Seu marido era então prefetto do palacio.

A morte do duque d'Enghien tinha vivamente affectado M^{ma}. de Remusat. Napoleão mesmo parecia singular-mente agitado.

Sabe-se que, á excepção da assignatura da ordem de prisão, tudo o mais que dizia respeito ao consel foi feito com huma precipitação extraordinaria, em que Talleyrand empregou todo o seu poder e toda a sua habilidade. No entretanto, este acto tinha-se executado em nome do poder consular.

M^{ma}. de Remusat podia temer offen-der seu parceiro, dando mostras de seu pesar. Forçava por dissimular sua dor; para melhor disfarçar seu embaraço, fingia hum tosse, e tinha constantemente o lenço diante do rosto. Porém, todos os seus esforços foram baldados.

Napoleão percebeo bem depressa seus reprimidos suspiros. Impacientado por hum dor de que elle descobria a causa, elle levantou os cartas, levantou-se precipita-damente e pôz-se a caminhar a largos passos pelo salão, e em hum agitação crescente. M^{ma}. de Remusat soluçava ainda com mais violencia.

Então, Napoleão veio sentar-se em frente della.

"Eu sei, senhora, porque chorais. Vos-sas lagrimas me expõem a morte do du-que d'Enghien. Pois bem! ouvi, eu o fiz prender; mas, sabeis porque? Os emis-sarios dos Bourbonns agitavam a Vende; o fogo da guerra civil se ia atear. Nos-sos portos estavam entregues por este par-tido á Inglaterra, nossos fortalezas do Reno á Prussia, e o sangue dos cida-

dãos ia correr em borbotões pelas ruas de Paris. Hum grupo de agitadores e de assassinos não esperava ás portas da França senão pela hora em que devião precipitar-se sobre sua preza. Outros mais ousados tramavam seus planos, mesmo no centro da republica, na capital; e a alma de todas estas machinações era aquelle que vós chorais, era o duque d'Enghien. Hum homem foi sacrificado á conserva-ção de muitos milhares de homens!"

Napoleão se retirou logo que con-cluiu esta arenga. Alguns minutos mais tarde elle tornou a encontrar M^{ma}. de Remusat, que ainda estava só. Ella fi-cou immovel, e abaixou os olhos.

"Olhai-me de frente, senhora," lhe disse Napoleão vós sois hum nobre "senhora." E pegou-lhe na mão que elle apertou com a effusão de hum coração cheio de emoções que não ousou mani-festar-se.

M^{ma}. de Remusat levantou então os olhos, e fitou-os no primeiro consel. Seu rosto estava dolorosamente triste, e seus olhos quasi unidos. "Elles me enganá-rao" prosseguiu elle com accento enter-necido "mas, eu não devo dizê-lo." E se retirou arrebatadamente. X. Y. Z.

EDITAL.

—Pela Adm.^{ca} dos Correios desta Pro-vincia se faz publico, que na malla rece-bida pelo Vapor Maranhense vindo ulti-mamente do Rio de Janeiro, se recebe-ram dous Autos Civeis d'Appellação, re-mettidos do Supremo Tribunal de justi-ça da Corte, á R.^{ma} desta Cidade, entre partes, em uns, Laureço Ferreira, e Fran-cisco Antonio Ferreira Ribeiro, e em ou-tros Francisco Ferreira Ribeiro com Jo-ão Alves de Souza Gomes, achando-se os ditos Autos com os rotulos todos dilacerados, por ter vindo bastante mol-liada a respectiva malla que os condu-sio; e por que os referidos Autos, não possão ser entregues a Estação compe-tente, sem que previamente paguem os respectivos portos, assim se faz publico para conhecimento de quem pertencer.

Maranhão 27 de Março de 1840.

João Ignacio da Conceição Roza. Administrador dos Correios da Provincia.

CASINOS.

Londres a 31 por 1000 rds. nominal.

Portugal por 85

Francia 320 por franco.

Rio de Janeiro, 2 por oio.

—Auto de Moedas—

Moedas de 6400..... 143.00 a 14.200

Ditas de 4000..... 7.800 a 8.000

Oncas Hespanholas... 26.600 a 27.000

Ditas Mexicanas... 26.200 a 26.600

Sobranos..... 7.800 a 8.000

Prata Brasileira... 66 a 68 por oio.

Dita d'America Hes-

panhola..... 66 a 68 dito.

Pezos columbianos... 68 a 70 ..

Cobre.... 3 a 4 por oio de desconto.

AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES.

Com este 4.^o principia o 10.^o trimestre; rogamos aos se-nhores assignantes que se sirvam reformar as assignaturas, e pagar as atrasadas, aquelles que as de-vem.

—Vende-se uma porção de terras no Munim, paragem Casca Grossa, com muitas, e bons madeiras, como seja pi-quiz, jatubás, páos d'arco, bacuris, sa-pucaias, e outras; boas para a planta-ção, e cultura de arroz, e mandioca, e tem parte de campo para criar: outra porção de terras no Mearim; um sítio no Cutim, com arcores fructíferas, agua corrente, casas de vivienda, bonito local, e com proporções para um bom sítio at-tenta a boa qualidade do terreno: um Carrinho moderno; e um mulato de 19 a 21 annos de idade de bonita figura, com principios de alfaiate, sadio, e mu-lto habil para o serviço de uma casa; quem quizer comprar qualquer das con-zas acima annunciadas falle com José A. P. da S. Coqueiro morador na rua dos Remedios.

—Quem quizer comprar hum data de terra muito superior, em malla vir-gem e já demarcada no rio Mearim da parte direita hindo para cima, cuja da-ta tem 2 legoas de fundo e 3 quartos de frente pela beira do mesmo rio, po-de dirigir-se a José Antonio de Souza Torres morador nesta cidade, para tra-tar de seu ajuste, e não duvidará ren-der a prazo.

Maranhão 28 de Março de 1840.

—Os Administradores da Caza do fa-lecido Lourenço Antonio da Costa Ri-cardino desejando fazer divisação do que tem liquidado avisaão a todos os credi-tos daquelle falecido que no prazo de ses-senta dias contados da publicação deste aviso queirão appresentar seus titulos de creditos a mesma administração, para que confrontados com a escripturação do so-bredito casal, serem convocados para dia certo os mesmos credores afim de veri-ficar-se os mesmos creditos, e ter lugar a divisação do que estiver liquidado; e os que não appresentarem os sobreditos ja-mais serão admittidos a entrarem na di-visão. Maranhão 3 de Abril de 1840.

Constantino de Mello Pereira. Luiz Antonio Correia de Brito Telles.

—Preciza-se comprar hum preta de bons costumes que sirva para ama de Leite quem a tiver derija-se ao Largo do Carmo n. 2.

—Dezeja-se saber se existe no Mara-nhão ou na Villa de Caxias o Sr. Agos-tinho José da Silva, natural de Lisboa, filho de Antonio da Silva e Josefa Ma-ria dos Santos, se existir e quizer ter noticias de sua familia pode escrever pa-ra o Rio de Janeiro a Valentim Anto-nio Fernandes.

—O abaixo assignado dezeja fallar com o Senr. José Maria de Castro Sam-Payo, para negocio de seu interesse; e como ignora quem seja, pede queira declarar sua residencia; ou dirigir-se á caza da moradia do annunciante na Praia-gran-de d'esta Cidade. Maranhão 2 d'Abril de 1840.

Manoel Pereira da Costa. —Pede-se do Rio de Janeiro para in-dagar se existe no Maranhão o Senr. Jo-aquim Antonio de Sam-Payo, nactoral da Provincia de Minas; sendo exista que-rendo pôde declara-lo nesta Typographia, para se poder dar a pretendida noticia.

Maranhão, Typographia Imparcial Ma-ranhense. Anno de 1840.

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

QUINTA-FEIRA 9 DE ABRIL DE 1840.

N. 227.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapéus de Vidigal Irmão & C., rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os avisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHAO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

MARANHAO.

Artigos Officiaes.

Ex. e Reverendissimo—Sr. Agra-deço a V. Ex. Rm. o exemplar da carta por V. Ex. dirigida ao Reverendo Vigário da Cidade de Caxias, e aos cultos Reverendos Parochos da mesma Comarca; e louvando o zelo religioso com que V. Ex. procura com a palavra de Deus extinguir o incendio da guerra civil, ateado por iníquos, que, surdos a voz da consciencia, mais temem as armas dos homens, que as iras celestes; faço votos ao Altissimo para que se digno inspirar aos Parochos até hoje amedrontados, e fugitivos aquelle enthusiasmo divino dos santos Padres da Igreja. Possão elles admoestados por V. Ex. cumprir com os sagrados deveres do seu ministerio, começando a dar o exemplo da penitencia, e da abnegação das cezas do mundo, o que muito edificaria em epocha de tanta corrupção.—Deos Guarde a V. Ex. Palacio do Governo na Villa do Itapucurú-mirim 17 de Março de 1840.—**Ex. e Reverendissimo Sr. D. Marcos Antonio de Souza, Bispo do Maranhão.**—**Luiz Alves de Lima.**

—**Ill.º Sr. —**Mande V. S. deitar ao rio, em sua presença as 463½ arrobas de carne seca que foram julgadas em estado de não poderem servir para alimento dos soldados; as quaes se achavam no commissariado desta villa, por ordem do meu antecessor; e informe-se V. S. mudamente se essa carne foi recebida já em tal estado, ou se damnificou-se por culpa de quem a conservava em deposito, devendo fazer auto de consumo para descarga do commissariado. Deos Guarde a V. S. Palacio do Governo na Villa do Itapucurú-mirim 22 de Março de 1840.—**Luiz Alves de Lima.**—**Sr. Tenente Coronel Antonio Nunes d'Aguilar, Ajudante e Quartel-Mestre General.**

Quartel da Presidencia e do Commando das Armas na villa do Itapucurú-mirim 19 de Março de 1840.

Ordem do dia n. 22.

—**Sua Ex. o Sr. Coronel Presidente e Commandante das Armas da Provincia,** manda fazer publico para conhecimento da Divisão Pacificadora do seu Commando, que a partida commandada pelo Tenente Contado José de Lorena Figueiredo, pertencente a 2.ª columna em operações,

encontrára hum troço de rebeldes nos Cajueros, no dia 17 de Fevereiro, que sendo logo destróçados, foram capturados 8 rebeldes armados, e alguns cavallos. Nos Mutuns foi igualmente destróçado um outro troço, deixando 1 morto, 1 prisioneiro, algumas espingardas, e 20 cavallos. O commandante rebelde da Chapadilha Vicente de Torres (*) passou-se para a legalidade com 14 homens armados, e apresentara-se alem destes mais 20 que se achavam escondidos nos mattoes para não servirem com os rebeldes. Apresentaram-se mais até hoje na 2.ª columna, e por diferentes vezes 112 rebeldes, a maior parte delles armados. A Chapadilha foi occupada por esta Columna no dia 23 de Fevereiro proximo passado, sem a menor resistencia: tãhem se apresentou o chefe rebelde Lourenço Lobo, que tinha substituído ao dito Vicente. Todas as praças que entrarem para o Hospital dos Acampamentos, perderão os vencimentos dos dias que estiverem nos referidos Hospitais, cujos vencimentos não serão tirados nas relações de nossa, por isso que as dietas e os medicamentos são fornecidos por conta da Fazenda Publica: os vencimentos das praças da Marinha, e de outras quaesquer que não sejam dos Corpos, e que forem curadas nos ditos Hospitais, entrarão para a Pagadoria das Tropas acompanhadas das respectivas guias, devendo os Cirurgiões-mórtes encarregados dos Hospitais, communicarem mensalmente ao Sr. Pagador das Tropas quaes as que estão nestas circumstancias. Todas as pessoas encarregadas da distribuição de viveres para o Exercito, darão mensalmente parte ao dito Sr. Pagador, das rações distribuidas aos Srs. Officiaes para que sejam descontadas nos seus vencimentos, cujas partes serão vistas, e authenticadas pelos Srs. Commandantes das Forças a que pertencerem. Deverá ser considerada ração d'estape os generos precizos ao sustento dos Soldados: e porque não seja possível abonar-se nas actuaes circumstancias todos os generos marcados na lei a respeito, se completarão as rações com os generos que houverem nos Acampamentos, de modo que as praças recebam toda a etape em generos, e isto a contar do 1.º do corrente mez em diante. O 7.º Batalhão de Caçadores, e 2.º Batalhão de Artilharia, a pé, não são comprehendidos na disposição da Ordem do Dia que manda reunir todas as praças em Batalhões Provisorios segundo o Plano anexo á Ordem do Dia n.º — **Antonio Nunes d'Aguilar, Ajudante, e Quartel-Mestre General.**

(*) Supponho que é Valentim, e não Vicente de Torres.

Quartel da Presidencia e do Commando das Armas na villa do Itapucurú-mirim 23 de Março de 1840.

Ordem do Dia n. 24.

—**S. Ex. o Sr. Coronel Presidente e Commandante das Armas da Provincia** faz constar á Divisão Pacificadora do seu Commando, que passando revista á inspecção no dia 20 do corrente mez a todas as praças existentes nesta villa, e examinando no dia 20 a escripturação e contabilidade dos Corpos e Contingentes, ficara satisfeito com o estado de accio, arranjo economico e ordem que apresentaram, devido sem duvida ao zelo do Sr. Major d'Artilharia, commandante Geral dos pontos do Itapucurú-mirim José Vicente de Amorim Bezerra.

O mesmo **Il.ºm. Sr.** determina que este Sr. Major com o 2.º Batalhão de Artilharia a pé marche para a cidade de Caxias a fim de engrossar a força da 1.ª Columna d'Operações, devendo entregar o commando desta villa e Pontos annexos ao Sr. Capão Tenente Joaquim Marques Lisboa até que se apresente o Major Commandante do Batalhão Provisorio Carlos Augusto d'Oliveira, que tomará este commando. Os Srs. Alferes de 1.ª Linha Francisco Pedro do Rego Barreto e o da 2.ª Antonio Francisco do Valle Porto, ficão pertencendo ao 5.º Batalhão Provisorio.—**Antonio Nunes d'Aguilar, Ajudante, e Quartel-Mestre General.**

Quartel da Presidencia e do Commando das Armas na Vargem Grande, 25 de Março de 1840.

Ordem do Dia n. 25.

—**S. Ex. o Sr. Coronel Presidente e Commandante das Armas da Provincia,** manda publicar para conhecimento da Divisão Pacificadora do seu commando, que sahindo da 2.ª Columna em operações humma partida a prender Raimundo Gomes que constou estar na Baixa Fria, a margem do Parahyba, encontrára hum grupo consideravel de rebeldes na Fazenda S. Anna, e que não obstante a desigualdade de forças os fez destróçar, ficando no Campo tres prisioneiros 12 armas, 60 cartuchos, 5 espadas, 20 cavallos, 8 sellas, 4 sellins, e outros diversos objectos, sendo ferido hum soldado morto e julga-se que o rebelde Raimundo Gomes se evadira logo que ouviu os 1.ºs tiros. Sahindo igualmente da mesma Columna humma outra partida, no dia 13 do corrente mez, do 70 Praças, a explorar atle a distancia de dez legoas da Gho-

padilha, fôra assaltada e cercada por mais de 300 rebeldes, com os quaes se bateo por espaço de trez dias, podendo afinal retirar-se rompido o cerco, por já não ter municiões; desencotrando-se na retirada de huma outra partida que tinha marchado em seu soccorro: esta partida encontrando os rebeldes no dia 18 á tarde os bateo até ao anoitecer do dia seguinte, resultando falecer hum soldado dos nossos, 3 feridos; e dos rebeldes ficaram muitos mortos, algum armamento, cartuxas e cavallos. Apresenta-se nesta occasião 40 rebeldes entre os quaes se conta o Tenente de 2.^a Linha Faustino Antonio Garreto, e o Alfere Antonio da Cunha Machado, também de 2.^a Linha, Antonio Luiz Marques d'Almeida, e Joaquim Manoel Pacheco, intitulados aquelle Capitão e este Alfere.

He nomeado Major de Comissão e Commandante do 5.^o Batalhão Provisorio, o Capitão Commandante interino do mesmo Batalhão Luiz Joze Ferreira—Antonio Nunes de Aguiar, Quartel Mestre General.

CHRONICA MARANHENSE.

—Outra accusação constante da facção depredadora é que as doutrinas da opposição propagadas nos dous jornaes, a Chronica, e o Bemtevi, concorreram poderosamente para a explosão da anarchia. Nós examinaremos, primeiro, essas doutrinas em si mesmas, depois os seus meios de publicação.

A Chronica nega redondamente ter publicado um só artigo que concitasse o povo á desordem, e o certo é que os seus antagonistas ainda não foram capazes de lh'os apontar. O que fez o Amigo do Paiz? andou truncando e interpolando escriptos nossos, publicados em tempos de eleições, com o só fim de chamar os eleitores á nossa opinião; e a respeito das prefeituras, supprimiu tudo quanto era raciocínio e argumentação para provar a inconstitucionalidade, e inutilidade dessa lei fatal, e citou somente o período final em que disíamos que attenta a qualidade dos individuos que iam ser investidos nos cargos de prefeitos, e os seus terríveis precedentes, as liberdades publicas se achavam ameaçadas, no que infelizmente nós não enganamos. Mas os mesmos meios empregavam os nossos adversarios; bradavam aos eleitores; declaravam o trono e a religião ameaçados; pintavam-nos com as cores mais odiosas, e toda e qualquer opposição, por moderada e decente que fosse, era attribuida a fins sinistros. Por outra parte, a Chronica, já em artigos proprios, já em extractos, tractou sempre de clamar pela paz, mostrando quanto tinham de perniciosos os movimentos da Bahia, e Rio Grande do Sul; e sobre tudo, desde que começaram as desordens no Maranhão, foi ella incançavel em mostrar não só os seus perigos, e os meios de preveni-los, mas a incapacidade da gente que as fazia, e o mau fim que os esperava, apontando-lhes para isso os espantosos exemplos do Pará, nosso vizinho. Quando citavamos por ultimo esses artigos, positivamente escriptos a favor da ordem legal, ou quando os extractavamos por inteiro, que resposta nos davam os nossos calumniadores? a do silencio! E se por acaso o rompiam, na impossibilidade de escurecer o negar a orthodoxia dos nossos principios, valiam-se

se com a miseravel coarctada de que a Chronica já estava outra, já se mostrava arrependida, sendo que pelas vezes que o haõ dito, os arrependimentos já excederiam ás faltas.

Quanto ao Bemtevi, que se celebriou por epigrammas, sarcasmos, e aneddotas picantes, que tamanho odio lhe acarearam dos que foram por elle expostos ás risadas, é bem sabido que o seu principal fim era rebater as aggressões insolentes e multiplicadas da facção depredadora, que em taes casos, é sempre quem abre o exemplo; a sua parte doutrinal foi inteiramente nulla. Apenas se cita, quanto á lei das prefeituras e guarda nacional, em tempo que ellas se discutiam, o ter elle dito que os juizes de paz deviam processar a quantos servissem postos da guarda que elle justamente chamava provincial, e exercessem o cargo de prefeito; mas nessa parte bem fora de excitar a anarchia, não fazia senão appellar para as auctoridades constituidas, e para os recursos que offerciam as leis do imperio. Ainda aqui é para notar que o pequeno jornal tam praguejado, se limitou a recomendar um precedente estabelecido por tribunaes superiores; a relação de Pernambuco, e cremos que tambem o supremo tribunal de justiça, tem annullado as causas e processos feitos em virtude de leis provinciais.

Restam as declamações contra prefeitos, acerca do recrutamento, e varias arbitrariedades. Alem de que havia fundamento real para tudo, (como largamente mostraremos, quando accusarmos por nosso turno,) a ponto de que nas occasiões de festividade nacional se recrutavam os cidadãos que se regosijavam, he ainda muito para notar que os jornaes da facção, tanto nesse tempo, como antes e depois não eram mais moderados, e o proprio presidente da provincia, o sr. Camargo, ao abrir a assemblea, disse dos jurados e dos juizes de paz, o que nunca depois foi excedido a respeito dos prefeitos: S. Exc. atacou o principio das eleições populares, atacou a instituição do Jury e dos juizes de paz, e aos individuos que as exerciam chamou nada menos que *estupidos, venenos, prepotentes, mendigos perseguidores dos bons, escandalosos protectores dos maus!* Certo, se fallando dos prefeitos, a Chronica tivesse empregado um movimento oratorio igual, com as mesmas phrases e palavras, mais de cinquenta vezes teria elle sido já transcripto para provar-se que haviamos provocado a desordem com escriptos incendiarios.

Mas quaesquer que fossem as doutrinas da opposição, pode-se evidentemente provar que ellas não tiveram a menor influencia nas desordens. Nós ainda vamos mais adiante; muitos homens imparciaes, regeitando as accusações que se fazem a este ou aquelle individuo ou partido, julgam todavia inquestionavel que em geral a linguagem virulenta de todos os jornaes, e a exacerbação de todos os partidos, sem excepção, concorreram para desmoralisar as classes inferiores, e para metter-lhes as armas nas mãos. Nós não o cremos, e fundamo-nos nas seguintes razões. Nas grandes cidades da Europa, onde se publicam innumeraveis jornaes, e onde cada jornal derrama diariamente 10 ou 20 mil exemplares; onde a população, excitada por uma leitura de todas as horas, e pelas mil formas arrebatadoras da eloquencia, tem de mais a mais a facilidade de reunir-se em

vastos locais, onde ouvem á noite da boca de fogosos oradores o que lêram de manhã nos jornaes; nessas cidades onde as numerosas reuniões, frequentes, continuadas, regulares, concorrem para excitar o mais tumultuoso enthusiasmo, e todas as paixões exaltadas; ahi, sim, comprehendemos nós a prodigiosa influencia que pode ter, e effectivamente exerce na população a manifestação das ideias, seja pela imprensa, seja pela tribuna. Nesses paizes são os jornaes alternativamente louvados e vituperados, com sobejo fundamento, pelos bens ou males que produzem; e entre nós copiam-se, rara vez os louvores, com excesso as accusações, que são accitadas sem mais exame pelos partidos interessados, e pelos taes pretendidos imparciaes, que não são mais do que homens tímidos e pouco illustrados. No entanto, a disparidade das circumstancias não pode ser maior. Na mór parte das nossas provincias publicam-se apenas dous ou tres jornaes, de acanhado formato, apparecem um até dous numeros por semana, e ainda assim uma grande parte do seu exiguo espaço é occupada ordinariamente por materias extranhas á politica e ás intrigas locais: raro é o que conta mais de 200 assignantes, quasi todos das capitais, pois ha extensas comarcas onde nunca penetra uma gazeta. Dado que quantos tem conhecimento de nossas cousas conhecerão do primeiro lanço a exactidão das nossas asserções, cumpre nada menos apoiar-las com factos mais particularizados, e mostrar a sua applicação á questao que nos occupa.

A Chronica contava 370 assignantes no começo das actuaes desordens; pois apenas distribuia cerca de 80 exemplares em Caxias, Brejo, Codó, Tutoya, Manga e Icaté; em Pastos Bons, comarca inteiramente anarchizada, não tinha um só; a grande maioria delles pertencia á capital, Itapucurú, Viana, e Alcantara, onde a paz não tem sido perturbada. Os nossos assignantes são de mais disso proprietarios, negociantes, lavradores, e funcionarios publicos, e certo não passarão de 10 ou 12 os individuos que lessem os nossos escriptos, e se lançassem na desordem. Quanto ás classes inferiores, nem o estilo da Chronica, nem as questões que ella ordinariamente tracta, são calculados para a sua intelligencia. De mais entre 100 ou 200 desses homens ignorantes e embrutecidos, apenas deparas com um ou outro que, sabendo ler, são incapazes com tudo de apreciar o que lêem. Não somos nós por certo os culpados da sua ignorancia.

O Bemtevi imprimia quatrocentos e tantos exemplares, metade dos quaes era distribuida pela população pacifica da capital, e o resto exclusivamente remetido aos eleitores do interior, comprehendidas as comarcas onde não lavrou a desordem: vê-se que não tocava um exemplar para dous eleitores. A tudo isto acrescente-se que o Bemtevi mal durou tres mezes, publicando-se dous meias folhas por semana, e avalie-se a força da accusação. Pode-se afortunadamente asseverar que entre esses 8000 homens que talvez tenham tomado as armas em favor da desordem, nem 200 haja que saibam que houve um periodico intitulado—Bemtevi, e é inquestionavel que quantas averiguações hão feito os agentes da facção, a este e entros respeito, com os rebeldes que tem aprisionado, ainda nada lhes produziu.

Pois que se tracta do Bemtevi, ei-

faremos aqui uma das asserções que a seu respeito tem por vezes emitido os escriptores da facção. Querem elles que o pequeno jornal fosse publicado positivamente para dispor e excitar os animos á desordem; mas esquecidos desta terrivel accusação, no mesmo numero em que a fazem, e ás vezes na mesma pagina, sustentam que a opposição contava como coisa segura o alcançar a victoria nas eleições de 1838, mas que, tendo a perdido, de piro desespero, mandara fazer a desordem! Ora o Bemtevi foi publicado antes das eleições, e cessou na vespéra do dia em que ellas tiveram lugar; logo, se a opposição contava com a victoria infallivelmente, temos que preparava as cousas para uma desordem que só a ella lhe causaria embaraços! As contradições deste genero não são poucas, e se notamos esta agora (outras ainda notaremos) foi pelo furor com que se tem insistido nesse estranho argumento—de que as desordens, sendo feitas logo depois das eleições, provam evidentemente que o partido vencido é que as mandara fazer!

Resumamos. A accusação capital da facção depredadora é que os jornaes que a combateram, perverteram o espirito de uma immensa população que não sabe ler, e que de ordinario se conserva estranha a todos os debates politicos; é que esses jornaes eram anarchicos porque rebatiam um papel tam immundo como a Chronica dos Chronistas; é finalmente que elles eram incendiarios porque disseram dos prefeitos o mesmo, ou ainda menos que o que disse o sr. Camargo dos juizes de paz, e dos jurados.

Mas quer-nos parecer ainda esta vez que trabalhamos em pura perda; os nossos respeitaveis collegas são ruins de accommodar e convencer; os seus argumentos sempre ficam em pé; a Chronica nunca tem que responder, o seu redactor está vencido, decididamente vencido!

Les difficiles sont malheureux;
Rien ne saurait les contenter.

Não tractaremos comtudo de alcançar o milagre de os convencer, porque estamos na fé de que as respostas, boas ou más, pouco lhes importam. O que querem é que tudo lhes ceda, para poderem cavar em soco a mina da administração publica. Não vemos nós como o Bemtevi, que, quando se publicava, excitava em alto grau a furiosa attenção do digno redactor da Revista, hoje, que se callou, é apenas mencionado por mero acaso e accidente, e como por composição? Do Sete de Setembro nem palavra dizem já, pelo contrario o editor furta-côres escreve para os jornaes ordeiros: um publicista tam accommodado, como é que havia de concorrer para a desordem, embora fosse mais exagerado que aquelles a quem hoje insulta! O redactor da Chronica, sim, seja baptizado de verdugo e monstro, seja o alvo constante de todos os tiros, o estribilho de todos os hymnos de proserição; mas é porque se conserva firme no seu posto, e porque tem a força d'alma necessaria para afrontar os odios, os insultos e as calumnias com que presumem de acobardá-lo. Tanto é certo que a perseverança dos seus ataques é calculada sobre a constancia da nossa defleza, que o Amigo do Paiz, para tirar todas as duvidas, expressou-se no ultimo numero da Revista da maneira seguinte: *No momento em que S. S. abraçar a causa da justiça e da razão, nós deixaremos de fallar contra S. S.*

Muito obrigado lhe ficamos pela attenção, mas persistiremos em defender as nossas ideias, e os nossos amigos, para continuarmos a ter as honras da proserição.

—Ao simples annuncio da publicação do Guajajara, declarou o Legalista que o redactor da Chronica tinha a seu cargo corrigi-lo; sabe o primeiro numero, e eis a Revista a dar como certo que nós o limamos, posto lá tenha suas duvidas em ser elle obra nossa exclusivamente. Os homens estão agora grandes conhecedores de estilo. Quanto ao mais, o Guajajara pareceu ao contemporaneo um periodico monstruoso, calculado para produzir desordens, como o Bemtevi, e não tarda que não appareçam por ali os Guajajaras assolando tudo. Escriptos edificativos e delectados não ha para o contemporaneo como os do Amigo do Paiz, os do Legalista, os do sr. Leonel nos seus Cometas e ayulosos. Isso sim, são gazetas de mão cheia, que honram a provincia, esclarecem o espirito publico, e asseguram a paz! Querem artigos innocentes? Item os do Amigo do Paiz sobre o vapor inglez, sobre os adoptivos que em Alcantara auxiliam os rapazes nas suas devassidões, sobre a lista das raparigas deloradas, que o bom do moço tem bem guardada, leam sobre tudo os furibundos insultos do senhor Leonel, que logo no 2.º n.º do Cometa declarou que a relação desta provincia era um viveiro de Bahianos revolucionarios e corruptos! O Senhor Francisco Sotero acha que tudo isso não passa de uma bagatella para entreter o tempo; e já por ali se diz que nas suas horas vagas S. S. não se dedica de arranjar algum artiguinho para ajudar o senhor Leonel, cujo estilo, e orthographia imita maravilhosamente.

Em these, a nossa opinião é que a provincia muito ganharia com a supressão de todos esses periodicos fugitivos, que só se occupam em desparar a artilheira grossa dos insultos; mas visto que a facção depredadora foi quem agrediu, e não contente com as publicações immundas que já tem, nos ameaça com uma dusia de *Chronicas dos Chronistas, em bom papel, de grande formato*, julgamos que o Guajajara é pelo menos uma compensação. O senhor Sotero ate deve estar contentissimo por ver que vai triumphando a sua luminosa doutrina—de que o veneno deve ter empregado contra o veneno.

De resto, cremos que perde o seu tempo, e as suas lamurias, ninguém ha de prestar muita fé ás suas predicas de circumstancia, depois de te-lo visto tam silencioso a saborear a longos sorvos o leite e mel que mana dos Cometas e Legalistas.

—Na Revista se havia assegurado que andavamos por casa de certos desembarcadores a solicitar ordem de *habeas corpus* a favor dos presos vindos de Caxias; e poucos dias depois assegurou o Legalista que os presos estavam em correspondencia activa para terra, que se tramava uma espantosa revolução para os soltar, que o commandante da charua era relaxado, que era escandaloso o patronato a favor dos presos. Nós rebatemos essas asserções perdidas e calumniosas, tanto em geral como pelo que nos era pessoal, e a Revista, que combate com uma lealdade nunca vista, como não

pôde sustentar as suas primeiras calumnias, brada hoje que os presos estão abandonados, que agora é que a sua animade envergonha o ingrato redactor da Chronica, que os compromettera &c. &c.! O redactor da Revista, e os seus dignos auxiliares, deram bem a ver que não desejavam identificados com rebeldes, que tomássemos a sua defleza, e como encontram um proceder inteiramente contrario, ahí vem as lastimas sobre a ingratidão usada com os presos! Em verdade não se sabe bem o que elles desejariam, se não é calumniar-nos por *fas ou nefas*; em todo o caso os seus argumentos ficaram em pé, na forma do costume.

Não somos dos que costumam insultar a desgraça, e chamar *monstros* com o accento do furor a miseraveis reos condemnados á morte; e d'ahi vem que não desejariamos fallar sobre os presos de Caxias, que, alem do mais, fizeram-nos a nós e ao nosso partido o mal que podiam fazer, dando pretexto ás quotidianas imposturas da Revista e consocios. Dirmos sempre, pois que é em defleza propria, que d'entre esses individuos o amocoin quem tivemos relações foi o sr. José Joaquim da Silveira; e como o ter ella sido comprometido por insinuações perfidas e maua conselhos, pode ser-lhe uma circumstancia attenuante no seu processo, pela parte que nos toca, o auctorizamos a produzir em juizo ora perante o publico as cartas que lhe escrevemos; e se dellas houver uma só que o aconselhe a fazer desordens, e pelo contrario não houver muitas que aconselhem todos os esforços para se manter a paz e a tranquillidade, queremos ter a mão cortada. E veja bem a Revista que offerecer alguém hoje em dia a mão ao cutello, não é uma simples phrase hyperbolica, porque é uma verdade aterradora que certa notabilidade do seu partido ja fez publicamente o officio de carrasco. (*)

A Revista e consocios, mesmo nas suas accusações de cumplicidade nas actuaes desordens, tem sobeja experiencia de que não costumamos abandonar os innocentes, sejam nossos amigos ou não, ao denté venenoso da calumnia; e felizmente os mais delles tem sido respeitados pelas auctoridades, apesar das furibundas delações do contemporaneo.

Concluindo diremos que o Sr. Francisco Sotero dos Reis é um infame calumniador, quando nos accusa, tendo sciencia certa de que mente, de teftamos comprometido e abandonado a alguns desgraçados; e tivera sido o Coque re-negado por este ou por aquelle, pouco soffria com isso, attenta a milagrosa protecção e amizade com que o honram os predilectos do contemporaneo. Vem agora a propósito fazer-se-lhe uma pergunta: porque ja hoje saprimo das suas listas de rebeldes que devem ser punidos os Mouras, Dourados, e outros, em que fallou no seu 1.º numero? dar-se-ha caso que a facção depredadora os tenha amistiado, em attenção ao cabalismo antigo? terá o sr. Sotero relações com essa gente? abandona-os ou não?

—No dia 6 do corrente chegon do interior o exm.º presidente da provincia,

(*) A tudo quanto se lhe tem lançado em rosto, responde o sr. Leonel com insultos; mas ninguém ainda foi capaz de arrancar-lhe uma palavra acerca deste caso de carrasco.

tendo na sua viagem visitado os pontos do Icatú, Rozário, Itapucurú-mirim, e Vargem-Grande.

Preços correntes dos generos na praça em 9 de Abril de 1840.

IMPORTAÇÃO.

Aço de Milão...	14\$000 a	15\$000 qtl.
Aguardente do est...	\$	não ha garr
De Portugal...	14\$000 a	16\$000 frang
De França...	\$	não ha garr
Pernamb de 22 gr.	\$	a 80\$000 pipa
Aniz garrafão...	3\$000 a	5\$500 garr
Azeite doce do es...		não ha barr
De Portugal...	\$	a " 8900 gal
De Peixe...	1\$000 a	1\$200 auc
Assucar branco...	3\$000 a	3\$200 arr.
Mascavado...	2\$000 a	2\$200 "
Alfazema roxa...	3\$200 a	4\$800 "
Archotes Portug.	5\$000 a	7\$000 daz
Amarras de plas...	2\$500 a	4\$000 polz
Bacalhão...	13\$000 a	14\$000 arr
Bezerros de		
França...	30\$000 a	35\$000 daz
Brum da Russia	16\$000 a	17\$000 pes
Ingles...	9\$000 a	10\$000 "
Caffè em casca...	11\$000 a	12\$000 40 £
descafcado...	11\$000 a	11\$000 @
Cera em velas...	1\$050 a	1\$100 £
em pao...	8\$50 a	9\$00 "
Chá perola...	1\$600 a	1\$800 "
Hyson...	1\$000 a	1\$300 "
Cravo do Pará...	\$400 a	\$500 "
Cobre de furro...	\$ a	\$600 "
Cedo em velas...	\$220 a	\$240 "
Cominhos...	\$ a	\$ arr.
Chouriços...	13\$000 a	14\$000 "
Charutos...	8\$000 a	8\$500 milh
Cabo Ingles...	20\$000 a	24\$000 qtl.
Cairo...	20\$000 a	24\$000 "
Chumbo em grão...	15\$000 a	16\$000 "
em pasta	13\$500 a	14\$300 "
Chapéus finos de		
Seda...	2\$000 a	3\$500 hum
ordinarios de		
Braga...	\$450 a	\$550 "
Capatos bezerro		
de Lisboa...	1\$100 a	1\$200 per.
de vela para S.	1\$200 a	1\$380 "
Cordão e dura...	\$740 a	1\$000 "
Carne secca de		
Sumaca...	\$	não ha arr.
Enchadas graui...		
des...	\$500 a	\$600 uma.
pequenas...	\$400 a	\$450 "
Erva doce...		não ha arr.
Estrêbas...	\$480 a	\$500 par
Espingardas La...		
zarinas...	3\$500 a	4\$800 uma
Fartuha Ameri...		
cana...	\$	não ha barr.
Ingles...		não ha "
Pamburguza...		" "
França...		" "
Folha de Flandres	18\$500 a	20\$000 calza
Ferro da Sucia...	\$	a 10\$900 arr
dito Ingles...	\$	a 7\$500 "
Fio Perrete...	9\$000 a	10\$000 "
de vella...	\$400 a	\$500 £
de capatiro...	\$400 a	\$500 £
Folhas de roça...	\$450 a	\$480 uma
mela dita...	\$340 a	\$260 "
Frituras estanh...	\$550 a	\$600 um.
Frituras de		
porta...	\$280 a	\$560 uma
de broca...	\$700 a	\$960 p

Frituras d'espia...	\$800 a	1\$000 um.
gorda...	5\$000 a	6\$000 garr
Gorda...	\$240 a	\$260 uma.
Garrações emp...		
lhados...	\$800 a	1\$000 hum.
Gangas Azues da		
India...	3\$200 a	3\$400 pess.
Amarelas...	\$900 a	1\$000 pess
Guaraná...	\$	não ha bom um.
Licor surtido de		
Lisboa em garr.	5\$000 a	5\$500 duz.
Linha de vortz.	2\$000 a	2\$400 mass
Linha surtidos...	:	a 1\$300 "
Lona da Russia.		a 30\$000 pess.
Ingles...	18\$000 a	20\$000 "
Massas surtidas.		não ha £
Machados de		
rosma...	4\$80 a	5\$00 hum.
de mola dita	400 a	440 "
Manteiga Ingles.	:	a 5\$20 £.
Presunto Portu...		
garr...		não ha arr.
Papel de peso...	2\$400 a	4\$000 resma.
Almago 1 sorte.	4\$200 a	4\$500 "
dito de 2. e 3.	3\$600 a	4\$000 "
dito Branco...		não ha "
dito Florete...	3\$000 a	3\$200 "
dito d'embrulho...	\$800 a	1\$000 "
dito marca ged.	1\$200 a	1\$400 "
Paios de Lisboa.	2\$900 a	3\$200 duz.
Passas...	3\$200 a	3\$500 caixa.
Ponno de Linho		
da feica...	5\$00 a	5\$60 vara.
dito de Tolens.	400 a	450 "
Pregos de Caver.	:	não ha milh.
de meia dita.	:	idem "
de ferro...	:	a 10\$000 "
de meio dito.	:	a 5\$000 "
de Butel...	:	a 3\$000 "
de meio dito.	:	a 2\$000 "
de Bipar...	:	a 1\$100 "
de Colbrar.	4\$500 a	5\$000 "
de Calzar...	:	a "
Pimenta da India	2\$00 a	2\$10 £.
Polvora...	400 a	520 "
Queijos Flamen...		
gos...		não ha hum.
De pinha...		" £.
Rapè Príncipe		
de Lisboa...	3\$200 a	3\$400 "
de Pernambuco.	1\$250 a	1\$400 "
Rolhas surtidas.	7\$50 a	\$800 milh.
Retroz...	7\$000 a	7\$500 £.
Sabão Ingles e		
Americano...	:	a 115 "
Hespanhol.	:	a "
Salsa parillha.		não ha arr.
Servija Ingles.	3\$600 a	4\$800 duz.
França...		não ha "
Spermaceti em		
vellas...	:	a 8\$70 £.
Sal de Portugal.	4\$50 a	5\$00 alq.
Tamancos surti...		
dos...	4\$50 a	5\$00 par.
Tercados...	6\$00 a	6\$40 hum.
Tubaco em pó da		
Bahia...	\$280 a	\$320 £.
Tubaco de flandes	3050 a	3060 pé.
Tonclabó de S...	3\$200 a	3\$400 arr.
de Portugal.	8\$500 a	9\$500 "
Tapicada do Pará.	1\$600 a	2\$000 "
Violas...	3\$80 a	3\$90 p. ojo caiz.
Vinagre Portug.	50\$000 a	54\$000 pipa.
Vinho P. RR.		
Lisboa...	105\$000 a	110\$000 "
outras marcas.	95\$000 a	100\$000 "
Branco...	115\$000 a	120\$000 "
Porto...	90\$000 a	100\$000 "
Celle...	85\$000 a	90\$000 "
Barcelon...	75\$000 a	80\$000 "
Porto engarraf.	5\$300 a	6\$000 duz.
Mascatel...	4\$000 a	4\$200 "

Champagne... 14\$000 a 16\$000 "

EXPORTAÇÃO.

Alg. 1.ª qualid.	6\$400 a	6\$500 arr.
Serra...	5\$400 a	5\$500 "
Aguardente da		
terra...	70\$000 a	96\$000 pipa.
Arroz de vapor	1\$400 a	1\$500 arr.
d'outras fabricas	\$900 a	1\$200 "
em casca...	\$800 a	1\$100 alq.
Attonados...	:	a :
Azeite de Carra...		
pato...	4\$80 a	5\$00 qrt.
Carne secca do		
Miarim...	4\$000 a	5\$000 arr.
Acaraçá...		
Chifres de Boi.	2\$000 a	2\$240 cent.
Couro salgado.	135 a	140 £
Cabra curtidos.	160 a	200 um.
Farinha de Man...		
dioca...	1\$200 a	1\$400 alq.
Feijão da terra.	1\$280 a	1\$600 "
Fumo de molho.	2\$400 a	4\$000 arr.
Fumo de corda.	2\$000 a	16\$000 arr.
Gengibre ama...		
vella...	:	a :
Gomina...	4\$000 a	4\$400 alq.
Grude de peixe.	400 a	600 arr.
Milho...	700 a	800 alq.
Mel de cana da		
terra...	240 a	260 qrt.
Panno d'algodão		
largo...	27\$000 a	30\$000 roll.
estrelto...	26\$000 a	28\$000 "
Sabão da terra.	3\$000 a	3\$200 arr.
Sal panno...	200 a	220 alq.
Tebouco de cos...		
tado...	200 a	240 pal.
Bacori...	16\$000 a	20\$000 duz.
Cedro...	14\$000 a	16\$000 "
Louro...	10\$000 a	14\$000 "
Paparauba...	5\$000 a	5\$400 "
Vaquetas...	1\$600 a	1\$800 uma.

AVISOS.

Vende-se uma porção de terras no Munim, paragem Casca Grossa, com muitas, e boas madeiras, como seja pi-quis, jatubás, pães d'arco, bacuris, sapocais, e outras; boas para a planta-ção, e cultura de arroz, e mandioca, e tem parte de campo para criar: outra porção de terras no Mearim; um sítio no Cutim, com arvores fructíferas, agua corrente, casas de vivenda, bonita local, e com proporções para um bom sítio al-tenta a boa qualidade do terreno: um Carrinho moderno; e um mulato de 19 a 21 annos de idade de bonita figura, com principios de alfabeto, sadio, e mu-lto habil para o serviço de uma casa: quem quizer comprar qualquer das cou-zas acima annunciadas falle com José A. P. da S. Coqueiro morador na rua dos Remedios.

Na Praia pequena em casa da viuva Trindade ha para alugar uma preta para ama de leite, sádia, e sem eria.

Vende-se a casa de sobrado n. 19 da rua de S. Anna, a qual é toda de pedra e cal, amurada, e tem poço. Na mesma casa vende-se uma rapariga, que coze, goma, lava &c.; e um rapaz official de capateiro; e 4 escravos canoieiros.

Proceza-se comprar huma preta de bons costumes, que sirva para ama de leite; quem a tiver, dirija-se ao largo do Carmo casa n.º 3.

Maranhão, Typographia Imperial Ma-ranhense. Anno de 1840

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

SEGUNDA-FEIRA 13 DE ABRIL DE 1840.

N. 228.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapcos de Vidgal Irmão & C., rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os artigos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

PIAUIHY.

Artigos Officiaes.

ILL.º Sr.—Tendo, em data de 31 do mez proximo passado, levado ao conhecimento de V. S.º que havia occorrido té aquelle tempo, resta-me agora dizer, que proseguindo a minha marcha para esta Villa chegando a fazenda da Sussupara no dia 5 do corrente, distante d'aqui 4 legoas, na occasião de passar o Rio Parnahiba 130 praças, que havia feito marchar pelo lado do Piauihy com o Capitão Antonio Ribeiro Soares, a reunir-se a minha Força naquella lugar, foram inesperadamente atacados na praia por huma multidão de rebeldes, ao tempo que a maior parte da tropa ainda se achava do lado opposto, podendo por isso os malvados apoderarem-se de 7 armas, e da municação dos soldados que se achavam occupados com as canoas, pelo que contando elles isto por hum grande vantagem, carregaram sobre o dito Capitão, o Alferes Antonio Martins da Rocha, e 4 soldados que se defendêrão valerosamente; porém providenciado eu logo (que me achava meia legoa distante) com aquella presteza, que exigia as circumstancias, pude conseguir dispersal-os d'aquelle lugar, com o prejuizo das armas, municação, e 4 feridos; perdendo elles 4 que ficaram mortos no Campo, effectuando-se ultimamente a passagem da referida tropa; durando este ataque desde as 4 horas da tarde até quasi as 6.—Ufanos os inimigos por terem augmentado o n.º das suas armas, e municação, aproveitando-se da escuridão da noite, e das especias matas que circundavam o meu Acampamento, deram-me cerco na distancia de 600 passos, e na manhã do dia seguinte romperam o fogo, que foi o mais vivo, que tenho sustentado na minha Columna; no qual perdeu a Legalidade hum 1.º Sargento, e 2 Soldados, além de 12 feridos; e dos rebeldes ficaram 9 mortos no Campo, de que nos apoderamos, não podendo conseguir maior vantagem, por se evadirem como costumavam.—No dia 7 quando ainda me achava naquella lugar chegaram os Capitães Francisco de Sousa e Cunha, e Bento José Moreira, do Riachão da Lapa, com a força de 600 homens, e fazendo com elles a minha junção, encaminhei-me no dia 8 para esta Villa, onde se achavam fortificados os rebeldes, os quaes tendo feito hum fraca opposição ultimamente fugiram, cedendo-nos o terreno com o prejuizo de 4 mortos, e hum prisioneiro; e da Legalidade só tivemos 2 feridos.—Na referida Fazenda da Sussupara prendi a Domingos

do Espirito Santo, pai do famigerado Major Victorio, que se achava occulto no matto, não só como suspeito á Causa da Legalidade, tendo escondidas as Canoas dos rebeldes no porto de sua Fazenda, e commandado ainda a pouco tempo hum destacamento dos mesmos, como por entreter com elles correspondencia, que se achou, e que nesta data faço reuessa della ao Governo.—Até o presente me não tem sido possível fazer a minha junção com o Tenente Coronel Diogo, não obstante as reiteradas vezes que lhe tenho officiado a respeito, e posto que não diste sua residencia daqui mais que 25 legoas ao centro todavia não posso demorar-me a espera delle, e menos afastar-me dos limites do Piauihy, por isso que estou resolvido a deixar occupada esta Villa pelas forças desta Provincia já referidas, e dirigir-me á Povoação da Manga, afim de bater qualquer grupo dos malvados, que por ventura se tenha reunido na minha retaguarda.—Tenho conhecido que a luta he difficil de ultimar-se com presteza, não só porque o inimigo fugindo sempre ao rumor das armas, torna depois a reunir-se em lugares já por elles indigitados, como porque diminuto é o n.º dos que dezojaõ ver ultimada a guerra.—Em abono da verdade, devo dizer a V. S.º que a força desta Provincia, que aqui se acha, he geralmente composta de homens bem intencionados; mas sem a menor disciplina, salvas as poucas excepções.—Os rebeldes achão-se debandados em diferentes grupos: Vicente Bizzerra (intitulado Tenente Coronel) e Romão retiraram-se para a Ilha de Balças, sem que levassem força alguma; Thomaz (intitulado Major) e Delfino (Alferes) igualmente se retiraram Parnahiba acima; Dantas, Aroeira, e Milhomens (Majores) procuraram a direcção do Mirador com a Tropa toda debandada; Luiz Ignacio, Polidoro, e Victorio constão que se achão em pouca distancia desta Villa, aos quaes pretendo attacar amanhã se o tempo assim o permittir.—Deos Guarde a V. S.º Acampamento na Villa Pastos bons, Quartel do Commando da Columna d'Oeste do Piauihy, 12 de Fevereiro de 1840.—Illm. Sr. Tenente Coronel José Feliciano de Moraes Cid.—Commandante em Chefe das Forças do Piauihy.—José Martins de Sousa, Major Commandante da Columna d'Oeste.

—Illm. e Exm. Sr.—Mandando humen hum expedicoe de 500 homens debaixo do Commando dos Capitães Domingos Antonio Piauhilino, e Antonio Ribeiro Soares, batter as forças combinadas dos rebeldes Victorio, Correia, e Valerio (Majores) Pro, Santa Anna, Luiz Ignacio, Polidoro, Mariano, Marcos (Ca-

pitães) e outros, que acoados talvez pelas forças debaixo vinhaõ sobindo, e se achavão a 4 legoas de distancia desta Villa no lugar denominado—Sobradinho—, não obstante o vivo fogo que sustentaram, os nossos se apoderaram do campo com a perda do denodado, e nunca assaz lamentado Capitão Piauhilino, 2 Soldados, e muitos feridos; perdendo elles 8 que ficaram mortos, e 2 prisioneiros. Não obstante terem os nossos ficado Srs. do Campo, como fica dito, foi-me pedido soccorro, o que hoje pela manhã promptamente mandei, visto que receiavam serem cercados pelo inimigo; cuja desconfiança não foi infundada; porque na occasião que acabava de chegar o soccorro, romperam elles o fogo, e avançando com o maior furor sobre os nossos, e estes defendendo-se com aquella coragem propria de homens verdadeiramente livres, e que pugnam pela causa da razão, e da Justiça, não poderão sustentar-se pela falta de municação, cedendo por isso a posição, que já haviam ganho a custa de tanto sacrificio; e eu sem poder remediar por se achar esgotada toda quanta havia, não só de mosquetaria, como da peça, pelo que me acho na mais triste collizão, esperando o inimigo a cada momento, e sem ter com que repeller sua ousadia. Tivemos muitos mortos, e feridos entre os quaes o Capitão Bento José Moreira, e os Alferes José Egidio da Costa Alvaranga, e Leocadio da Costa Nunes; não podendo dar ao certo o nome de todos por ser já 11 horas da noite, e não restar tempo ainda para se passar revista por Companhias. Presumo que hoje queimarão-se para mais de 68000 cartuchos; por isso que V. Exc. exorresse-se quanto poder para me fazer reuessa com a possível brevidade da maior peça que poder, assim como de municação para a peça, na certeza de que nenhuma das cousas mais resta, e quando seja aqui attacado me verei na dura precizão de retroceder a minha marcha, atravessando o Parnahiba para o lado da nossa Provincia.

Segunda vez rogo a V. Exc., que não demore hum só momento em satisfazer a minha requisicoe, atentas as circumstancias em que me acho com inimigo por todos os lados.

Deos Guarde a V. Exc. Acampamento na Villa de Pastos-bons, Quartel do Commando da Columna de Oeste do Piauihy, 14 de Fevereiro de 1840.

Illm. e Exm. Sr. Barão da Parnahiba, Presidente da Provincia do Piauihy.
José Martins de Sousa.
Major Commandante da Columna de Oeste.

N. B. Transmitto a V. Exc. essa copia do Vicente Bizzerra, a qual confirma

o meu modo de pensar a respeito das intenções dos rebeldes; e do Officio incluso do Diogo verá V. Exc. que elle deixa de entender-se comigo, para ir batter hum grupo dos mesmos que se achão em Grajaú.

(Telégrafo de 24 de Fevereiro.)

Cópia do Officio do Sr. Tenente Coronel Diogo Lopes, á que se refere o do Sr. Major José Martins.

—Hontem recebi o Officio de V. S. datado a 31 do passado, e pela Cópia inclusa virá V. S. no conhecimento quaes os motivos que impedirão a minha marcha a fazer junção com V. S. como tínhamos concordado; porem desde a recepção do seu primeiro Officio fiz ver aos Capitães Cunha, e Bento José Moreira quaes as nossas intenções, e que elles se dirigissem para a Villa de Pastos-bons; o que do novo rectifiquei por outro datado a 4 do corrente como verá V. S. pela copia inclusa. Depois que tiverem feito as nossas forças junção com as de V. S., queira dispor d'ellas na continuação dos relevantes serviços por V. S. prestados a prol da honra e da legalidade, e de que lhe he esta Provincia tributária, o que hoje participo ao Presidente da Provincia a quem espesso hum correio, fazendo-lhe igualmente ver quaes os pontos occupados pela sua columna. Depois que tiverem tomado a Villa de Pastos-bons, queira me participar para poder seguir com minha força para cima para Grajaú a debelar aquelles malvados, e guarnecer os respectivos pontos. Hontem fiz marchar huma partida a batter as fronteiras do Mirador enjos rebeldes ora occupão a dita Povoação, ora ganhão o coco, outra que ha dias sahio a explorar Campo, no lugar intitulado primeiros Campos deo n'hum Magote d'elles, prisionarão doze, e matarão dois, e apenas tivemos ferido por hum d'estes, hum cabo que já se achá escapo.

Deos Guarde a V. S. muitos annos Acampamento em Campo-Largo 8 de Fevereiro de 1840.

Ilm. Sr. José Martins de Souza, Major Commandante da Columna de Oeste.
Diogo Lopes, d'Ararijo Salles.
(Telégrafo de 27 de Fevereiro.)

—Das partes officiaes que temos á vista, e que por serem nimiammente longas lhes não damos publicidade, extrahimos as noticias que mais interessantes nos pareceram.

No ultimo ataque das forças do Sr. Major José Martins de Souza, no Sobralino, tivemos alguns feridos, e mui poucos mortos, pois que de 19 que haviam desaparecido ja 11 se apresentaram, e estes asseguram que, dos 8 que faltam, alguns desmortearam. Tal foi o aperto em que se viram os nossos, que sem municião para sustentarem um vivo fogo, que lhes faziam os rebeldes de muitas partidas colligadas, que obrigados se viam a abandonar o terreno; e a bayoneta romperam as linhas inimigas, que quasi os envolviam em suas naturaes trincheiras. Sem municião para manter-se em Pastos-bons uma força respeitavel, retirou-se para o ponto dos Vindos, a quem do Arnabiba, o dito Sr. Major, fassendo que 600 praças commandadas pelos Srs. Capitães Cunha, e Bento José Moreira, fossem reunir ao Sr. Tenente Coronel Diogo, que perseguia aos rebeldes evadidos para Grajaú.

Constando que nos Municipio de Paranaíba havia quem reunisse gente a favor dos rebeldes, e que chamava a Vicente Bizerra, e outros para aquelle Municipio, afiançando-lhes que ali encontrariam amplos socorros de gente e municião, fez o Sr. Major José Martins que o Sr. Capitão Antonio Ribeiro Soares partisse com 120 praças pelo lado d'alem do Paranaíba, e elle com igual numero d'ellas segue pelo d'aquem, a encontrarem-se em um ponto dado a fim de suffocarem a nascente revolta de Paranaíba. O Governo Provincial ja lhe enviou algumas cargas de municião, e consta-nos que ordens tem sido dadas para que o Prefeito de S. Gonçalo parta immediatamente com a força que poder organizar, em auxilio destas expedições. Nesta Capital tambem se prepara uma força que deve ter o mesmo destino; e si o Governo for auxiliado em seus esforços pelo patriotismo dos Piahyenses, temos bem fundadas esperanças de que desaparecerá de Paranaíba essa horda de malvados, os quaes alguns sustos lançam no seio das pacificas familias ali residentes, que bem presentes têm na memoria as horribes hostilidades commettidas no solo Maranhense. Louvores pois sejam dados ao Governo, que não descança para salvar-nos, graças ao Sr. José Martins, que gravemente doente, e sem tomar o menor repouso de tão grandes fadigas, vá em soccorro de seus innocentes Prefectos de Paranaíba, e a descarregar sua espada nos aventureiros, e perturbadores do sosiego publico.

A pedido do Commandante das Forças Expeditionarias de Caxias, por intermedio do das nossas, está o Exm. Sr. Presidente autorizado a comprar 1\$000 bois para sustentação das ditas Forças; sendo os vendedores obrigados a leva-los a margem do Paranaíba, nos pontos de Santo Antonio, ou Puty. Por esta occasião diremos que estão desempregadas as estradas da Passagem de Santo Antonio até Caxias, e do Bananal até a Cruz.

Os rebeldes que acoçados pelas Forças Maranhenses concentravam-se nas Vertentes, foram ali completamente battidos pelas mesmas Forças no dia 7 do corrente; e os caudillos Ruivo, Ladislao, e Adão Pinto, que as capitaneavam, retiraram-se para a bem defendida posição do Morro-Agudo.

O Capitão Quadros, que commandava a partida exploradora combateo contra duplicado numero de seiteadores, os quaes desalojou de fortissimas posições, caindo em seu poder 3 mortos, 11 prisioneiros, e toda a bagagem.

Foi segunda vez acommettido o ponto Boa-vista. O respectivo Commandante, o Sr. Tenente Coronel João Rabello Cardozo, tendo no dia 10 do corrente mandado uma partida de 30 praças explorar a estrada do Curimatá, na distancia de tres quartos de legoa do ponto encontrou-se com os rebeldes, que sendo em n.º de 200 pelo que mostrou, carregou furiosamente sobre os nossos, que debaixo de cerrado fogo foram perseguidos até a distancia de meia legoa do aquartelamento, onde o inimigo os deixou. Na manhã do dia seguinte foi o ponto sitiado por huma força rebelde mui superior a da legalidade; mas com a rapida approximação dos piquetes exploradores sahidos do Livramento, e S. Pedro; o 1.º Commandado pelo Sr. Tenente Biittner, e o 2.º pelo Sr. Alferes José Luiz

de Queiroz, que procuravam uma quadrilha, que assassinou a um homem na Madeira cortada, fugirão os rebeldes, deixando morto no Campo um Capitão, que supozem-se chamar João da Cruz de Menezes, por um officio que se lhe achou, e nós tivemos 2 feridos levemente, sem que saibamos ainda quantos mais perderam elles, por não se haver corrido o Campo. Em remuneração dos relevantes Serviços do Tenente Frederico Guilherme Biittner, S. Exc. lhe mandou dar o exercicio de Capitão de Commissão; recompensa em verdade bem merecida.

(Telégrafo de 2 de Março 1840.)

—Consta que os rebeldes se tornaram a assenhorear da Villa de Pastos-bons; e que a força sob as Ordens dos Srs. Capitães Cunha, e Bento José Moreira, que na dita Villa separou-se da do Sr. Major José Martins, procurava Alpercatas, onde tinha depositada a municião.

(Telégrafo de 9 de Março.)

MARANHAO.

Quartel da Presidencia e do Commando das Armas na Vargem Grande, 28 de Março de 1840.

Ordem do Dia n. 26.

—Havendo grande numero de Cavallos comprados por conta da Fazenda Publica, e outros tomados aos rebeldes, sem que tenham sido marcados; ordena S. Exc. o Sr. Coronel Presidente e Commandante das Armas da Provincia, que os Srs. Commandantes das Columnas e Corpos fação cortar meia polegada da orelha direita a todos os Cavallos de propriedade Nacional, existentes na força de seus respectivos Commandos, devendo remetter uma conta mensal do estado d'elles.

Ordena outro sim o mesmo Exm. Sr., que todos os individuos encarregados dos Depositos de viveres, e de Artigos ballísticos, enviem suas contas mensalmente, aquelles ao Commissario Geral das Forças, para que possa cumprir, quanto antes a disposição da ordem do dia n.º 10, e estes ao Quartel Mestre General do Exercito, tudo pelo intermedio dos Srs. Commandantes das Forças a que pertencerem, que examinará e rubricará as referidas cartas. Reconhecendo o mesmo Exm. Sr. que o cartuxame consumido nos diferentes ataques, em nada corresponde aos resultados que tem havido, dando a conhecer, que os tiros são dirigidos fora do alcance das Espingardas, ou quiçá extraviados por qualquer modo que seja; manda por isso prevenir aos ditos Srs. Commandantes das Columnas, e Corpos, toda a fiscalização e cuidado no cartuxame a seu cargo, obrigando a que os commandantes das sortidas só fação fogo aos rebeldes, quando estejam debaixo do dito alcance.

Antonio Nunes d'Aguiar, Ajudante, e Quartel Mestre General.

Quartel da Presidencia e do Commando das Armas na villa do Itapucará-Mirim 1.º de Abril de 1840.

Ordem do Dia n. 27.

—S. Exc. o Sr. Coronel Presidente e Commandante das Armas da Provincia, manda fazer publico para conhecimento

da Divisão Pacificadora do seu Comandante, que sendo examinado o Depósito de Artigos bellicos desta villa, nelle se observaram grandes irregularidades, faltando até assentamentos essenciaes como da entrada e sahida dos objectos; e porque do desleixo em uma semelhante Repartição deverião provir grandes prejuizos á Fazenda Nacional, e mesmo grande transtorno ao serviço; recommenda S. Exc. o maior zelo e cuidado ao Encarregado do mesmo Depósito, e que o Commandante desta Villa o tenha debaixo de sua fiscalização, mandando desde já organizar um livro para assentos de entradas e sahidas de todos os objectos, devendo apresentar suas contas mensalmente como está determinado na ordem do dia n.º 26.

Não sendo compativel com a nova organização dada ás Forças nesta Provincia, a existencia do Commissariado Geral dos viveres; ordena igualmente S. Exc., que seja extinta esta Repartição; passando os Srs. Commandantes de Columnas, e Forças em operações a nomear um subalterno de sua confiança, encarregado de receber da Commissão creada pela ordem do dia n.º 11 os viveres precizos para fornecimento da tropa, devendo prestar mensalmente suas contas aos ditos Srs. Commandantes; que depois de as examinar e rubricar, enviarão ao Quartel Mestre General. Ordena mais S. Exc., que todas as participações que versarem sobre o movimento strategico das operações, lhe sejam directamente dirigidas, e que só os objectos que dizem respeito a disciplina, e a economia da Tropa, deverão ser levados a sua presença por intermedio do Ajudante, e Quartel Mestre General.

Antonio Nunes d'Aguilar, Ajudante, e Quartel Mestre General.

CHRONICA MARANHENSE.

— Traje —

Continuemos no exame das accusações que nos faz a facção depredadora. A opposição (dizem os seus jornalistas) protegeu a desordem; muitos dos seus partidistas se ligaram a ella abertamente.

A verdade é que em quanto as hordas rebeldes se não aproximaram a Caxias, nem um só opposicionista se lhes ligou; os que por acaso lhes cahiam nas mãos, tentavam todos os meios para escaparem; na Tutoya, e no Brejo foram opposicionistas os que fizeram a contrarevolução, em quanto os seus adversarios, de lutar seguro, os caluniam; nesses e noutros logares, ella não prestou, e continuam a prestar relevantes serviços. Mesmo em Caxias, onde o assassinato do infeliz e honrado Teixeira Mendes, e o terror que se lhe seguiu, quasi destruiu a opposição, ha opposicionistas que serviram e servem, e tal delles, como o sr. Agostinho da Silva Braga, tem tido um procedimento tam digno, tem salvado tantas vidas com eminente risco da propria, que mereceu por isso ser elogiado no *Legalista*. (*) Os serviços porem dos nossos amigos politicos não nos aproveitaram perante a justiça severa dos delatores por officio; tudo cede diante dos crimes commettidos por uma dúzia de individuos na

comarca de Caxias! A Revista quando falta nesses poucos individuos, qualifica-os de *oposição toda inteira*, e tem sempre o cuidado de suprimir os nomes de alguns dos Mouras, dos Dourados, Paulas, Oliveira e Costa, Rodrigues da Silveira, e outros, que sendo *cabanos*, adheriram á revolta, e vieram a Caxias, durante o cerco e depois d'elle.

A prova mais evidente de que esses homens, quizessem que fossem alias os partidos a que anteriormente se achavam ligados, não cumpriam missão alguma politica quando se lançavam na desordem. é o facto de não terem dado um só passo que demonstrasse a existencia de um plano regular, em proveito do partido que se accusa. A principio prenderam alguns individuos influentes, e fizeram requisições contra prefeitos, cuja queda era alias o grido de guerra dos rebeldes desde o principio da desordem; mas pouco depois não se cuidou mais do que em extorquir grossas sommas a quantos estavam presos, e aos que queriam retirar-se, e em destruir e saquear, em todo o rigor dos termos.

De duas uma, ou os delatores hão de confessar que a opposição está pura e estreme da infinia que pertence exclusivamente aos individuos que se lançaram com os bandos de salteadores, ou, deposto todo o pudor e comedimento, hão de accusar sem rebuço a opposição de não ter outros fins alem do roubo, do assassinato, e da destruição, supposto esse partido conte nas suas fileiras os mais opulentos lavradores e capitalistas da provincia, e muitos cidadãos que por seus talentos e reputação aspiram e devem aspirar á influencia politica, e á estimada dos seus concidadãos. Se os accusadores quizerem adoptar a ultima hypothese (nós os julgamos capazes de tudo), ficar-nos ha ao menos a consolação de que uma accusação tam infame se ha de destruir pelo seu mesmo excesso.

Se quizeris ver os delatores desatinar, e amontoar disparates, e contradicções, pergunta-lhe que flus poderia ter a opposição, mandando incendiar a provincia, e quando foi que ella concebeu esse atroz desígnio. Ora vos responderão que desde que se começou a publicar o *Bem-tevi*, e ora, que só depois que perdeu as eleições, com que contava. Uma vez sustentam que o seu fim era simplesmente desacreditar os prefeitos por meio de uma pequena rusga; outras que era derribar as obras dos seus contrarios, *sem esperar que a audacia dos rebeldes chegasse a tanto*; (*Revista* n.º 22 de 5 de Abril) outras que era a vingança contra os vencedores, outras que era dispor as massas proletarias em seu favor para as proximas eleições, porque chegadas as cousas a certo ponto, por meio de uma prompta conversão á legalidade, seria facil obter-lhes uma amnistia. (veja-se os 1.º n.º da *Revista*; o senhor Leonel finalmente, que não havia outro fim se não matar e roubar, o que a ser certo, lhe daria uma ampla colheita de réos de morte, em que podesse ceifar a contento. Dentre estas asserções contradictorias, tomaremos apenas uma ou duas para mostrar todo o seu absurdo. Assim como as massas populares em 1836 votaram a carga cerrada nos candidatos do partido dominante, assim também votariam em 1840 nos do partido que lhe é opposto; tudo no-lo faz suppor, as persguições e vexames com que as opprimiam, e o natural pendor que ellas tem para

todas as opposições, que lhes acenam com melhoramentos, e gritam sempre contra a oppresão. Nesse presuppoto, a desordem não só era desnecessaria, mas eminentemente prejudicial; e com effeito essa grande massa de votantes que tanto serviu em 36 áquelles que hoje querem devorá-la, foi posta fora do combate, e ficou perdida para a opposição. Muitos tem sido devorados pela guerra, pelas prisões, pelo recrutamento, e pela miseria; muitos andarão longo tempo dispersos e foragidos; muitos ficarão entorpecidos pelo terror, e uma grande parte, para escapar ao geral naufragio, se ha de acolher á protecção dos seus odiosos dominadores, a quem venderão votos e consciencia, em troca da liberdade, talvez da vida. A opposição não conta que os seus chefes se agitassem ao ponto a que chegaram! E' inteiramente falso desde os primeiros tempos comprehendemos logo toda a immensa gravidade do perigo; despertamos a grandes brados o partido dominante, que só cuidava em dar urros de infernal prazer por não enxergar no obscuro movimento da Manga mais que uma bella occasião de caluniar e perder os seus inimigos. E' prevenido igualmente o resultado da anarchia, distigamos dois mezes antes da perda de Caxias: "Depois de ficar tudo assolado a ferro e fogo, de extinto o commercio, arruinada a lavoura, roubados os cofres publicos, mortos e derribados amanhã os influentes de hoje, o que tem a esperar os que escaparem, auctores e re-liquias do miseravel naufragio? um nome deshonrado, o odio de todas as vicissitudes, e a final, todos os horrores de vexames da conquista. O reinado da anarchia será o despotismo; os Vinagres e Eduardo serão substituidos pelos Andreas; não se matará mais pelas ruas, mas do convex das prosangas se lançarão diariamente ao mar dezenas de cadáveres." (*Chronica* n.º 135) E quando, por duas vezes, mais apertou o laço do perigo, proclamamos aos partidos que adiassem os seus odios e debates, e que feitos todos n'um corpo, tractassem de restor o inimigo commum. E' preciso lembrar isto frequentemente aos que se obstinam no esquecimento.

Nem sabemos como é que ainda a facção não conheceu que se se houver de declarar criminosos os que mais ganharam com a revolta, ella por certo não tem muita razão de contar com a absolvição. Já mostramos que as classes inferiores, que tinham por contrarias, foram quasi aniquilladas em algumas comarcas, e parte dos individuos pertencentes a ellas que vivem dispersos, hão de acolher-se á protecção dos seus perseguidores. Em segundo lugar, um grande numero de agentes da facção, havendo-se aggregado á legalidade, se tem aproveitado das circunstancias para enriquecerem, delapidando os bens publicos e particulares, com um desenfado que só pode ser igualado pelos rebeldes. Em ultimo lugar, é das desordens que os jornalistas da facção tiram hoje o unico alimento das suas intrigas, é no odio e nas suspeitas dos que hão soffrido que elles assentam o alceste do seu poder nutante. Vede esses jornaes; até o apparecimento da Raimundo Gomes, as suas calumnias só tinham por objecto fazer crer que havia no Maranhão um partido que tracava a ruina do throno e da religião; mas como essas accusações já tinham cahido em total descredito, e eram de mais feitas sem convicção alguma, abandonaram-nas sem

(*) O senhor Braga é um dos mais distinctos membros do nosso partido; ha sempre sido eleito e juiz de paz, foi um dos 6 vice-presidentes nomeados em 1837, e tem recebido por duas vezes a candidatura á deputação provincial.

pesar, para encetarem as actuaes, de que a opposição favorece uma anarchia desenfreada, sem fim algum conhecido. Os desastres foram communs; a morte e a destruição passaram sem escolha por todas as famílias; a fúria é que forceja por ganhar, revolvendo as cinzas do incendio geral, e apoderando-se dos despojos que abandonaram os desesperos e fugitivos, e ainda os mortos.

Agora que amplamente a Revista do seu direito de calumniar, já que para ella existe um monstro deusido; diga que Raimundo Gomes escreveu (servindo-se da pluma elegante do sr. Fernando Mendes) porque tem para com unico sympathia, derivada de idéntica de princípios, embora se lhe responda que um homem daquella lida, estúpido, que nem ao menos sabe ler, não pode ter princípios de qualquer natureza que sejam; sustente que as requisições dos rebeldes de notam capacidade em quem se escreve, embora se lhe mostre que quantos cabiam no poder dos rebeldes a toda se sujeitavam, como provam os terribes legatários Severino, Fernando Mendes, e outros; teime que a complexidade da opposição está próxima pelos crimes de alguns indivíduos, embora se lhe repita que muitos cabanos também se lançaram na desobediência, e que muitos opposicionistas não prestaram serviços; brade finalmente que os seus argumentos estão em pé, ainda que lhos destrua um cento de vezes. E temos resultados, pelo que toca a estas matérias, a deixá-lo victorioso livremente, sem perdemos mais o nosso tempo em responder a accusações de que nem o povo nem o governo fazem o menor cabedal. Tanto mais, que temos que encetar também a nossa, para mostrar a parte que teve a facção depredadora nas desgraças da provincia. Pode ser que, tomando nós a posição que nos compete, não teio o contemporaneo tanto tempo para nos fallar nas cartas dos senhores Raimundo Gomes, e Fernando Mendes.

—As da provincia do Piahy em geral, e da comarca de Pastos-Bons, constam dos artigos do *Telegrapho*, copiados no principio do presente numero. Entre os artigos de Pastos-Bons conta-se o senhor Leopoldo da Costa Nunes; valhe-lhe não ter estado em Caxias durante o cerco, porque a Revista o teria chamado traidor; pelo simples facto de ser opposicionista.

E para notar também que a comarca de Paraguaré, que não estava em contacto com rebeldes, e onde de certo se não lêem nem *Cametis*, nem *Chronica*, aduzimos a revolta.

O pallibete *Neptuno*, chegado da Parahyba no dia 9 do corrente, não trouxe noticias mais favoráveis. Os rebeldes, acossados nesta provincia, tem continuado a aliar para lá em numero avultado; a reunião das Freixiras era grande, e se achava defendida por fortes trincheiras, de modo que não podendo dispor-se a maior Moreira com as forças do Graxá, o digno prefeito Orosio fez sair em seu auxilio uma partida de duzentos homens, entre os quaes 40 praças da guarnição do *Vinte e oito de Julho* e *Guarapery*. O ataque devia ter lugar no dia 6 do corrente de manhã, por cinco diferentes pontos, e contava-se com a victoria. Para occorrer ao desfalece de desastrosamente grande que estas expedições deixam na guarnição daquela villa, S. Ex. o sr. presidente da provincia fez partir uma expedição de 80 guardas nacionaes, e algumas praças dos contingentes de lilia, no mesmo pallibete *Neptuno*. Supponho que a partida terá lugar hoje.

VARIEDADE.

O MARLSTROM.

I.

—Ha na minha vida maritima hum circumstancia que só pôde explicar-se por hum milagre.

Como fui regeitado pelo sorvedouro que me tinha engolido? Que prodigio se operou para que eu escapasse do abismo que não deixa fugir sua preza? Depois de haver passado por todas as angustias da morte, que predestinação obrigou-me a viver para revelar aos homens o mysterio de hum situação de que ninguém escapa? Todas as particularidades deste memoravel successo estão presentes a minha idéa; o terror que causou-me existe ainda, e ainda não apagou-se a impressão que me fez. Vejo o navio arrastado pela fatalidade a huma inevitavel destruição; ouço a conversação que teve a

minha memoria; lembra-me quanto passouse em torno de mim.

En vou, e assim he preciso, vou escrever estas paginas, que são de alguma importancia nos annaes da humanidade. Ninguém possui os mesmos documentos que eu; ninguém pôde melhor dizer o que he huma equipagem attrahida pelo *Marlstrom*; quaes as sensações que experimenta, qual a tragedia que se representa a bordo do navio, e como se opera tal absorção, tal naufragio em tempo de calma, tal ruina sem rumor, sem trevas, sem tempestade!

"Hoje he sexta feira; o capitão quer partir, e faz nisso muito mal!"

Assim fallava, a bordo da escuna *Joren Susanna*, o contramestre Braerigg, encostado nas caronadas, com os braços cruzados, e os olhos esgudados para o céu. O sol do outono reflectia no mar da Noruega a pallidez de seus raios que esclarecem a natureza, mas sem penetrar a nem vivifica-la.

Hum jovem Escosseza, mais pallida e branca que o sol da Noruega, tinha o braço encostado no de seu pai, velho cujo vestuario denunciava a pobreza, cuja physionomia inspirava respeito, e cujos cabellos tinham ajeitado no exercicio de todas as virtudes. Mac-Read era ministro da igreja presbyteriana; a pouca distancia delle estava Helena, sua filha mais velha, com seus cabellos negros e feições cheias de nobreza e de enthusiasmo. Sentada sobre hum monte de cordas, escutava os contos do criado Donald, natural de Stirling na Escocia, adherente á familia, por huma dessas assimilações proprias somente do paiz de que fallamos, e tão persuadido de ser pai das duas moças, Helena e Sprightly, como o proprio Mac-Read.

Continuava a conversa entre o contramestre e Mac-Read.

"Sim" dizia o primeiro "hoje he sexta feira. Vede só como trabalha a nossa gente; na verdade, são tão activos como as tartarugas. Que se pôde fazer com semelhante gente?"

"Como" interrompeo a mais velha das meninas "erguendo-se; sois supersticioso, Sr. contramestre?"

"Não digo isso, senhora; quando estou em terra, em sexta feira, pouco se me dá; mas, quando me he preciso dançar sobre as aguas azues e manobrar com todo o tempo, quer de bonança, quer de tempestade, he, que não deslenho a sexta feira; tambem ha huma circumstancia, e he que nada se obtem destes homens, sendo quando elles estão alegres. Então, sobre-se pelas cordas com desembaraço, o som do apito mistura-se com o das cantigas, estendem-se todos os musculos, todos os corações palpitam de esperança, todos desprezo a terra e affrontão o mar! Mas, com huma equipagem disposta como esta, que diabo se pôde fazer?"

"Contramestre!" gritou hum voz retumbante "onde está Campbell, esse cão montanhoso?" Era o capitão que fallava.

"Está dormindo" respondeu o contramestre "Campbell está doente."

"Doente! Não quero cá doentes!"

Está com febre, segundo diz o cirurgião. Não sabeis, capitão, que ainda esta noite, estando elle em sua maca, teve huma dessas visões do inferno?"

"Valhão trezentas mil pipas de diabo a Campbell e a suas visões" gritou o capitão jurando muito alto, para que toda a tripulação ouvisse que seu capitão tinha jurado. Quem trouxe cá an-

ralisa minha equipagem com suas visões?"

"Capitão, atrevo-me a pedir-vos respeito, da parte de vossa gente, hum favor que esperamos obter."

"Qual he?"

"Pedem que não façais viagem amanhã. Nunca, crede o que vos digo, nunca a *Joren Susanna* deo á vela em sexta feira..."

O capitão não ouviu o fim da ultima phrase; voltou costas ao contramestre, soltou mil imprecações contra os marinheiros, e ficou tão colérico, que todas as linguas se tornaram mudas e todos os rostos pallidos. Não obstante isso, não se executou com mais pressa a manobra; os marinheiros olhavam huns para os outros desconfiados. Partio o navio. Reinava nelle o máo humor; o capitão passeava com as mãos para traz, buscando occasiões de ralar, e inventando-as, quando não as achava.

Campbell, obrigado a erguer-se, tinha subido e fazia o serviço remungando. De repente, deo-lhe na cabeça conecção o *mail*, lamentação inarticulada, cantico de morte das Escossezes selvagens, vivo, modulado, soluço que não acaba, suspiro prolongado, que se assemelha aos suspiros dos ventos nas cathedraes. O velho criado escosseza ergueo a cabeça, e reconheceo o cantico fonebre da tribo de Campbell. Helena mostrou-se surpresa, e a pequena Sprightly derramou lagrimas. A idéa da morte e da patria tinha se despertado em seus espiritos.

Fosse como fosse, não tardou muito que se realisassem estes presagios. Annunciou-se huma borrasca; o vento tornou-se máo, o mar agitado, e bem depressa huma tempestade. A manobra foi executada com toda a lentidão; ferrou-se todo o panno, porém com muita preguia, sem vivacidade, e quasi como sem esperança. A superstitião, morenando o futuro, destruindo a energia, anniquila o sentimento da conservação. O navio tremia com o embate das vagas, como o homem treme no leito quando com febre. Graças a sua construção e a seu madeiramento, resistia ao mar, porém seguia hum ruído opposto ao que devera seguir. Por cima e em torno da *Joren Susanna*, bem como pelas escotilhas, brilhava a escuna, e bramava a vaga que a precipitava, batendo, como hum ariete bate as muralhas. Toda a noite passou-se dando á bomba; a agua entrava no porão; e tudo o que a equipagem pôde fazer foi lançar fora a agua, e por o navio em termos de vogar. Mas, que navio!

Hum dos mastros tinha desaparecido; foi preciso cortar o outro.

O casco ou o cadaver da *Joren Susanna* continuava a viagem sobre o abismo que, virando, atirava com o navio tão bello, tão novo, vigoroso e rapido, no outro tempo. Neste tunulo arrastado pela tempestade achava-se huma multidão de homens apoderados de medo, que só faziam suas obrigações pelo habito em que estavam. O heroismo dos marinheiros consiste em obedecer e trabalhar, ainda mesmo quando da obediencia e trabalho só temão a esperar a morte.

"Meu pai, ha esperanças?" perguntou hum voz doce.

"Oremos, minha filha" respondia o ministro presbyteriano, com os olhos humidos e o peito opprimido.

Nunca sahirá da minha lembrança o que então se passou. As orações desta voz veneranda, a balha das folhas da biblia que voltavam os dedos do vrbis, e as respostas das duas meninas, pallidas e deitadas em assombras, ao lado de hum luz viciante, tudo tenho impresso na memoria.

A morte ribombava no céu, e o abismo atirava o navio; o capitão bebia hum para animar, os seus corações, mas sua esperança; os homens, cansados, lutavam ainda, e o navio, que com toda a habilidade se havia calafado com huma rede, prosseguia sua carreira vacillante e incerta.

(Continuar-se-á.)

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

QUINTA-FEIRA 16 DE ABRIL DE 1840.

N. 229.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapros de Vidigal Irmão & Co., rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas rendem-se a 160 reis na sobrelita Fabrica, e os artigos imprimem-se a 60 reis por linha, mas dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

MARANHÃO.

CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor.

CHEGANDO a pouco do interior da nossa commarca vimos a Revista n.º... em que o Sr. Sotero respondendo a um artigo Communicado da Chronica n.º 116 dirige-se claramente a nós. Contempta fama, virtudes contemuntur, cumpre pois repellir as falsas imputações, com que fomos assaltados pelo odio, e espirito frenetico de partido.

O sr. Sotero, como que para convencer-nos particularmente da perversão em materia politica, que esse communicado lhe expôa, afirma que no tempo da primeira invasão de Caxias aconselhavamos a inação no governo; — apenas lhe afiançavamos a neutralidade d'esta commarca; — e lembravamos como remédio a nossos males que se concedesse aos rebeldes a derrogação da lei dos prefeitos.

Quanto ao ultimo ponto já tivemos occasião de declarar qual fosse o nosso pensamento sobre essa medida, qual o meio de a executar sem que parecesse concessão aos rebeldes, e qual o motivo poderoso, que n'essa epoca a podia justificar: S. S. porém que sempre argumenta de muito boa fé, cala quanto pessoalmente nos ouvia n'essa conversa, que depois tão alienada revêra ao publico, e offendendo as nossas intenções assevera que desejavamos que se concedesse aos rebeldes esse favor. E se nenhuma razão podia justificar então a derrogação da lei dos prefeitos, como é que o sr. Sotero nos a promettia no caso de que a opposição apoucasse a desejada suspensão de garantias, e a prestação de grandes fundos do governo para medidas secretas, e arbitrárias de policia? como é que a promettia ao presidente da provincia quando este a julgasse conveniente, segundo foi declarado pelo sr. Manoel Felizardo a diversas pessoas, que d'isso podem dar testemunho? As funestas consequências da derrogação, o exemplo terrivel, mais que o sacrificio de duzentas victimas distinctas, e de todas as familias Caxienses, mais que a sublevação geral das classes inferiores, sem que então tivéssemos forças para comprimi-las, tudo esquivia S. S. logo que a opposição lhe desse as armas para a propria perseguição e extermínio, ou que o governo outra coisa entendesse! Ora esta contradição, e subserviência não ondo muito a firmeza, e convicção de principios, nem tão pouco a independência

de caracter do nosso adversario: e todavia ninguém á i que como elle possua tanto patriotismo, dignidade, e bom juizo.

Relativamente aos dois primeiros capitulos da nossa accusação S. S. ou dá grave offensa a verdade, ou a desesperação, que o vai tomando de ver malogrando o seu projecto de iniqua diffamação, lhe traz a memoria excessivamente depravada.

Aconselhavamos a inação no governo depois da primeira invasão de Caxias. O sr. Sotero allude ao caso das cartas de cidadãos respeitáveis, e propostas indirectas do ex-presidente a alguns caudilhos rebeldes: primeiramente observaremos que essas cartas áviam já sido expedidas quando em fins de Julho do anno preterito chegamos a capital, pelo que o conselho não foi nosso, bem que approvássemos esse recurso com a generalidade dos nossos concidadãos, que manifestava a crise em que por então nos achávamos, e grandissimo o perigo, que corrião os prisioneiros, e toda população de Caxias: a nudez, e a fuga do redactor do Investigador n'essa conjunctura fornecem-nos d'isso prova, que S. S. certamente não terá por debil. E que lugar ávia para aconselhar-se a inação das operações sobre Caxias se era certo, e evidente que nos felleição forças para atacar o inimigo, se todos reconhecia que a columna pouco numerosa, e municiada, commandada pelo tenente-coronel Junqueira devia retrogradar para o Itapucurú, em ordem a não ser sacrificada? Assim o ávia já determinado expressamente o ex-presidente, antes que lhe fallássemos, o assim pensava o sr. Manoel Gomes da Silva Belfort, como o declarou em parlamento, presentes nós, o sr. Leonel Joaquin da Serra, e não sei mais que outras pessoas. Não podia pois dar-se conselho, e duvida onde a coisa era manifestada, necessitada, e já decidida.

Apenas afiançamos a neutralidade da nossa commarca. Não; afiançar o socorro é coisa bem diversa de afiançar neutralidade, que envolve proposito de não obrar, podendo o termo neutralidade aqui não passa de maligna impropriedade, e insinuação calumniosa do nosso adversario, e inimigo particular, o rançoso da commarca de Alcantara. E a verdade toda é que sobre assegurarmos ao governo essa vantagem, que alguns inimigos de S. S. áviam apresentado vacillante pelo lado de Santa Helena, suscitamos tambem a idea de marcharem contingentes de Alcantara para as fronteiras d'ella, e de Viana, onde se fossem disciplinando para serem depois empregados como melhor conviesse: não afiançamos a verdade todo o bom resultado, que da

medida proposta se podia esperar, pelo receio de que nos não acontecesse o mesmo que a S. S., que assegurando a marcha com facilidade de duzentos G. N. de Guimarães apenas em oito meses, e nos dez, e aos quinze, tem podido o seu empenhado mandar oitenta, ou cem de sua legião, e quasi que recrutados. A medida que lembramos, e que bem sabe o sr. Sotero por quem, e porque motivo foi então desacreditada, mereceu depois a approvação do governo, e começando a executar-se em Janeiro d'este anno prestou já (em menos de tres meses) um recurso maior do que o dado pelo sr. prefeito, e coronel da G. N. de Guimarães. Torquato Coelho, apesar de já ali existirem forças organisadas, e de aqui ás não áver absolutamente, e maior tambem do que aquelle que fora pedido pelo sr. Manoel Felizardo por outro meio, que ao sr. Sotero parecera preferivel, se não é que só desejava elle o apparecimento de ordens não cumpridas, ainda que por inexequíveis, para d'ali tirar pretextos com que podesse depois diffamar os Alcantarenses. Imprudente repudio de 1833! ferida incuravel, que ainda sangra doidamente no peito do Pedrete maranhense!

Quanto ao espirito, e insinuações venenosas, que de toda a accusação transpirão contra os nossos sentimentos de ordem, e legalidade, apenas retorquimos ao nosso aggressor — que o partidario presumptuoso, e intolerante, que o calumniador publico, e systematico, que o campeão da delação, e espionagem, que o inimigo por excellencia do nome alcantarenses, des que esta commarca lhe não sustentou a candidatura á deputação geral, por mal acreditado, e por suspeito, não será capaz de aventurar a nossa reputação no seu miseravel systema de diffamação calumniosa.

É um exemplar de moderação e justiça o escriptor que constantemente ultraja a opposição, e a sua provincia, exorcizando-se por fazer crer que grande parte da intelligencia, e capacidade maranhense conspirara contra a ordem publica, primeira necessidade do paiz: e todo lealdade, e boa fé o ómém que perante o sr. Manoel Felizardo para convencer-nos de que não devíamos arcear-nos da suspensão de garantias, e dos fundos secretos para a espionagem, argumentava com a grande confiança, que devia merecer-nos o ex-presidente, quando a dimissão d'esta ávia já sido pedida pelo mesmo cavalheiro, que assim trata o presidente, e a opposição, sendo tanto certo que elle, e os seus amigos de mais a mais áviam solicitado a nomeação de um general, que supprisse ca-

paz de com taes meios fulminar toda a opposição: é *patriota* a quem mal cabe a censura de *ambição excessiva* o professor que para sustentar-se no mando legislativo mais concorre para os grandes attentados sobre os direitos electoraes de um circulo inteiro, como foram demonstrados, e reconhecidos pelo Augusto Senado Brasileiro, approvando (e não simplesmente addiando como dice S. S.) o parecer de sua commissão, que os mandava prover de remedio pelo governo: o jornalista que no mesmo intuito, e a despeito dos interesses da provincia, sacode o archote da ira, e da calumnia, da intriga, e dos odios no meio da população consternada, em vez de justificar os erros, imprudencias, e impericia do partido a que serve, e que tanto contribuirão para a calamidade, que nos tem flagellado!

Obstina-se pois o sr. Sotero (e nós o esperamos) a incluir o nosso nome na predica malavisada, e desusada, com que se alimenta o seu jornal; mandando pelos seus organos mais indecentes, e descomedidos insultar com torpezas todos os alcantarenses, e particularmente os membros da nossa familia: a sua cohera, repetimos, não nos molestará, nem os cidadãos d'esta commarca farão cabedal da cruzada, que contra elles S. S. tornou a levantar: a lei, a justiça publica, e a propria consciencia nos ressaltarão dos seus arremessos. E no entanto estimaríamos desabuloso de um erro, em que labora suppondo que lhe consagramos rancor: não, nós o lamentamos mais do que o odeamos; inspira-nos mais lastima do que rancor a perversão, em que S. S. tem caído, e a depravação assim dos principios politicos, como dos sentimentos de honestidade, e justiça, a que o tem rebaixado o fanatismo do odio, e a avidez de um mando exclusivo.—

Sou Senr. Redactor

Seu am.º e cr.º

Joquim Franco de Sá.

Alcantara 2 de
Abril de 1849.

CHRONICA MARANHENSE.

—Em o numero 22 da Revista occupou o digno redactor duas boas columnas em deprimir particularmente os senhores Sás; e nada houve que lhes não attribuisse, e imputasse a crime; a pretendida neutralidade da commarca de Alcantara, a não execução de certas leis provinciales, e da resolução que annullava os electores do Pinheiro, e finalmente a terrivel oppressão sob que gemem os Alcantarenses, tudo é obra dos Sás. Examinemos rapidamente cada huma destas accusações, já que fazendo-as o contemporaneo não tem em vista senão produzir intrigas e divisões.

A *neutralidade*! Quando appareceu esta accusação já tinham partido de só municipio de Alcantara perto de 200 homens, nos quaes se devia reunir o contingente de S. Bento, para marcharem para o ponto que lhes fora designado pelo governo. Esta força, tirada de corpos provisórios, foi organizada no curto espaço de tres mezes, mediante a influencia dos senhores Sás, dos seus amigos, e parentes; alem della, vieram para cá vinte e tantos recrutas, que não são praças do destacamento de policia, como quer a Revista. E note-se que foi preciso vencer

certas difficuldades, que não é para agora o referir-se. Em Guimarães ha mais de oito mezes que o senhor Torquato lido por mandar cerca de 100 homens, que allas tem vindo, aos 10 e aos 12; e como de dous formidaveis batalhões que se ali crearam devia esperar-se muito mais, a Revista traçou de encobrir tam mesquinhos e lentos resultados imputando-os a manobras de uns taes perturbadores, que teima em não querer nomear, por mais que lho peçamos. Eis o que fizeram os senhores Sás, mal que o governo se dirigiu a elles; eis a neutralidade de Alcantara, para que elles concorrem.

Mas ali não se executam certas leis provinciales. Essas leis pouco ou mal executadas são as das prefeituras, e da reforma da guarda nacional, que são de uma inconstitucionalidade evidente, e a que fincacion o territorio da commarca de Alcantara, unido á de Guimarães os legares de Santa Helena e Pinheiro, contra a representação unanime daquelles povos. De que se admira pois o contemporaneo! Quando ha uma assembleia que usurpa escandalosamente poderes que lhe não competem, e faz as divisões territoriaes contra o interesse manifesto dos povos, e contra as suas clamorosas e repetidas reclamações, o que se pode esperar senão uma resistencia constante, pela força só da inercia e da opinião, que estão fora da sanção penal? Quando um povo inteiro resiste por essa forma, pacificamente, sem tumultos de qualidade alguma, a oppressão de certo está da parte do legislador. Cris o contemporaneo que para essa resistencia não ha outro remedio senão emendarem a não, se acaso não julgarem melhor estabelecerem o seu chamado governo legitimo por meio de força aberta; só assim poderá ser destruida a opinião publica que se transformou em governo de facto.

A *resolução que annullava os electores de Santa Helena*! Não podemos mais admirar o despejo com que a Revista toca nessa questão, de todo em todo contraproducente! Esse escandaloso abuso de poder é um dos muitos attentados de que tem sido victima a commarca de Alcantara, e é um dos poderosos motivos que justificam a sua resistencia de inercia e de opinião aos actos da facção. Em 1823, vendo ella que estava arriscada a perder as eleições, mandou o Sr. Gomes Bellart em pessoa, e mais outro cidadão, para concertarem um plano de alliança com a familia Sá, que hoje se insulta e calumnia; mas a alliança foi rejeitada com dignidade, por que era deshonrosa por ser parcial, perfida por se dirigir a suscitar divisões, e insultante, por involver ameaças acerca de annullamentos de electores. Pois o sr. Manuel Gomes que fora repellido, teve a pouca delicadeza de ser o proprio que apresentou o parecer annullando os electores de Santa Helena! Despresada essa resolução anarchica no collegio de Alcantara, foi toda a eleição do collegio annullada pela camara desta capital, e alguns electores daquela commarca (os de villas e logares intermedios) que vieram votar á capital, não só foram expulsos do collegio, como insultados de uma maneira atroz. Está hoje fora de divida a illegalidade de todos esses actos; o senhor Torres, ex-ministro da marinha, elector de Nithroy, que não só é cabeça de commarca, mas tambem capital de provincia, votou no Rio de Janeiro na eleição em que saiu senador o sr. Lopes Gama, e até

fui candidato á presidencia do collegio. No senado foi reconhecida a existencia dos abusos arguidos em uma representação da camara de Alcantara; e foi decidido que se recommendasse ao governo que os fizesse reparar; os senadores que quiseram procrastinar essa decisão, apenas allegavam que se devia exigir mais documentos para se poder ordenar o processo do ex-presidente Camargo, e da camara municipal! Até hoje ainda o ministério não deu cumprimento a essa decisão; mas isso prova somente que elle não tem cumprido um dever pelo systema que adoptou de usar de meios dilatorios para esquivar-se ao comprometimento com quaisquer dos partidos que retallam o Brazil. Em todo o caso como é que a facção e os seus jornalistas ousam accusar os opprimidos das oppressões que tem soffrido? Como é que ousam ainda fallar na questão, vergonhosa para elles, dos electores de Santa Helena?

Os Sás opprimem Alcantara. Para provar-se essa oppressão citou-se em 1838 um facto adulterado, o do espancamento de um tal José Adão, adoptivo; em 1840 o facto de uma mulher que mandou espancar outra, porque as suas filhas, meninas de escola, se haviam esbafetando reciprocamente; citou-se em 1838 o roubo escandaloso de uma *innocente azeiteira*, de um *periquito*, feito ao tal José Adão por um membro da familia; citam-se finalmente hoje delloramentos de virgens, e outros factos da vida privada, que o collaborador da Revista tem a impudencia de sustentar que pertencem ao dominio da imprensa, porque são *publicos*, visto serem sabidos desta e daquela familia! Se é ridiculo citar factos acontecidos com intervallos de annos para demonstrar uma oppressão terrivel e flagrant, é infame recorrer para o mesmo fim a torpezas da vida privada, que a serem verdadeiras, provariam a corrupção e relaxamento dos costumes, que é geral, e nunca a existencia de um despotismo local. No entanto a esse meio infame, o de esmerilhar a vida privada, recorreu o Amigo do Paiz, o digno collega do senhor Francisco Sotero dos Reis, e nessa carreira vai fazendo tantos progressos que já declarou, pelas iniciaes, o nome de um agente de prazeres illicitos; que um Alcantarenses distincto se lhe tem mostrado queixoso por causa de uma prima que lhe delloraram, e que ainda ha de contar mais dous casos estrondosos! Pedimos seriamente uma resposta ao senhor Francisco Sotero dos Reis: quando S. S.º consentiu que apparecessem no seu jornal taes infamias estava acaso atacado do cerebro? ou conta tanto com a moderação dos seus contrarios, tam indignamente vilipendiados, que não tema represalias? será por ventura indifferente a taes bagatellas? Esperemos pela resposta, salvo se o sizudo pai de familia quizer deixar de todo por mão assumptos, que tanto honram e illustram as paginas do seu jornal. Os senhores Sás que são sempre accommettidos quando se aproxima o tempo das eleições (que em outras epochas nem por isso os Alcantarenses excitam muito as sympathias da facção depredadora) receberam ja no entanto estrondosos elogios da boca do sr. Manuel Gomes, no recinto da assemblea provincial, e da penna do sr. Leonel, em um dos numeros da Chronica dos Chronistas, em correspondencia assignada com o seu nome; a facção tratava então

de obter o apoio dos senhores Sás, e o senhor Leonel publicou pela imprensa, que se opposera a isso, por não partilhar os seus princípios, supposto reconhecesse nelles muita illustração, e virtudes domesticas. Ora um elogio de tal hoar ou é a maior das injurias, ou só pode ser arrancado pela força da verdade. O sr. Leonel agora os insulta, mas não já com elogios.

Se não existe oppressão, a influencia dos senhores Sás é pelo menos manifestá; mas dessa se devem elles honrar, porque tem todos os titulos legítimos para exercê-la. Família numerosa, riqueza, talentos, e alianças pelos laços de parentesco, amizade, e conformidade de ideas politicas, com outras famílias que se acham na mesma posição, como sejam as dos Ribeiros, Costas, Ferreiras, Costas Leites, Cerveiras, Serrões, Caldas, &c. Ora todas estas famílias possuem em propriedade grande parte do territorio da comarca, onde existem desde tempos mui remotos, e tem por si as sympathias, das classes inferiores, mais moralizadas por aquelles lugares, que em nenhum outro da provincia. Por estar afeita a um regimen suave, é que a população inteira de Santa Helena e Pinheiro olha com horror para a sua união com Guimarães, que é impossível de effectuar-se.

Em Guimarães os senhores Coelhos tem feito até o presente quanto quorem, mas se perguntarem ao illustre redactor da Revista, quaes são os seus titulos de influencia, hade ver-se bem embaraçado para achar a resposta. Ha apenas dois Coelhos em Guimarães, donde alias não são naturaes, um delles é que allia-se com a numerosa familia dos senhores Bragas, mas está em inimizade declarada com elles. O senhor Torquato é infelizmente destituido de talentos e instrução; em seu irmão Francisco nem é bom fallar a tal respeito, para não injuriar-lo. No entanto o unico deputado provincial que reside em Guimarães é Coelho; de dois mais que se dão por representantes daquelle comarca, posto lá não residam, um é Coelho e outro seu aparentado; os Coelhos tem resumido em si os principaes postos, e cargos, e se outros em Guimarães os tem obtido, é porque a familia não tem membros de sobra; mas deixem vir uns Coelhos estudantes, e Guimarães terá a ventura de possuir juizes de direito e de orphãos dessa raça.

Eis em summa o que nestes ultimos dois mezes tem dito a facção contra os senhores Sás, depois de um tam prolongado silencio; o motivo unico é a aproximação das eleições. Por uma tática grosseira, já empregada contra nós relativamente á opposição, pretende a Revista fazer distincção entre os senhores Sás e os Alcantarenses, sustentando que nunca intrigara contra os ultimos, com a mesma boa fé com que ha dias sustentou que nunca injuriara os nossos bachareis. Em 1838, nem ao menos os senhores Sás eram candidatos, e foi annullado o collegio inteiro de Alcantara, os seus eleitores expulsos do da capital, e infamemente insultados pelo senhor Leonel; em 1836 fez-se abertamente uma cruzada contra Alcantara, cujo predomínio, segundo disse o Investigador, em um dos seus artigos, durava ha dez annos, sendo que em tempos tam atrasados, a familia, que hoje se calumnia, nenhuma influencia tinha. O proprio Senhor Francisco Sotero dos Reis, para provar então esse predomínio, escreveva

no Cacambo contra o que elle chamava por escarneo—*Senado de Tapuytaperá*, citou a presidencia do sr. Lobato, e as eleições dos deputados Estevão, Vital, e até, (quem o creria!) a do proprio senador Patricio, nenhum dos quaes por certo são da familia Sá.

Os senhores Sás podem devem honrar-se com os insultos daquelles que assim procedem, porque foram repellidos nas suas pretensões de alliança. Injuria fora ser louvado pelo collega do Amigo do Paiz, do auctor dos pasquins acerca do vapor, e dos interessantes artigos sobre as michelas e mercurios.

—Acabamos de receber cartas de Vianna, por onde somos informados de que no dia 7 do corrente chegou ali o contingente de Alcantara, desfilando com muitas deserções: o governo deve estar informado das causas que as motivaram, e sem duvida dará as providencias necessarias para remove-las. Do contingente de S. Bento, que devia ser pelo menos de 100 praças, só se apresentaram 36, das quaes desertaram 23, concorrendo muito para isso um celebre editorial do senhor Jozé Leandro Ribeiro (tam maltratado pelo Amigo do Paiz, só por um mero equívoco), e outras intrigas, como fosse persuadirem-nos que iam servir na primeira linha, &c. Creemos que o governo commetteu um erro grave, mandando fazer essa marcha por terra.

Da sua parte, os jornalistas da facção depredadora pregam abertamente o que por lá executam os seus agentes. Estes que sustentam que a desordem foi produzida porque a opposição bradou contra o despotismo das prefeituras, dizem agora com muita frescura que Alcantara está escravizada, que a familia Sá devora honras e vidas, e que para o contingente só se alistaram paes de familia, filhos unicos de viúvas, e que irão todos morrer á fome, e de molestias em alagadiços, por ser esse o plano da mesma familia Sá! A não termos já tantas outras provas, esta só bastaria para mostrar que o *legalismo e amor á ordem* que ostenta a facção depredadora é todo de circumstancia, e não passa de uma manobra de partido.

VARIEDADE.

O MAELSTROM.

(Continuado do n.º anterior.)

II.

"Ora, muito bem, Donald" exclamou o capitão "bem vedes que vencemos. Terminou o vento, e eis-nos com hum bello dia. Vosso Campbell das visões he hum imbecil, e não morremos por ter dado á vela em sexta feira."

"Com os diabos! Estamos bem multados" respondeu Donald.

Campbell, que passava por elles, asobiu sua melodia funebre.

"Almoçar, meus filhos!" gritou o capitão "hum copo de grog a cada hum, pelo trabalho! honra!"

Ninguém respondeu ao grito de alegria do chefe. Os rostos de todos continuára a ficar inquietos, e as faces tinham pintado o terror.

"A Joven Susanna precisa mais de

seus gestos do que nós de almoço" disse hum dos marujos.

A neblina da manhã foi gradualmente clareando, e descobrio no horizonte grupos de ilhas pitorescas. A colera do oceano estava aplacada, não se via huma ondulação sobre as aguas, tudo estava quedo. Em meio deste silencio ouve-se hum rumor. Que será? Longo ainda, indistincto, confuso, aproximava-se gradualmente, semelhante ao zunido de hum cortiço de abelhas.

Toda a tripulação subiu ao convêz, e demorava a respiração para ouvir; o capitão ficou immovel junto á escada da entre-ponte; o contramestre, inclinado para diante, com o pescopo estendido, o corpo dobrado e o olhar fixo, escutava com ansiedade; seu ajudante, que tinha erguido a mão para dar ordens, ficou com ella erguida e suspensa. Depois de dous minutos de demora, de silencio, de espera, todas as vistas cruzára-se, tinham entendido... tinham adivinhado!... O contramestre dirigio-se ao capitão: "Está acabado tudo" disse elle; he o Maelstrom!"

"O Maelstrom!..."

Foi hum echo de morte, com vezes, mil vezes repetido, que percorreu o navio; depois succedeo o silencio.

"O que he o Maelstrom?" perguntou ingenuamente a pobre Sprightly.

Donald começou a repetir o cantico dos mortos. Hum marinheiro, com o peito nu, que acabava de obter hum copo de grog, respondeu: "He a morte!"

"Vamos, filhos" gritou o capitão com voz aguda "trabalhar; com cem mil raios, venha outro mastro, venha huma vela nova, trabalhai, trabalhai!"

Fez-se então hum rumor terrível. O navio seguia tranquillamente sua carreira sobre a liquida planície, e o sol brilhava. Então a tripulação, cheia de huma febre de inaudita actividade, fazia os necessarios preparativos para firmar novo mastro, preparava a vela, e corria de hum para outro lado em todos os sentidos. Só o homem das visões não trabalhava. Ao contrario, Donald buscava ser util; mostrava-se em toda parte, multiplicava-se, tomava o martello das mãos do carpinteiro, applicava paternaes correções aos preguiçosos, e finalmente, em vez de ajudar, embaraçava os que manobravão. Pobre velho, que só tinha visto tempestades em Loch-Nevis, e que só conhecia de sorvedouros e abysmos as pequenas miniaturas de sorvedouros de que estão semeadas as aguas do Tweed e do Clyde. Donald não podia entender o socorro do visionario Campbell, e dirigia-lhe as mais amargas e serias reprehensões.

Em huma hora tudo arranjou-se, ergueo-se o mastro e a vela; porem, ali em vão! O penno, fluctuando, cahia pesadamente sobre o mastro que com tanto trabalho fora fabricado, e o envolvia sem mover-se. Que desesperação! a lancha tinha desaparecido com a borrasca. Vião-se ja as pontas das rochas de Lofoden. Já se ouvia de mais perto o Maelstrom, o vortice inevitavel. A cada instante mais se aproximava a Joven Susanna do monstro que ia devorá-la. Todas as vistas dirigio-se para o mastro que se não curvava, para a vela que não se agitava. Quem poderia descrever a expressão de todas as physionomias, o silencio destes homens, seu olhar fixo, o aniquilamento dos mais bravos, a resignação das meninas, a dor do pai, dor que sentia, não por si, mas por suas filhas! Tudo estava mudo! Hum cão da Terra Nova, portea-

cente ao capitão, admirável por sua fidelidade, correu por todo o navio, como querendo fugir da fatal presença do abismo, nãvando tão prolongada e terrivelmente, que amedrontou a todos os passageiros. Mac-Read orava em voz alta; as meninas estavam de joelhos.

"Bem o sabia eu," disse o visionário, que foi o primeiro a romper o silencio.

"Que sabias tu?"

"Eis ali os rochedos de Lofuden! Eu os vi, bem os reconheço; elles estavam á direita assim como alli; meu sonho não enganou-me. Oh! sexta-feira, dia fatal! Oh capitão maldito! maldito capitão!"

O grito de guerra dos Molawkos, os bramidos dos Pakkars, quando se atiraram ao combate, não são mais terríveis que os gritos de raiva dos marinheiros, que, dirigindo-se todos para a popa, agarraram no desgraçado capitão, e, apesar de seus gritos e de seus rogos, apesar de sua luta e de seu furor, o lançaram ao mar. Seu cho o rio calhou; este ultimo amigo atirou-se logo ás ondas, nadou para elle, pegou-o pelo colarinho da camisa, puchou-o para o navio, e por muito tempo resistiu á corrente que o arrastava. Por fim, ambos os braços do capitão seguraram no cabo, como em sua ultima esperança de salvação, e o amo e seu fiel companheiro submergirão-se, para nunca mais apparecerem.

Hum crime committido, a morte proxima, inúteis todos os esforços, nenhuma esperança... O navio caminhando lentamente para sua ruina! Que situação! Abandonou-se a manobra, dispersaram-se os marujos. O contra-mestre sentou-se em hum pedaço de mastro, e ficou immovel, contemplando o suicidio do navio; alguns puzeram-se a rezar, outros dançaram, e a maior parte disputou o grog e a aguardente. Alguns houve, dos mais animados, que se lançaram ao mar, saltando grandes gritos. Outros vi que, pegando-se pela mão, dançavam em circulo, como freneticos. Estes davão gargalhadas que interrompião saltando longos e terríveis soluços. Aquelles que estavam entorpecidos, ou deitados, levantavão-se, entregavão-se a hum paroxismo de alegria furiosa, quebravão as escotilhas, e lançavão as cordas ao mar. A coherda do navio representava hum destroço do inferno. Entretanto, a natureza toda brilhava sob hum sol que parecia com seu sorriso fazer caricias ás socegadas ondas da verde ilha de Mosken. A *Jocca Susanna* corria como huma flecha, sem poder parar, ou desviar do caminho que o conduzia ao inevitavel tumulo, nas entranhas do sedento vortice.

"Contra-mestre" disse o ajudante "tomo-vos por testemunha de que nenhum mal fiz ao capitão."

Sorriu-se sem responder o contra-mestre. O ajudante fazia da justiça divina precisamente a mesma idéa que se fez de hum tribunal! Contado! precisava de testemunhas diante do juiz supremo!

"Orn bem, meu pobre Will! nada respondeis? Dizei-me, quanto tempo temos ainda de vida?"

O contra-mestre se voltou para Tom.

"Rapaz" disse "se for preciso dar conta de nosso comportamento, conta comigo. Tendes mais animo do que aquelles que estão dançando lá em baixo. Porém, ferremos o ponto, e não falemos muito. Vamos lançar ferro; alli, diante de nós, está o outro mundo; esperemos pacificamente nosso fim. Tom! Hum homem corajoso morre em silencio. Adeos,

Tom. Resta-nos apenas cinco minutos para gozar da vida... nada mais."

"Contra-mestre! vereis se acaso me latimido. Adios, compadre! E estas pobres meninas!... Ah quanto me affligem!"

"Silencio! Diabos... Deos me perdoe! não digó mais nada, vai-te embora."

A atracção do Maelstrom tornava-se cada vez mais sensível. Os suicidios dos homens que se atiravão ao mar, huns cantando e outros chorando, despovavão o navio. Nas alturas de Hellsen, dividia-se alguns grupos de homens e mulheres que viao a embarcação prestes a perder-se, mas não a podião salvar. O velho tinha abraçado as filhas, e Donald tocava hum gaita de fole.

O pai tinha as filhas unidas ao seio, e olhava para o céo, pronunciando palavras que mal se percebão. Hum passaro branco como a neve, de lustrosas e brilhantes penas, veio do alto do Ambreen, esvoaçou por cima do navio, bateo as azas a pouca distancia do convex, e seguiu a embarcação por muito tempo.

O feliz passaro podia viver; o navio ia morrer. Com que inveia o viamos! Como seu destino livre fazia sobreahir a escravidão que nos conduzia á morte!

Entretanto, feria nossos ouvidos hum estrondo medonho que parecia partir do Maelstrom; ouviamos terribes mugidos e bramidos de agonia, como os de hum monstro que se estivesse debatendo com a morte. Com effeito, huma balça tinha cedido ao impulso da corrente, e hum vez chegada ao centro do humido funil (*entlannoir*) lutava em vão com a irresistivel força que a absorvia. Em vão a cauda do colosso batia as vagas que redemoinhavão, debalde lançava das ventas ao ar duas columnas d'agua que fervia: o monstro enorme foi absorvido e desapareceu.

Era a sorte que nos estava destinada: e para ella, a nosso pesar, corrimos de momento a momento com mais velocidade. A belleza do dia, a transparencia do céo, e o brilho das aguas fazião parecer incrível esta visãohança da morte, esta certeza do naufragio. Hum moco grumete, que tinha passado muitas horas a chorar, ergueo a cabeça, e dirigio-se para o contra-mestre:

"Não, não posso crê-lo: não he possível, mestre! O mar está tão tranquillo! Onde está o cachopo? Onde está a morte? Onde a tempestade? São contos de crianças, que tendes a loucura de crer."

O contra-mestre sorriu-se amargamente.

"Manobrar! gritou o grumete; vamos, vamos!"

"Manobra como quizeres, respondeo o velho marinheiro, olhando para o manchebo com infinito desdenho, daqui a tres minutos, a *Jocca Susanna* não ha de ter tres taboas juntas."

"Pois sim, quando todos estaveis desesperados, quando a borrasca nos levo os mastros, eu sabia que escapariamos!"

"Rapaz, prepara-te; enxoga os olhos, isto não he nada; apenas huma ou duas canadas d'agua salgada que vás beber; eis tudo."

O navio começa a alagar-se; a agua está turva. Rapaz, se queres ver hum homem morrer com animo, fica ao pé de mim. Mas cala-te, deixa-me tranquillo!"

Oh! bem o dizia elle! A rapidez de nossa marcha era augmentada pela impetuosa atracção do Maelstrom. Fervião em torno de nós as vagas. A *Jocca Susanna* virava-se para hum, para outro

lado, agitada pelas vagas que se combatião. Como poderei contar a agonia intensa, a atroz demencia destes moribundos cheios de vida? O navio, saltando para o sorvedouro, parecia hum ente vivo e demente. De repente, levado como a bala pelo impulso da polvora, escurrega, foge, atira-se, cabe, volta e precipita-se. Os marinheiros agarrão-se ás cordas; Donald lança-se ao abismo; ouve-se o prolongado grito de angustia; o contra-mestre agita no ar seu chapéo, em quanto a *Jocca Susanna* volta como hum brinco na mão de hum menino. Nada mais sei. Só me recordo de ter visto, em hum momento terrivel, a popa só apparecer sobre as ondas, e o abismo *aspirando*, se me posso exprimir assim, sua preza, e prestes a sorvê-la pela praça, em sua profundidade, conservando-a por hum momento suspensa nesta posição vertical.

Ea, porém, que, estendido sobre o convex, mudo, sem esperança, e quasi estúpido, observava o fim desta scena com hum resignação desesperada, achei-me ensanguentado e nú sobre os rochedos de Heggessen. Tive apenas força para arrastar-me até humas cabanas habitadas por alguns mineiros. Sem duvida, o vortice, na mesma violencia das contra-correntes que compoem o mecanismo de seu funesto torbellião, regitou alguns dos destroços que devia engolir. Vi na praia hum fragmento de taboa e hum pedaço de corda. Não ha lembrança, segundo disserão os pescadores que me acudirão, de haver nunca o Maelstrom perdoado a nenhuma de suas victimas.

(*Naval and Military Magazine.*)

AVISOS.

—Fugio a Bernardino da Silva Guimarães, no dia 14 de Março p. p. hum Escravo de nome Francisco idade pouco mais ou menos quarenta a quarenta e cinco annos Nação Rebello, he baixo grosso beijos grossos falla grosso anda bastante desembarassado, he quebrado cuja quebradura he bem vezivel, cujo Escravo he vindo de Pernambuco e comprado nesta cidade a Francisco Marques Rodrigues & Irmão, quem o prender e entregar ao annunciante receberá alem da paga boas alviças.

Maranhão 10 de Abril de 1840.

—Vende-se uma porção de terras no Munim, paragem Casca Grossa, com muitas, e boas mudieiras, como seja piquis, jatubás, páos d'arco, bacuris, sapucaias, e outras; boas para a plantação, e cultura de arroz, e mandioca, e tem parte de campo para crear: outra porção de terras no Mearim; um sítio no Cutim, com arcores fructíferas, agua corrente, casas de renda, bonito local, e com proporções para um bom sítio atenta a boa qualidade do terreno: um Carrinho moderno; e um mulato de 19 a 21 annos de idade de bonita figura, com principios de alfaiate, sadio, e muito habil para o serviço de uma casa: quem quizer comprar qualquer das cousas acima annunciadas falle com José A. P. da S. Coqueiro morador na rua dos Remedios.

—Preciza-se comprar huma preta de bons costumes, que sirva para ama de leite; quem a tiver, dirija-se ao largo do Carmo casa n.º 3.

Maranhão, Typographia Imparcial Maranhense. Anno de 1840

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

QUARTA-FEIRA 22 DE ABRIL DE 1840.

N. 230.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapéus de Vidigal Irmão & C.ª, rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os avisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

RIO DE JANEIRO.

Artigos Officiaes.

SENHOR.—Quando em 11 de Dezembro de 1824 tive a honra de propor ao augusto pai de V. M. as necessárias medidas para que no arsenal do exercito fossem recolhidos os expostos da Santa Casa da Misericórdia e os meninos desamparados, ou filhos de pais miseravelmente pobres, eu tinha um grato presentimento de que grande porção da mocidade brasileira seria desviada da tentação dos vícios e entregue ao amor do trabalho. Isto se tem realizado, e grande numero de artistas que ali foram educados estão hoje espalhados na população. Annuando por este exemplo, eu ouso agora chamar a attenção de V. M. I. sobre outra classe de seus filhos subditos a quem fallecem meios proporcionados á educação correspondente á posição social de seus pais. Eu intercedo nesta occasião pelos filhos dos officiaes do exercito, para cuja educação proponho a criação de um collegio com a denominação de—Collegio Militar do Imperador.—Bem quizera eu, Senhor, que este beneficio se estendesse geralmente aos filhos dos officiaes do exercito; mas estreitado nas attribuições do poder executivo, somente proponho o que supponho estar dentro de sua acção, esperando que o poder legislativo, que solicito se tem mostrado em generalisar a instrução publica, habilitará o governo para dar um maior desenvolvimento a este estabelecimento, tanto no pessoal como nas classes de instrução.

Este estabelecimento se destina somente para alguns dos filhos dos capitães e subalternos, não só pela esteira dos meios, como por serem estas classes comparativamente menos abastadas, visto que, além de terem menores soldos, a lei nega-lhes, em tempo de paz, as tenças que outorga aos officiaes superiores.

Depois do que tenho exposto, tenho a honra de offerecer á sanção de V. M. I. o seguinte decreto.

De V. M. I. subdito fiel e muito reverente,—*Conde de Lages.*

Decreto N. 42, de 11 de março de 1840, estabelecendo no arsenal de guerra da corte um collegio para os filhos necessitados dos capitães e officiaes subalternos do exercito.

—O regente, em nome do imperador o Sr. D. Pedro II, decreta:

Art. 1.º Como parte do estabeleci-

mento dos aprendizes menores do arsenal de guerra da corte, será formado um collegio com a denominação de—Collegio Militar do Imperador—onde serão recebidos os filhos legitimos e legitimados dos capitães e officiaes subalternos do exercito, preferindo os orphãos e os mais pobres.

Art. 2.º Não serão admitidos no collegio os que tiverem a idade menor de seis annos, e os que tiverem molestias chronicas, ou padecerem defeito physico ou mental.

Art. 3.º Logo que chegarem á idade de 15 annos serão despedidos, mas poderão ser matriculados na escola militar.

Art. 4.º A admissão dos collegiaes será regulada, a respeito de cada hum dos officiaes, pela metade do numero de filhos de ambos os sexos que tiverem, sendo numero par, e por metade menos hum, se for numero impar.

Art. 5.º Além das doutrinas e praticas religiosas, aprenderão os collegiaes a ler, escrever e grammatica nacional, principios de arithmetica, algebra, geometria, geographia, desenho e lingua franceza; aproveitando-se as aulas destas disciplinas que já existem para os aprendizes menores.

Art. 6.º No Collegio Militar do Imperador serão observados os estatutos que com este baixão, assignados pelo Conde de Lages, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra, em quanto o governo não for autorizado a despendar as sommas necessarias ao maior desenvolvimento do collegio a respeito do seu pessoal e do systema de educação e ensino.

Art. 7.º O presente decreto e estatutos serão extensivos ás provincias onde existem arsenais de guerra com estabelecimentos de aprendizes menores, na parte em que possam ter execução.

O mesmo conde de Lages, senador do imperio, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro, em 11 de março de mil oitocentos e quarenta, decimo nono da independencia e do imperio.—*Pedro de Araújo Lima.—Conde de Lages.*

—Senhor.—Grande solicitude dos poderes politicos merecem os Brasileiros que generosamente expõem a sua vida para sustentarem a independencia nacional e a conservação da ordem publica; e bem que Vossa Magestade Imperial e o corpo legislativo tenham empregado adequadas providencias para que a sua condição seja não somente abrandada com as lisonjeiras impressões da gloria militar,

mas tambem sustentada com aquelles meios que são essencialmente necessarios á sua subsistencia e de suas familias, mister he ainda que eu offereça á consideração de Vossa Magestade Imperial, que, para preencher tão beneficis intenções, minha humilde opinião acha insufficiente a disposição do decreto de 11 de dezembro de 1815, a respeito das praças do pret que ficam inutilizadas por effeito de feridas ou molestias adquiridas na guerra; hum modico soccorro, dado a homens impossibilitados de ganhar com suas proprias forças os meios de subsistencia, não salva os defensores da patria da mendicância e da immoralidade. Não he raro o doloroso quadro que se apresenta aos olhos da sociedade, a miseria succedendo ao brio e ao valor nos combates. Para que se possa obviar taes males, para chamar estes homens á vida congregada a que se tinham habituado, e onde mais facil se torne a pureza de costumes, o amor ao trabalho, e a possibilidade do melhor subsistencia com poucos meios, tenho a honra de offerecer á aprovação de V. M. I. o seguinte decreto.

De V. M. I. subdito fiel e muito reverente—*Conde de Lages.*

Decreto N. 43, de 11 de março de 1840, creando na corte, e nas provincias fronteiras do Pará, Rio Grande de S. Pedro, e Matto-Grosso, asylos de invalidos para as praças de pret que estiverem nas circumstancias de serem reformadas.

—O regente, em nome do imperador o Senhor D. Pedro II, decreta:

Art. 1.º Ficão creados asylos de invalidos na corte e nas provincias fronteiras do Pará, Rio Grande de S. Pedro, e Matto-Grosso. Na corte será estabelecido na fortaleza de S. João, e nas provincias naquelles proprios nacionaes onde convier, á escolha dos presidentes das mesmas; procurando-se que, além do alojamento e mais pertences necessarios, tenha annexo o edificio hum terreno que sirva de horto do estabelecimento.

Art. 2.º Nos asylos de invalidos serão recebidos voluntariamente todas as praças do pret que pelo decreto de 11 de dezembro de 1815 estiverem nas circumstancias de serem reformadas, e formará, conforme o seu numero, esquadras ou companhias. Os asylos serão commandados por officiaes reformados, aos quaes fica incumbido: 1.º, fazer todos os recebimentos, distribuições e contabilidade; e 2.º, procurar manter a maior disciplina militar e economica, fazendo observar as praticas religiosas, e obrigando os invalidos a que trabalhem quanto lhes for

possível no horto do estabelecimento, e nos officios mecanicos de que tiverem conhecimento; tudo em proveito do estabelecimento quanto ao horto, e dos individuos pelo que respeita aos officios que cada hum exercer.

Art. 3.º Os respectivos commandantes das armas terão a inspecção dos assylos de invalidos; rubricarão todos os documentos para recebimentos nas thesourarias, e proporão ao governo, por intermedio dos presidentes das provincias, todas as medidas que julgarem vantajosas a taes estabelecimentos.

O conde de Lages, senador do imperio, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra, o tenha assim entendido e faça executar com os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro, 11 de março de 1849, decimo nono da independencia e do imperio. — Pedro de Araujo Lima. — Conde de Lages.

(Do Jornal do Commercio.)

—Ilm. e Exm. Sr. — Sua Magestade o Imperador, o Senhor D. Pedro Segundo, soffreu no dia 23 do corrente um incommodo em Sua Preciosa Saude, o qual o privou por alguns minutos do uso dos sentidos; mas achando-se logo na manhã do dia seguinte perfeitamente Bom, o Regente em Nome do Mesmo Augusto Senhor, assim o Manda participar a V. Ex., para seu conhecimento, e para satisfação dos Povos dessa Provincia.

Deos Guarde a V. Ex. Palacio do Rio de Janeiro em 25 de Março de 1849. — Manoel Antonio Galvão. — Sr. Presidente da Provincia da Provincia de Pernambuco.

(Diario de Pernambuco.)

—Ilm. Exm. Sr. — Remetto a V. Ex. seis decretos datados de 7 do corrente mez, hum revogando o de 15 de Julho de 1838, pelo qual foi reintegrado Leonel Joaquim da Serra no lugar de Official Maior da Secretaria da Thesouraria dessa Provincia, ficando em seu vigor o de 12 de Agosto de 1837, que nomeou a Francisco José Cezar do Amaral para o mesmo lugar; e os outros nomeando a Ignacio Tolentino Joze Frazão para Official Maior da Contadoria; João Antonio da Costa, e Euzebio Severino Correa Lobão para Officiaes da Secretaria, e Joaquim Antonio Cantanhede, e Raimundo João de Azevedo para Amanuenses; a fim de que tenham todos a devida execução.

Deos Guarde a V. Ex. Palacio do Rio de Janeiro 28 de Fevereiro de 1849. — Manoel Alves Branco. — Sr. Presidente da Provincia do Maranhão.

(Do Correio Official n.º 64)

—As noticias que do Rio Grande nos trouxe o vapor *Bahiana* são da maior importancia.

As tropas imperiaes entraram em campanha sob os mais favoraveis auspícios, e hoje devem ter dado hum golpe terrivel na facção que ha mais de quatro annos desola a bella, porem desditosa provincia de S. Pedro de Sul.

Os passos do rio Cuiabá ficavam guardados por 2,000 homens commandados pelo general Manoel Jorge, e por algumas barcas canhoneiras ao mando do denodado Grenfell, para impedir que os rebeldes sobre Porto Alegre, levantando o sitio daquella cidade, fossem engrossar as forças que tem do outro lado do rio Pardo. Essas forças não ser atacadas

pela nossa cavallaria, a qual em numero de 1,600 homens, e commandada pelo valente brigadeiro Calderon, passou o rio S. Gonçalo no dia 10 do corrente.

As cartas de Porto Alegre e do Rio Grande que hoje publicamos dão interessantes noticias sobre todos esses movimentos, e para ellas chamamos a attenção dos nossos leitores.

Era opinio geral que a divisao do brigadeiro Calderon se reuniria muitos legalistas espalhados pela campanha, e que os rebeldes que sitiavam Porto Alegre teriam de retirar-se para a serra em menos de 20 dias.

Brevemente receberemos noticias de hum batalha talvez decisiva. Grande deve ser por certo a anxiedade de todos os bons Brasileiros enquanto se não souber do resultado. Nós porém o esperamos com o coração tranquillo, pois confiamos que o dia em que as armas imperiaes se cruzarem com as dos rebeldes será para nós o dia da victoria. A Providencia, que até hoje tem velado sobre os destinos do Brazil e do seu joven monarca ha de proteger os nossos irmãos de armas no esforço que vão fazer para restituir a paz e a ordem á terra de Santa Cruz.

(Jornal do Commercio.)

—Pelo paquete de vapor *Bahiana* recebemos noticias do Rio Grande até 9 do corrente Março, e de Santa Catharina até 14.

No Rio Grande, a infantaria, sahida para Porto Alegre em força de mais de dous mil homens, e commandada pelo general Manoel George, tinha gasto, como era natural, muitos dias em sua marcha, o que deu lugar a ser avisado o rebelde Neto, e a ter tempo de levantar o sitio, antes de ser acometido pela dita força, a qual ainda se achava no rio Cuiabá.

A cavallaria, em força de mil e quinhentos homens, commandada pelo brigadeiro Calderon, passou o S. Gonçalo, e marchava pelo lado de Cassapava (actual capital dos rebeldes), com ordem de reunir-se ao general Manoel George. Outra força de 800 homens da mesma arma, composta de diferentes partidas entre as quaes sobresahia a de Jeronimo Jacinto, devia reunir-se a aquella, e da parte do Rachinal, estava Juca Oureiras, esperando com outra força, para igualmente se lhe reunir.

Todas as cartas concordão em que a tropa ia com o melhor espirito e cheia de entusiasmo. Nada encontramos que confirme a noticia do assalto do capitão Juca Cypriano a Cassapava, e morte dos ministros da burlesca republica; e também nada achamos sobre a marcha e movimentos dos rebeldes. Constava que, por diversas partes da campanha, onde os povos não estavam comprimidos pela presença de forças rebeldes, se faziam reuniões legalistas, que deixavam entrever hum plano combinado de reacção a favor da causa nacional.

Em quanto a Santa Catharina, tinha sahido no dia 13 para o Rio Grande o batalhão de Pernambuco, em hum barca de vapor, e também embarcações de guerra; e estava para sahír outro batalhão, com o mesmo destino. Nenhum outro movimento importante consta tanto a respeito das forças imperiaes, como dos rebeldes.

—Das noticias que deixamos publicadas, vê-se que o governo adoptou a pla-

no de reunir a maior força possível no Rio Grande, e centralizar as operações em hum só exercito, auxiliado por grande numero de embarcações de guerra; e consta-nos que faz toda a diligencia por enviar ainda para alli novas forças navaes e de terra, plano que nos parece, e cremos que parecerá a todos os que conhecem a provincia e o estado della, o unico capaz de produzir algum resultado util. Receamos, contudo, que a força de operações por terra seja ainda insufficiente para, sem perigo, se alongar da força naval em movimentos pelo centro da provincia, e animar a reacção da população favoravel á legalidade. Porém, em todo o caso, se a força reunida não poder conseguir immediatamente o fim proposto, menos o poderia fazer dividida, e evitará mais facilmente as surpresas e derrotas, a que tantas vezes tem já arrastado as armas do imperio o erro fatal de operar com forças diminutas e fraccionadas.

(Do Despertador.)

Bulla do S. P. Gregorio XVI contra o trafico da escravatura.

GREGORIO PAPA XVI.

—Encarregados do supremo apostolado, e fazendo, posto que sem merecimento da nossa parte, as vezes de Jezus Christo, filho de Deos, que á força de amor para conosco se fez homem e se dignou morrer para salvar o homem, julgamos da nossa obrigação apostolica admoestar, como admoestamos, os fieis para que se abstenham do deshumano trafico dos negros, ou de quaesquer outros homens que sejam.

Logo que a luz da Boa Nova começou a espalhar-se entre os homens, começaram também aquelles infelizes que naquelles tempos, mormente pelas vicissitudes da guerra, cahião em grande numero na mais dura escravidão, a sentir pela maior parte allivio na sua sorte, se pertencia a senhores christãos; por quanto, cheios, como estavam, do Espirito Santo, os apostolos não só admoestavam os escravos a se conformarem com a vontade de Deos, obedecendo a seus senhores corporaes, como ao mesmo Christo, mas admoestavam igualmente os senhores para que tratassem bem os seus escravos, concedendo-lhes o que fosse de direito e de equidade, e sobretudo para que se abstivessem de maltrata-los, devendo lembrar-se de que o verdadeiro senhor não só dos escravos, mas dos mesmos senhores, he aquelle que está no céo, diante de quem não ha distincção de pessoas. E como o puro amor do proximo era hum dos pontos mais apertadamente recommendados no Evangelho, e além disto Jesus Christo mesmo havia declarado que tomaria como feita ou recusada a elle mesmo qualquer obra de beneficencia ou de misericordia que fosse feita ou recusada aos pequenos e mesquinhos, facilmente resultou que não só os christãos começaram a tratar os seus escravos como irmãos, mormente se tinham a mesma fé de seus senhores, mas que começaram a mostrar-se mais inclinados a dar-lhes a liberdade, se o mereciam, o que sobretudo costumava ter lugar pelas festas da Pascoa, como nos consta pelo testemunho de Gregorio de Nicea. Não faltaram mesmo pessoas, segundo assevera o varão apostolico e nosso predecessor de santissima memoria, Clemente I. que as

conheceu, as quizes ardendo em fogo de caridade, até tomá-lo sobre si cadáver alheio, por não terem outro meio de resgatar seus irmãos. A consequência disto foi que quando, pelo andar dos tempos, as trevas da superstição se foram fazendo menos cerradas, e os costumes dos povos, ainda os mais fragueros, começaram a adoçar-se pelo benefício da fé que obra por meio da caridade, chegaram as cousas a ponto, que já, desde muitos séculos, não havia vestígio de escravidão na maior parte dos povos christãos. Todavia (e com bem magoa o dizemos!) não foi tão geral esta regra, que mesmo entre os fiéis não houvesse pessoas que, movidas do torpe amor do ganho, ou não tiveram escrúpulo de ir a paizes remotos reduzir á escravidão os Indios, os negros e outros desgraçados, ou promoverão tão indesejável indignidade, dando toda a extensão que poderão ao commercio e trafico daquelles que outros já tinham reduzido á escravidão.

Muitos bispos de Roma, nossos predecessores, de gloriosa memoria, não tardarão, como cumpria ao seu dever apostolico, a censurar fortemente commercio tão odioso, não só como altamente indigno do nome christão, e opposto á salvação das almas de quem o fazia, mas como tendente a fazer cada vez mais forte o odio contra a verdadeira religião entre os povos infieis que eram victimas de semelhante attentado. A isto se refere effectivamente o breve apostolico de Paulo III, dirigido a 29 de maio de 1537 ao cardeal archbispo de Toledo, e outros mais extensos dirigidos por Urbano VIII ao collector da camara apostolica em Portugal, em 22 de abril de 1623; em todos os quaes são asperamente ameaçados, especialmente aquelles que ousassem reduzir á escravidão os Indios occidentaes ou meridionaes, vendendo-os, comprando-os, trocando-os, ou dando-os, separando-os de suas mulheres e filhos, roubando-lhes as suas propriedades e effectos, transportando-os, ou mandando-os para outros lugares, ou privando-os da liberdade e conservando-os em escravidão por qualquer maneira que fosse—ameaças que igualmente abrangiam os que para tal fim dessem conselho, ajuda, favor, ou auxilio, sob qualquer pretexto ou cor que isso se fizesse, ou que sustentasse que tal trafico era permitido, e tomassem parte nelle de qualquer maneira que fosse.

Estas determinações dos Papas acima mencionados confirmou e renovou posteriormente Bento XIV por meio de hum breve apostolico, que em 20 de dezembro de 1741 dirigio aos bispos do Brazil e de outras partes, afim de chamar a sua attenção sobre este objecto; e já antes desta época outro nosso predecessor, Pio II, quando Guiné, paiz habitado por negros, tinha cabido no dominio dos Portuguezes, havia dirigido em 7 de outubro de 1442 hum breve ao bispo de Rovigo, que estava para fazer viagem para aquelles paizes, no qual não somente lhe dava todas as faculdades necessarias para o effectivo exercicio do sagrado ministerio, mas asperamente reprehendia os christãos que reduzião os novos convertidos á escravidão. Mesmo nos nossos dias, Pio VII, animado do mesmo espirito de religião e caridade que seus predecessores, empregou toda a sua influencia para com os diferentes soberanos, afim de que o commercio da escravidão fosse inteiramente abolido entre os christãos.

Todavia, se estas determinações e trabalhos de nossos predecessores, com o auxilio de Deos, não tem concorrido pouco para proteger os Indios e mais povos acima mencionados contra a crueldade dos conquistadores, ou contra a avariz dos mercadores christãos, nem por isso o effeito tem sido tal que a Santa Sé se possa livrar de ter obtido o fim das suas diligencias; porque ainda que o commercio de escravos se ache de facto até certo ponto diminuido, não he menos verdade que diferentes christãos continuão a exercita-lo.

Em consequência do que desejando que semelhante infamia seja por huma vez abolida em todos os paizes da christandade—depois de termos ouvido o conselho de alguns cardeaes, nossos veneraveis irmãos, e de ter considerado maduramente a cousa—caminhando pelas passadas de nossos predecessores, admoestamos e conjuramos por Jesus Christo todos os fiéis de qualquer estado e condição que sejam, para que daqui em diante não continuem a opprimir tão injustamente os Indios, negros, ou outros quaisquer homens, privando-os dos seus bens, ou fazendo-os escravos, nem mesmo se atrevam a dar auxilio ou favor áquelles que tal trafico exercitam, por meio do qual os negros, como se fossem animaes bravios e não homens, são reduzidos á escravidão de qualquer maneira que seja, e sem respeito para as leis da justiça e da humanidade, comprados, vendidos e condemnados aos mais duros trabalhos, alem do inconveniente de eternisar as guerras e as discordias nos paizes em que se faz o commercio da escravidão, em razão da esperança do ganho com que se animam os que se occupam na apprehensão dos negros. Tudo isto, portanto, nós reprovamos como altamente indigno do nome de christão, em virtude da autoridade apostolica que nos compete, e com essa mesma autoridade prohibimos que qualquer ecclesiastico ou leigo, sob qualquer pretexto que seja, se atreva a favorecer ou proteger o trafico da escravidão, ou a pregar e ensinar em publico ou particular, de qualquer maneira que seja, cousa alguma contra o que nestas nossas letras apostolicas se acha determinado. Dada em Roma sob o anel do pescador, aos 3 de dezembro de 1839.

LEUZ, CARDEAL LANERUSCHINI.
(Do Jornal do Commercio.)

PERNAMBUCO.

Rio Grande do Sul.

—As noticias, que de novo tinham chegado desta Província pelo vapor Baiana e que datão de quatro de Março são de algum modo lisonjeiras, se acreditarmos a alguns escriptores, bem que outros não vêm esse futuro esperancoso; mas consta, que a posição do rio Cahy se acha effectivamente occupada pelas forças imperiaes das tres armas, e competente força naval; que, sendo a viagem de nossas embarcações retardada por nove dias, e tendo o rebelde Netto passado com algumas forças para a campanha, mandara o Presidente 18200 homens da guarnição de Porto Alegre occupar os passos, e embarcar a passagem dos inimigos, o que foi sustentado por 6 dias até que chegou do Rio Grande o General com o quinto batalhão de Caçadores.

Destes movimentos esperava-se, que fosse impedida a reunião das forças inimigas, e que os rebeldes fossem obrigados a abandonar Lages; mas o Diario do Rio finalisa um artigo dizendo: „Os movimentos do Rio Grande darão pequeno resultado: as Províncias de Santa Catharina, e S. Paulo estão seriamente ameaçadas; sua sorte está nas mãos dos Rebeldes.”

Deixamos pois a capacidade de nossos Leitores o julgar da probabilidade da successão sorte dessas duas Províncias a vista da parte official, e cartas particulares, que publicaremos.

Santa Catharina.

O Municipio de Laguna ainda se achava infestado por alguns grupos de rebeldes, em numero de cem homens, commandados por um tal Philippe Capote. Canavarro conservava-se pelas Torres; o Coronel Mello, com a columna da Cruz Alta, achava-se nos Corithanos, guardando o passo das Canoas; mas estava ameaçado de ser atacado com vantagem pelo Rebelde Teixeira, reunido a outros, e commandando mais de 13000; Bento Manoel não deixa a Vaccaria, e elle por esse lado, Bento Gonçalves, e Netto, unidos a Canavarro pelo Sul, pretendem dar um ataque geral sobre a Província.

O nosso Batalhão provisório, tinha sahido para o Rio Grande “para ser dissolvido”

S. Paulo.

O General Labatut tinha sido recebido com enthusiasmo: já tinha partido para Coritiba, mas algum tanto descontente por não achar os 2,000 que lhe se annunciara na Corte.

O Presidente negou a sanção á Lei, que criou um banco Provincial, o que tem irritado os animos contra elle não só na maioria da Assembleia Provincial, como na porção mais importante da população da Província. As folhas publicadas, órgão desse partido, promettem fazer-lhe a guerra.

Na Franca, o faccioso Anselmo, que havia sido absolvido de seus crimes pelo Jury, a frente de caboclos armados, continua com o seu soberano desprezo ás leis, e as autoridades; e é tal o respeito que se lhe tem, que apenas se soube, que ia soltar em Uberaba (districto de Minas) a dois presos para recruta, immediatamente foram estes soltos; então Anselmo, sabendo em caminho desse resultado, mandou dizer aos que o avião prendido, que desistia de sua marcha pelos muitos afazeres.

(Do Diario de Pernambuco.)

PARANÁ.

Quartel da Presidencia, e do Commando das Armas na Cidade do Maranhão, 12 de Abril de 1840.

Ordem do Dia n. 28.

—S. Exe. o Sr. Coronel Presidente, e Commandante das Armas da Província, manda fazer publico, que tendo do Caxias marchado uma partida commandada pelo Sr. Major Ernesto Euilano de Medeiros, a bater os rebeldes reunidos na Fazenda S. Benedicto, obteve dispersal-os no dia 19 do mez p. p., até o Salitre, onde se achavam intrincheira-

dos, ali pouco resistirão, sendo perseguidos até a distancia de 2 legoas.

O mesmo Exm. Sr. manda igualmente publicar o acontecimento que teve lugar no mesmo dia 19 na Povoação de Meritibá. Tendo o Commandante do destacamento d'aquella Povoação o Capitão João Luiz de Castro e Gama, fora do acampamento, contra as ordens de S. Exc. em diferentes serviços, até mesmo de interesse particular, mais de 150 praças, deixando a guarnição reduzida a um pequeno numero de soldados, e paisanos, alguns dos quaes bastante doentes, foram disto sabedores os rebeldes, que em numero de quinhentos se dirigiram para ali as 10 horas da noite e entraram sem resistencia alguma, hindo assassinar em seu proprio Quartel o dito Capitão Castro, morrendo tambem alogado o Alferes Manoel José dos Santos Amaral, que não se quiz entregar prisioneiro: folosamente os rebeldes mal dirigidos, e com o sentido unicamente no roubo que fiserão nas poucas cascas, que n'aquella Povoação existiam, diminuto dano nos cauzaram, dando tempo a que os individuos, que ali se achavam, se retirassem com o apoio da Canhoneira n. 1. commandada pelo 1.º Tenente da Armada Nacional Antonio Carlos Figueira de Figueiredo, ficando apenas 5 Soldados prisioneiros, dos quaes já dois se apresentaram; roubarão com tudo nesta mesma occasião uma porção de cartuchos que encontraram, os quaes foram logo consumidos com o desordenado fogo que fiserão a dita Canhoneira. S. Exc. deplora um tal acontecimento, devido sem duvida á relaxação com que aquelle Capitão se houve no commando do Ponto, que lhe fora confiado e manda louvar ao dito Sr. 1.º Tenente Figueira o procedimento que teve conduzindo-se com valor, e discernimento, não só recolhendo a seu bordo todas as pessoas que se apresentavam, como sustentando um vivo fogo contra os ditos rebeldes.

Constando a S. Exc. que alguns Senhores Commandantes de Columnas, e mesmo de Corpos, tem demittido do serviço praças nelle alistadas, a seu arbitrio, manda prohibir expressamente semelhante abuso: e ordena que sejam remetidas para a Capital as praças que se inutilisarem no serviço, a fim de serem inspecionadas pela Junta de saúde e terem então o conveniente destino.

Antonio Nunes d'Aguilar.
Ajudante e Quartel-Mestre General.

Quartel da Presidencia e do Commando das Armas na Cidade do Maranhão, 14 de Abril de 1840.

Ordem do Dia n. 29.

S. Exc. o Snt. Coronel Presidente e Commandante das Armas da Provincia, manda publicar que o Tenente do 8.º Batalhão de Caçadores Francisco Antonio d'Oliveira, fora reformado por Decreto de 2 de Dezembro ultimo, em conformidade da Lei n.º 41 de 20 de Setembro de 1838; e que foram Promovidos para Capitão da 4.ª Companhia do 7.º Batalhão de Caçadores o Capitão de 1.ª Linha Lourenço Justiniano da Serra Freire, e para Tenente da 5.ª Companhia do mesmo Batalhão o Alferes de 1.ª Linha Diogo Garcia Palla, este por Decreto de 21, e aquelle por Decreto de 11 tudo de Fevereiro do corrente anno. Devendo-se formar relações exactas dos Senhores Officiaes tanto de extincta 2.ª

Linha, como de ordenanças, não só para que sejam classificadas, como tambem para se conhecer em que se achão empregados, ordena S. Exc., que estes Senhores compareçam no Quartel do Commando das Armas no dia 25 do corrente mez ao meio dia, munidos de suas Patentes, ou Titulos pelos quaes se verifique o Posto a que foram elevados.

Antonio Nunes d'Aguilar.
Ajudante e Quartel-Mestre General.

CORRESPONDENCIA.

Snr. Redactor da Chronica Maranhense.

Rogo-lhe queira inserir nas paginas de sua bem conceituada Chronica o incluso Officio, e resposta que a elle dei, para que o Respeitavel publico fique sciante de que eu satisfiz o que contractei com o Exm. Governo, relativamente á Obra da Caza Penitenciaria que se acha paralisada. Obzquoio este que lhe pede o

Seu Assignante V.º e C.º

Maranhão 15 de

Abril de 1840.

Manoel José de Medeiros.

Ilm. Snt.

Para satisfazer ás ordens que tenho do Governo preciso saber de V. S. qual he o motivo porque se acha paralisada a obra da Caza de prisão com trabalho de que V. S. he um dos Arrematantes ou Empreiteira. Deos Guarde a V. S. Maranhão 13 de Abril de 1840.

Ilm. Snt. Manoel Joze de Medeiros.

Joze Joaquim Rodrigues Lopes.

Capitão de Engenheiro.

RESPOSTA.

Aceuzo haver recebido o Officio, que V. S., em data de 13 do corrente me dirigio, em que exige de mim, como arrematante da Obra da Caza Penitenciaria, lhe diga qual o motivo porque se acha paralisada a mesma Obra, para poder satisfazer ás ordens do Exm. Governo; consequentemente respondo, que arremattei hum terço da mesma Obra com a condição de o dar prompto em 30 de Junho de 1838, como dei, e tanto que neste mesmo dia participei ao mesmo Exm. Governo haver satisfeito quanto com elle havia contractado, demonstrando-lhe que, alem da Obra ajustada, fiz construir mais Obra da que ajustei, como está patente, e que a houvesse de mandar inspecionar, e dar-me 3.500\$000 rs., ultimo pagamento ajustado; cuja inspecção mandou fazer; e como se achasse a Obra completamente acabada, ordenou, o mesmo Exm. Governo, ao Inspector do Thesouro Provincial que me mandasse pagar a mencionada quantia, pagamento que se me não pôde fazer todo, fazendo-se-me o de 2.000\$000 rs., e determinou, o mesmo Inspector, que o resto se me devia pagar em tres prestações de 500\$000 rs. cada uma; o certo é que até hoje se me não pagaram estas prestações, o que se devia ter feito, visto que se não desse a Obra prompta no tempo ajustado seria obrigado a pagar uma multa de quatro contos de reis, como tem do pagar Joaquim Manoel da Cunha, arrematante dos outros dois terços da mesma Obra; o mesmo que a tem paralisado depois que

recebeo, em 1837, o respectivo pagamento, o que é bem constante, e nem por isso tem sido obrigado a cumprir as condições com que arrematou &c. He pois o que entendo lhe devo responder.

Deos Guarde a V. S. Maranhão 15 de Abril de 1840.

Ilm. Snt. Joze Joaquim Rodrigues Lopes Capitão do Imperial Corpo de Engenheiros.—Manoel José de Medeiros.

CHRONICA MARANHENSE.

As noticias que pelo vapor-Bahiana, entrado neste porto no dia 18, nos vieram do sul, constam dos extractos que damos, no lugar competente. Parece com tudo que é sem fundamento a asserção do Diario de Pernambuco de que o batalhão provisório dessa provincia, que embarcára de Santa Catharina para o Rio Grande, ia ser dissolvido; julgamos até que o Correio official desmentiu essa noticia, dada originariamente por outros jornaes do Rio.

Entre as peças officiaes, transcrevemos um officio do ministro da fazenda mandando dar execução a varios decretos de nomeação de empregados da Thesouraria, mencionados tambem na portaria do mesmo ministro, transcripta em o nosso n.º 24. Ora nem o officio nem a portaria appareceram, e ha toda a razão para crer que foram officiosamente extraviados, como ja o fora o decreto que mandava despedir o senhor Quim da thesouraria por falta de idoneidade! Bom será que o senhor ministro saiba que ha potencias invisiveis que põem obstaculos á execução das suas ordens, fartando-as. O senhor Manoel Gomes seguramente não lê a Chronica, e é provavel que ainda não tenha tido tempo de ler o Correio Official, e assim não fará talvez aviso algum a este respeito para a corte. A Chronica ao menos supra semelhante falta, quanto está nas suas posses.

AVISOS.

Sabio a luz a famosa Carta do Mandarin da China, novamente re-impressa e acrescentada; vende-se nesta Typografia a 160 réis.

Perdeu-se em a route de Quinta-feira Santa, huma pulseira de coralina, feixo de ouro, desde a Igreja da Sé até o Carmo, quem a tiver achado, e a entregar em casa do Doutor Tavares, rua das Barrocas, será gratificado.

José Francisco de Mattos Lima na Praya-Grande, casa n.º 20 tem para vender muito boas Bixas, chegadas ultimamente e vendo por preço muito commodo.

No Escritorio de Manoel Pereira da Costa, vende-se Espadas, Talins, Cananas, Gravatas; e Bandas de Seda para militares. Também tem rapé Arca-Preta chegado recentemente de Pernambuco.

Maranhão, Typographia Imparcial Maranhense. Anno de 1840

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

DOMINGO 26 DE ABRIL DE 1840.

N. 231.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapcos de Vidigal Irmão & C.ª, rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas aculsas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os avisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

RIO DE JANEIRO.

Resumos de mappas estatísticos que acompanharam o discurso com que o presidente da provincia do Rio de Janeiro, Paulino José Soares de Souza, abriu a sessão ordinaria da assembleia legislativa provincial.

Orçamento da receita e despesa provincial, para o anno financeiro de 1840 a 1841.

Receita.

Dízimo do café.....	Rs. 476.912\$000
Dito do algodão.....	58\$000
Dito de miungas.....	1.362\$250
Dito do assucar.....	29.420\$000
Contribuição da policia.....	7.206\$000
Decima urbana.....	27.660\$000
Legados e heranças.....	17.309\$000
Direitos de portagem.....	15.000\$000
Passagens de rios.....	3.500\$000
Imposto de 20 p. c. na aqueducto.....	26.331\$000
Dito em 801.000 lb. de carne verde, a 5 rs.....	4.005\$600
Suécio literario.....	797\$760
Novos e velhos direitos.....	3.917\$700
Meias sizas.....	16.799\$000
Tercas partes do officio de justiça.....	35\$000

Rs. 629.313\$400

Despesa.

Com a assembleia legislativa provincial.....	
Diaria de 6.400 a 35 membros, calculada para 76 dias de sessão.....	17.510\$400
Indemnização annual para os despesas de ida e volta.....	1.000\$000
Ordenado dos officios da secretaria da assembleia legislativa provincial, impressão dos projectos e mais papeis da assembleia, papel, penas, &c., para o expediente.....	4.372\$000
Com a secretaria da presidencia.....	14.200\$000
Com a escola de architectos medidores.....	6.540\$000
Com as aulas maiores.....	5.440\$000
Com a escola normal.....	2.641\$840
Com o lyceo provincial.....	7.600\$000
Com a instrução primaria.....	18.040\$000
Com os juizes de direito.....	18.000\$000
Com sustento de presos pobres.....	8.000\$000
Com despezas policiaes.....	4.000\$000
Com a gratificação de 23 cirurgioes vaccinadores.....	4.600\$000
Com a congrua dos paro-	

chos, seus coadjuutores e guizamentos para as igrejas matricizes.....	28.608\$880
Com a construção de matricizes e reparo das existentes.....	42.333\$332
Com o corpo policial, a saber: 129 de cavallaria e 130 de infantaria, total 259.....	116.833\$360
Com a iluminação da cidade de Nictherohy.....	14.635\$000
Com a directoria das obras publicas.....	17.735\$500
Com as obras publicas.....	207.200\$000
Com as passagens de rios e o farol da barra do porto da Estrella.....	5.039\$930
Com a fiscalização e arrecadação das rendas provinciaes.....	59.720\$127
Com despezas eventuaes.....	10.000\$000
Rs. 674.051\$719	

Generos despachados pela mesa provincial, estabelecida na do Consulado da corte, em decurso do anno financeiro de 1838 a 1839, e o mesmo para o 1.º semestre de 1839 a 1840, desprezando frações.

	1.º semestre de 1838 a 1839	1839 a 1840
Café @.....	3.598.600	2.911.590
Assucar ".....	nil	368.857
Algodão ".....	1.217	214
Feijão alqueires.....	6.992	5.560
Milho ".....	14.173	3.640
Arroz ".....	68.393	25.016
Amen-doin ".....	664	242
Aguardente de consumo pipas.....	215 mod.ª	29.336

Quadro estatístico da população da provincia do Rio de Janeiro (excluído o municipio da corte), em relação às condições, sexos e cores, em 1840.

LIVRES.	
Branços, Homens 58.579	
Mulheres 54.394	
Indigenas, Homens 2.788	
Mulheres 2.817	
Pardos, Homens 24.678	
Mulheres 26.327	
Pretos, Homens 6.181	
Mulheres 7.206	
	183.190

CATIVOS.	
Pretos, Homens 131.114	
Mulheres 79.771	
	210.885
Pardos, Homens 6.759	
Mulheres 6.398	
	13.147
	224.032
	407.212

As seguintes freguezias e curatos ainda não tinham remittido mappas quando este quadro se formou, a saber: freguezias—Inhomirim, Pilar, Iguassu, Tamby, Santissima Trindade, Barreto; curatos—Carapibus, Desterro da Quissamã, Dóres, N. S. da Conceição do Paqueta.

Na freguezia de Itaboraí, faltou o 8.º quarteirão, que não enviou o respectivo juiz de paz, e tambem na freguezia de S. João Baptista de Nova Friburgo o 8.º quarteirão do 2.º districto.

Póde-se calcular a população das referidas freguezias e curatos em 29 a 25 mil almas, elevando assim a população de toda a provincia a mais de 430.000 almas, e juntando-se a essas 97.162 que tem as 8 freguezias da cidade do Rio de Janeiro, e 39.916 (*) que tem as 8 freguezias fora da mesma cidade, teremos humma totalidade da população da provincia do Rio de Janeiro e do municipio da corte de 567.078 almas, que talvez na verdade monte a 600 mil almas, visto que o mappa da população do municipio da corte foi formado em principios de 1838.

Mappa dos crimes commettidos durante o anno de 1839 na provincia do Rio de Janeiro, de que tomaram conhecimento as autoridades, e deram lugar á formação de processos, com a especificação das circumstancias das pe-s-soas, dos réos, numero de crimes, &c.

Homicidio.....	48	cas.....	5
Tentativa de homicidio.....	28	Uso de armas.....	6
Ferimentos graves.....	33	Resistencia.....	3
Ferimentos leves.....	24	Roubo.....	15
Offensas physicas.....		Furto.....	39
		Furto de se-cra-vos.....	5
		Estellionato.....	6

(*) O Diario do Rio n.º 55, do 7 Março, apresenta um mappa, em que ha grandissima differença quanto ao municipio da corte, a que elle dá uma população (na cidade e subúrbios) de 198.716 almas. A toda a provincia dá 639.888, sendo 212.316, livres, e 318.572 escravos.

Damno.....	22	mento de deve-	1
Rapto.....	2	res.....	1
Adulterio.....	1	Carcere privado.....	1
Destruição.....	2	Injúria.....	4
Ameaça.....	6	Ameaça.....	3
Redozir á es-		Perjúrio.....	5
cravidão.....	4	Desobediência.....	5
Prevaricação.....	5	Fuga de presos.....	2
Abuso de autho-		Calúnia.....	1
ridade.....	4	Injúria e calum-	
Responsabilidade	1	nia.....	6
Concussão.....	1		279
Peculato.....	1		
Falta de cumpri-			

Estes crimes foram commettidos nas seguintes comarcas:

Nitherohy.....	32	Cantagallo.....	9
Angra dos Reis.....	25	Rizende.....	31
Cabo Frio.....	15	Vassouras.....	16
Itaborahy.....	33	Campes.....	116

Observações.

Estes crimes comprehendem 392 réos, os quaes se dividem: quanto á naturalidade, em

Brasileiros.....	315
Estrangeiros.....	77

Quanto a cor, em

Branços.....	196
Caboclos.....	5
Pardos.....	80
Pretos.....	101

Quanto a condição, em

Livres.....	151
Libertos.....	25
Cativos.....	26

Quanto a estado, em

Casados.....	35
Solteiros.....	53
Viúvos.....	2
Que se ignora o estado.....	192

Quanto ás occupações em

Negociantes.....	8
Empregados publicos.....	8
Lavradores.....	82
Trabalhadores.....	29
Sacerdote.....	1
Carpinteiros.....	2
Caixeiros.....	6
Alfaiates.....	4
Boticario.....	1
Carreiros.....	2
Guarda policial.....	1
Serrador.....	1
Feitores.....	2
Crizados.....	2
Pescador.....	1
Que se ignora.....	232

Quanto a idade em

De 10 a 20.....	10
" 20 a 30.....	59
" 30 a 40.....	55
" 40 a 50.....	34
" 50 a 60.....	13
" 60 a 70.....	15

Que se ignora.....	206
Destes réos sabião ler.....	110
" " não sabião.....	111

Que se ignora.....	161
Tinham alguma instrução.....	35
Não tinham instrução alguma.....	156

(Do Despertador.)

A pirataria ingleza.

—O Pirata Mór do Mundo, o governo da Inglaterra, continúa em seu desatinado proposito de dar cabo da industria que lhe póde a ella ou ás suas colonias fa-

zer frente. Lord Palmerston, que está á testa d'essa cruzada, continúa em Jubbriar o direito das gentes, em zombar das Nações que ainda empregam seus navios no resgate dos pretos cativos em Africa; e taes e tantas tem sido as intrigas d'esse perfido inimigo dos pretos, que agora conseguiu o Breve Apostolico de S. Santidade, que o myope do nosso governo mandou acodadamente transcrever no seu 'Correio Official', sob a redacção do *Cincinnati*!.. Sem duvida a bondade, ingenuidade e religião de S. Santidade foram illudidas pelas intrigas do governo pirata: S. Santidade persuadiu-se que com effeito a escravidão dos pretos era promovida por especuladores que, querendo locupletar-se n'esse commercio, assulavam umas contra outras as tribus africanas, a fim de haver guerra, prisioneiros, e resgate d'esses prisioneiros: não é porém assim; S. Santidade foi mal informado, ou antes foi trahido pelos methodistas inglezes que sustentam no ministerio a esse velhaco Palmerston.

A guerra entre as diversas tribus africanas é consequencia do estado barbaro e atrasado em que ellas vivem, suppondo que só na guerra encontrarão o que lhes falta, que a guerra é meio de enriquecer, &c., &c., e os negociantes de todo o mundo nada mais fazem que arrancar os prisioneiros á sua sorte fatal, para trahel-os ao gremio da Religião Catholica, ao centro de uma sociedade civilizada, onde vivam melhor vida do que em seus aridos sertões.

Cumpria ás Nações fortes, que se jactam de estar á frente da civilização universal, apesar dos pezares, tomar o SS. Padre por Chefe d'uma cruzada civilisadora, que penetrasse as florestas d'Africa, e doutrinasse essa população disseminada por elles, ensinando-lhes a industria, artes e sciencias; mas querer privar que os Christos impeçam o derramamento do sangue de seus irmãos, e os entreguem a vida mais agradável do que a que vivem milhares de irlandezes e inglezes (perdõe S. Santidade ao seu humillissimo filho) é contrario ao Evangelho e ao espirito da Religião do Divino Mestre.

Todavia não se persuada alguém que o amor pharisaico do governo inglez pelos pretos é filho do despejo de levar a civilização aos arcaes da Africa: não, o governo pirata, esse governo que vem roubar-nos dentro de nossos portos; que faz fogo ás nossas embarcações carregadas de familias; esse governo que acaba de insultar a Bandeira Portugueza d'uma maneira atroz não quer civilisar ninguém, quer enriquecer á custa das outras Nações, quer apoderar-se dos dominios portuguezes d'Africa, e deixar que se degolem os pretos alli captivos, quer a ruina de Portugal e do Brasil para poder em seu egoismo esclamar:—As aguas do Tejo e as do Amazonas correm, porque a Inglaterra o quer!!..

D'essa afronta nos havemos em breve libertar. Ah! perverso governo, governo pirata bem proxima está a tua queda!

(Do Instincto.)

As Reclamações da Provincia do Ceará.

—Por vezes havemos annuciado nesta folha os actos tão multiplicados de injustiça e arbitrariedade com que hum par-

tido, infenso á ordem e instituições existentes, tem marcado nestes ultimos annos a sua influencia e ominoso predominio na direcção dos negocios do Ceará, não omittindo contra seus adversarios, que são immensa maioria desta provincia, o emprego de quantos meios o espirito de reacção e de vingança costuma suggerir, quando abandonado a si mesmo e senhor dos proprios recursos de que a autoridade dispõe no interesse da protecção commun da associação.

Mas, infelizmente, nenhuma ou quasi nenhuma satisfação tem sido até hoje dada pelo governo geral aos reiterados clamores daquela provincia, para reparação de hum estado de cousas fundado toda na base da violencia e do arbitrio, e cuja diuturnidade, depois de tantos queixumes desprezados e de tão lastimavel denegação de justiça, principia a cortar-lhe até a esperança de hum futuro melhor.

No entanto, a imprensa faltaria ao primeiro dos servicos que deve ao paiz se não continuasse a chamar incessantemente a attenção dos ministros da coroa sobre os gravissimos soffrimentos daquela parte do imperio, sobretudo no que toca á anarchia policiaria e administrativa que alli reina desde tres annos, ameaçando comprometter os interesses mais serios.

A assemblea provincial do Ceará havia feito huma lei, investindo o presidente do direito de nomear e demittir os juizes de orfãos, juizes municipaes e promotores, e bem assim de escolher em listas triplices, que lhe seriam enviadas pelas camaras, os juizes de paz para cada quadriennio. Esta lei que, sem duvida alguma, pouco consoante era com o espirito da legislação geral, tinha, todavia, por escusa o mesmo estado moral de huma provincia que acabava de ser o theatro de terribilissimas desordens; a vacillação e timidez do espirito publico, que devia naturalmente ser a consequencia de taes successos; o desprezo em que por semelhante motivo as leis penaes tinham cahido; e finalmente a necessidade de fortalecer a nova autoridade na luta com o resto das hordas formidaveis de assassinos, que ainda descancavão á roda das ruínas desta malfadada provincia.

Porém, dous annos mais tarde, quando nenhum perigo já havia, e que a paz publica parecia definitivamente consolidada, graças á administração vigorosa e esclarecida do Sr. Alencar, a assemblea Cearense, que nada tem tanto a peito como apertar o nexo da união brasileira, apressou-se espontaneamente a revogar aquella lei, substituindo-a por outra que se uniformizasse com a indole da legislação do imperio, tanto mais que muitos votos haviam sido enunciados neste mesmo sentido pelos mais sabios oradores da opposição do corpo legislativo em 1837.

Huma nova lei, portanto, foi levada á sancção do presidente, o Sr. Manoel Felizardo, na qual a eleição daquelles magistrados era devolvida aos electores dos respectivos municipios, voltando assim á fonte popular que lhe assignára o código do processo, de cujas liberas disposições só pela necessidade momentanea mas irresistivel de desgraçadas circumstancias fora a assemblea forçada a deslizar-se hum pouco. O presidente, porém, olhando mais para a força que perdia pela abolição da primeira lei do que para outra qualquer consideração, recusou a sancção, e fez voltar a lei á assemblea. Esta, depois de vota-la de novo, a reconvio ao presidente, o qual ainda desta vez a não

quize sancionar, bem que evidentemente encerrasse um grande principio de ordem, de centralização e de homogeneidade com toda a legislação do imperio. Então, o presidente da assembleia provincial, em virtude do artigo 19 do acto adicional, sancionou a lei, e a expedio ao secretario do governo, a fim de que a mandasse executar. Em taes circumstancias, o presidente da provincia reconheceu que devia effectivamente fazê-la imprimir, publicar e executar.

Mas, logo que todos os suffragios pronunciaram-se contra o partido dominante, cujos candidatos foram excluidos em massa, uma ordem do presidente fez sobrestar a lei, no meio da surpresa geral, não obstante achar-se em execução, e bem que estivessem já de posse o no exercicio de seus lugares os individuos que em virtude della tinham sido regularmente nomeados!.. O gabinete de 13 de abril, informado deste facto, tão extranho como arbitrário, ordenou immediatamente, como era de esperar de sua alta imparcialidade e respeito ás instituições, que se proseguisse na execução da lei novissima, até que sobre sua constitucionalidade estivesse o corpo legislativo. Mas, o successor do Sr. Manoel Felisardo, ou olvidado dos deveres de sua posição, ou arrastado pela força das influencias que tivera a desgraça de dar por apoio á sua administração, resistiu nesta occasião, como em tantas outras, ás ordens mais positivas do gabinete imperial; e a lei da assemblea não foi cumprida, ficando assim a justiça distribuída no Ceará por magistrados que tiram sua competencia de huma lei abolida!

No meio desta cadêta assombrosa de anomalias e desatinos, não nos he facil em verdade decidir o que mais deve fixar o reparo, se a violação flagrante e manifesta do acto adicional, se a reunião de circumstancias inauditas que a acompanharam, se a revolta aberta e formal de hum presidente contra as determinações do governo central, se a indiferença deste para actos que aviltam e compromettem a sua autoridade, propagando a desobediencia, e com ella a subversão e a desordem por todos os ramos da administração publica, ou se finalmente o incalculavel perigo que corre a provincia, onde a ordem judiciaria roda desde dous annos sobre bases falsas, sendo ameaçada de ver declarados irritos e nullos os numerosos processos concluidos neste periodo.

Seja, porem, o que for, não nos parece nem justo nem politico que, quando a grandes brados, e a tantas leguas de distancia, se convida o governo geral a que dê providencias sobre taes vexames e desregramentos, a indiferença seja a unica resposta que o Ceará receba no raeio de padecimentos que transcendem a meta da mais aturada paciencia. A boa razão, o dever de velar sobre a observancia das instituições, as attensões mesmo que se ha mister guardar com as provincias, para que mais se não accumulem elementos de desordem, alem dos que já, infelizmente, existem, não ordenarão maior sollicitude da parte dos ministros em attender aos seus queixumes! A arte de governar não consiste, de certo, em adiar sempre e indevidamente para o dia de amanhã a solução das mais pungentes e vitas necessidades que affligem por ventura o paiz, ou alguma de suas provincias.

O Ceará tem visto ultimamente as

suas eleições falsificadas pela autoridade publica, e destruidas pela base todas as garantias constitucionaes que se resumem no direito de eleger; tem visto huma facção anarchica, cuja reabilitação mal seria explicada mesmo pela calamidade dos tempos e vertigem do espirito de partido, annunciar a sua volta, atropellando os poderes e autoridades electivas da provincia, infringindo com apparato, e sem sombra do fundamento, as leis geraes e locais, sempre que nellas cuida achar huma desvantagem para si, ou huma salvaguarda para os direitos e interesses de seus adversarios, arrojando em massa fóra dos empregos a quasi totalidade dos melhores funcionarios da provincia, no numero de 150, e reduzindo á miseria outras tantas familias que mantinham, e isto pelo crime de sua dedicação á causa geral; em fim, dissipando em loucuras as rendas da provincia, depois de fechar as nascentes de sua riqueza e industria, cuja prosperidade progressiva offerecia hum momento antes o quadro mais lisonjeiro.

Nós nos não demoraremos a detalhar esses innumeraveis abusos da força, de que o Ceará tem sido victima com ludibrio das instituições e da autoridade do poder geral. O governo, a quem representações tem já sido dirigidas, os conhece em grande parte. Elle sabe, por exemplo, o como os empregados da thesauraria, bem que inamovíveis segundo huma lei da assemblea, foram esbulhados de seus lugares, não obstante a interpretação que á mesma lei dera a assemblea, em vistas de cortar todos os pretextos ao arbitrio de semelhante procedimento; sabe o como huma lei de fixação de força policial continua em vigor, depois de abolida pela legislatura da provincia, que, para occorrer ao enorme deficit, julgára dever reduzir aquella força. Estas, e tantas outras violações do acto adicional, em que pretexto se fundirão? No sophisma de que as leis da assemblea, depois da denegação da sanção, são votadas por dous terços dos membros presentes, e não pelos dous terços do numero absoluto de membros que a compoem, interpretação cerebrina e palpavelmente absurda, admittida a qual seria praticamente impossivel não só o regimen que o acto adicional estabeleceu, mas ainda o systema representativo todo inteiro, pois são raros os exemplos de assembleas que reúnem a totalidade de seus membros, sendo, alem disso, mui facil, mesmo na hypothese contraria, ao presidente o mais desconhecido o chamar á linha de seus principios hum diminuto numero de representantes, e frustrar os effectos da opinião dominante da assemblea.

Na presença desta reacção furibunda, com a qual não poderia ser por muito tempo compativel a paz da provincia, a justiça pede que os Srs. ministros, a quem compete revindicar o direito onde estiver desconhecido ou atacado, se não recusem ainda a estabelecer o que essa reacção destruiu, expedindo para esse fim as ordens que do governo central dependem. Ao menos desta vez, a moderação, imparcialidade e honrado caracter do Sr. Souza Martins nos dão direito de esperar que taes ordens não deixaram de ser cumpridas.

(Do Despertador.)

MARANHÃO.

Quartel da Presidencia e do Commando das Armas do Maranhão 18 de Abril de 1840.

Ordem do Dia n.º 30.

—S. Exc. o Sr. Coronel Presidente e Commandante das Armas da Provincia, manda fazer publico, que a columna commandada por Sr. Tenente Coronel Manoel Antonio da Silva occupou a Villa do Brejo no dia 23 do mez p. p. depois de romper 3 linhas de trincheiras, defendidas tenazmente pelos rebeldes. Manda igualmente o mesmo Exm. Sr. publicar que o caudillo Raimundo Gomes, e a gente de sua facção, que occupavam excellentes posições no Boqueirão, Baixa fria, Olho d'água, e Taboleiro, pouco distante do Brejo, soffreram hum destroço no mesmo dia 23 de Março da partida commandada pelo Sr. Tenente Antonio de Sam-Paio, pertencente á primeira columna, a qual se achava em operações do lado do Brejo, e margens do Parnahiba, tendo custado apenas á força da Legalidade o leve ferimento de trez praças na sustentação de hum vivo fogo da parte dos rebeldes; e destes, dous mortos e sete prisioneiros, dos quaes, hum se intitulava Capitão, e outro Alferes, alem de 50 cartuchos, 6 Armas, huma carga de ballas, e outra de enxofre e salitre: o mesmo facinoroso Raimundo Gomes, procurou evadir-se, tomando a direcção do Brejo, e a maior parte de seus satellites atravessaram o Parnahiba. S. Exc. tem nomeado Cirurgião mor de commissão para ser empregado no Hospital Geral militar desta Cidade o Cirurgião Joaquim Lopes Lobão.

Tendo o Soldado do 7.º Batalhão de caçadores, Theodoro Joze Antunes, prestado perante o Sr. Auditor de Guerra, e Conselho d'Averiguação, sua justificação de Nobreza, e preenchido todas as considerações exigidas pela Ley. S. Exc. manda declarar Cadete de 1.ª classe o dito Soldado.

Antonio Nunes d'Aguiar.
Ajudante, Quartel Mestre General.

Quartel da Presidencia e do Commando das Armas na Cidade do Maranhão, 22 de Abril de 1840.

Ordem do Dia n.º 31.

—S. Exc. o Sr. Coronel Presidente, e Commandante das Armas da Provincia, manda publicar, para conhecimento da Divisão Pacificadora do seu Commando, a promoção dos Officiaes para o Corpo de Policia abaixo mencionados, os quaes deverão solicitar seus Diplomas pela Secretaria do Governo. O Presidente da Provincia em virtude da Lei Provincial N.º 21 de 17 de Junho de 1836, ha por bem promover para o Corpo de Policia os Officiaes abaixo declarados. Para Alferes Ajudante

vago por ter sido promovido ao mesmo Posto para o 7.º Batalhão de Caçadores José Antonio Falcão, que o exercia..... Belisario dos Anjos Franco, 1.º Sargento da 3.ª Companhia do mesmo Corpo.

Para Capitão da 4.^a
Comp. vago por fa-
llecimento de Pedro
Alexandrino de An-
drade.....

Justino Alves da
Silva Cutrim Ten-
nente addido ao
Estado maior do
Exercito.

Para Tenente da 1.^a

Comp. em lugar de
José Innocencio Per-
reira de Castro que
foi julgado em cir-
cunstancia incompati-
vel para o Servi-
ço Policial.....

José Francisco Pa-
checo, Alferes da
3.^a Comp. do
dito Corpo.

Para Tenente da 3.^a

Comp. vago por ter
sido promovido no mes-
mo Posto para o 7.^o
Batalhão de Caçado-
ros Francisco José
da Silva Braga....

Joaquim Lopes de
Mattos Alferes da
2.^a Comp. do
dito Corpo.

Para Alferes da 2.^a

Comp. vago por
necesso de Joaquim
Lopes de Mattos....

Diogo David Mo-
reira, 1.^o Sargen-
to da 1.^a Comp.

Para Alferes da 3.^a

Companhia por ne-
cesso de José Fran-
cisco Pacheco.....

Mariano Felipe
d'Oliveira Campos,
2.^o Cadete do mes-
mo Corpo.

Palacio do Governo do Maranhão 22
de Abril de 1840.—Luiz Alves de Li-
ma.—Antonio Nunes d'Aguilar Ajudan-
te e Quartel Mestre General.

Acampamento da 2.^a Columna em Op-
rações na Villa do Brejo 12
de Abril de 1840.

Ordem do Dia.

—O Commandante da Columna elogia
o comportamento de toda a tropa que
avançou sobre a Villa do Brejo, e des-
troçou com a maior celeridade os grupos
dos infames rebeldes enguerrilhados, e
entrincheirados em innumeráveis posições,
consequindo assim levantar o sitio, que
os malvados haviam posto a dita Villa, e
libertar os nossos irmãos d'armas, que a
occupavam, no dia 9 do corrente.

O Commandante espera, que dentro
em pouco tempo o valor, e constancia
dos braves da 2.^a Columna purificarão
esta interessante comarca do halito pes-
tifero da rebeldia, e do crime, reduzindo-a
à pacificação, e á obediencia ao Governo
de S. M. o Imperador.

A destreza, promptidão, e denodo com
que o Sr. Major Commandante do 1.^o
Batalhão Antonio Gomes Leal superou
todos os obstaculos, e conduziu a Tropa
ao Brejo, destruindo todas as quadrilhas,
que se lhe oppozeram, dão novo brilho á
prestantes serviços, que elle ha feito n'esta
Columna: o Commandante levará seus fei-
tos ao conhecimento do Exm.^o Sr. Pre-
sidente, e Commandante das Armas da
Provincia; assim como ao Sr. 2.^o Te-
nente Conrado José de Lorena Figuei-
rada, que continuamente se distingue
perseguido fugavel os saltadores com
notavel habilidade, valentia, e constante
actividade; os do Sr. 2.^o Tenente João
Mariano Cavalcanti de Albuquerque, que

se ha portado como hum valente Official;
e os do Sr. Alferes José Maria Marques,
que prompto sempre para perseguir o
inimigo, e encarregado do commando de
partidas muito tem prestado á cauza da
legalidade os serviços do 2.^o Cadete Sar-
gento Vicente Soares de Mello Junior,
que pela 3.^a vez foi agora ferido na
guerra actual, e os do 1.^o Sargento Joa-
quim Soares de Souza serão tambem pos-
tos na presença de S. Exe.

O Commandante fará justiça a todos
que se distinguirem: elle está bem per-
suadido, que a 2.^a Columna ás suas or-
dens cada vez se tornará mais interes-
sante, tanto por sua disciplina, fidelidade,
denodo, e constancia; como pelos impor-
tantes serviços que ella ainda tem de
prestar na Nação Brasileira, e ao Gover-
no Imperial.

José Thomaz Henriques, Tenente-
Coronel Commandante da Columna. (*)

Pede-se nos a publicação do seguinte.

SONETO.

Ao Exm. Senhor Luiz Alves de Li-
ma pela bem-cuetada marcha de seu
governo.

In te spes omnis... nobis vita est.

Verant.

Lima Egrehio! Que gloria! Em curto espaço
Tens dado á Patria minha alta esperanza
De vir em breve derriçada a lança,
Que o sangue fez brotar em seu regaço!

Eis tremendo, Senhor, em frôuxo laço,
O bárbaro tropel não mais avança.
Renasce o ardôr, o brilho, a segurança
A fama de teu nome, e de teu braço!

Correte os pontos, q' em mais risco temos:
Excitas o valor: as classes armadas.
Com que as inclitas filhas reforçamos.

Cortaste abusos: a opressão desarmas;
Ha commercio, ha lavoura: enfim tivemos
Heróe na Presidencia! Heróe nas Armas!

Por Joaquim José da Serra Freire.

CHRONICA MARANHENSE.

—No presente numero damos um ar-
tigo do Despertador, acerca dos nego-
cios do Ceará. Por elle se pode fazer
uma idea das estranhezas que ha visto
aquella provincia, e da extravagante ma-
neira de governar que tem adoptado mu-
tos presidentes; isto é, alliança formal com
um partido, perseguição violenta a outro,
e violação escandalosa de todas as leis,
e de todas as regras do decoro. Não
se entenda porém que adoptamos por nos-
sas todas as asserções do Despertador;
já tivemos occasião de manifestar o nosso
juizo particular sobre os negócios do Ceará.

Infelizmente, o Sr. Souza Martins
não correspondeu á esperanza do escrip-
tor fluminense; que bem fora de collo-
car-se no centro dos partidos, e de re-
parar gradualmente as numerosas injus-
ticias que se haviam feito, o novo presi-
dente, em menos de quinze dias de go-
verno, declarou-se por um partido, e agre-
diu o outro com termos duros, sem ter
a menor attenção com a exarcebacao dos
animos, nem com o perigo proveniente
da visibilidade da anarchia, que devasta
o Maranhão e o Piahy. É um facto;
o sr. Souza Martins, em quanto a opo-
sição o obsequiava, até nos seus jor-
naes, e esperava d'elle que ao menos a
não perseguisse, fez publicar varios ofi-
cios, nos quaes a pretexto de agradecer
felicitações que lhe fizeram pela sua posse,
declarou que os seus dous antecessores
eram credores das saudades dos bons Ce-
arense, e que o governo apoiado por tan
honrados cidadãos poderia facilmente fa-
zer frente á essa opposição desconhecida,
que tanto maltratara os seus dignos an-
tecessores! Foi esta a declaração de guer-
ra, não provocada, nem necessitada por
motivo algum apparente. Seguiram-se-lhe
depois as hostilidades do costume; e como
estavava proxima a eleição de um sena-
dor, pela vaga do fallecido Costa Bar-
ros, para ali se assestaram as principaes
baterias. Escusamos de entrar nos por-
menores desses ignobis manejos, que a
oposição tem denunciado, e que o jor-
nal do governo nem se digna de des-
culpar: basta dizer-se que a ordem para
fazer-se a eleição foi entregue á ca-
mara da capital, um mez depois da sua
data, e que sob futeis pretextos, foram
suspensos varios vereadores proprietarios,
para que os supplentes possam fazer uma
apuração a contento, excluindo collegios
da votação, como aconteceu no tempo
do senhor João Antonio de Miranda.

Parece que condemnaram o Ceará
ou a soffrir indefinidamente, ou a lan-
çar-se na desordem, por quanto é um
perfeito desatino contar com a prudên-
cia dos partidos, mormente n'uma pro-
vincia como o Ceará, onde a illustra-
ção não se acha muito disseminada. E
parece que os seus presidentes assenta-
ram que não ha outro meio de gover-
nar, senão ligarem-se em tudo e por tudo
com o partido que mais se conforma com
seus interesses, ou com as suas ideas.
Quanto a nós, ainda que a opposição
inteira fosse composta de gente immoral,
e o partido do governo, todo de homens
de bem, entendemos que nem por isso
a auctoridade se devia tornar facciosa-
ria, ao ponto em que a temos visto no
Ceará. Quanto mais que a hypothese fi-
gurada não existe, e não passa de uma
dessas grossas exagerações, que se em-
pregam para colhestar actos desregrados.

Deos queira arredar do Ceará os maus
destinos que lhe prepara ha tantos an-
nos uma politica cega e persiguidora!
—Chamamos a attenção dos nossos le-
tores sobre o artigo do Despertador, re-
lativo ao estado da provincia do Rio de
Janeiro, segundo a pintou no seu relato-
rio o presidente, o senhor Paulino Jo-
sé Soares de Souza. A crescente prosperi-
dade do Rio é sem duvida devida á paz
profunda de que goza ha tantos annos.
—Damos tambem um artigo do Ins-
tinto, periodico que dizem ser redigido
pelo ex-ministro Vasconcellos, para que
os leitores comparem a opinião deste
illustre varão com a do Santissimo Pa-
dre acerca do trafico da escravatura.

—A Revista no seu n.^o 24 assevera
que de Alcantara só partiram umas ses-
senta praças, das quaes apenas chegaram
a Viana quarenta e tantas! Foi mal in-
formado o illustre redactor; mais de 60
sahiram só da cidade, mas com os de
outros pontos, reuniram-se 200, que che-
garam todas a S. Bento. Na marcha
desta villa para a de Viana é que ti-
veram logar as deserções, mas não ob-
stante chegaram ainda 130 e tantos ho-
mens, dos quaes só 13 de S. Bento, o
que é alguma coisa mais do que pre-
tende o contemporaneo, e quasi o duplo
do que tem mandado Guimarães.

—Por molestia do redactor é que tem
havido irregularidade na sahida desta folha.

—A Revista no seu n.^o 24 assevera
que de Alcantara só partiram umas ses-
senta praças, das quaes apenas chegaram
a Viana quarenta e tantas! Foi mal in-
formado o illustre redactor; mais de 60
sahiram só da cidade, mas com os de
outros pontos, reuniram-se 200, que che-
garam todas a S. Bento. Na marcha
desta villa para a de Viana é que ti-
veram logar as deserções, mas não ob-
stante chegaram ainda 130 e tantos ho-
mens, dos quaes só 13 de S. Bento, o
que é alguma coisa mais do que pre-
tende o contemporaneo, e quasi o duplo
do que tem mandado Guimarães.

—Por molestia do redactor é que tem
havido irregularidade na sahida desta folha.

Maranhão, Typographia Imparcial Ma-
ranhense 4 annos de 1840

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

QUINTA FEIRA 30 DE ABRIL DE 1840.

N. 232.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapéus de Vidigal Irmão & Co, rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000, todos pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os avisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA 'TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

RIO DE JANEIRO.

Historia da enfermidade de que S. M. I. foi acometido no dia 23 de Março de 1840.

O Senhor D. Pedro II, imperador do Brasil, de idade de 14 para 15 annos, dotado de hum constituição lymphatico-sanguinea, possuindo hum cabeça assaz desenvolvida e bem organizada, tendo começado em mui tenra idade sua educação litteraria, chegou a conseguir em curto espaço de tempo o conhecimento das linguas franceza, ingleza, allemã, e latina, e o da historia e geographia, e muito adiantamento em geometria, rhetorica e botanica. Logo que S. M. I. entrou a tomar gosto pela acquisição da litteratura e sciencias, nenhuma outra especie de passa-tempo chamou mais sua attenção que a leitura ou a conversação com pessoas litteratas. Este ardor pelo estado fez com que S. M. I. não achasse tanto prazer nos brincoes de sua idade, como acontece ás outras crianças, e se desse aos trabalhos litterarios apenas a cubava de comer. Daqui entrou a resultar hum digestão tardia e constipação de ventre, como succede ás pessoas cujo cerebro se exerce mais do que os outros organos ouapparehos organicos da economia, e maismente em S. M. I. cuja massa encephalica he tão desenvolvida.

Nos primeiros dias de março do corrente anno S. M. I. sentio-se algumas vezes indisposto do estomago, e esta indisposição foi algum tempo depois substituida por ligeira injeção de sangue nas conjunctivas, sem alteração apreciavel nas pupillas: este incommodo pareceu devido á ida e volta da cidade no dia 11, que foi excessivamente quente ao meio dia (hora em que S. M. I. partira), e desapareceu spontaneamente.

Passados porém oito dias, S. M. I. comendo fóra da hora ordinaria hum acipice pouco digerivel, sentio perturbar-se-lhe a digestão. Desde então diminuiu-se o appetite, e S. M. I. começou a sentir-se indisposto, sem contudo manifestar que soffresse molestia alguma. No dia 19, pela volta das 11 horas a meio dia, S. M. I. entrou a sentir algum peso de cabeça e cephalalgia supraorbitaria, e difficuldade de supportar a presença da luz no dia 20 ás mesmas horas repetio-se o mesmo phenomeno, e o olho direito appareceu algum tanto pillogosado.

No dia 21, entrando eu de serviço á sua augusta pessoa, S. M. I. me fez a honra de queixar-se destes incommodos, que se renováram nesse dia igualmente e ás mesmas horas; e sendo seia da tarde

quando cheguei, ainda se não tinha dissipado inteiramente. Nessa noite aconselhei hum pediluvio quente, e hum bebida diaphoretica.

No dia 22 S. M. I. parecia melhor, mais alegre, e as dores de cabeça posto que voltassem, foram passageiras.

No dia seguinte, como já de dois dias havia constipação de ventre, S. M. I. tomou hum dose de pó de seidlitz, que produziu pouco effeito; e contudo os phenomenos morbidos, que se annunciavam os dias antecedentes, não appareceram ás horas costumadas. Ás duas horas e meia da tarde, depois do jantar, que foi de dieta e pouco abundante, S. M. I. queixando-se de hum ligeira dor no olho esquerdo, in continente perdeu os sentidos, e movimentos convulsivos, particularmente dos musculos da face e olhos, o assaltaram, conservando-se os das extremidades interiores em spasmos. Depois de alguns minutos, mediante algumas fricções de agua de Colonia, S. M. I. voltou a si, e queixou-se de dor e peso de cabeça: então applicára-se sinapismos aos pés a fim de derivar esse incommodo. A este phenomeno succedeu hum reacção geral; o pulso se apresentou cheio, frequente, e assaz desenvolvido, a face colorada, os olhos brillantes, as conjunctivas injectadas, e calor augmentado na cabeça: tudo annunciava hum congestão cerebral. Duas horas depois do accidente, por deliberação da junta, que se fez entre os Srs. Drs. Peixoto, Bastos, Sá, Jobim, Torres, Cunha, Fonseca, Freire, e mim, S. M. I. foi sangrado no braço, e tiráram-se cerca de seis onças de sangue. Hum bebida diluente foi empregada para uso; e logo que desapareceu o estado febril, empregaram-se laxantes, que foram seguidos da emissão de fezes abundantes. Toda a noite do dia 23 a 24 S. M. I. passou perfeitamente bem, e assim todo o dia, sem se queixar de outro incommodo que não fosse a necessidade de tomar alimentos.

Como a cephalalgia, de que S. M. I. se havia queixado os dias antecedentes, guardava intermittencia em seu apparecimento, e se receasse que a febre, que sobreviera a aquelle phenomeno nervoso, procurasse hum typo igualmente intermittente, foi tambem accordado em junta que se empregassem os anti-periodicos exteriormente, com o fim de obstar á volta de novo accesso; e deste modo administrado foi o sulphato de quina. Este meio, auxiliado com a continuação dos evacuantes e diluentes, trouxe hum prompto restabelecimento a S. M. I., que desde o dia 24 até hoje (28) tem passado excellentemente bem, não apresentando nenhum phenomeno morbido.

Attendendo-se á constituição de S. M. I., e particularmente á organização de sua cabeça; attendendo-se á idade critica em que se achava, passando da infancia á puberdade; os medicos de S. M. I., auxiliados com os conselhos de seus collegas os senhores cirurgiões da imperial camara, Octaviano, Muzzi, e Pereira Reis, desde o dia do accidente, julgão conveniente que d'ora em diante S. M. I. continue hum pouco sua applicação nos estudos, abstendo-se inteiramente de o fazer immediatamente depois da comida, que faça exercicios, particularmente gymnasticos e a cavallo, equilibrando por este modo as forças em todo o organismo.

Paço da imperial quinta da Boa-Vista, 25 de março de 1840.—Dr. J. C. Soares de Meirelles, medico de semana.

(Do Jornal do Commercio)

MARANHÃO.

Artigos Officiaes.

—Faça V. S. sciente ao inspector da Alfandega, ao prefeito da capital, e ao consul da Inglaterra que o devem acompanhar na visita abordo da galera Ingleza—Rival—que n'este porto entrou com grande falta de sua tripulação, e indague a razão porque o capitão, vindo a terra, a reclamar socorro, segundo dizem, não se dirigio a este governo; examine cuidadosamente si ha algum indicio de contrabando, ou de se ter n'elle empregado e veja se lhe falta uma lancha, como me constou, e de tudo me informe com a possivel brevidade.—Deos Guarde a V. S. Palacio do Governo do Maranhão 17 de Abril de 1840.—Luiz Alves de Lima.—Snr. Juiz de Paz do 1.º districto da 1.ª freguesia.

—Ilm.º e Exm.º Sur.—Levo ao conhecimento de V. Exc. que hontem ás 4 horas da tarde, fui a bordo da galera Ingleza—Rival—onde procedi aos exames por V. Exc. recommendados, o que melhor verá do auto de busca, e interrogatorio feito pelo juiz de paz do 1.º districto, que será levado ao conhecimento de V. Exc., entre tanto sou a dizer que não se verificarão as suspeitas propaladas contra a referida embarcação.—Deos Guarde a V. Exc. Prefeitura do Maranhão 18 de Abril de 1840.—Ilm.º e Exm.º Sur. Coronel Luiz Alves de Lima, Presidente da Provincia.—Felipe Gomes da Silva Belfort, prefeito da comarca da capital.

—Aceito a dimissão por V. S. dada em seu officio de 15 do corrente da membro da commissão compradora, instala-

da pelo meu antecessor, e muito agradeço a V. S. os bons serviços que prestou durante o tempo, que exerceu tão importante cargo.—Deos Guarde a V. S. Palácio do Governo do Maranhão em 22 de Abril de 1840.—Luiz Alves de Lima.—Sr. Dr. José Jansen do Paço.

Correspondencia.

Señr. Redactor da Chronica.

—Ha mais de nove mezes que o Exm. Bispo D. Theodoro faz recolher a esta capital o vigário do Icatú, o Reverendo Bartholomeu dos Ramos, dizendo-lhe que o queria empregar convenientemente no Serviço da Igreja. Há passado todo este tempo sem se lhe dar destino, e aquelle digno pastor, tão recomendavel pelas suas boas qualidades e energia, vive passando necessidades, sem emprego, com detrimento do credito da ordem sacerdotal. Qual será a causa de uma tal conduta do Exm. Bispo D. Theodoro? Eu ignoro, mas é de esperar, attenta as suas virtudes, que faça voltar aquelle pastor ao seio do abandonado retil (não o por sua vontade) ou lhe dê hum emprego, donde tire a decente e necessaria subsistencia, para mais não vermos hum Ministro de Jesus-Christo tratado com tão pouca attenção. Assim o espera.

Hum Parochiano do Icatú.

CHRONICA MARANHENSE.

—O Amigo do Paiz que tomou firmemente por empreza, *subir seja como for*, ainda não sabe com tudo em que lei hade viver para ganhar o reino dos ceos, que meios emprega, e que lingua-gem adopte. Vê-lo-has agora tractar da vida privada, da depravação dos costumes deste ou daquelle individuo, e nomear até pelos seus nomes a agentes de prazeres vergonhosos; dali a pouco compunhe-se, arrepende-se, praga moderação, esquecimento de agravos, união e fraternidade geral; torna depois a calhar no peccado, e occupa mais de duas columnas em vituperar-nos pelo nosso caracter privado, pela nossa pretendida vaidade, e outros vícios com que nos dá de resto!

Ja, informamos os leitores dessa infame accusação feita a varios cidadãos de delatorarem geral e systematicamente a meninas honradas, pretendendo o torpe accusador, ainda mesmo depois de citar o nome de um agente desses suppostos crimes, que com isso em nada atueva as vidas privadas, porque factos dessa natureza passam ao conhecimento de umas para as outras familias, tornando-se assim por consequencia da villa publica! Pois bem, depois da excessiva tam monstruosa, logo no numero immediato, o Amigo do Paiz exclama, e reflexões do modo seguinte, fallando de ambos os partidos da provincia:

"Quando cessará esse sistema de recriminações e de accusações directas? Como poderemos fazer um bom escolha dos nossos representantes, se na proximidade das eleições nos occupamos em irritar os animos, e em desconciliar por todos os modos os nossos antagonistas? Nesses meios quimericos que empregamos para lisongear as paixões da multidão, é que consisto toda a força dos partidos; com

elles ganhamos proselytos, irritamos os animos, excitamos odios e suspensas &c. Esse rancor que cada um de nós contra o seu contrario, não provém sendo de o olharmos como um forte obstaculo aos nossos desejos e interesses particulares. Qual é o partido que se não querará justificar das accusações que se lhe lançam em rosto? Não é tempo ainda de suspender as intrigas e os odios? Em quem acreditava S. Exc. se nos retalharmos com recriminações, insultos, e calumnias? No meio de todas estas palavras cheias de unção, o homem do vapor inglez e dos delatoramentos, que quer passar, neste numero só, por um escriptor estranho aos partidos, arrisca a idea de uma fusão, reprova as chapas exclusivas, quer que se escolham os bons em ambas as fileiras, porque em ambas ha homens maus, sendo uma injustiça chamar-se *fusão depredadora* no partido dominante, só porque alguns dos que lhe pertencem são effectivamente depredadores.

Por mais fado nosso, estas felizes disposições duraram pouco; o Amigo do Paiz entendeu que convinha *excitar os odios e suspensas*, fazendo *recriminações* contra a Chronica, sem duvida por nos considerar um forte obstaculo aos seus desejos e interesses particulares. Toca pois a *retalhar com intrigas, insultos e calumnias*, embora desatino o presidente, sem saber em quem se fie. Se a Chronica publicar romances, embora copiados dos jornais mais acreditados da corte, (o Despertador e o Jornal do Commercio) digamos logo que a Chronica pretende estabelecer nesta capital uma escola de immoralidade e de delatoramentos, como a de seus amigos de Alcantara. Ou se não chamemos *insultos* a esses romances, e digamos que o redactor da Chronica não declara de que jornal os copiou immediatamente, e sim a que jornais pertenciam *ab initio*, para se dar por seu traductor, embora o Investigador, quando publicava variedades, fizesse outro tanto, e até ordinariamente omitisse a citação de todo e qualquer jornal. Digamos que elle declarou ter sido visitado pelo ex-presidente do Pará, embora não lhe possamos citar textualmente essa declaração, estupidamente vaidosa. Digamos que elle ja não acreditava que o Amigo do Paiz seja o sr. Candido, mas que o não confessa, só para não passar por charlatão, pois no nosso dicionario chama-se com toda propriedade *charlatanismo* o acanhamento em confessar um erro ou engano. Digamos que a vaidade das vaidades é conhecer o estilo deste ou daquelle individuo, dando que isso seja coisa facilissima, ainda ás mais mediocres intelligencias, e supposto o redactor da Chronica haja declarado mais explicitamente que não tem a honra de conhecer os estilos dos differentes correspondentes da Revista, duvidando até que elles tenham o que se chama estilo. Digamos que elle accusa e compromette os seus amigos, que alias dispensam os nossos officiosos desvellos pela sua reputação, e quando quisermos dar voga a alguma patranha grossa, e ás infamias do costume, digamos que fomos particularmente informado por um oppo-sicionista honrado, nosso amigo, que muito reprova os desvarios da Chronica: A isto devemos acrescentar algumas anecdotas de vez em quando.—O redactor da Chronica passou a cavallo, ia agodado, não tirava o chapéo a ninguém.—Para

o numero seguinte responderemos ao senhor Sá, e havemos de abarrotá-lo, porrem despresando insultos, e tocando, quando muito, em alguns delatoramentos.—Este numero da Chronica traz romances; outro traz avisos, aquelle, preços de generos. Logo, pobreza de ideas—Isto assim não vai bem—Ainda não se pagariam as letras do vapor inglez? que revolucionarios caloteiros!—O sr. Hender-son não tem educação, é um inglez pouco civil, e anda dizendo pela praia-Grande que a Inglaterra é a primeira nação do mundo. E soffre-se isto!—O senhor Lisbon, monstro, verdugo, vaidoso, altivo, e feroz, o que quer é que o sr. Candido Mendes vá visita-lo, e bajula-lo, como outros tem feito; mas está enganado, o senhor Candido não se abate, morda-se embora de raiva o charlatão, &c. &c.

Assim vive o Amigo do Paiz, adubando estas miserias e futilidades, ora com passagens interpoladas da Chronica, que extracta, ora com actos de contricção e confissão geral dos seus peccados, da natureza daquelle de que ha pouco demos idea, e assim pretende *subir*, e passar por excellentes escriptor, jocoso e serio, profundo e variado, decente, estranho a partidos, inimigo de excessos. Mas haverá alguém que dê a menor fé a actos de contricção que no mesmo momento são desmentidos por escandalosas reincidencias nos peccados mais graves?

—O senhor Candido Mendes publicou uma cartilha tanto na Revista como no Legalista, para se desculpar de não haver defendido seu padrinho, o padre Proença, e seu tio, o capitão-mór Valerio, indignamente accusados como rebeldes, pelo partido a que S. S. se ligou. A defeza, bem como a desculpa, eram bem escusadas; em quanto o joven advogado consumia o tempo em calumniar-nos, defendiamos nós victoriosamente a esses honrados cidadãos. Nem o nosso fim principal foi accusar o silencio de S. S., se não fazer-lhe sentir que a calumnia, que nos persigiu, não respeitava muito mais os seus parentes. Insistimos em que o senhor doutor passasse de braço com o perverso calumniador do seu respeitavel padrinho e protector; pois ainda quando o Cometa não fosse obra do senhor Leonel, ali corre impresso um avulso assignado por esse senhor, cujo fim principal é insultar o senador Costa Ferreira, mas onde o senhor Proença é accusado de proteger a revolta, e de haver cantado *Tedeum* no Brejo pelos triumphos do inimigo. Se bem nos lembra, esse avulso é intitulado *Supplemento á Chronica Maranhense*.

—O senhor Francisco Satero dos Reis, referindo-se ao attestado do sr. Manuel Felizardo, publicado em o nosso n.º 226, e a que chama *vergonhoso*, diz que S. Exc. attestara o seu proprio *abatimento e rellipendia*, e que esse documento só prova a nossa convivencia com os rebeldes, por quanto os outros senhores escreveram a seus primos e cunhados, com quem tinham relações de parentesco, que naturalmente se explicam, no entanto que as nossas relações com o Sateira eram *todas politicas*! Grande Deus! Ter tido alguém relações politicas com um individuo que depois se torna criminoso, e aproveitar-se dessas relações, a pedido do governo, para chamar o criminoso á ordem, e para obter d'elle, por meio de promessas e ameaças, que evite o sacrificio

de 200 victimas, ja é uma prova de connivencia! Grande Deus! A connivencia está provada com esse attestado, e no entanto o attestado é relativo a uma carta que escrevemos para Caxias, e a respeito da qual o sr. Sotero disse em o n.º 99 do seu Investigador o seguinte: *Esse documento, pelos sentimentos que ali se manifestam, só poderia fazer honra ao seu autor. Faremos justiça ao contemporaneo, essa carta escripta a José Joaquim da Silveira não a supponho um documento de mera ostentação, mas sincera quanto á expressão dos sentimentos generosos: nós julgamos o contemporaneo capaz de generosidade. Nessa carta ao Silveira, em summa, nada ha que não seja laudavel, se prescindirmos das relações de amizade que o contemporaneo tem com aquelle mau homem; mas isso mesmo deve ser relevado em attenção ao nobre fim da missiva!*

(Investigador n.º 99, de 16 de Outubro de 1839.)

Acresce que o sr. Sotero sabia que o presidente solicitara, e remettera essas cartas, e aprovou não só tudo, mas disse no Investigador de 24 de Julho do mesmo anno: "Os briosos habitantes desta cidade tem acodido com fervor ao reclamo do governo. Todos, sem distincção de creanças, se prestam de muito bom grado &c. Mas aqui estas palavras só attestam que o contemporaneo se achava então abatido, vilipendiado, assustado, e tractando de pôr-se a salvo. . . . Correram os tempos, o sr. Sotero foi cobrando animo, e ei-lo com inaudita crueldade a sentenciar-nos como connivente, por termos escripto uma carta em que tudo é laudavel; ei-lo que transforma as relações de amizade em relações todas politicas, e no-las não perdona, nem mesmo em attenção ao nobre fim da missiva! . . . A Revista torna-se cada dia mais terrivel!

A prova de que o redactor da Chronica é criminoso está em ter elle pedido esse attestado, quando os outros tenho- res o não fizeram. Logo, segundo os principios do mestre, só os criminosos é que se defendem! Ora esses senhores tem sido respeitados pela Revista, (*) entretanto que nós temos sido atacados com um furor e má fé tal que o honrado redactor inseriu um artigo do Amigo do Paiz, onde se dizia que se escrevemos ao Silveira, foi de nossa propria curiosidade, e que o governo nada tinha que ver com isso.

Creemos que as furias do contemporaneo redobram á medida que lhe falle- em provas para accusar-nos; assim se contradiz elle miseravelmente, assim dá tratos ao engenho para arranjar alguns grosseiros sofismas com que tire de uma carta assignada por Raimundo Gomes, mas escripta por Fernando Mendes, a prova de que nos correspondemos com rebeldes, quando o caudillo diz que lhe não escreviamos, e não lhe davamos uma unica resposta.

—Em o numero seguinte publicaremos a correspondencia do senhor Antonio Onofre Ribeiro, relativa á organização do contingente de Alcantara, na qual faz ver o mesmo senhor que foi elle quem suggeriu a S. Exc. o sr. presidente da provincia que a marcha dessa força de-

(*) S6 pela Revista, porque o Cometa, do sr. Leonel Joaquim da Serra, insulta atrocemente o senhor desembargador Mariani, e o confunde com Balaio e Raimundo Gomes.

via ter lugar por terra. Insistindo ainda em que houve erro nesse arbitrio, apesar das razões que o aconselhavam, como a mesma experiencia acaba de mostrar, é certo com tudo que o governo nisso nenhuma culpa tem, porque de necessidade se havia de dirigir pelas informações de pessoas que bem conheciam as circunstancias daquella comarca. Assim supponho ter corrigido a injustiça com que attribuímos esse erro ao governo.

Restauração do Brejo.

—E' sabido que a villa do Brejo se achava occupada desde 23 de Março pelas forças do acampamento da Sapucaia, no mando do tenente-coronel Manuel Antonio da Silva, mas os rebeldes a tinham sitiado novamente. As forças da Chapadilha, no mando do tenente-coronel Henriques desde principios do mesmo mez occupavam-se em fazer explorações desde esse ponto ate o rio Preto, batendo os diferentes grupos rebeldes, que atravessaram o rio por vezes, e se reproduziam em diferentes lugares com rapidez; as ordens do dia que havemos publicado deram ja idea em parte destes acontecimentos. No dia 2 de Abril chegou á Chapadilha a noticia de estarem os nossos sitiados no Brejo; o digno commandante ordenou logo, e no dia 3 teve lugar a marcha do major Leal com 300 homens para ir soccorrel-os. No dia 8 encontraram varias guerrilhas e trincheiras no sitio da Lagôa e Riacho do Carrapato; foram tomadas e batidas; e no dia 9 pela manha, depois de previr a junção de varias turmas rebeldes, e sustentando ainda um vivo fogo a um quarto de legoa de distancia, conseguiu entrar a villa; com o só prejuizo de um morto, e seis feridos. O senhor major Antonio Gomes Leal, segundo nos informa pessoa fidedigna, mostrou muita coragem, previdencia, e actividade, tornando-se por isso, e pelos resultados obtidos, digno de todo o elogio. Muita se distinguia tambem o sr. 2.º tenente Conrado José de Lorena Figueiredo. Occupado o Brejo, foram os inimigos atacados em todas as direções, e arrojados de todos os pontos, uns logo nos primeiros impetos, e outros depois de alguma resistencia, de modo que no dia 13 ja não eram encontrados a 6 e 8 legoas de distancia. O seu prejuizo anclava por 10 mortos, 21 prisioneiros, e 13 apresentados, desde o dia 8 a 12. O tenente coronel Henrique havia chegado á villa no dia 12 com o resto da força, e o caudillo Pedro Alexandrino dos Santos havia ja feito a proposição de se entregar com os seus 300 homens, tendo tido por unica resposta que o fizesse dentro de 24 horas. A' sabida do correio, ainda se não sabia do resultado. Será para a legalidade uma vantagem immensa, e muito diversa da apresentação individual de um Coque, e outros tals.

A columna do sr. José Thomaz Henrique acaba pois de prestar importantes serviços; achase aberta a communicação com o Brejo; aquelle territorio que ainda ha pouco era só devastado por assassinos e saltadores, ja é hoje pisado pelos cidadãos que regressam aos seus lares abandonados; as forças do Piahy foram desafiadas do sitio, e esquivaram talvez, com a opportunidade do soccorro, a necessidade de abandonar a villa. O inimigo foi batido, arrojado das

suas posições, e talvez a esta hora se tenha ja apresentado em massa aos nossos bravos. Que differença entre esta e a entrada de Caxias, onde, mediante as nobres disposições do sr. Ernesto, os nossos 500 homens entraram por uma estrada, refusing o tambor, e o estandarte arvorado, em quanto menos de 300 rebeldes se escapavam livremente pelo lado opposto! Honra aos verdadeiros bravos, vergonha e opprobrio aos covardes impostores!

A não ser a Comarca de Pastos Bons, de que ha muito não ha noticia, resta agora somente que sejam perseguidos os grupos de revoltosos e insurreccionados que infestam as Pringuicas, e outros pontos nas vizinhanças da Tutoya e Miritiba; e sem duvida o governo ha de ter cuidado nisso seriamente. 30.4.1840.

AS BATALHAS DO SR. ERNESTO.

—Mais uma victoria no Morro Alegre (diz elle em uma das suas ordens do dia) para que se moriam os nossos invejosos detractores! E' um officio diz que apprehendera a correspondencia dos rebeldes, e alguns numeros da Chronica, que não remette por ser papel sujo. Foi pena que o sr. Ernesto só se lembrasse disto naquelles certões; no entanto que lhe façam muito bom proveito. E' um prodigio este homem! ainda em todo este norte não appareceu um capitão tam consumado, e venturoso!

Que batalhas nos conta tem vencido!
Quantos triumphos bellicos colhido!

Villa-velha, Areas, Paulica, Bon-vista, Coreatá, Codó, Guanaré, Piasaba, Agua-branca, Caxias, Monteiro, Morro Agudo, Morro Alegre, são nomes (diz a Revista) que denotam tantos combates quantas victorias! Todos os nossos officiaes foram mettidos n'um chichello: qual é o que já venceu assim duzia e meia de batalhas? Deu gorrole a anarchia (diz ainda a Revista) em mais de cem legoas desde o Rozario até os Mattões, —occupadas por mais de tres mil rebeldes! Decididamente, é o novo Buonaparte, fazendo a nova conquista da Italia. Uma cousa porém desconsoa, e é que a mór parte dessas batalhas só tem nome e vida depois que saírem inesperadamente em letra redonda na Revista. Quem tinha ouvido falar no tal Morro Alegre, antes da Revista de Domingo? Ah, se o sr. Ernesto via a Pastos Bons, ninguém mais se poderá entender no labyrinto de batalhas que elle ha de dar.

EDITAES

—De ordem do Sñr. Inspector da Thesouraria da Fazenda da Provincia se faz publico: que em virtude da Ordem do Tribunal do Thesouro Publico Nacional expedida em 13 de Janeiro ultimo, sob n.º pela qual se mandou cessar immediatamente a medição dos terrenos de marinha, e qual quer despeza com os Empregados neste trabalho, seella unicamente medido e demarcado aquelle terreno, que for pedido por aforamento, pagas as despezas pela pessoa que o requer; fica arbitrada, por cada medição e demarcação que naquella conformidade se fizer, a quantia de 45000 no respectivo Encargado, de 25000 os Escrivos, de 18500 ao Medidor, e de 12000 reis a cada hum dos Avaliadores, que deverão

ver pagas pelas partes no forma da cidade. Ordem. Secretaria da Thesouraria da Fazenda do Maranhão em 25 de Abril de 1840.

Francisco José Cezar do Amaral.

De ordem do Sr. Inspector da Thesouraria da Fazenda da Provincia se faz publico: que o trabalho da capatazia d'Alfândega desta Cidade andará em pratica, desde o dia 1.º até 30 de Maio proximo vindouro consecutivamente, em que terá lugar a arrecadação definitiva deste contracto, na forma do Artigo 64 do Regulamento de 22 de Junho de 1830: a fim de que as pessoas que quiserem licitar na referida arrecadação, por hum a 3 annos, hajão de comparecer nesta Thesouraria das 10 horas da manhã ás 2 da tarde dos dias uteis do indicado mez: prevenindo-se, que neste Contracto será preferido quem maiores vantagens offerecer a Fazenda á vista das respectivas condições que serão presentes. Secretaria da Thesouraria da Fazenda do Maranhão em 27 de Abril de 1840.

Francisco José Cezar do Amaral.

AVISO.

Pede-se-nos a publicação do seguinte CERTIDÃO 1.º

Certifico eu Escrivão dos Offícios abaixo assignado que pelo mesmo Cartorio se justificou Bernardo José Vieira Coitinho Cidadão Brasileiro, para tomar dos bens que ficarão por falecimento de seu Pay Manoel José Vieira Coitinho, cuja justificação hoje não existe em meu cartorio, porque com a entrada dos Cabanos nesta Cidade em Agosto de mil oitocentos e trinta e cinco, se desmanchou. O referido he verdade Pará 26 de Maio de 1838.

José Mendes Pereira.

CERTIDÃO 2.º

Jacinto José da Silva Chanceller do Consulado da Nação Portuguesa nesta Provincia da Parã.

Certifico que revendo o Livro primeiro dos Autos Publicos deste Consulado, nelle a folhas vinte e oito verso, e vinte e nove se acha lançado hum Termo de justificação, que he da forma e maneira seguinte—Anno do Nascimento do Nosso Senhor Jesus Christo, de mil oitocentos e trinta e seis aos vinte e dois dias do mez de Novembro, nesta Cidade do Pará, rua do Açoague e Casas da Chancelleria do Consulado da Nação Portuguesa, perante mim Consul da mesma Nação, compareceu Bernardo José Vieira Coitinho, requerendo-me justificar Subdito de Sua Magestade Fidelissima, para o que offerecia as Testemunhas abaixo mencionadas.—Sebastião Alves, natural da Villa d'Angoia em Portugal, Piloto do Navio, solteiro, idade setenta annos, testemunha jurada nos Santos Evangelhos, em que poz a mão direita, e prometeo dizer verdade, e do costume declarou não ser perante, amigo intimo, e dependente do justificante, e perguntado elle testemunha pelo que requer o justificante Bernardo José Vieira Coitinho, disse que sabe que elle he Subdito Portuguez, porque no anno de mil oitocentos e vinte e sete, foi elle testemunha encarregado de remeter o justificante de Portugal para esta Provincia, e por saber que athe então nunca tinha sahido de Portugal, e mais não disse, e assignei com o mesmo, e o Chanceller.—*Fernando José da Silva, Consul.—Sebastião Alves.—Jacinto José da Silva, Chanceller.—Manoel Higino*

*Cardozo Pinto, natural desta Cidade, Proprietario, casado, idade trinta e dois annos, testemunha jurada nos Santos Evangelhos, em que poz a mão direita, e prometeo dizer verdade, e do costume declarou não ser parente, amigo intimo, e dependente do justificante, e perguntado elle testemunha, pelo que requer o justificante Bernardo José Vieira Coitinho, disse que sabe que elle he Subdito Portuguez, por ver que chegou a esta Provincia no anno de mil oitocentos e vinte e oito, e por lhe constar que athe então não tinha sahido de Portugal, e mais não disse, e assignei com o mesmo, e o Chanceller.—*Fernando José da Silva, Consul.—Manoel Higino Cardozo Pinto.—Jacinto José da Silva, Chanceller.—Joaquim José Delgado Caçella, natural d'Alcobaça em Portugal, Negociante nesta Cidade, casado, idade trinta e seis annos, testemunha jurada nos Santos Evangelhos, em que poz a mão direita, e prometeo dizer verdade, e do costume declarou não ser parente, amigo intimo, e dependente do justificante, e perguntado elle testemunha pelo que requer o justificante Bernardo José Vieira Coitinho, disse que sabe que athe o anno de mil oitocentos e vinte e oito, nunca o justificante sahio de Portugal, e só h'aquelle anno he que veio para esta Provincia no Brigue—General Rego—e que igualmente sabe por lhe constar que o mesmo justificante he filho de Vianna do Minho, e mais não disse, e assignei com o mesmo, e o Chanceller.—*Fernando José da Silva, Consul.—Joaquim José Delgado Caçella.—Jacinto José da Silva, Chanceller.—*Hei por justificado o justificante, em vista dos depoimentos das tres testemunhas perguntadas. Consulado da Nação Portuguesa, no Pará vinte e dois de Novembro de mil oitocentos e trinta e seis.—*Fernando José da Silva, Consul.*—Nada mais continha o dito Termo que fielmente copiei. Consulado da Nação Portuguesa no Pará 24 de Janeiro de 1838.**

Jacinto José da Silva, Chanceller.

POST-SCRIPTUM.

Quartel da Presidencia, e do Commando das Armas na cidade do Maranhão, 23 de Abril de 1840.

Ordem do Dia n. 32.

S. Ex. o Sr. Coronel Presidente, e Commandante das Armas da Provincia, manda publicar, para conhecimento da Divisaõ Pacificadora do seu Commando a integra do seguinte officio, que recebeu do Sr. Tenente-Coronel José Thomaz Henriques, Commandante da 2.ª Columna.—Ilm. e Exm. Sr.—Tenho a satisfação de comunicar a V. Ex., que a Villa do Brejo está occupada pelas Tropas da Legalidade: 300 homens desta Columna, que avançaram á bater os rebeldes sitiantes, entraram na Villa na manhã de 9 do corrente. Distante da Villa hum quarto de legoa a Guarda avançada de 120 praças bateo hums 200 rebeldes, que estavam enfileirados por toda a estrada, e que depois de hum hora de fogo, e resistencia, abandonaram as trincheiras: Tivemos 1 Soldado d'Artilharia de Pernambuco morto, e 2 do 1.º Batalhão feridos levemente, todos de 1.ª Linha; dos rebeldes foram presos 4, e não se pôde saber do mais prejuizo que soffressem dentro dos matos, todavia declara hum appresentado, que tiverão 3 mortos,

e 11 feridos: depois disto ainda houve fogo mais proximo á Villa em outra guerrilha, mas sem prejuizo algum, e os rebeldes foram incontinenti desalojados das trincheiras. A tropa desta Columna foi recebida com o maior contentamento na Villa; porque se não esperara sua tão repentina coadjuvação, e estava a Villa toda sitiada de rebeldes na distancia de um quarto de legoa, e pouco mais. A força que occupava o Brejo era de 320 homens, inclusive grande numero de appresentados: ella conta mais de 100 doentes, e conservava-se cercada á muito pouca distancia, tendo só franca hum estrada, por onde vinha o gado do Piahy. Fortuna foi avançar a Columna do meu Commando tão de pressa! Nas trincheiras rebeldes tomara-se 1 caixa de guerra, 2 lazarinhas, machados, foices, enxadas, martellos, 7 vergas de aço, e 2 cavallos com outras miudezas. Consta que Pedro Alexandrino se quer apresentar com parte dos seus, e entrar em negociações; mas intimou-se-lhe, que se não appresentando em 24 horas, seria batido immediatamente. Tem-se appresentado 9 rebeldes, e resta agora bater muitos grupos collocados em redor da Villa; avalião-se os rebeldes destas proximidades, segundo informações de appresentados em mil e dusestos.

Devo dizer a V. Ex. que o Major Antonio Gomes Leal executou muito bem as ordens que lhe dei; occupou o Brejo mais de pressa do que eu esperava, e dirigio optimamente a marcha, e operações dos 300 homens, que lhe entreguei, fazendo abrir a estrada do Brejo, e afugentando os rebeldes, que impedião o caminho em varias trincheiras, e guerrilhas: este Official ja recommendavel nesta Columna por seu zelo, vigilancia, e actividade, adquirio nova gloria pela vantagem que conseguiu por sua acertada direcção: o 2.º Tenente Conrado José de Lorena Figueiredo, que tenho ja recommendado a V. Ex. fez muitos bons serviços; e á elle se devem em grande parte os bons successos das partidas contra os salteadores. Deos Guarde a V. Ex. por muitos annos. Acampamento da 2.ª Columna no Bomfim 10 de Abril de 1840.—Ilm. e Exm. Sr. Coronel Luiz Alves de Lima, Presidente e Commandante das Armas desta Provincia.—*José Thomaz Henriques, Tenente-Coronel e Commandante da 2.ª Columna.*

P. S. Nem o Commandante das Forças, nem o Capitão-mór Valerio, nem o Prefeito Ozorio, e nem o Capitão Pedro Paulo estão no Brejo, e sim alem do rio Parahyba: a Força estava commandada por hum Capitão Adjuncto d'Ordens, e queda permanecia na Villa em quanto os rebeldes occupavam toda a circumferencia della.

Manda igualmente publicar o mesmo Exm. Sr., que tendo sahido do Acampamento do Barro Vermelho huma partida commandada pelo Alferes José Maria Marques, pertencente a 2.ª Columna, em o dia 20 de Março proximo passado, a fim de explorar os Matos, e outros logares infestados pela quadrilha do facinoroso Candido, não encontrou os bandidos, que fugitivos não ousou encetar as Armas legaes; tendo somente nesta empresa conseguido a appresentação de 5 rebeldes, e a prisão do bandido Antonio Victor armado, e municiado.

Antonio Nunes de Aguiar, Adjuncto, e Quartel Mestre General.

Maranhão, Typographia Imparcial Maranhense. Anno de 1840

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

DOMINGO 3 DE MAIO DE 1840.

N.º 233.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapcos de Vidigal Irmão & C., rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os avisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

MARANHÃO.

Artigo Official.

ILLM. e Exm. Sr.—Hoje entrei n'esta villa depois de a ter feito desassombrar dos grupos rebeldes, que a sitiavam. A população mostra ter agora mais confiança, pois existindo na villa só os soldados que a tomarão, logo que entrarem tropas da 2.ª columna tem concorrido immensa gente para dentro da villa: a cada passo chegam grandes comboios com numerosas familias, e como que todos estão convencidos, de que não fugirão mais diante dos infames rebeldes.—Estes facinorosos, que estavam a hum e duas legoas da villa, e até a meia legoa, um quarto, e menos, já se não encontram em distancia de quatro a cinco legoas, por terem sido perseguidos constantemente: breve espero ver estes districtos de todo livres de semelhantes feras. Participarei agora a V. Exc. o resultado das ultimas explorações, depois do meu officio de hontem. Forão prezos 10 rebeldes, e morto um na mata das Almas, onde se achavam enguerrilhados com seu infame chefe Pedro Alexandrino depois de pequena resistencia; este malvado deveo escapar de ser prezo á demora de uma partida, que os foi sitiar pela retaguarda, e que achou o caminho embaraçado com fossos cheios de estrepes, grandes pedregalhos de vidro grosso, e taboas com muitos pregos: elles continuão a ser incessantemente perseguidos, e nestes quinze dias espero ter franca a comunicação do rio Parnahiba d'aqui até a sua foz. Seria de muita utilidade que V. Exc. mandasse de 200 a 300 armas com correio; bastante farinha, sal, e agoradente para vir pela Parnahiba até aqui escoltado o transporte. A força da Sapucaia conta mais de duzentos homens desarmados, e á muito soffre grande falta de farinha. Ao deixar este chegarão mais 6 prezos dos logares mata da Taloca, e Barra, onde os que fugirão do sitio desta villa, se achavam enguerrilhados, e fiserão bastante fogo á tropa, mas sempre correndo, e esperando em novas guerrilhas: ferirão-nos um cadete, e hum soldado; mas perderão 6 mortos visitos no campo, e 6 que fôrto prisioneiros alem dos feridos. Deos Guarde V. Exc. muitos annos. Acampamento na villa do Brejo 12 de Abril de 1840.—Illm.º e Exm.º Sr. Coronel Luiz Alves de Lima, Presidente e Commandante das Armas desta Provincia.—José Thomaz Henriques, Tenente-Coronel Commandante da 2.ª Columna.

Correspondencias.

Sr. Redactor.

—Em o numero 229 de seu estimado jornal no artigo que annuncia as deserções, que desfalcarão o contingente prestado pelos dois Corpos Provisorios d'esta Comarca para guarnição do Miarim, emite Vm.ª a opinião de que o governo errara mandando fazer a marcha por terra: essa opinião entretanto é menos bem fundada, attentas as circumstancias peculiares que occorrerão para que esse meio de transporte fosse preferido; e como o Exm.º Presidente e Commandante das Armas da Provincia a esse respeito nada mais fizesse do que assentir ás informações, que tive de dirigir-lhe na qualidade de 1.º commandante do corpo provisório do Municipio d'esta cidade, depois de ouvir aos commandantes de Companhia do interior, e á alguns cidadãos recommendaveis do Municipio de S. Bento, julgo do meu dever explicar os motivos d'esta deliberação, alias tomada depois de muita ponderação.

A todos primeiramente occorria a lembrança de designar-se esta cidade para ponto de reunião das quotas das diversas Companhias, que devião formar o Contingente d'este Municipio, e de fazer-se o transporte por mar d'aqui para o Miarim; mas esta primeira lembrança, que parecia preferivel por evitar as deserções em marcha, não prevaleceu pelas razões seguintes: 1.º o grande receio, suscitado entre os soldados Provisorios por occasião da revista n'esta cidade das 1.ªs Companhias que se organizaram, de que hão elles embarcar para a capital como recrutas para o Exercito de 1.ª Linha, receio que não pouco custou dissipar, e tornou suspeita e repugnante a idea do embarque n'esta cidade, podendo ella muito prestar-se a novas suggestões dos que por qualquer motivo não desejassem o bom resultado d'esta medida; 2.º a opinião dos commandantes das Companhias do interior, concordando em que muito mais facilmente se apresentariam os seus commandados em um ponto central, seguindo dali para Viana, do que n'esta cidade para d'aqui embarcarem; 3.º o parecer de alguns commandantes do corpo Provisorio de S. Bento, e de cidadãos influentes d'esse termo sobre a conveniencia de por ali passar a expedição de Alcantara, porque assim mais animada ficaria a gente d'esse segundo Municipio, onde se tratava de apromptar parte do Contingente total da comarca. A isto accresce que não era de esperar que o tenente-coronel da Guarda N. de S. Bento, a despeito das ordens do Governo, se lembrasse de mandar afixar editaes na

villa, e em outros lugares por onde tinha de passar a tropa, em opposição aos dos commandantes de Companhia do Provisorio, e isso tres dias antes do designado para a reunião dos soldados detalhados para o Contingente d'esse Municipio, tendo a cautella de antedatar esses editaes; nem era tão pouco de presumir que ali, e em Viana, certos individuos, alias amigos dos que n'essa capital se intitulão *verdadeiros legalistas*, tanto se empenhassem com toda a sorte de intriga, por via de emissarios, e pasquins infames, em prejudicar um serviço a favor do restabelecimento da ordem e da lei, e todo em vantagem commun.

Julgo pois haver mostrado convincentemente que pelas circumstancias, em que nos achamos, o arbitrio tomado era o que menos inconvenientes offerecia, qual quer que fosse o resultado, pelo qual nem sempre se pode avaliar o merecimento da escolha: indo o Contingente por terra havia é certo mais facilidade para as deserções; porem determinando-se a reunião e embarque n'esta cidade era muito para recear-se que elle se não chegasse a formar, a não ser em numero tão mesquinho como os que de Guimarães tem embarcado para a capital. E note-se mais que já mesmo em Viana, onde ainda chegarão cento e quarenta e tantas praças (sendo 130 de Alcantara, e 13 de S. Bento), quando se annunciou o embarque para o Miarim foi que teve lugar a maior deserção. Em todo o caso o governo mal pôde ser responsavel por esse arbitrio, pois devia attender ás informações, que lhe fôrto prestadas pelos cidadãos, a quem o seu antecessor se dirigira sobre o trabalho da organização de Corpos Provisorios n'esta Comarca a prestação de Contingentes tirados d'elles; e em quem devia o actual governo confiar não só por isso, senão por outras razões ainda, como acharem-se esses cidadãos nos logares, e poderem melhor conhecer os embaraços que qualquer meio apresentasse, e o serem empenhados em descobrir o melhor modo de surtir bom effeito uma medida, de que se haviam elles lembrado e encarregado, e em que por consequencia lhes ia honra, alem do interesse geral.

Quanto ao mais, julgo poder afirmar que em breve será supprido esse desfalque do contingente alcantarenses, para o que principiei a dar algumas providencias, como se verá dos documentos juntos sob n.ºs 4.º, 6.º, e 7.º, logo que aqui divulgou-se a noticia das deserções; e não ficarão inpones aquelles dos meus Commandados cuja indocilidade fôr inexcusavel pelos meios de persuasão e brandura já esgotados, pois que pa-

ra isso conto com o apoio dos bons cidadãos desta comarca, e com o do governo actual que, justo e imparcial como é, encontrará sempre nos alcantarenses exôrço e lealdade no cumprimento de suas ordens.

Rogo-lhe pois Sr. Redactor quasi ignorar estas linhas no seu periodico, e bem assim as copias, que remetto, da minha correspondencia official sobre este assumpto com o Exm. Senhor Presidente e Commandante das Armas da Provincia, e com os 1.ºs Commandantes das Companhias do Corpo Provisorio do meu commando, e a do Edital que fiz publicar nesta Cidade e em todos os districtos do interior pelo intermedio dos ditos commandantes.

Alcantara 18 de Abril de 1840.

Seu Amigo e Criado.

Antonio Onofre Ribeiro.

N.º 1.º

—Ilustrissimo e Excellentissimo Senhor.—Tendo de apresentar trescentas praças, que se vão a gir para o Mearim, como por V. Exe. me foi determinado em officio de 10 do mez precedente, cumpre-me requisitar a V. Exe. a remessa de fardamento para esse numero de praças, segundo o uniforme dado para o Batalhão Provisorio do Itapicuru-mirim, e pelo antecessor de V. Exe. mandado adoptar para o Corpo Provisorio do meu Commando, sendo esta minha requisição não só fundada no precedente praticado n'essa Capital com os Guardas Nacionais destacados de Guimarães, como na conveniencia de dar alguma forma e regularidade militar ao contingente expedicionario. Digne-se V. Exe. de enviar-me tambem disetas e cinquentas armas pelo menos, e outro sim correante, e munições para as trescentas praças. Quanto ao mais passo a expedir as ordens necessarias, e continuarei a tomar todas as providencias para que com a maxima brevidade possivel possa por em marcha o contingente por V. Exe. designado. Deos Guarde a V. Exe. Quartel da Commandancia do Corpo Provisorio de Alcantara 20 de Fevereiro de 1840.—Ilm. e Excm. Senhor Luiz Alves de Lima, Presidente e Commandante das Armas desta Provincia.—Antonio Onofre Ribeiro, 1.º Commandante do Corpo Provisorio.

N.º 2.º

Ilm. e Excm. Senhor.

—Para cumprimento das ordens de V. Exe. tenho já determinado a todos os 1.ºs Commandantes das Companhias que no dia 26 de Março p. f. apresente cada um d'elles na Fazenda do Padre José Manoel da Silva Ribeiro, sita nos Campos do Aurá, e cerca de tres legoas distante de São Bento, vinte praças, acompanhadas pelos ditos 1.ºs Commandantes afim de manifestar a marcha dos designados e eu seguirei com as quotas das Companhias pertencentes ao districto da Cidade até ao ponto indicado, onde entregarei ao Capitão Sergio Tortuliano Castello Branco o contingente deste Municipio. Assentei, Excm. Senhor, conformando-me com o parecer dos 1.ºs Commandantes das Companhias do Interior, e de outros Cidadãos que o ponto de reunião das quotas de cada Companhia não fosse esta Cidade, e que nem aqui viessem embarcar para seguirem por mar até o Mearim, por que isso significaria grande desânimo aos soldados a quem se tem pre-

curado fazer crer que a organização dos Corpos Provisórios é um meio fraudulento de os recrutar, e remetter parcialmente para essa Capital; suggestão que já causou não pequeno embaraço a sua apresentação n'essa Cidade para a revista das primeiras Companhias, logo que organizadas foram. Bem vejo que a marcha por terra é um pouco mais morosa, e dá mais aberto a deserção; porém a idea de reunião, e embarque n'essa Cidade já muito suspeita poderia ser parte para que se comprimesse muito diminuto numero dos avisados; e eu mais receio o não comparecimento d'estes, pela falta de subordinação e disciplina, em que deve ainda de achar-se um Corpo tão instantanea, e recentemente criado, de que a deserção d'aquelles que se decidiram a apresentar-se, e para esta apresentação concorrerá a designação de um ponto central em que se elles lijão de reunir, porque assim menos impressão farão as intrigas espalhadas de marcha como recrutas para a Capital. A isto ajunta-se outra consideração ponderosa, e vem a ser que Cidadãos recomendáveis de São Bento, e empenhados no apromptamento da quota que o Corpo Provisorio d'esse municipio deve prestar á formação do contingente total da comarca, entendem com razão que a passagem da tropa de Alcantara por ali em muito auxiliaria os seus exôrços, animando aos soldados, que se achem menos predispostos a marchar; e esse parecer é tanto mais fundado quanto a intriga n'esse lugar supprime-se muito mais activa do que neste municipio da cidade. E o quanto por ora tenho a honra de informar a V. Exe. a quem Deos Guarde—Alcantara 22 de Fevereiro de 1840. Ilm. e Excm. Senhor Coronel Luiz Alves de Lima, Presidente e Commandante das Armas desta Provincia.—Antonio Onofre Ribeiro, 1.º Commandante do Corpo Provisorio.

N.º 3.º

—Ilm. e Excm. Senhor.—Tenho a honra de participar a V. Exe. que havendo eu pedido vinte soldados a cada um dos 1.ºs Commandantes das 16 Companhias do Corpo Provisorio do meu Commando, para formar o contingente que V. Exe. me determinou fizesse ir treinar para o Mearim, só poderão reunir-se 197 praças no Macapá (Povoação do Aurá) onde tambem me achei com o 2.º commandante do corpo, e os 1.ºs commandantes de companhias, e no dia 28 recolhi-me a esta cidade, marchando o dito contingente para São Bento inclusive dois 1.ºs commandantes de companhias, um 2.º e dois 3.ºs, e sob o commando do capitão Sergio Tortuliano Castello Branco, a incorporar-se com o outro d'esse Municipio, e d'al seguir até Vianna, donde conveniente será que a tropa seja transportada por mar para o Mearim em razão das enchentes dos campos. Deos Guarde a V. Exe. Alcantara 1.º de Abril de 1840.—Ilm. e Excm. Senhor Coronel Luiz Alves de Lima Presidente e Commandante das Armas desta Provincia.—Antonio Onofre Ribeiro, 1.º Commandante do Corpo Provisorio.

N.º 4.º

—Ilm. e Excm. Senhor.—Constando-me que algumas deserções tem havido do contingente dado pelo Corpo do meu Commando depois que do Macapá se poz em marcha, passei immediatamente a dar as providencias, que V. Exe. verá das copias juntas, e sobre as quaes peço a approvação de V. Exe. Entendo, Excm. Se-

nhor que a brandura, e conselho devem ser succedidos pela força e castigo á aquelles em quem os primeiros meios não produziram effeito, e para verificação d'este em o nosso caso, não se achando elle providenciado por lei explicita, julguei applicavel a legislação muito analogá que temos sobre os destacamentos da Guarda Nacional, visto que tambem tratamos de destacamento de um corpo auxiliar. Era de recear que algumas deserções ouvesse, tendo de marchar de uma vez, e de corpo ainda tão recentemente organizado, um destacamento numeroso; mas nem por isso devemos deixar impávido essa falta de cumprimento de dever, e de procurar prevenir outras talvez maiores, que o máo exemplo poderia produzir. Deos Guarde a V. Exe. Alcantara 13 de Abril de 1840.—Ilm. e Excm. Senhor coronel Luiz Alves de Lima, Presidente e Commandante das Armas desta Provincia.—Antonio Onofre Ribeiro, 1.º Commandante do Corpo Provisorio.

N.º 5.º

—Ilm. Senhor.—Tendo de prestar o Corpo Provisorio do meu Commando, por ordem do actual Presidente e Commandante das Armas da Provincia, um destacamento para guarnecer o importante ponto do Mearim, ordeno a V. S. queira apresentar a 26 do mez de março proximo fucturo em a Fazenda do Reverendo Vigário José Manoel da Silva Ribeiro, no Aurá, vinte praças da sua Companhia, promptas a marchar, pois que n'esse mesmo dia me acharei tambem na mesma Fazenda, e bem assim todos os contingentes pedidos aos 1.ºs commandantes das outras companhias do corpo. Cumpre-me recomendar a V. S. para que na designação das praças, que tem de dar, haja de muito attender ás circumstancias de cada um dos seus commandados, afim de que sejam escolhidos os que menos falta fizerem a suas familias, e á industria do lugar, e mais aptos forem para o serviço; e outro sim que feita a escolha com a circumspecção recommendada, si por ventura quizerem alguns recusar-se a tão justo, quanto necessario serviço, deverá V. S. remettel-os a esta cidade prezos á minha ordem. Espero do patriotismo e zelo de V. S. que porá a maior actividade, e promptidão no desempenho d'esta ordem, como reclamarão os interesses da nossa Provincia, e os peculiares da nossa comarca. Deos Guarde a V. S. Quartel da Commandancia do Corpo Provisorio do Municipio de Alcantara aos 29 de Fevereiro de 1840.—Ilm. Sen. Antonio Raimundo Franco de Sá 1.º Commandante da 1.ª Companhia do corpo Provisorio deste Municipio.—Antonio Onofre Ribeiro, 1.º Commandante do Corpo Provisorio.

N.º 6.º

—Ilustrissimo Senr.—Tendo já determinado em a minha circular de 20 de Fevereiro deste anno aos Senhores 1.ºs commandantes de companhias a prizio dos seus commandados, que designados para fazer parte do contingente pedido pelo Excellentissimo Senhor Presidente e Commandante das Armas da Provincia, se recusassem a este serviço, e constando-me agora que alguns dos que se apresentaram no Macapá tem desertado em marcha, illudindo assim o que se devia esperar do seu patriotismo, e deixando-se arrastar por cobardia indigna, ou por suggestões perdidas e insidiosas de alguns inimigos da ordem publica; apresso-me a remetter a V. S. o in-

clozo Edital para ser publicado immediatamente nos lugares mais convenientes, e até divulgado o mais possível pelos cabos de sua companhia, e a recomendar a V. S. que passado o termo ali marcado haja de proceder com toda a actividade e diligencia na captura dos que se acharem por ventura nesse Districto, remetendo-nos como recrutas para tropa de 1.ª linha. Cumpra ao bom éxito das diligencias que V. S. requirir a coadjuvação do Juiz de Paz do seu Districto, enviando-lhe uma nota dos que tendo de ser capturados e bem assim a todos os outros 1.ªs commandantes de companhias. Confo do reconhecimento zêlo e intelligencia de V. S. que dará a esta ordem o mais exacto cumprimento, como é mister ao serviço publico, e a disciplina e prestimo do nosso corpo. Deos Guarde a V. S. Alcantara Quartel do commando do corpo Provisorio 13 de Abril de 1840.—Illm. Senr. Manoel Alves Serrão, 1.º commandante da 2.ª companhia do corpo Provisorio deste Municipio.—Antonio Onofre Ribeiro, 1.º commandante do corpo Provisorio.

N.º 7.º

—**EDITAL**—Antonio Onofre Ribeiro 1.º commandante do corpo Provisorio deste Municipio da Cidade de Alcantara. Faz saber a todos os soldados das diversas companhias do corpo Provisorio do seu commando, que tendo sido designados para o destacamento e guarnição do Miarim, segundo as ordens do Excellentissimo Senhor Presidente e commandante das Armas da Provincia, ou não comparecerão, ou tendo comparecido desertarão depois em marcha antes de chegar ao ponto de seu destino, que desejando o seu 1.º commandante empregar os ultimos meios de brandura para chamal-os ao cumprimento de seus deveres, e de que talvez fossem desviados por malevolos e insidiosas suggestões, ordena-lhes que no termo de quinze dias, contados da fixação deste, hajão de apresentar-se nesta cidade de Alcantara no Quartel do commando geral do corpo, sob pena de serem, passado este termo, capturados como recrutas para o Exercito de 1.ª linha, conforme a disposição legislativa analogia em a Resolução de 9 de Outubro de 1837, e Instruções de 15 do mesmo mez e anno, sendo esta diligencia muito recommendada a actividade dos Senrs. 1.ªs commandantes de companhias, que deverão remetter uns aos outros notas dos que de suas companhias devão ser capturados, e requisitando a coadjuvação desta diligencia as mais autoridades locais. Quartel do commando do corpo Provisorio deste Municipio em a cidade de Alcantara 13 de Abril de 1840.—Antonio Onofre Ribeiro, 1.º commandante do corpo Provisorio. Conforme. João Evangelista Mulheiras, Secretário do corpo Provisorio.

Pede-se nos a publicação do seguinte.

—Nós abaixo assignados, todos moradores nesta Cidade de Caxias, cheios de indignação ao recebermos a noticia, que na Cidade do Maranhão, tinha-se procurado assignadores para criminoso de Setor. Izidoro Doudment, a respeito de sua conduta no tempo da occupação desta Cidade pelos rebeldes.

Nos apressamos de affirmar, e publicar, em seu honra:

Que sempre foi o dito Senr. Izidoro Doudment, justamente tido por homem honradissimo;

Que no tempo da occupação da Cidade pelos rebeldes, continuou a mostrar-se tal, usando da pouca influencia que tinha sobre alguns chefes, para fazer a todos os habitantes todo o bem que foi em seu poder;

Que todos os Portuguezes que ficaram em Caxias, e escaparam á morte, a elle ho que devem ainda a vida;

Que a sua caza foi entupida de fazendas de toda a especie, que tinha recolhido para as salvar da rapacidade dos Rebeldes.

Que estes, repetidas vezes quizêro obriga-lo a entregar-lhes as fazendas daquellas a quem chamavão cabanos; que sempre lhes resistio com muita coragem; a pezar das continuas ameaças que lhe fazião; porém que ao fim sempre conseguirão, não obstante sua resistencia, carregar alguns bahús, que foi obrigado de lhes deixar lerár, para segurar o resto.

Que muitas vezes também quizêro que elle lhes entreguisse as pessoas, que estavam escondidas na sua caza, ao que nunca quiz annuir; e em fim foi á busca de dinheiro, que conseguiu salvar a vida daquelles desgraçados, que ficaram mais de tres mezes, escondidos em sua caza.

Que quando alguns deste quizêro sair de sua caza, elle, ao risco da propria vida, os conduzio e acompanhou de noite, até que fossem em seguro nos matos.

Que elle foi também de noite, e com o mesmo perigo, buscar alguns, que estavam escondidos em lugares pouco seguros, e os levou a salvamento para sua caza.

Que além destes homens tinha em sua casa muitas familias, que n'elles se tinham refugiado e que elle sustentou mais de sessenta pessoas a seu custo, durante todo o tempo da occupação.

Que nunca reclamou de ninguém as despesas que tinha feito, nem o dinheiro que tinha dado para salvar a vida dos infelizes refugiados na sua caza, dizendo aquelles que lhe fallavão a este respeito, que quando fazia serviços á alguém, nunca era com esperanças, nem vontade de receber pagamento, e que estava bastante pago pela satisfação que experimentava em servir os seus semelhantes.

Que todas as pessoas, que lhe confiavão as suas fazendas, e as tiravão da sua caza antes que se pozessem em arrecadação, as achavão no mesmo estado, em que estavam, quando ellas tinham entregues, e que o mesmo teria acontecido a respeito das mais se se tivesse deixado estar onde as tinham depositado, exceptuando-se alguns bahús roubados pelos rebeldes.

Tudo o que se acha aqui referido, affirmamos ser verdadeiro, e ao conhecimento de todos os habitantes desta Cidade e que não ha senão calumniadores, que seja capazes de dizer o contrario. Em fé de que temos assignado.

Cidade de Caxias 9 de Março de 1840.

Manoel Joaquim de Almeida.—Ennio Teixeira Bacellar.—João d'Araújo Costa.—João Pereira da Silva.—Francisco Antonio Firme.—Bento José Fernandes Bastos.—Manoel Rodrigues Moreira.—Antonio Gonçalves Teixeira.—João José de Magalhães.—Domingos José Correia.—José Antonio da Silva.—João José Lopes Alvim.—José Lopes da Silva.

Reconheço verdadeiras as firmas re-

tro é supra do que dou fô. Caxias 9 de Abril de 1840.—Estava o signal Publico.—Em testemunho de verdade.

Manoel Vicente Carnejo.

CHRONICA MARANHENSE.

Contingente de Alcantara.

—Fica transcripta no lugar competente, a correspondencia do senhor Antonio Onofre Ribeiro, relativa a este objecto; sempre ajuntar-lhe algumas reflexões, e fazer ver de que quilate é o legalismo da facção depredadora.

Advertiremos previamente que quando o senhor Terquato foi pelo governo encarregado de mandar 80 homens, e o sr. Sotero assegurava que de Guimarães podiam vir 200 com muita facilidade, aconteceu que reunido o bravo coronel o seu batalhão só pôde apunhar 14 para a primeira barcada. Foi preciso rebucar esta pobreza; a Revista fallou nos inimigos da ordem, mas em geral, sem os querer nomear, por mais que lho, tenhamos rogado encarecidamente. A Revista sabe bem que para poder sustentar a sua impostura, precisa do silencio e de reticencias. Pela quarta ou quinta vez lhe pedimos que nome esse indiguno que estorvavam a marcha das forças auxiliares, é preciso desmascara-los, até para lhes tirar esse odioso poder de fazer mal. Pela parte que nos toca não teremos as mesmas ceremonias com os agentes da facção.

De Alcantara marcharam 200 homens, e esse forte contingente chegou intacto á villa de S. Bento, sem que houvesse uma só deserção. Ali as cousas mudaram; o municipio de S. Bento devia fornecer um contingente de 100 praças, e só se apresentaram 36; pregaram-se pasquins, onde se dizia aos guardas que seriam todos recrutados para a 1.ª linha mal chegarem ao Mearim. E como se os pasquins, e as intrigas não bastassem, o tenente-coronel das mallogradas guardas nacionaes, o sr. Joze Leandro Ribeiro, mandou afixar editaes em diferentes logares, e especialmente no do Oratorio da Palmeira, sendo este arrancado pelos officiaes do contingente; tractava-se nessas proclamações de complicar o serviço dos provisórios com o dos nacionaes, e de facilitar as deserções com um appello para outro serviço, feito por uma autoridade legal.

Os principaes agentes da facção em S. Bento foram os senhores José Leandro, e Dionisio Belloza.

A 6 de Abril chegou em Viana o commandante do contingente, o sr. capitão Sérgio Tertuliano, e requisitou ao prefeito (Quintanilha) aquartelamento e mantimento para a força, que devia chegar no dia seguinte: a 7.ª no meio dia chegou com effeito a força, e por mantimento, mandou-lhe o sr. prefeito quatro arrobas de carne seca, e por aquartelamento deu-lhe uma casa aberta por todos os lados e apenas muito mal coberta, como que de proposito para desertarem de noite, e onde estiveram expostos aos ventos e rigorosas chuvas os oito dias que ali se demoraram. Até conheceram os horrores da fome, se o honrado cidadão Manuel Antonio de Souza não desse gratuitamente 20 alqueires de farinha, e se da fazenda de N. Senhora se não fornecessem alguns bois, por ordem do digno juiz de direitã.

A demora de oito dias ainda foi outra manobra dos agentes da facção: o commandante do contingente requisiou transportes, e o prefeito respondia, como já o fizera acerca de mantimentos, que não tinha ordem do governo para os prestar. No entanto ao mau tracto dado aos soldados, que o sr. prefeito deixava expostos á fome e á inclemência das estações, indo-se por vezes metter na sua fazenda, para esquivar-se ás instantes reclamações do commandante, ajuntou-se por demais toda a casta de seducção. Andou-se a apregoar que os Sás e outros Alcantarenses tinham mandado fazer a desordem, e agora queriam sacrificar aquella pobre gente, e chegando do Mearim o secretario da prefeitura de Vianna asseverou que os Boges já tinham ordem do governo para assentar praça de 1.ª linha em todo o contingente, e que elle proprio tinha visto o respectivo fardamento, que já estava preparado. Acrescentou-se que os Ligeiros, que do Mearim tinham marchado para o Itapucurú, haviam sido derrotados pelos rebeldes, e por causa disto, tocou-se a rebato, e alborotou-se toda a população da villa!

Depois do emprego de todos estes meios, e de conseguida a deserção de mais algumas turmas de soldados, é que o senhor prefeito se resolveu a fretar um mui pequeno barco, em que foram apinhadas as praças que restavam (pouco mais de cem).

Tudo quanto acabamos de referir será sem duvida contestado pelo contemporaneo da Revista, mas nós lhe advertiremos que, segundo nos consta, de tudo se acha oficialmente informado o governo, pelo commandante da expedição, sendo outros sim bem para notar que em quanto os agentes da facção cumpriam fielmente lá por fora as suas instrucções, o jornalista *Buscapé* pregava aqui que se recrutava para o corpo provisório só paes de familia que depois iam morrer á fome, e de seções. Bem se vê que havia aqui informação antecipada de que o senhor Quintanilha em Viana lhes havia de negar mantimentos, e dar-lhes por quartel uma casa sem paredes!

Eis aqui o *legalismo da facção*! Para cevarmos o seu odio, movidos de mesquinhas rivalidades, fazem desertar 130 praças que corriam em auxilio da legalidade, e tractam de inutilisar no todo esse auxilio, só por ser prestado pelos seus adversarios politicos! Para conseguir um fim tam vergonhoso, não se recuou diante de meio algum, e nem se quer houve escrúpulo em maltratar os soldados. Em presença de um facto tam flagrante, que duvidas poderá já agora haver de que a facção era muito capaz de ter dado instrucções ao fallecido Pedro Alexandrino para que afrouxasse na perseguição aos rebeldes, a ver se com o passeio de Raimundo Gomes conseguia comprometter alguns dos seus adversarios, poucos que fossem! o serviço que ella acaba de prestar á rebeldia, desfalcando a força legal de tantos dos seus auxiliares, se não é tam importante como os que lhe prestaram as demoras daquelle infeliz capitão (já accusado nas proprias paginas da Revista) mostra pelo menos os bons desejos que a animam. A provincia, agora por este facto, a deve ficar avaliando melhor, e saberá a conta em que deve ter as denuncias da Revista e do Amigo do Paiz, que, mal tem sabido encobrir o seu júbilo, ao verem os bons effeitos que sahiram as suas intrigas.

No entanto, tracta-se em Alcantara, á força de diligencias e sacrificios, de reparar os estragos produzidos pela influencia ominosa da facção, e cremos que nestes oito ou dez dias partirá de Alcantara para o Mearim o senhor Antonio Onofre Ribeiro com mais 50 ou 60 praças. Ah! tem a facção mais essa occasião para mostrar quanto vale.

Foi transferido para bordo de uma embarcação de guerra o senhor Militão Bandeira Barros, porque parece que o governo teve participações de Pastos Bons, e até documentos da propria letra desse grande criminoso, que provam as suas relações com os rebeldes, a quem daqui remetia munições e armamento! O senhor Militão é um digno e querido filho da facção; ella o fez tenente-coronel da guarda nacional, servindo-se do cego instrumento Camargo, e quando a assemblea provincial em 1838 restabeleceu o oneroso tributo dos gados, teve o cuidado de exceptuar delles, por 10 annos, certas fazendas do senhor Militão. Sabe-se, alem disso, como elle foi protegido abertamente na questão que lhe moveu o francez Laborde por causa do rapto e estupro de uma orfã. O senhor Militão remetia munições aos rebeldes, e no entanto o Investigador e consocios bradavam de continuo: *Os Catilinas estão aqui mesmo na cidade, não ha duvida de que os rebeldes tem que os proteja!*

Mas donde vem agora o silencio da Revista e do Cometa? porque não defendem o senhor Militão? pois abandonam o amigo na desgraça, depois de o comprometterem, e quando a patente de tenente-coronel, a isenção dos disimos, a prização facil e commoda no quartel (dónde sabia muitas vezes a passeio) já lhe faziam conceber tam largas esperanças? Mas que hade ser? O redactor da Revista, no empenho que tem de passar por legalista extremo, e extremoso, conhece muito bem que a amizade de um Militão só pode servir para comprometter-lo. Sacrifica-o por agora; talvez, andando os tempos, as cousas melhorem, e então poder-se-hão novamente servir delles, para perseguirem os seus adversarios. Talvez que ainda vejamos o sr. Militão, com o seu legalismo purificado na fragoa da perseguição, andar por ali de fardalhão, abrilhantando as fileiras da facção. Não será a primeira acquisição que ella tenha feito entre os rebeldes.

E curiozo ver como os jornaes da facção se queixam do Guajajara! Acreditam, está eminente uma revolução, por causa da publicação desse jornal; só elle é immoral, só elle insulta, só elle calumnia! E foi tal o furor que tomou ao senhor Francisco de Salles Nunes Cascaes, que com a simples leitura do 1.º n.º declarou que com quanto fosse muito pacifico, e nada sanguinario, estava todavia disposto a *fragar o coração dos anarchistas*, que queriam derribar o trono de S. Magestade! No entanto o Cometa, o Legalista, o Amigo do Paiz, vão seguindo livremente o seu caminho, e insultando pelo theor ordinario, os melhores cidadãos. Os senhores desembargador Marjani, Sás, Paço, Lobo, Cerqueira Pinto, o redactor da Chronica, são membros do *senado republicano* de parceria com os Livios, Balaços, Mulunguetas, &c. este é bobo, aquelle é judas, todos são monstros, maldades, ladroes, verdugos, e assassinos. O senhor Leonel não costuma escrever de outra maneira. A imprudencia desta gente tem subido a um gráo de cynismo pouco ordinario.

A assemblea provincial tem estes dias trabalhado em sessão preparatoria, e hoje (3) deve ter logar a sua installação. Consta nos que só quinze membros tem comparecido, e são todos os que se acham na capital. E de crer que a presente sessão annual seja frequentemente interrompida, por falta de membros, porque desde já se pode crer que o partido dominante não chamará um só suppleto que seja.

EDITAES.

De ordem do Sr. Inspector da Thesouraria da Fazenda faz-se constar a todos os habitantes desta Provincia: que havendo o Tribunal do Thesouro Publico Nacional pela Ordem de 11 de Março p. p., sob n.º 28, mandado substituir as Notas de 10\$000 reis, em consequencia de ter apparecido huma falsa desta classe na Caixa da amortização do papel moeda, remetida da Provincia da Bahia; e tendo o Exm. Sr. Presidente da Provincia approvado o prazo de 5 mezes para que tenha lugar semelhante substituição; dar-se-ha principio á esta no dia 15 de Maio proximo vindouro, na Caza desta Thesouraria; e continuará em todos os dias uteis da manhã ás duas da tarde; e que do dia 15 de Outubro em diante, em que termina o prazo indicado, só poderão as sobreditas Notas ser substituidas na Corte do Rio de Janeiro. E para que chegue ao conhecimento de todos os possuidores, e depositarios das mesmas Notas, se manda publicar, e affixar o presente nos lugares mais publicos das Cidades, Villas e Povoações da Provincia, e inserir nos Periodicos desta Capital. Secretaria da Thesouraria da Fazenda do Maranhão em 27 de Abril de 1840.

Francisco José Cezar do Amaral.

Official Maior.

Tendo-se de sacar sobre o Thesouro Publico Nacional até a quantia de 40:000\$000 reis, para ser applicada a substituição das Notas de 10\$000 reis, na conformidade da Ordem do dito Tribunal expedida em 11 de Março proximo passado, sob n.º 28; de ordem do Sr. Inspector da Thesouraria da Fazenda da Provincia couvida-se a todas as pessoas, que quizerem entrar com os fundos até a sobredita quantia, e receber letras para serem pagas no Thezouro com prazos razoaveis, para que comparecerão na mesma Thesouraria até o dia 6 de Maio proximo vindouro das 10 horas da manhã ás 2 da tarde, afim de tratar-se este negocio.

Thesouraria da Fazenda do Maranhão em 27 d'Abril de 1840.

Francisco José Cezar do Amaral.

A V I S O S.

Vende-se huma morada de caza de pedra e cal com mirante, e bastante commodos para familias tendo 4½ braços de frente na traveça das laranjeiras; nos fundos das cazas de sobrado da Rua da Madre de Deos que esta edificando a Illm.ª Sr.ª D. Anna Joaquina Jances Pereira tendo a sahida com portão e baranda para a Rua do Mocambo. Quem as pertender falle nesta Typographia.

O Escrivão Nunes mudou a sua residência para a rua dos Affogados, caza N.º 25 lado direito indo para cima, onde morou o Sr. Procurador da camara Gregorio Thaumaturgo.

Maranhão, Typographia Imparcial Maranhense. Anno de 1840

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

QUINTA-FEIRA 7 DE MAIO DE 1840.

N.º 234.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapcos de Vidigal Irmão & C., rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os azises imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

RIO DE JANEIRO.

Artigos Officiaes.

O REGENTE, em nome do imperador o Senhor D. Pedro II, ha por bem approuvar o contracto para a navegação por paquetes de vapor entre esta corte e a capital da provincia do Pará, que, em virtude do decreto n.º 89, de 12 de outubro de 1839, foi na data de hoje celebrado por Manoel Antonio Galvão ministro e secretario d'estado dos negocios do imperio, com os directores da Companhia Brasileira de Paquetes de Vapor, debaixo das condições que com este baixão, assignadas pelo mesmo ministro e secretario d'estado dos negocios do imperio, que assim o tenha entendido, e faça executar as ditas condições com os despesas necessarios. Palacio do Rio de Janeiro, em 3 de fevereiro de 1840, de cimo nono da independencia e do imperio.—Pedro de Araujo Lima.—Manoel Antonio Galvão.

Condições relativas á navegação dos paquetes de vapor para o Norte, ás quaes se refere o decreto desta data.

1.ª A commissão se obriga a fazer transportar, de 20 em 20 dias, os quaes começarão a correr do 1.º de março futuro, nos seus paquetes de vapor, as malas e officios do governo desta cidade do Rio de Janeiro até á do Pará, e vice-versa, pagando-lhe o governo por viagem redonda, a contar de 12 de outubro de 1839 em diante, a quantia de 10 contos de reis. As viagens feitas pelos paquetes da companhia, a contar da terceira dellas em diante até ao dia 12 de outubro inclusive de 1839, serão pagas a 8 contos de reis cada huma.

2.ª Os paquetes da companhia serão obrigados a tocar, tanto na ida como na volta, nos portos da Bahia, Maceió, Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão e Pará. Em cada hum destes portos demorar-se-hão os paquetes quarenta e oito horas; ficando porem ao cuidado do governo o expedir as convenientes ordens, para que a demora nos portos de Maceió, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará não exceda, sem mui poderoso motivo, a vinte e quatro horas.

3.ª No caso de que a companhia convencia que os seus paquetes toquem em mais algum porto alem dos que ficaram mencionados, o governo o permittirá, obtendo ella para isso previa autorisação.

4.ª Se por interesse, ou negligencia da companhia, ou dos seus empregados, os paquetes deixarem de sair nos dias

e horas estipuladas, a companhia pagará ao governo, como multa, a quantia de duzentos e setenta mil reis por cada prazo de vinte e quatro horas que a efectiva partida do paquete exceder á hora da partida ordinaria.

5.ª Por outra parte, se os paquetes da companhia forem retidos alem das quarenta e oito horas, e deixarem de sair no dia e á hora estabelecida, por effeito de ordem do governo no Rio de Janeiro, ou dos presidentes nas provincias, o governo pagará á companhia huma igual quantia de duzentos e setenta mil reis tambem por cada prazo de vinte e quatro horas que a hora da partida ordinaria exceder á da partida efectiva. Para que os paquetes devam demorar-se por effeito de ordem do governo no Rio de Janeiro, e dos presidentes nas provincias, he indispensavel: 1.º, que essa ordem seja dirigida por escripto ao agente da companhia no porto, ou, na ausencia, ou impedimento delle, ao commandante do paquete a bordo; 2.º, que nunca a demora causada por motivo dessa ordem se estenda alem de outras quarenta e oito horas.

6.ª Duas horas antes da sahida dos paquetes, ou á meia noite do dia antecedente quando a partida houver de ser de madrugada, os commandantes dellas irão á terra buscar as malas, de cuja entrega passarão recibos: quando porem os paquetes chegarem a qualquer porto, as malas que para elle levarem serão entregues pelos proprios commandantes na administração do correio em terra, ou ao agente da administração, que for a bordo recebe-las; levando este hum recibo da autoridade competente, para desengargo da responsabilidade do commandante.

7.ª Os paquetes poderão conduzir por conta da companhia os passageiros e a carga que acharem; e o governo os preferirá para o transporte dos seus passageiros, munhões de guerra e artigos bellicos, pagando hum frete razoavel. Os réos enviados de hum a outros lugares para julgamento, os degradados e os vagabundos, nunca serão admittidos a bordo dos paquetes.

8.ª A companhia fica obrigada a fazer transportar gratuitamente nos seus paquetes até ao numero de quatro passageiros do estado, quando aconteça não ter havido taes passageiros em duas viagens successivas; bem como quaisquer sommas de dinheiro que por ordem do governo se houverem de remetter de hum para outros portos.

9.ª Os paquetes ficão sujeitos á fiscalisação das alfandegas, e ao regulamento do porto, em qualquer daquelles em

que tocarem; a sua descarga porem será feita logo que chegarem, com preferencia á de qualquer outra embarcação, ainda que esta se achie descarregando, quando neste ultimo caso não seja possivel fazer a de ambas simultaneamente.

10. Os paquetes serão nacionalizados brasileiros, gozarão dos privilegios das embarcações de guerra, com excepção somente do disposto na primeira parte da condição antecedente, e serão tripulados pela mesma maneira porque o são as embarcações nacionaes.

11. O governo poderá permittir que os officiaes de marinha de guerra brasileira commandem os paquetes, se forem requisitados para esse fim ao mesmo governo pela companhia; ficando porém a cargo desta o pagamento das gratificações com que se convencionar com o official, o qual perceberá da fazenda publica somente o meio soldo da sua patente, como licenciado, a cuja classe passará a pertencer durante aquelle serviço.

12. A companhia será obrigada a receber e sustentar a bordo de cada hum de seus paquetes de vapor hum official de marinha de guerra brasileira, para aprender e praticar, quando o governo assim o determinar; não podendo a companhia exigir por comedorias desse official maior somma do que a estipulada para os officiaes dos mesmos paquetes.

13. Se dous ou mais paquetes de vapor ao mesmo tempo se inhabilitarem de navegar, em consequencia de naufragio ou de outro acontecimento imprevisto, a companhia será obrigada a fretar barcos de vapor para supprir a falta dos seus; e só no caso inesperado de os não achar pela quantia de dez contos de reis por viagem redonda, o que ella deverá provar, se lhe permittirá fazer o serviço dos referidos paquetes com embarcações de vela por espaço de dez mezes, reduzindo-se-lhe neste tempo á quantia de seis contos de reis a consignação que lhe fica estabelecida por viagem. Se dentro daquelle tempo a companhia não tiver restabelecido com toda a regularidade o serviço dos seus paquetes de vapor, ficará extinto o presente contracto.

14. A companhia fica obrigada a mostrar, dentro de quatro annos, contados do dia 12 de outubro do anno passado, ter cobrado dos seus socios todo o capital destinado a esta empresa; assim como a apresentar, de cinco em cinco annos, toda a sua escripturação á pessoa ou pessoas que o governo nomear para examinar, a fim de poder o mesmo governo com o necessario conhecimento diminuir a consignação dada pelo thesouro publico á dita companhia, se assim o julgar conveniente.

15. O presente contracto subsistirá por espaço de dez annos, contados do dia em que teve principio a navegação dos paquetes da companhia, quando antes disso elle não tenha de ser rescindido em consequencia do que se acha disposto no fim da decima terceira condicao.

16. A directoria da companhia he solidariamente responsavel pelas condicoes do presente contracto, e enviará ao governo hum lista das pessoas de que ella for composta, para o seu devido conhecimento.

17. Em garantia das condicoes deste contracto, conservar-se-ha no thesouro publico a quantia de dez contos de reis em apolices da divida publica, a qual a companhia ali depositou, e perderá, sem dependencia de processo judicial, no caso de faltar a dita companhia á execução de todas ou de cada hum das mesmas condicoes.

Palacio do Rio de Janeiro, em 3 de Fevereiro de 1840. — *Manoel Antonio Galvão.*

—Ilm. e Exm. Sr.—Tendo sido submettidos pela assemblea d'essa provincia, com officio de 4 de Janeiro ultimo, a consideração do governo geral, os actos legislativos d'ella, sob ns. 13, 21, 27, 28, 32, e 38, que não foram sancionados por V. Ex.: o Regente, em nome do Imperador o Sr. D. Pedro II., manda declarar a V. Ex.: 1.º, que as razões por que V. Ex. negou a sanção á lei n.º 38 são attendíveis, e as ellas accresce a de se ordenar no artigo 6.º o recrutamento forçado, objecto da privativa attribuição da assemblea geral, artigo 15, § 11, e artigo 36 da constituição; 2.º, que os outros actos legislativos, de ns. 13, 21, 27, 28, e 32, devem ser considerados no caso do artigo 15 da lei de 12 de agosto de 1834, isto é, de deverem ser sancionados por V. Ex., não podendo reputar-se procedente a razão por que insistio a respeito d'elles na sua recusa: porisso que, havendo sessão legal da assemblea legislativa da provincia para todas as suas deliberações quando se acha reunido mais de metade do numero dos seus membros, conforme o artigo 78 da constituição, que lhe é applicavel, segue-se que, para ter logar a disposição do artigo 15 da citada lei de 12 de agosto de 1834, não é precisa a concurrencia dos dois terços dos votos de todos os membros de que se compoe a assemblea, mas basta a dos dois terços dos votos d'aquelles membros com que pôde haver sessão.

Deos guarde a V. Ex. Palacio do Rio de Janeiro, em 27 de março de 1840. — *Manoel Antonio Galvão.*—Sr. presidente da provincia do Ceará.

(Do Correio Official.)

Artigos não Officiaes.

ASSEMBLEA GERAL LEGISLATIVA.

CAMARA DOS SRs. SENADORES.

Abertura da sessão extraordinária, em 9 de Abril.

Presidência do Sr. Paraíso.

—Reunidos os Srs. senadores e deputados, o Sr. presidente nomina para a deputação que tem de receber o Exm.º Regente, nos Srs. deputados: Joaquim Marcelino de Brito, João José de Moura Magalhães, Joaquim Vieira da Silva e Souza, Bazilio Quaréima Torreco,

Francisco Gomes de Campos, Antonio Joaquim Alves do Amaral, Aureliano de Souza e Oliveira, José Ignacio Vaz Viçosa, Venancio Henriques de Rezende, José Ferreira Souto, Antonio Bernardo da Encarnação e Silva, Jeronimo Francisco Coelho, Joaquim José de Oliveira. — Senadores: Antonio Augusto Monteiro de Barros, Laurenceo Rodrigues de Andrade, Marquez de S. João da Palma, Cassiano Speridiao de Mello e Mattos, Luiz José de Oliveira, Visconde de Congonhas do Campo, Jose Rodrigues Jardim.

Dez minutos antes de uma hora annunciou-se a chegada do Exm. regente, que he recebido com as formalidades do estilo, e sentando-se á direita do Sr. presidente, lê a seguinte falla:

Augustos e dignissimos senhores representantes da Nação!

Congratulo-me convosco pela vossa presente reunião.

Tenho o pezar de annunciar-vos que S. M. o Imperador se tem achado ultimamente enfermo: graças porém ao Todo Poderoso, vai progressivamente melhorando, e o seu estado he satisfactorio. Suas angustias irmaãs gozão, felizmente, de prospera saúde.

O publico interesse, de que sois tão sollicitos, exige que vos occupeis da conclusão do orçamento, que não coube no periodo da ultima sessão legislativa.

Está aberta a sessão extraordinaria.

Pedro de Araújo Lima.

Concluida a leitura, retira-se com a mesma formalidade com que entrou, e levanta-se a sessão pela hum hora da tarde.

—He com o maior prazer que publicamos o seguinte boletim, pelo qual se conhece que S. M. I. acha-se de todo restabelecido do novo incommodo que soffera.

Paço da imperial Quinta da Boa-Vista, 6 de Abril de 1840, ás 6 horas da tarde.

Sua Magestade Imperial tem continuado a passar bem desde hontem ás 6 horas da tarde: dormio naturalmente, seguindo o seu costume, e todo o dia tem-se conservado alegre fora do leito. Talvez se possa considerar como com causa dos incommodos de S. M. I. a subida de hum dente queixal superior, que ainda não varou de todo a gengiva, e que todavia não foi annunciado por symptoma algum local appreciavel. Como o estado actual de S. M. I. nenhuma inquietação inspira, suspenderemos a publicação dos boletins, que só apparecerão no caso de ocorrer alguma novidade. — *Dr. José Martins da Cruz Jobim,* medico de semana. (Do Jornal do Commercio.)

INDUSTRIA NACIONAL.

—Summo prazer sentimos com a publicação da correspondencia entre o benemerito presidente de Minas Geraes e a Sociedade Auxiliadora estabelecida nesta Corte, pela qual se pôde vir no conhecimento das importantes tentativas feitas n' aquella provincia afim de nella introduzir-se a cultura e fabrico do chá. A facilidade com que produz este arbusto na nossa patria e o seu geral consumo, não só em o nosso mercado, como no de todo o mundo civilizado, promettem vantajosos lucros, que os nossos lavrad-

res não devem de maneira alguma desprezar. Se algum ramo de agricultura pôde vir a ser o agente de novas riquezas que guardem proporção com as produzidas pelo cultivo do café, he sem duvida alguma a plantação do chá. A cultura desse arbusto não demanda grandes capitães, o fabrico não he difficil, o terreno sobejo em extensão e fecundidade, o mercado he vastissimo: que mais pois he necessario para que a plantação do chá reproduza todos os milagres que com razão se attribuem á cultura do café? No entretanto esta ultima industria não he de longa data. Ha bem pouco tempo mostrava-se em os nossos quintaes hum ou outro pé de café como hum objecto de curiosidade, e hoje talvez não haja no imperio producto cuja exportação seja mais avultada, e cujos valores mais contribua para alimentar o commercio externo, e que dest'arte mais concorra para o augmento das rendas das nossas alfandegas. Riquezas colossaes tem-se accumulado como por encanto, e a presteza com que se ellas tem formado he tal, que chega a causar a admiração de seus proprios possuidores. A cultura do café realisoa na provincia do Rio de Janeiro as grandes riquezas outr'ora produzidas nas provincias do interior pela exploração das minas de ouro; por isso não he raro ver o cultivador fluminense comparar seus cafezais ás minas do Congo-Socco. Nem he a outro ramo de industria que esta fertilissima provincia deve a superioridade de suas riquezas; todos os dias florestas, e florestas immensas, desaparecem, como por magia, do seu solo, e são substituidas por vastissimas plantações de café a perder de vista. Terrenos que outr'ora se vendião por baixo preço, tem sido elevados a hum valor tal, que não he raro rer hum fazendeiro dos municipios mais proximos aos portos de embarque vender suas terras por enorme preço, pagar suas dividas ás vezes bem avultadas, e levando consigo os escravos e os instrumentos da lavoura, embrenbar-se por esses sertões a dentro, comprar terras quatro ou cinco vezes maiores do que as vendidas, e ainda conservar dinheiro com que possa fazer face ás primeiras necessidades de hum novo estabelecimento. Em alguns municipios os fazendeiros já não tem por onde possam estender suas lavouras, e não seremos tidos por exagerados se dissermos que o opulento municipio de Vasouras he todo elle hum vasto cafezal sem a minima interrupção. Em breve o mesmo poderemos dizer do municipio de Valença, situado nessa zona fertilissima limitada pelo Parahyba e o Rio Preto: todos os dias o machado do agricultor vai diminuindo suas ricas florestas de jacarandás, oleos, porobas, e de outras excellentes madeiras. Mais ou menos o mesmo acontece em quasi todos os municipios do sul da provincia do Rio de Janeiro.

Ora estas extraordinarias vantagens que se tem colhido da cultura do café devem acorçoar nossos lavradores dos lugares mais distantes a que lancem mão da cultura do chá. Se em virtude do excessivo preço das conduções, o café não pôde produzir avantajados lucros plantado em grande distancia dos portos de embarque, o chá contendo hum valor dezaseis vezes maior em o mesmo peso, regulando o preço de hum arroba de café pelo de duas libras de chá, vem a ter hum condução dezaseis vezes me-

nos cara, e consequentemente nessa proporção diminuem os gastos de produção. Destarte os feccados terronos do interior poderão ser agricultados com summa vantagem, e seus productos conduzidos ao mercado contribuirão sobremaneira para augmentar a somma da nossa exportação, negociando-se assim com os estrangeiros em mais larga escala, sob proporções mais vastas. As nações, como os individuos, não podem comprar senão na proporção do que vendem; e pois tanto maior for a somma dos productos que exportarmos, tanto mais avultada será a somma dos objectos importados necessários aos nossos usos e ao augmento da nossa industria. Huma nação não presenteia a outra quando lhe remette suas mercadorias; nada mais faz que trocar hum objecto de que tem menos necessidade por outro de que mais precise, e o paiz que nada produzir não terá com que fazer a mais insignificante permutação.

Se por ora não pôde o chá do Brasil concorrer vantajosamente no mercado com esse que da China nos trazem Americanos e Inglezes, não se segue que para o futuro não possa elle fatingir seu ultimo grão de perfeição, e excluir, em virtude da concorrência de seu menor preço pela maior approximação em que estamos dos lugares do consumo, o chá importado da China. A perfeição he sempre o resultado do tempo e da experiencia. O mais uzado amanho das terras, a estação mais propria para a plantação e a colheita, a dextreza e a presteza dos fabricadores, são cousas que se não podem conhecer e adquirir de hum dia para outro. He sempre o tempo que se incumba de dar a ultima demão á obra do homem. Ha bem pouco tempo o nosso café era summamente inferior ao que hoje se exporta; a cultura tem-se aperfeiçoado, e esse aperfeiçoamento não ha tido por certo outra causa que a experiencia produzida pelo affinco e aturado estudo com que os nossos fazendeiros se tem dedicado a este ramo da nossa agricultura.

Muito mais poderíamos dizer sobre o assumpto; mas tão judiciosas e acertadas são em nossa opinião as observações feitas pelo illustrado secretario perpetuo da Sociedade Auxiliadora, que já de sobejo julgamos quanto vai dito. Só nos resta, em nome da agricultura brasileira, dar os devidos elogios ao benemerito presidente de Minas Geraes, que também se ha compenetrado dos deveres do seu cargo, não se circumscrevendo apenas á esphera politica de sua administração, mas procurando por todos os meios a seu alcance desenvolver todos os elementos da prosperidade publica.

(Do Jornal do Commercio.)

CEARA.

—Ilm. e Exm. Sr.— Tenho presentes quatro Offícios de V. Exc. datados dos dias de 27 de Fevereiro e dois de 2 de Março. Nos dois primeiros me faz V. Exc. uma descrição bem lamentavel do estado em que se tem achado, e inda continua essa Provincia infestada por toda a parte de rebeldes, e destituida de todos os recursos para aniquila-los. Ninguém por certo interessará mais do que eu por tudo, quanto concorrer ao melhoramento desse estado desgraçado: e por isso logo que aqui che-

guei, e tomei posse da Presidencia, procurei enviar a essa o possível auxilio, fazendo marchar d'aqui em 20 de Fevereiro quasi toda a tropa de Linha, que eu tinha, que consistia em 170 praças a quem mandei juntar mais 200 de G. Nacional em Sobral, e Villa Viçosa. De Sobral foram 38 Guardas N. e de Villa Viçosa pouco mais de 50, compondo-se por tanto esta força expedicionaria de duzentas e sessenta e tantas praças conforme o Mapa, que o Chefe me remetteu de Villa Viçosa. Tinha-lhe ordenado que fizesse a sua marcha pela Povoação das Frexeiras na Comarca da Parnahiba, a fim de bater ou dissolver no caminho esse grupo de facciosos, q'ahi se agglomeravam atraídos por Domingos Ferreira de Vezas, e outros. Tenho posteriormente sabido a noticia, que de Maranhão atravessariam varios grupos pelo Rio da Parnahiba procurando reunir-se ao Vezas nas Frexeiras, e que este basoflava com os seus, que virão oito comandantes com mais 1000 homens. Devo porem acreditar conforme as noticias que me chegaram, que essa reunião hoje estará bastante augmentada, bem que não conte inda o n.º extraordinario, que seus chefes esperavam; e por isso tenho concebido algum receio, que elles com superioridade de numero não tenham batido a força expedicionaria, principalmente depois da participação cuja topia remetto inclusa da qual se collige, que um piquete da nossa força, atraído pelo nosso guia, cabira em uma cilada armada pelo inimigo.

Nessa occasião não mandei maior auxilio de tropa porque esperava receber uma porção de armamento, que da Bahia e Pernambuco se me havia prometido, o qual com tudo the agora não chegou; e nem sei se o deva continuar a esperar a despeito de muitas repetidas requisições.

Mandei marchar um batalhão de Guardas N. da Villa de S. Mathus, dando ordem ao seu chefe o Tenente-Coronel João Baptista Vieira, que se dirigisse a Piranhas, para ali receber as ordens de V. Exc.: mandei marchar outro da Povoação da Telha nesta Provincia para ir postar-se em Villa Nova, a fim de ali ou em Villa Viçosa, reunir-se com outros contingentes que devem vir de Granja, e Sobral, e hirem desta capital, para compor um segundo corpo de força auxiliar. Eu mesmo tenciono até 15 do mez proximo partir para a Villa de Sobral a fim de lá organizar o ditto corpo, e fazer o marchar com promptidão a essa Provincia.

As armas que na capital tenho mal chegadas, se chegarem, para armar esta expedição; e por isso he-me impossivel enviar algumas a V. Exc. (conforme me requisita) Eu tenho mandado concertar as velhas, e feito reunir as que se achavam espalhadas por alguns lugares, sem que isso tenha produzido grande effeito. A final não sei se poderei conseguir o armamento de 300 praças pela falta de armas; e será essa a segunda expedição, que enviarei a essa Provincia, e partirá de Villa Nova, ou Villa Viçosa para Piracuruca, ou para onde V. Exc. determinar.

Nesta occasião remetto seis mil cartuchos embaldados, e mais onze mil balas não encartuchadas, por haver colligido da participação official de V. Exc. que nessa Provincia havia mais falta de chumbo do que de pólvora. Do hum, e outro genero poderião ir maiores porções, se eu aqui não tivesse tamanha falta de cavalgaduras, sendo obrigado a comprar-as por altos preços, em tempo em que a

Thesouraria se acha exhausta de dinheiro. E como dessa Provincia he muito mais facil enviar cavalgaduras a esta, pelo V. Exc. mandar buscar aqui maior fornecimento, se lhe for perçoso, que eu no entanto mando apromptar. Ao Tenente Coronel Roberto Vieira Passos na Piracuruca foram remetidos de Sobral 48000 cartuchos embaldados; e pela força expedicionaria que seguiu pela Povoação das Frexeiras, remetti mais 178, os quaes, se não forem consumidos no ataque das Frexeiras, poderão ser de grande utilidade á columna commandada pelo Tenente Coronel Manoel Antonio na Comarca do Brejo, a cujas ordens eu mandei submeter o Major Joaquim da Rocha Moreira commandante da força expedicionaria.

Segue daqui hum Sargento com 6 Soldados escoltando o comboi de munições para ser entregue na Villa do Principe Imperial ao Commandante do Destacamento da mesma Villa; a quem segundo as ordens de V. Exc. officio para o remetter a essa Capital; e lhe insinuo para que mande aqui condução do cavalgaduras, se poder, a fim de serem remetidos novos soccorros de munições com mais promptidão. Em satisfação ao que V. Exc. exige de mim acerca dos individuos insubordinados que dessa Provincia fogem para esta, para se não prestarem ao serviço publico, nesta data explico circulares ao Juizes de Paz e de Direito, para fazel-os prender, e entregar ás auctoridades dessa, que os reclamarem dando para esse fim todo o auxilio, e cooperação da força publica, que for necessaria. Deos Guarde a V. Exc. Palacio do Governo do Ceará em 1.º de Abril de 1840.—Ilm. e Exm. Sr. Barão da Parnahiba, Presidente da Provincia do Piahy.—Francisco de Souza Martins. (Do Desceis de Dezembro.)

MARANHÃO.

Quartel da Presidencia, e do Commando das Armas na Cidade do Maranhão, 28 de Abril de 1840.

Ordem do Dia n. 33.

—S. Exc. o Senr. Coronel Presidente, e Commandante das Armas da Provincia, manda publicar, para conhecimento da Divisão Pacificadora do seu Commando, a integra do Aviso da Repartição da guerra abaixo transcripto:—Aviso.—Ilm. e Exm. Senhor.—Accusando a recepção do officio de V. Exc. n.º 10 de 4 de Março findo, tenho a significar-lhe, que Francisco de Assis Barboza de Gódoes foi confirmado no Posto de Alfes Secretario, e não Alfes Quartel Mestre, como por engano se participou, assim como foi despachado Alfes Quartel Mestre José Saturnino Gaspar.—Deos Guarde a V. Exc. Palacio do Rio de Janeiro em 1 de Abril de 1840 Corde de Lages.—Senr. Presidente da Provincia do Maranhão.

Attendendo S. Exc. não só á falta de officiaes de 1.ª Linha na 1.ª columna, mas também aos serviços prestados pelos 1.º Cadete do 7.º Batalhão de 1.ª Linha do Exercito José Luiz Teixeira Lopes, 2.º Cadete da Provincia do Ceará Manoel Pereira de Souza Barão, Sargento Apudantes Nicando Higino Leite, e Francisco Gonçalves Pereira Lima, Sargento Quartel Mestre do 8.º Batalhão

José Joaquim de Souza, e 1.º Sargento de Corpo de Ligeiros Antonio Cactano Travassos, os tem nomeado Alferes de Commissão para servirem nos Batalhões Provisórios—Assignado—Antonio Nunes de Aguiar, Ajudante e Quartel Mestre General.

Quartel da Presidência, e do Commando das Armas na Cidade do Maranhão 1 de Maio de 1840.

Ordem do Dia n. 34.

S. Exc. o Sr. Coronel Presidente, é Commandante das Armas da Província, Ordena que todos os Senhores Officiaes das extinctas 2.ª L.ª, e Ordenanças, deverão enviar ao Quartel do Commando da Guarnição uma participação por escripto dos lugares de sua residência, e bem assim aquelles que ainda não apresentaram suas Patentes, ou titulos legaes, como recommenda a ordem do dia n.º 29, o façam com a maxima brevidade, devendo outro sim ficarem na intelligencia, que senão poderão retirar desta Cidade, sem previa licença do Quartel General, onde se apresentarão logo que regressarem.

Tendo-se offerecido para destacar com o seu Batalhão, todas as vezes que lhe competir, na Guarnição desta Cidade, o Sear. Tenente Coronel Izidoro Jansen Pereira, servindo gratuitamente, S. Exc. manda louvar, e agradecer ao mesmo Sr. Tenente Coronel tal procedimento.—Antonio Nunes d'Aguiar, Ajudante Quartel Mestre General.

Proclamação que o Commandante da 2.ª Columna da Divisão Pacificadora do Norte fez espalhar entre as rebel-des, quando occupou a Chapadilha no 4. de Março de 1840.

—Homens enganados! Chegou finalmente o tempo de cessarem as desgraças que affligem o Maranhão! O Governo de Sua Magestade o Imperador o Senhor D. Pedro 2.º nomeou Presidente desta Província ao Illm. e Exm. Sr. Coronel Luiz Alves de Lima, que já tomou posse do Governo, e veio acompanhado de bastante dinheiro, e Tropa do Rio de Janeiro, Pernambuco, Parahiba, Alagoas, Ceará, e outras Províncias para pôr fim a esta guerra desastrosa.

Pela ultima vez eu vos proclamo: Aquelles que arrependidos se apresentarem ás Tropas do Imperador ficarão perdoados; seus erros serão esquecidos: aquelles por quem continuarem na rebelião serão levados á ferro, e fogo. E assim, que têm ordenado o Governo de S. M., que ainda quer perdoar-vos arrependidos. Vinde, homens cegos, vinde procurar socorro! Vinde salvar a vida, e viver socorridos com vossas familias! Que esperaes ainda? De vossos Commandantes uns vos tem deixado, outros fugido; outros reconhecido seus erros, e passado-se para as Forças da Legalidade: elles estão salvos, estão soltos; assim como todos, que se tem apresentado.

Não escuteis, o que vos dizem os perversos, que vos aconselham para continuardes na carreira dos crimes! Esses conselhos não vos servirão de desculpa.

Finalmente vós não tendes outro recurso: ou apresentai-vos com as armas,

que tendes, e ficareis perdoados; ou acabareis nos tiros dos Soldados, que commando! Eu tenho bastante Tropa para perseguir os pertinazes; meus Soldados os irão descobrir nos matos, nos cocais, a qualquer distancia, em qualquer posição! Vós conheceis bem a Columna da Vargem Grande: até aqui sempre fugistes batidos diante d'ella: hoje que ella está reforçada hum só que não se apresente não lhe escapará no mais escondido recanto.

Correi, vinde entregar as armas, vinde apresentar-vos.

Joze Thomaz Henriques.

Tenente Coronel Commandante da 2.ª Columna.

CHRONICA MARANHENSE.

—Pelo vapor *Pernambucana* entrado a 4 do corrente, tivemos jornaes do Rio até á data de 11 de Abril: a abertura da sessão extraordinaria só teve logar a 9; e a 10, nomeando-se a commissão para responder á falla do trono, que deixamos transcripta, sahiram eleitos os Srs. Antonio Carlos com 32 votos, Moura Magalhães com 31, e Aureliano com 27. São todos da opposição. Fallava-se muito em alteração, ou mesmo mudança total do ministério, que aliás não tem partido proprio nas camaras. Trabalhava-se tambem fortemente para que as camaras declarassem o imperador maior, e dissem que na dos deputados a maioria era favoravel a esse plano, cujo exito favoravel parece-nos a nós sem consequencia nem para o bem nem para o mal.

Do Rio Grande não havia noticias; talvez as traga um vapor pequeno comprado pelo governo para o serviço desta provincia, e que devia sair da corte uns quatro dias depois do *Pernambucana*.

Do interior consta que foram os rebeldes batidos na Bella Agua, pela expedição ao mando do capitão Romualdo, mas que um grupo do inimigo derrotado, apoderara-se do ponto do Morro (a tres legoas do Icatú) porque o seu commandante, o tenente Sodré, o abandonara sem resistencia. Partiram immediatamente do Icatú 150 homens para retoma-lo, e ouvimos que já isso tivera logar. O governo mandou prender o tenente Sodré, e mette-lo em conselho de guerra.

—Como complemento ás informações do ext.º presidente do Ceará, deymos acrescentar que no brigue de guerra, *Imperial Pedra*, vieram noventa e tantas praças de Pernambuco, e cerca de duzentas da cidade da Fortaleza, capital do Ceará, que desembarcaram em Aca-racú, porto da mesma provincia. O seu fim é ajudar a pacificar o Piahy.

AVISOS.

RAPÉ AREA PRETA.

—Ficha-se estabelecido o Depósito de rapé—Arca Preta—de Pernambuco, da fabrica de MEURON & C.ª na rua do Giz n.º 15, 1.º andar; ali encontrarão os amadores deste genero, por preço commo-do, e sempre da melhor qualidade.

—Abordo do Patacho Numa á poucos dias chegado do Rio de Janeiro, vende-se carne secca do Rio Grande de muito superior qualidade, em porções de cincoenta arrobas para cima, isto pelo espaço somente de 20 a 30 dias findo as quaes sabrá impreterivelmente. A mesma carne a retalho, existe nas cazas de Antonio José Soares, José Antonio Fernandes, Miranda Carvalho & Vianna, e de Manoel Joaquim da Costa Moreira, por preços mui favoraveis. Em qualquer das mencionadas cazas se pode tractar sobre a maior porção de bordo.

—João Maria Lurine na rua grande caza n.º 20 tem para vender muito bom calçado para homens de varias qualidades chegado de frança no ultimo navio, Vinho de Bordeaux, e charutos.

—Vende-se uma negra moça, sadia, o de bons costumes; que sabe lavar, go-mar, cozinhar, e entende de todo arranjo de uma caza. Quem apretender de-rija-se ao Escritorio do Tabelião, o Sr. Joaquim Baptista da Cunha, sua das Violas, que ali se lhe dirá quem a vende.

—Em Caza das Sen.ªs Meirelles Rua da Estrela n.º 47 ha para vender hum preta com as qualidades que se exigem no Correo d'Annuncios N.º 37 de 22 de Abril p. p. cujo annuncio pede que se declare na Typographia do mesmo Correo.

—Vende-se hum Terreno na rua da Paz desta Cidade mistico as Cazas de Antonio Joaquim Monteiro de Almeida e Joaquim da Costa Barradas, e quem o pertender falle com Manonel Joaquim Lopes da Silva.

—Eu abaixo assignado passageiro da Barca de Vapor *Pernambucana* dezejozo de ver o merito engradecido, faltaria a um dever de gratidão, se deixasse de manifestar pela maneira mais ampla as excellentes qualidades, de que é dotado o digno capitão de Fragata Ricardo Hayden, que actualmente o commanda, e se esmera não só em agradar o mais possivel aos passageiros, como também em ministra-lhes uma meza a mais esplendida, que se pode desejar; sendo igualmente incansavel na guarda de tudo, que lhes diz respeito; e por isso o julgo recommendavel á aquelles que dezejarem viajar, em taes transportes; cabendo á companhia dos Vapores não pouca gloria em ter feito tão boa escolha.

Antonio Francisco d'Azecedo Exerton.

—Em Junho de 1837 fugio desta Cidade ao abaixo assignado um escravo de nome Antonio, nação congo, que terá 45 annos de idade, estatura ordinaria, um tanto cheio do corpo, feições regulares, e padece d'um ou d'ambos os ouvidos do que resultou ouvir pouco; é roceiro, e fã Tipitís, balaio &c. quem o pegar, e o entregar nesta cidade ao annunciante, terá além da paga do costume, uma gratificação correspondente ao seu trabalho, e despesas do transporte, sendo capturado fora, ou em quilombo; advertindo-se que se desconfia ter sido levado o dito escravo para o Itapicury; ou que fugira para as partes do Tury. Maranhão 10 de Fevereiro de 1840.

Joaquim Praxedes Jorge de Miranda.

Maranhão, Typographia Imperial Maranhense. Anno de 1840

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

DOMINGO 10 DE MAIO DE 1840.

N.º 235.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapcos de Vidigal Irmão & C., rua Grande: preço por trimestre 3\$400, por semestre 6\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas aculsas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os avisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHAO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

MARANHAO.

—No dia 3 de Maio foi aberta a Sessão ordinaria da Assembleia Legislativa Provincial, e nessa occasião o Exm.º Sr. Presidente e Commandante das Armas recitou a seguinte falla.

Senhores membros da Assembleia Legislativa Provincial.

Para ser o interprete das necessidades da Provincia a Lei me conduz hoje ante vós; e posto que, melhor do que eu, deveis conhecer suas carencias, e os meios de provê-las, não deixarei com tudo de cumprir a nobre missão que me he confiada; declarando-vos desde já que não converterei hum dever em mera formalidade, indicando providencias e melhoramentos que encontrarão inevitável obstaculo no actual estado de nossas finanças; nem cansarei a vossa paciencia com a inutil repetição do que, nos Relatorios dos meus Antecessores, impresso corre, de todos sabido, e ainda não satisfeito. Assim pois serei breve, não para ferrar-me no trabalho, nem para evitar o plagiato, que se não dá em tales casos, sim porque prefiro parecer estéril, sendo util, a ser abundante ocioso; e se sobre o que calo desejais providenciar, recorrei aos Relatorios dos meus Antecessores, e á vossa propria experiencia. Oxalá que a vossa sabedoria dê prompto remedio aos males que agora vão indicados.

Tranquilidade Publica.

Não ignoreis qual o motivo que talvez induzisse o Governo Geral a mandar-me a esta parte do Imperio; nem qual seja o que forçou-me a deixar esta capital, para hir inspecionar os diferentes pontos do interior occupados pelas tropas legaes.

A guerra civil ainda está disseminada em tão vasto territorio; e posto que o numero de rebeldes decresça todos os dias nesta Provincia, e o campo de suas atrocidades e latrocínios se vá estreitando, com tudo tres a quatro mil salteadores, ainda armados, não nos permitem repouso. Nossas tropas, he certo, animadas de hum nobre espirito de ordem, os perseguem em todas as direcções; e tantas são as victorias quantos os encontros com estes bandos devastadores.

Nenhum ponto importante da Provincia se acha hoje occupado pelos rebeldes; os quaes em grupos errantes, faltos de recursos vagam pelas matas, e muitos se apresentam ás forças legaes; mas isto não nos assegura por ora a completa victoria: se nove homens sábidos

da lha da Sociedade poderão entre vós brandir o archote da guerra civil, e roubar-vos a paz, de que ainda estais privados, o que não poderão fazer tres a quatro mil, entrando neste numero o primeiro motor, ou agente da desordem?— Além d'isto sciente estou do novo projecto d'esses avariados communicações importantes me tem elogado; e outros, interceptados, não esclarecem sobre seus planos. Porém não he este o tempo de revolver-vos tudo.

No Piahy repercutio o grito da desordem; e séculos rebeldes se apoderarão da villa de Parangará, e tratão de dilatar-se por esta Provincia. O mesmo Ceará não está isento do flagello; trescentos homens que por ordem do Exm.º Presidente d'aquella Provincia, marcharão em soccorro d'esta, virão-se forçados a contramarchar, para rebater hum grupo rebelde, que na villa Viçosa se havia manifestado.

Senhores, eu não pretendo amedrontar-vos; e bem longe de enegrecer o triste quadro das nossas calamidades, talvez attento o negrume de seu colorido, evitando particularidades que horrorisam. Vede a consequencia da farsa desprezada e como lavra o incendio que a tempo não foi extinto. Estranho vos não he o que o Governo de Sua Magestade Imperial tem feito para pôr termo aos vossos males; e o quanto me tenho empenhado para satisfazer a confiança que em mim se dignou depositar: apresentando-me com a possível brevidade nos diferentes pontos; fortificando os mais importantes; fazendo manter a prestante disciplina nas nossas tropas; evitando desperdícios; fiscalizando o emprego dos dinheiros destinados para as despesas da guerra, e substituido a extravasagem da rebeldia para as Provincias que nos cercam, a fim de n'esta extinguil-a.

Para o Piahy tenho mandado repetidos soccorros de municoes, e dinheiro, particularmente para a villa da Parangará; esta Provincia depois da de Pernambuco he a que mais nos tem ajudado, e justo he que llo sejamos gratos.

Muito me fica ainda para fazer; e tenciono voltar ao interior da Provincia, para no meio do theatro da guerra melhor dirigir suas operações; entretanto faço avançar nossas tropas em continuas explorações até as fronteiras, a fim de as empregar em soccorrer os nossos vizinhos, quando não periguo com isto a segurança d'esta Provincia.

Culto Publico.

Não he este o lugar de inserir a análise das necessidades do Culto; nem

farei injustiça á vossa intelligencia e sentimentos piedosos, provando-vos que sem Religião não ha liberdade, nem civilização; e se algum dissesse que, a par da inefficacia das Leis, e da negligencia das autoridades, a ausencia do sentimento religioso muito concorre para a insurreição das classes inferiores, de certo não erraria. Grave assumpto he este para as vossas meditações; e o que vos cumpre fazer, assaz tem sido indicado, e de vós he sabido.

Quasi todas as Igrejas da Provincia, desde a Cathedral visivelmente arruinada, até a mais pobre Capella de villa: reclamão promptos concertos e reparos. Eu mesmo tive occasião de ver, e lamentar o estado em que se achão as Igrejas Parochias das villas do Icatú, Rosário, e Itapucurá-Mirim. A Matriz do Rosário está começada, suas paredes levantadas e expostas ao tempo, mas a obra está paralisada. Alguns particulares offerecem as necessarias madeiras, o mais materiaes para a continuação do Templo; convem que aproveiteis esta boa disposição em quanto elles vivem, consignando alguma somma para se pôr em movimento a obra, e apromptar-se ao menos a Capella-mór.

Os documentos n.ºs 1, 2, e 3 vos mostrarão o que cumpre fazer-se em beneficio da Cathedral, e da Freguezia de Icatú.

A Lei n.º 85 de 2 de Julho de 1839 creou tres missões na Comarca de Pastos-Bons, porém nem estas, nem a já creada na confluencia da Corda com o Mirim estão em vigor, por falta de Sacerdotes animados pelo espirito dos Nobregas, e Anchieta, que se queirão embrenhar por esses certões, para chamar ao Christianismo os Indios errantes, que por falta d'este soccorro espiritual não só permanecem na brutalidade, como nos causão graves damnos com seus repetidos ataques; para elles, e para nós fora hum grande bem levar o germen da civilização ao meio d'essas tribus. Religiosos ha na Italia, ou em Portugal que não duvidariam tomar sobre si o peso de tão sagrada missão. Os conventos d'esta capital estão quasi desertos, e ninguém a elles se consagra. Huma Lei Provincial, marcando a idade de 21 annos, para seu ingresso, quasi que fechou as suas portas; na idade de 21 annos, já paixões tumultuosas lutão no coração do homem, e estão a voz do mundo tem hum echo mais forte que a voz sombria do claustro. Huma idade mais tenra, mais innocente he tambem a mais propria para a vocação religiosa.

O recolhimento de Nossa Senhora d'Annunçiação e Remédios d'esta cidade

encerra hoje em seu reio quarenta educandas, algumas das quaes são pela Fazenda Publica alimentadas, outras mantidas por seus pais, e parentes; o Exm. e Reverendissimo Sr. Bispo desta Diocese, incumbido da inspecção d'este Instituto de Charidade, informa-me que os seus Estatutos necessitam de alguma reforma.

O mesmo Exm. Bispo insiste em reclamar augmento de consignação para o Seminario Episcopal de Santa Antonio, no qual residem hoje vinte alumnos.

Instrução Publica.

Sinto não poder informar vos qual seja o estado de educação elementar nesta Provincia. De cincoenta e duas escolas, não comprehendendo as do Lyceo, só do sete recebi os mappas dos Alumnos que as frequentam, que em resumo vos apresento de baixo do n.º 2; isto prova pouco zelo nos Professores em cumprir os seus deveres.

O Lyceo d'esta cidade vos envia todos os annos hum Relatorio circumstanciado de seus trabalhos, que por Lei lhe he exigido; o deste anno já em meu poder existe para vos ser transmittido. Entretanto eu vos apresento de baixo do n.º 1 o mappa de suas aulas e dos Alumnos que as frequentam.

Com quanto nenhum dos ramos dos conhecimentos humanos se possa chamar inutil, julgo que em hum estabelecimento como este algumas materias devem ser por outras substituidas assim o 2.º e 3.º annos de Marinha, cujas Cadeiras ainda se acham vagas, podião ser extintas, e em seu lugar crear-se huma Cadeira elementar de Sciencias Physicas.

Outro objecto de grande importancia he o systematisar o ensino, marcar os Compendios, e distribuir as materias por diferentes annos, e não consentir no Lyceo Alumnos avulsos senão para as Aulas de Linguas, e que aquelles que aspiram ao grão de Bacharel sejam forçados a seguir o plano admittido no Lyceo. Para isto necessario he huma grande reforma nos actuaes Estatutos.

Não deixarei esta materia sem dizer-vos que triste são as informações que tenho recebido acerca dos Pensionistas, que na Europa estudam a custa d'esta Provincia; douz não tractam d'estudos, e outro em lugar de dar-se ao estudo das materias que pelo Artigo 1.º da Lei n.º 19, estão determinadas, matriculam-se na escola de Direito. A este proposito não posso deixar de expor-vos que a citada Lei de pouca vantagem he para a Provincia; alem de que presta-se a graves abusos.

Se quereis mandar Alumnos instruir-se na Europa, convem antes que sejam os melhores discipulos do Lyceo, que nã tenham obtido o grão de Bacharel, e recebam esta graga como hum premio de sua applicação, e moralidade. Eu vos offereço estas ideas, desejo de concorrer para o melhoramento da Instrução Publica, e de elevar o Lyceo ao grão de importancia a que deve chegar. Chamo toda a vossa attenção sobre este ponto.

Administração da Justica.

De todas as Provincias do Imperio huma vix uniuos e queixosa, se levanta sobre a administração da Justica, todas mais ou menos soffrem, segundo o maior ou menor grão de moralidade das

authoridades; mas sobre este ponto não posso legislar. O que porem respeito á instituição do Jury, bella sem duvida em si, e que nesta Provincia se tem tornado inutil e mesmo pernicioso, como bem o sabeis, creio que poderia ser modificada ás circumstancias peculiares da Provincia; tem-se tornado inutil porque ninguem acode ao chamado da Lei, exceptuando as cabeças de algumas Comarcas; pernicioso, porque só quasi para proteger o crime tem servido.

Policia.

Os males resultados de huma Lei, nem sempre derivam de sua natureza, e sim dos seus executores, agentes, e ás vezes dos pacientes; e tambem da complicação das authoridades, a cujo cargo estão attribuições identicas. Salutar me parece a Lei Provincial n.º 79, mas em quanto as obrigações dos Juizes de Paz, não forem circumscriptas e reduzidas a meios conciliatorios, de pouca vantagem será a Lei dos Prefeitos.

Corpo Policial.

Este Corpo que tão relevantes serviços tem prestado á Ordem e á tranquillidade d'esta Provincia, acha-se hoje, em consequencia da guerra, reduzido á metade de sua força. Eu tenho feito reunir as praças dispersas, e pretepo elevar ao seu estado completo com gente escolhida entre os recrutados. Sua organização não me parece perfeita, nem sua força sufficiente para as necessidades do serviço a que he destinado.

Abstenho-me nesta occasião de apresentar-vos os melhoramentos que julgo indispensaveis, por dependerem elles do augmento do despeza para a Provincia; o que farei em occasião mais opportuna.

Guarda Nacional.

Os dous Batalhões de Guardas Nacionais d'esta Capital, que unicos se acham bem organizados, apresentando o aspecto de boa milicia, mui relevantes serviços tem prestado na actual crise revolucionaria. Batalhões Provisorios suprem a falta da guarda nos lugares onde ainda se não crearam corpos Civicos. Não he este porem o tempo opportuno para com os provisorios organizar Batalhões de Guardas Nacionais, o que só finda a guerra se poderá fazer. Entre tanto julgo que se ampliasse mais a authoridade dos commandantes, melhor seria a Lei n.º 61 de 8 de Junho de 1838, e muito ganharia a disciplina d'estes corpos. A experiencia que tenho do serviço militar me obriga a attrahir vossa attenção sobre este ponto.

Santa Casa da Misericordia.

Este importante estabelecimento necessita de hum novo Compromisso por onde se regule, pois que o existente he o antiquissimo do Hospital de S. José de Lisboa, e não está em harmonia com as circumstancias actuaes, dando assim motivos a graves inconvenientes.

Eu vos apresento quatro mappas com os numeros 3, 4, 5, e 6: um da Receita e Despesa, outro do movimento dos doentes, outro do movimento dos enfermos lazaros, e o ultimo dos expostos.

Obras Publicas.

Hum paiz novo, vasto e pouco povoado como o nosso muito reclama Es-

tradas, Canaes e Pontes que facilitem as communicações. Iguaes á extensão do nosso territorio são as necessidades d'estes soccorros; com taes objectos devira particularmente occupar-se a vossa intelligencia. Os capitães empregados na abertura de hum canal e de huma estrada produzem riqueza e civilização, e compensam todos os sacrificios; mas infelizmente pouco se tem feito para melhorar a Provincia a este respeito, e não por falta de reclamação da Presidencia, que muito meus Antecessores propozerão em seus Relatorios, sim talvez por falta de meios; se permanece esta falta, para que cançar-vos com huma ociosa repetição? se podeis remediar algum dos males de tão vasto catologo, dir-vos-hei que as informações por mim colhidas sobre tal assumpto são as mesmas que ao vosso conhecimento chegarão pelos anteriores Relatorios; e tantas, e tão importantes são todas, que não me animo a rememoralas, nem a tocar em uma d'ellas de preferencia.

Objectos Diversos.

Estamos sem Lei de Orçamento para o anno financeiro de 1840 a 1841 que ficou em discussão na sessão passada, e convem que com ella vos occupeis em primeiro lugar.

A incalculavel vantagem da introdução de Barcas de Vapor, para a navegação dos principaes rios da Provincia me obriga a pedir-vos a reforma da Lei Provincial sobre este importante negocio, a qual pela mesquinhez da protecção que offerece agiganta os empreendedores. Pela Secretaria do Governo vos serão enviadas as condições por hum d'elles apresentadas, as quaes julgo plausiveis.

Não seria menos proficuo que se estabelecesse huma Sociedade de Colonização, igual a que no Ceará creou-se em virtude da Lei Cearense n.º 46 de seis de Outubro de 1838, e que ali pouco tem medrado por falta de capitães; o sendo d'elles mais abundante esta Provincia, melhor se aproveitaria de huma medida Legislativa, favoravel a este intuito. A vasta Comarca de Pastos-Bons reclama braços que a cultivem, e que a limpem das hordas selvagens que a infestam; e nella podião estabelecer-se estas colonias.

Ainda não ha tres mezes, Senhores, que me acho á testa da administração d'esta Provincia, e occupado com os negocios da guerra, poucos esclarecimentos tenho podido colher á cerca de suas necessidades; não deixei com tudo de reclamar as necessarias informações das diferentes Authoridades; algumas d'ellas com razão se limitaram a repetir o que nos anteriores annos expusera. Assim espero que o meu lacoismo mereça indulgencia, senão approvação.

Agora, Senhores, vos certifico que estou disposto a não poupar-me a sacrificio algum para restituir a paz a esta bella Provincia; que minha unica ambição como Cidadão e Militar he de concorrer para sustentar a Integridade do Imperio, e a Grandeza do Throno de Sua Magestade o Senhor D. Pedro Segundo, por tanto conta com a minha cooperação, por isso que vos julgo dos mesmos sentimentos.

ESTA ABERTA A SESSÃO.

Maranhão 3 de Maio de 1840.

Luiz Alves de Lima.

Quartel da Presidência e do Commando das Armas na Cidade do Maranhão 5 de Maio de 1840.

Ordem do Dia n.º 35.

—S. Exc. o Sr. Coronel presidente, e Commandante das Armas da Província, manda publicar que a força commandada pelo Sr. Capitão Romualdo Antonio da Silva, que proximamente marchou desta Cidade, á qual se reunirão alguns Officiaes da 3.ª Columna, tendo partido da villa do Icatú no dia 24 do mez p. p., chegou no dia 29 no ponto da Bella Agua, onde se achavam entrancheirados os rebeldes, que sem a minima perda de tempo foram batidos, e não fazendo a menor resistencia, abandonarão logo suas trincheiras e pozem-se em vergonhosa fuga, tendo somente nesta occasião soffrido a legalidade o ferimento de 3 praças; e da parte dos inimigos ha probabilidade de ter havido alguns ferimentos, pelos indícios que apparecerão. No dia seguinte ao da marcha da mesma força (25 de Abril) apresentou-se a ella o rebelde Lourenço Francisco, que mui útil foi para o dito ataque, pelas informações que a respeito deu. Manda igualmente o mesmo Exm. Sr. publicar a nomeação dos Officiaes abaixo declarados para o Corpo Provisorio de Cavalaria de Anajutuba.

O Presidente da Província ha por bem nomear para o Corpo Provisorio de Cavalaria de Anajutuba os officiaes abaixo declarados. Para Capitão da 3.ª Companhia—Tenente da extinta 2.ª Companhia Antonio José Alves de Figueiredo—Para Tenente da 4.ª Companhia—Mauricio José Rebello—Para Alfere da 3.ª Companhia Jacinto Antonio Rodrigues. Palacio do Governo do Maranhão em 30 de Abril de 1840.—Luiz Alves de Lima—Antonio Nunes de Aguiar Adjuncto, e Quartel Mestre General.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Sr.

Luiz Alves de Lima,

Presidente

DA PROVINCIA DO MARANHÃO.

EPISTOLA.

AMANTÍ Lima da Justiça amante,
Talvez te agaste incerta sêda penna,
Que ao nosso proprio amor não muito agrada;
Mas não te offendas; sou sincero, honrado,
Aborreço a mentira, lisonja odioso;
Pois já adulação degrada o homem.
Dos probos labios não se escotou voz;
Que alago encontram n'hum vaidoso ouvido;
E mesmo em ti verás que á fôrta incensoz;
Ou se aborrecem, ou razão corrompem.

Na longa estrada do valeroso Mundo
Peregrinas contrarias sobre nós carregão,
E os olhos pelas névoas dos enganões
Começam ser real o que he fantasma.
O tempo até he opinioes variã,
E o que d'antes louvou, depois crimina.
Razão, qual he em si, não he a novata;
Qu' em nós só vê conforme os seus eclipses,
E julgando razão, o que he delirio.
Muitos hontem herões aos olhos forão,
Hoje os perseguem ou se abutirão hoje.
No Mundo certo sim ser vario em todo;
Qu' incostancia, não mais, he apes ao gosto.
Se constante Varão de peito a peito
Das suas remotaes se oppõe á frente;
Embora na fadiga a vida acabe;
Culho as palmas, flutua na morte;
Gloria lhe fazem faticios ciprestes;

E tempo lá virá que a dôr nos males
Honrará venha sobre a rãa côva
Com pranto vão de o desprezar em vida.

Hum Genio mão destruidor do Imperio
Brasil não quer olhas jamais ditos;
E a gloria, que apontou, no Letheus sorte.
Sem conta Farias fez surgir do Avercy;
Que fascinando pelo imperio correm
Com facios de ilusão em lavareis.

Mas Genio ha maior, hum Deus q' he fudo:
Razão nos dá, e o seu escuto he fudo.
Cultiva, pressa pois, constante a escola,
Que mais q' Egide tens contra os enganões.
Fremeia, punir, com prudencia rege,
E a todos mostra que jamais te curvas.
Virtudes ha raras, no nome algumas
Conforme o tempo e o apêlo dos povos,
Mas Justiça a coiz de quantos lãjos;
Relampago sem illa as outras todas.
Se os povos não estão por ella unidos,
O mexo social depressa acorda,
Frustadas quantas ligaduras ponhão.
He farol a razão, justiça espelho,
Onde á luz da razão nos ver devemos.

Já porem me esqueitando vai o estro,
E a penna escassa reprimir me compre
Razão, prudencia tens, tens probidade;
Só Vate mesmo a ti. Quem prova serio,
Prevê a attalia do futuro os raios.
O sabio monta ja comêr e giro
Das nevoas mal que assumo no horizonte.

O presente examina, que preciosa
Da assaz encendas, vigilantes olhos;
O passado he forçoso ouvir dos outros,
Que muitos t'ô dirão junto a menti.
Mas olho perspicaz, que vê ao longe,
O passado melhor, ouvido a todos,
Se expugna depois combas e tems
Em tulanças deis d'ouvido o peso.

Anos mais de quarenta estou servindo,
Serri em muitas complicadas eargos,
E quinze lustros tendo visto servindo,
Cancado mostre na lição dos tempos
O Mundo obscuro, como em si mecece.
Tropicos tantos tem, corões tão grandes,
Que os olhos não prevêem, os pés não saltão;
Quem corre sem olhar em si ja leva
Nos mecos p'ô o precipicio prompto.
Muito mais, muito mais diserte houver;
Mas temo que por mim o rabio fellei.
Se prezades me são no azedo os annos
Oh quanto não serás a quem, me atare!
A penna largo, e só por fim te digo
Que por mais que pensamos, erros temos,
E muitos graves, quem de chofre atira.
Se o gordo no cortar se exige, corre;
Mas não o faça sem pensar primeiro.
Rápidos rasgos sem meduras vistas
Se ás vezes brillão, muitas mais se perdem.

FIM.

SONETOS.

1.º
Lima, lima melhor, O' grande Lima
Do q' achastes limitos os ventres,
Que os trabalhos unidos são graves
Se os talha salta mão, dirige, e anima.

2.º
O mão castiga, e bom serviço estimo,
Mais veloz do q' as mais velozes aves
Oppõe ao crime irresistivel trave;
E com golpe mortal o desanima.

3.º
Ambição que só vê o que precorre,
Vinganças, que não vêem na sanha ardente,
Eis as causas do mal que tanto atora.

4.º
A chama extinguida, não a semente
Que nos edios moites guardada durar;
Pois poder de o fazer tem Deus somente.

5.º
O passado verás na que te offerto
Profeci no plectro, mal polida,
Mas axá que d'antes fosse ouvido!
Não seria o porvir presente certo!

6.º
Com serena razão vis de peito
A sorte, que viria desahuida;
Mostrei: uns em vão, foi v'ô perdida
Pois da insanía fatal migueros desperto.

7.º
A fôrta se ateca, vingança cega
O tempo turba, e o crime estando aberto
Abreço a occasião, nas armas prego.

8.º
O desleio dormio, e ao despertar
Depois de estragos mil; mas mal empergo
Cohortes vão, que o tempo escasso offere.

9.º
No preto insólito as paixões sem freio,
Os odios crescem, a vingança herro,
Do som do pelo: passa ao som da guerra
A faltar seu furor no desenfrio.

10.º
Oh quanto, Maranhão, te são receio!
Se a tormenta, que escuto, se desferre
Mesquinho, que verás? Deserta a terra,
E o triste teu toyão de estragos cheio.

11.º
A molevela plebe turbulenta
Ao grato echo, que a roubar a chama,
Não mais hesita; corre violenta.

12.º
Os crimes sem prazer, nelles se inflama,
Aos estragos estragos acrescenta,
Sobre horrores, horrores mais derrama.

13.º
Descanço dá, ó Muz, ao Vate antigo
Com quinze lustros ja envigado,
Vampiro sepulcral, q' a Parca ao lado
Por espectro de horror condas comigo.

14.º
Vampiro, ó Maranhão, estás comigo
Nesse misero teu fatal estado
Com estragos e mortes desolado
Dos proprios filhos teus no desabrigo.

15.º
Oh! quantos crimes lambição não gera!
Odios moites, vinganças incendeia,
Nada a sacia, nunca considera.

16.º
Patriotismo, q' ham fogo sacro ateia
Gloria que foi, e tanto mada era
Tornou-se em falsa voz q' o affecta e odeia.

17.º
Desgrenhada na d'ôr a Mesa minha
No centro da afflicção chorando estava,
Pegar no plectro em vão, em vão tentava;
Nem estro, nem vigor ao meus tinha.

18.º
Cheia de horror a sorte bem azinha
Do ergo Maranhão perdida olhava,
E sem cessar ao lozro dos lustros
A dar-lhe o divo ardor, que d'antes tinha.

19.º
Apello me apparece, e diz irado:
O plectro meu, ó Vate, não requieras
Pois vais a ser por todos odiado.

20.º
Cassandra ficas, deixa-te d'aueine
Qual cão, q' a lã frustra o seu ladro,
Assim te canças a mover pedreiras.

21.º
Deixei de Vate ser que assim m'ordena
O luto moço deus que m'indamava;
De Vate ser em vão me agoniza
Meu estro emmudeci, quisei a penna.

22.º
Depois fantasia v'ô, que me acenta,
D'hum cançado ancio que se arrastava;
O Desengano sou, me diz, estava
Occulto a te mostrar do Mundo a scena.

23.º
Montreito tal qual he: he to vaidade,
Imperio das paixões, aborrecido
Quanto dicta a razão, falla a verdade.

24.º
Agrade pois de mim, tira o sentido
De Vate ser jamais na azeda lãda,
Se ás pedradas não queres ser corrido.

25.º
Bem vê, ó Lima, que preendi a Moss
Pregado tenho em vão, e avas pregado;
Agora, to, a quem poder he dado,
Do ferro e da razão unidos usa.

26.º
Mas quanto tarde veni!.. Em vão te accusa
A d'ôr nos gritos tudo desolado,
Cartadas vidas mil, que tem chorado,
E de chorar em vão jamais se escusa.

27.º
Alivio algum nos dá, e a ti a gloria;
Pois se os holivais moles despedaça
Teu nome val nos echos da victoria.

28.º
Do pura gratidão continuas greis
Retumbando no templo da Memoria
Eterna te fãdo o quanto fizes.

Do Desembargador Joaquim José Salles.

CHRONICA MARANHENSE.

—As ordens do dia do governo provincial ordenando que fossem os feitores dispensados do serviço militar, salvo em

casos urgentíssimos, e que os commandantes do districto, fossem mudados de mez em mez, foram recebidos com aplauso e esperança pela população, porque viam todos que com uma dellas se prestava um serviço importante á lavoura, e se removiam por ventura os perigos de novas insurreições nas fazendas desamparadas aos seus escravos, e com a outra se atalhavam os abusos, que gera a permanencia de empregos de tal natureza. Infelizmente essas ordens salutaras tem sido mal executadas em alguns lugares; um grande numero de feitores continuam no serviço, e n'alguns commandos não tem havido as determinadas mudanças mensaes. No Collô, sobre tudo, segundo cartas que temos lido, os abusos são grandes; não se dispensam os feitores, nem mesmo os donos de fazendas que os não tem; continuam as requisições arbitrárias de generos, e animais, sem que se possam as cautellas e recibos com a regularidade que cumpria; mas não faltam chibatadas e barbaros espancamentos, até em mulheres, das consequências das quaes dão que ja uma morrerá! Não podemos assegurar a veracidade absoluta de quanto acabamos de indicar, nem em taes assumptos é possível obter facilmente; mas o certo é que essa oppressão tam variada nos seus effeitos, tem excitado os clamores de muitos prejudicados, quer d'um, quer do outro partido. Ora como o governo, publicando essas ordens do dia teve certamente em vista aproveitar á provincia, e não fazer somente uma vã ostentação de bons sentimentos, a elle he toca fazer as indagações necessárias para saber se com effeito ha justiça nesses clamores.

Da nossa parte confiamos que agora as ordens superiores serão cumpridas; que ja a vai o tempo em que militares em campanha, escreviam ao presidente ameaçando-o, e dizendo-lhe que não cumpriam as suas determinações.

O prefeito desta capital, e o sub-prefeito da villa do Paço parece que querem voltar nos bellos dias da administração—Camargo, em que nenhum cidadão estava seguro, uma vez que desagradasse á facção; tem tido lugar frequentes prisões, e passamos a dar noticia de algumas, com as circumstancias que as tornam escandalosamente injustas.

O sargento de provisores de Alcantara, Benedicto José Ferreira, tinha vindo a esta cidade com officios requisitar embarcações e mantimentos para o transporte de mais 80 ou 100 praças para o Mearim; só isto já não era pequeno crime para aquellos que tinham promovido a deserção da maior parte do primeiro contingente. Assim que, em occasião que o sargento ia entregar um officio do governo ao arsenal, foi preso por um cabo á ordem do prefeito. Consta-nos que S. S. participara verbalmente ao presidente que tinha prendido aquelle homem, pelo ter elle insultado atrozmente! A vista desta accusação pareceria que o sargento topou-se com o prefeito, e o afrontou em face; mas a verdade é que o que fez o sargento se limita a ter dito a uma immensidade de pessoas que o senhor Filipe Gomes Belfort, não na qualidade do prefeito, mas na de proprietario, vendera a duas pessoas uma mesma casa, e que sobre isso se promovia judicialmente a acção competente, acrescentando a tudo reflexões bem pouco honrosas ao sr. Filipe, mas que nada tinham que ver com a sua auctoridade de

prefeito. Nós poderemos dar testemunho de que o desacato não foi outro, porque ouvimos o sargento queixar-se; e sem disputar se elle tinha ou não razão, se mentia ou fallava verdade, o que dissemos é que o caso não podia uma prisão em acto de serviço, que a terem os prefeitos tal direito, não haveria melhor meio de se descartarem de um adversario incommodo, do que fazerem intervir a sua auctoridade publica em favor dos seus interesses particulares. Deu-se, ainda no caso de ter sido o insulto dirigido ao prefeito, competia acaso ao offendido vingar a propria injuria, e logo pelo meio illegal, mas tam expedito, do recrutamento? Creia o sr. Filipe Gomes que respondendo por tal modo ás queixas que em seu desabono andou por ali fazendo o sargento que prende, pois pelo menos em duvida a lousa do seu procedimento, nesse negocio da venda das casas. E' preciso que se justifique, sem ser pelo meio de prisões e mordagens nos que se queixam.

Foi igualmente preso á ordem do S. S. o guarda Caetano Alberto, disse que por intrigas do sr. Leonel. Dar-se-ha que o motivo da má vontade venha todo de haver o irmão deste guarda, recusado acceder a certo convite que se lhe fez?

Consta-nos que ambos estes individuos foram soltos, tendo o governo aprazado o prefeito, quanto ao primeiro, para que produzisse algumas provas dos insultos que allegava ter recebido, mas que o segundo salira da cidade, por entender que havia designio premeditado de perdê-lo.

Na villa do Paço, o sub-prefeito, que é ao mesmo tempo commandante da guarda nacional, prende em principios de Março ao cidadão Luiz d'Oliveira, lavrador, e casado. Instado pelo paciente para declarar-lhe o motivo da prisão, recusou-se a isso, e num bello dia fê-lo embarcar para o Icatú, arrojando em fôrmas, e sem lhe conceder uma hora que fosse para dispor-se para a viagem. Queixando-se este cidadão ao presidente, e tendo o sub-prefeito de informar sobre a queixa, disse que o paciente por falta de serviço (que nunca existiu) e que sendo certo que elle tinha fôrmas na occasião do embarque, não eram ellas de vezões, mas de um lecionário S. Exc. á vista de razões tam futeis, para desculpar um procedimento tão atroz, mandou ao commandante do destacamento do Icatú, que fizesse recolher a guarda á sua casa para tractar da sua viagem; mas o sr. Cyríaco, que não descepa com qualquer obstaculo, passado dois mezes, no dia 4 do corrente, mandou-o novamente prender, a pretexto de que o guarda, quando se recolheu doente do Icatú, não se lhe foi apresentar! mas a prisão não verificou-se, pelo estado de molestia em que elle se achava. Querem os leitores saber o motivo de todas estas avanias e vexações? não é outro senão o ter o cidadão Oliveira mandado atirar n'umas vacas do dignissimo sub-prefeito que lhe estragavam as roças.

Outro facto. Ignacio Pedro da Silva vendeu a diversos uns gados que possuia, mas muito contra o gosto do sr. sub-prefeito, que os queria comprar, o sem duvida não seria por preços de aleijar. Pretende o homem ir a uma ilha em que tinha o gado, afim de o conduzir, e depois de mil difficuldades, obtem a licença; mas posto na ilha, li-

com como bloqueada, o sr. prefeito não consente que lá vão canoas, ora os seus agentes querem passaportes, ora licenças mui especiaes, em fim toda a casta de avanias, para que o negocio da venda se não effectuasse. Sobre tudo isto subiu uma queixa ao governo da provincia, feita pelos compradores. Parece que em consequencia do tal bloqueio excedeu o homem uns dias á licença, e mal salta na pequena Berberia, e agarrado por uma escolta, e obrigado a abandonar os gados e carnes que trazia. Ainda houve quem lhe fizesse proposições, que elle rejeitou, para desmanchar a venda anterior; e o sr. Cyríaco remetteu como recruta para esta capital, a um homem laborioso, bem procedido, casado, e pai de cinco filhas menores!

Em verdade, estas vexações, precedidas de tão infames maneios, e por motivos tão ignobis, são cabaes para fazer perder o sangue frio ainda aos mais pacificos. Até quando estaremos condemnados a ver a auctoridade publica convertida em instrumento de interesses particulares, ou de vinganças de facções? Ainda aqui confiamos que o remedio nos hade vir do governo, que bem conhecerá S. Exc. que o seu nome ficaria compromettido, se elle deixasse livremente praicar destes attentados, por executores e agentes que tem sabido tirar toda a sorte de males das entra-lhas de uma lei que o governo reputa proficua. S. Exc. hade vir a conhecer por experiencia que muitos desses agentes são escolhidos entre os mais estupidos e mentirosos, e entre os mais abjectos farropilhas, conhecidos e famosos pela sua habitual embriaguez e outros vicios vergonhosos.

N'uma epocha como a actual, desajaremos que o povo se mostre paciente, sofredor, obediencia ás auctoridades, mais que nunca; mas compre que as auctoridades não atropellem todas as regras do decoro, não prostituam o seu poder a vinganças particulares, e arvoradas em mercadores, não queiram arredar os concorrentes, por meio do recrutamento. Outras muitas vergonhas se contão da villa do Paço, como rebates de soldos, licenças, obtidas por cessão de soldos &c. &c. insufficiente nem os jornalistas, nem o governo tem meios de verificar tudo, e de distinguir entre a verdade, e a calúnia. E' certo porem que para tamanhos e tão unisonos clamores compre que haja fundamentos mui reaes.

— AVISOS. —

Perante o Juizo dos Orfãos, se hade arrematar em praça com muita brevidade, huma grande porção de Madeira, da melhor qualidade, propria para Cazas, para construção, e Marcenaria, pertencente ao Casal do falecido Manoel Lopes da Costa. Quem nella pertender lançar, poderá derigir-se a José Bernardino Jorge, Testamenteiro do dito falecido, na Rua do Giz Caza N.º 27 afim de certificar-se da qualidade da dita madeira, sua avaliação, e condições da arrematação.

Maranhão 8 de Maio de 1849.

RAPE' AREA PRETA.

—Acha-se estabelecido o Deposito de rapé—Area Preta—de Pernambuco, da fabrica do MEURON & C.ª na rua do Giz n.º 15. L.º andar; alienciontrão os amadores deste genero, por preço commo, e sempre da melhor qualidade.

Maranhão, Typographia Imparcial Maranhense. Anno de 1849

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

SABBADO 16 DE MAIO DE 1840.

N.º 236.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapcos de Vidigal Irmão & Co., rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os avizos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHAO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

EXTERIOR.

Opinião do Deputado Barreto Feio, sobre a questão com a Inglaterra.

Lisboa, 26 de fevereiro.

—Sr. Redactor.—Tendo eu requerido, na sessão de 19 do corrente, ser inscripto para fallar sobre o § da resposta ao discurso do trono pela maioria da commissão, que principia: *“Vê todavia com profunda magoa e estranheza que o governo de S. M. B., em contravenção dos principios consagrados no direito das gentes, se julgasse autorizado por um simples acto do seu parlamento para fazer capturar pelos seus cruzadores, e julgar pelos tribunales, todos os navios portuguezes encontrados ao sul do equador, suspeitos de se occuparem no de-humano trafico da escravidão etc.”* como na occasião em que me ia tocar a palavra fossem dissolvidas as cortes, e por esta razão eu não podesse enunciar a minha opinião, como deputado, em assumpto de tanta ponderação, para que meus constituintes soubão qual ella era, arrangei as minhas idéas, pouco mais ou menos como eu as expenderei na camara, nesse discurso que tenho a honra de lhe enviar, esperando me faça o obsequio de o inserir no seu acreditado jornal. Sou de V.,—J. V. Barreto Feio.

Discurso a que se refere a correspondência a cima.

No meio dos males que nos opprimem, gozamos huma ventura, e não pequena; podemos ainda pensar da maneira que quizermos, e dizer livremente o que sentimos. Usarei desta facilidade; e, pois he a primeira vez que tomo a palavra nesta longa discussão, começarei por exprimir o estado de agitação em que me tem posto o animo hum boato que tem grassado no publico, e cada dia vai adquirindo mais corpo. Dizem que a mudança ministerial que ainda ha pouco teve lugar entre nós foi obra do certo club estrangeiro. O dia, a hora, o lugar da reunião, as pessoas que a ella concorrerão, tudo se sabe e se diz nas praças e pelas ruas. Corrobora este boato o ter-se publicado em Londres no dia 27 a organização do actual ministerio, tal qual teve lugar em Lisboa no dia 26 de novembro. É a circumstancia de figurar como cabeça entre os membros da nova administração hum homem politicamente morto já de muitos mezes acaba de confirmar que o santo que operou o milagre desta resurreição he estrangeiro, porque santos de casa não podião fazer milagres destes.

Até aqui recebiamos de fóra o calçado e o vestuario já feito; agora recebemos tambem leis e ministerios: falta só que nos venhão já feitas de Inglaterra as barbas, que não merecemos ter no rosto, pois soffrêmos taes vilipendios!

E em que tempo observamos este phenomeno? Quando a bandeira portugueza, essa gloriosa bandeira, que primeiro virão tremular os mares d'Africa e d'Asia, he metida a pique a tiros de canhão, á vista de nossas fortalezas, nesses mesmos mares que descobrimos, e ensinamos a navegar! Quando as nossas embarcações, conduzindo carga licita, são capturadas pelos cruzadores inglezes, no seio da paz, como se estivessemos em guerra aberta!

Tamanha afronta acabamos de receber de huma nação que se diz nossa aliada, e que debaixo da capa da amizade nos está fazendo, ha duzentos annos, a guerra mais destruidora que se tem visto no mundo! E que faz em tanto o nosso governo? Cala-se com os insultos feitos á nação, e continua com as negociações pendentes!... Negociações pendentes! A nação que insulta a outra e a hostiliza rompe todas as relações que tinha com ella; e para a que foi insultada, o primeiro negocio he o desagrar da injuria. Quem espera pelo fim das negociações para então se desagrar, preza mais o interesse do que a honra. Negociações pendentes!... Querá por ventura o nosso governo metter em conta nestas negociações as injurias que temos recebido? E em quanto ha de reputar cada huma dellas! Povos ha em cuja legislação hum murro e huma bofetada com a mão aberta tem preço estabelecido. Mas, não está isso na legislação nem nos costumes dos Portuguezes: entre nós, a honra não se vende por dinheiro.

Dizem os Srs. ministros que pedirão satisfação, e estão á espera della pelo primeiro paquete! Mas, em quanto elles oppuzerem contra a soberba a humildade, e com huma paciencia mais que evangélica, esbafetados n'huma face offerecem a outra, a satisfação que hão de ter he a que se nos dá no discurso do trono inglez—o silencio do desprezo, e a continuação dos insultos.

Dizem que não hão de romper a guerra, em quanto poderem conservar a paz. Bem; nisso estamos todos de accordo: nós tambem queremos paz, mas paz com dignidade; nós tambem não queremos guerra, salvo se nos aggrederem em nossa casa. Pois então, que quereis vós que façamos? (dirão os senhores ministros). Que? Já mandastes retirar de Londres o nosso encarregado de negocios? Corristes já toda a communicação com esse

emissario de lord Palmerston, que, coberto com a garantia do direito das gentes, anda no meio de nós accendendo a guerra civil, e machinando a nossa ruína? Não. Pois então nada tendes feito.

Sr. presidente! Não pretendo eu fazer a apothecosis do ministerio passado, porque não sou lisongeiro; mas, não se póde negar que este ministerio, quanto á independencia e dignidade da nação, se houve muito melhor que nenhum dos que o precederão. E que lhe succedea? Foi demittido com tamanho desabrimto, como nenhum outro ainda o foi! Mas convinha á Inglaterra que, na occasião em que chegasse a Lisboa a noticia do attentado commettido nos mares da Africa, não estivesse á frente dos negocios hum ministerio que não reconhecia no parlamento inglez o direito de legislar para Portugal. Convinha á Inglaterra que, na occasião em que ella tem assentado por em pratica o seu antigo projecto de nos arrebatara nossas colonias, e acabar de todo com a nossa nacionalidade, Portugal não tivesse quem lhe resistisse. E fez-se o que convinha á Inglaterra!!!

Entrados no poder os novos ministros, vimos logo violada a lei das pautas, a beneficio dos Inglezes; infringida a lei que regula o accesso dos officiaes militares; a casa do cidadão invadida com mão armada, e de noite; as impressões da opposição destruidas, atacada a independencia do poder judiciario com a remoção arbitraria dos juizes; todas estas e muitas outras violações de lei temos viato no curto espaço de tres mezes, e para remate de tão bella obra, nos apresentará aqui tres projectos que, se não forão forjados em Londres por lord Palmerston, de certo o forão aqui pelo seu agente; projectos de huma natureza tal que, se por desgraça passarem, adeos liberdade! adeos boçal! e adeos vida!

Estes famosos projectos são outros tantos dedos do governo, que nos estão apontando para a constituição que se pretende dar aos Portuguezes: quem quizer saber que constituição he essa olhe na direcção indicada, e verá (se não for cego) hum throno de ferro assentado sobre estas duas bases—alagoes e beleguinal.

Não poderião os Portuguezes perder a sua nacionalidade, sem que primeiro perdessem a sua liberdade: trabalhava-se combinadamente, dentro e fóra, em destruir huma e outra. Mas, egarrão-se, porque, posto que desarmada,

Eola forte nação que assim se humilha, Para eximir a ferros insolentes, Unhas inda conserva, inda tem dentes!

Sr. presidente! Inda que eu tenha para mim que as nações assim como os

individuos, se não devem medir aos palmos, que os exemplos da historia sejam mais para animar os pequenos povos que os grandes, contanto, como tenho ouvido dizer a certos estadistas, feitos á pressa, que somos muito pequenos para sermos independentes, quizera ouvir a opinião dos Srs. ministros a este respeito, visto que na cabeça delles, por desgraça nossa, reside agora todo o juizo do estado.

Srs. ministros, julgaes vós que a nação portugueza tem sufficientes forças e meios para manter a sua independencia e a sua dignidade? Se me dizeis que sim, porque não sustentais huma e outra, como bons e verdadeiros Portuguezes? Se me dizeis que não, não basta que o digais vós, he necessario que todos nós o digamos. Mandai reunir a nação inteira, e seja o campo de Ourique o ponto de reunião: consultai-a, e vereis como os Portuguezes de hoje, bramindo, todos a huma voz clamaão, como clamáram os Portuguezes do grande Affonso.—Nós somos livres, somos independentes, e o nosso rei he livre e independente como nós. Morra quem consentir em que se pague tributo a estrangeiros! morra quem attentar contra as nossas liberdades! morra quem nos quizer impôr jugo alheio!—

Se alguém ha que se atreva a fazer no povo portuguez huma tal affronta, como a do suppor que, se elle fosse consultado, não daria esta resposta, faça-se a experiencia, que eu fico pelo resultado.

Pois, se estes são os sentimentos, se esta he a firme e invariavel vontade deste povo, sempre heroico, mesmo nas suas desgraças, e elle tem coração e braço para fazer valer seus direitos, como he que o governo se curva tão servilmente diante do governo de huma nação estrangeira, que lhe afflicta a soberania, e o trate como a vassallo? Como he que, dormindo elle a sono solto sobre tudo o que respecta á honra nacional, acorda tão sobressaltado, quando se aponta algum facto decoroso para os Portuguezes, e desairoso para os Ingлезes? Como he que entre os mesmos representantes deste povo tão ultrajado ha quem se atreva a dizer em tom emphatico que o soffrer impunemente semelhantes insolencias não he huma ignominia para a nação portugueza, e que mais nos conviria a dissimulação que o resentimento da injuria? Quem assim pensa e sente não admira que chame desastrosos os acontecimentos de setembro! Desastrosos fôrão elles, mas só para os que nos querem dominar e opprimir.

Disse hum orador da direita, com geral assentimento dos que se assentão do mesmo lado, que, pois, se não queria guerra para sahirnos deste estado indolente, não havia outro caminho que o das negociações. Mas esturemos em circumstancias de podermos negociar? Em entendendo que não. Para se fazer hum tratado, seja de que natureza for, a primeira coisa que se requer, he que as duas partes contractantes sejam ambas independentes e senhores de si. E estamos nós neste caso? Creio que não, porque, se o parlamento inglez legisla para Portugal, se os subditos portuguezes são julgados por tribunales inglezes, se o governo inglez manda metter a pique a independência da nação portugueza, symbolisa da na sua bandeira, e não (segundo a opinião dos Srs. do centro e da direita) não temos outro recurso que o de apellar do ministro Palmerston e do par-

lamento inglez para o bom senso do povo e do parlamento inglez, onde está a nossa independencia?

Portanto, se os Srs. do centro e da direita querem negociar, estão na urgentissima necessidade de regeitar este paragrapho da resposta da maioria da commissão e approvar a substituição da minoria. Mas, para que são tratados? para que são alianças com gente sem fé, e sem lei? Tratados de commercio fazem-se na praça entre o comprador e o vendedor; garantias de independencia estão nas proprias armas. Quem se serve das alianças, se escapa de quem o ataca, não escapa de quem o defende. Aliem-nos com os nossos interesses, com quem andamos tão desviados; contemos só com nosco, e tudo nos irá bem.

A nação portugueza he huma nação forte e valorosa por excellencia. Se alguém o duvida, recorra a nossa historia antiga e moderna, e nella achará que, em todas as épocas, pelejando poucos contra muitos, sempre a victoria foi nossa. Triamphamos de muitos reis e povos, e o mundo se ampliou diante de nós, para dar lugar ás nossas conquistas. Mas, sem embargo disto, a aliança do pote de barro com o pote de ferro, que tanto estimulou o patriotismo, accendeu a indignação e despertou o amor da gloria no coração do Sr. ministro do reino, foi muito bem trazida pelo Sr. Alberto Carlos, porque, se n'outras épocas temos sido fortes, na actual somos fraquissimos. E porque? porque temos hum governo *fraco e sem força, porque tem sugello o coração a quem soube vedá-lo*, e não ha duas causas tão semelhantes no mundo como são governo e povo. O Sr. Rodrigo da Fonseca, defendendo na sessão de hontem com tamanho calor a fortaleza e coragem do povo portuguez, que ninguém lhe disputava, accusou-se a si e aos seus collegas de connivencia com os inimigos da nossa independencia, da nossa liberdade e do nosso commercio, por ter assim deixado insultar e vilipendiar esta nação.

Coube a hum orador do centro a honra de ser o ultimo a fallar na materia, e disse muy bellas cousas. Apresentou-nos hum Romano com a sua toga, trazendo nas dobras della a paz e a guerra, e disse que, se queriamos guerra, adoptassemos a substituição da minoria da commissão, se queriamos a paz, adoptassemos o parecer da maioria, que vem a ser, irmos continuando com as negociações, e deixarmos á alta clemencia do governo de S. M. Britannica o attender devidamente ás reclamações dos insultos e roubos que o mesmo senhor confessor que elle nos tinha feito: estão evitadas todas as guerras no mundo, e por que meio tão simples? Ceder da causa sobre qub se contendia.

Disse o nobre orador que a opposição era forte, porque se achava em minoria, e não tinha esperanza de vencer. Outra descoberta não menos util para o governo, porque, em se vendo imfortunado pela opposição, não tem mais lo que mandar passar da direita para a esquerda tantos deputados quantos sejam necesarios para a tornar maioria.

Disse que todas as nações rejeitão lo si os traficantes de negros. Mas nisto se enganou elle, porque todas os mandão julgar nos seus tribunales.

Disse que a bandeira portugueza não cobria os navios negreiros. He verdade; mas, como estes não trazem hum rotulo

na prôa, por onde se conheça de longe, he necessario revistá-los todos; nestas revistas farão os Inglezes o que costumão fazer, e se acabará o nosso commercio, e se perderão as nossas possessões ultramarinas.

Disse que exigir-mos satisfação de insultos feitos pelos Inglezes na occasião em que estamos para concluir hum tratado era querer impedir a conclusão desse tratado. Segundo a opinião do nobre orador, a occasião mais propria para contractar he quando se está com a corda na garganta.

Os senhores do centro e do lado direito da camara, pela doutrina que expõem, parece que se aconselhião com o medo, ou com outro affecto ainda mais pernicioso! Acabe-se com esse tratado infame de escravatura, porque a humanidade o exige, e o nosso proprio interesse o pede; mas não porque os Inglezes o mandão. Quem obedece a quem manda com imperio, por esse mesmo facto se reconhece inferior e sujeito. O governo inglez não quer contractar, quer dominar; não propõe condições, mandamos ordens. Quem não vê que nos está tentando a paciencia, para ver se lhe aceitamos o jugo? Oh! maldição a todo o Portuguez degenerado que n'huma tal infamia consentir! Se temos de perder as nossas possessões ultramarinas, pereão-se por violencia, e não por vileza nossa, em consequencia de tratados capciosos o extorquidos á força.

Dizem os partidistas da nossa aliança, ou, para melhor dizer, da nossa sujeição aos Inglezes, que Portugal não tem melhor consumidor. E dizem bem porque nos tem consumido até os ossos! Quem inventou a fabula de Prometheo parece que já naquelle tempo tinha em vista a nossa aliança com esta gente. Portugal he Prometheo, Inglaterra he o abutre, quem prende esta ave de rapina ao corpo do infeliz, são os infames tratados que nos ligão a esta nação. Desde que contrahimos esta fatal aliança, começamos a decahir da nossa grandeza e gloria antiga, de sorte que chegamos a este estado de abatimento e miseria, do qual já não podemos descer mais! Mas, alegremo-nos, este que estamos soffrendo he o ultimo dos males, a sua duração não será longa; depois d'elle segue-se o primeiro dos bens. Não digo mais, e do que tenho dito se vê que detesto e abomino a politica do actual ministerio. Assim interna, como externa, que rejeito este paragraho da resposta da maioria da commissão, e que approvo a substituição da minoria na parte em que exige satisfação e reparação dos insultos e danos que temos recebido do governo e parlamentos britannicos.

RIO DE JANEIRO.

—Recebemos hontem a seguinte carta do Rio Grande, em data de 22 de Março de 1840:

Temos noticias de Porto Alegre até 16 do corrente. O sitio ainda não tinha sido levantado, e nada entrava nem sahia da cidade. Esperava-se porém que o cerco se levantaria dentro de poucos dias.

De Calderon pouco sabemos com certeza: o que consta he que elle ia reunir-se a Jacintho, que tem 300 homens, e que ainda se não encontrara com os rebeldes.

O Grenfell escreve que os farrapos além do Caby estão em grande apuro; que entre elles ha dissensões, e que esperava bons resultados das ultimas manobras do nosso exercito. Os rebeldes tem projectado por mais de humavez forçar o Caby, mas tem sempre na frente o benemerito Grenfell, e estando elle presente, nada ouso, pois bem sabem qual seria o resultado de qualquer tentativa.

(Do Jornal do Commercio de 14 de Abril.)

PIAUHY.

Quartel da Parnaíba 11 de Maio de 1810.

Ordem do Dia.

—As armas da Imperio acabão de alcançar hum novo triumpho. Os rebeldes unidos com a Escravatura insurreccionada, em numero maior de trezentos, ousarão atacar o posto das Carnalubeiras na madrugada de oito do corrente, mas os bravos que ali defendem a lei se portarão com valentia, e repellido os malvados. Serião tres horas da madrugada quando o inimigo avançando de roço sobre as trincheiras do Acampamento conseguiram apoderar-se d'ellas, podendo apenas algumas das Sentinellas dispararem as armas, e retirarem-se ao Quartel. A guarnição correu de prompto ás armas, e corajosamente encerrou o inimigo, que posto hontem inesperadamente assestado-se da trincheira nenhuma outra vantagem mais pôde conseguir: os nossos, que pouco excessão a 100 aquartelaram-se em hum sobrado, e outras cazas, de donde opunham a mais forte resistencia aos damnados intentos d'aquelles malvados. O Commandante do Ponto o Sr. Capitão Ignacio Portugal d'Almeida, entre as hum acertadas providencias que tomou durante o ataque, deve com preferencia referir-se a de mandar hum escolta sair por hum dos angulos da trincheira a todo o risco, e fazer atacar o inimigo mesmo em campo, e pela rotaguada da trincheira. Esta resolução fez pender a victoria para o nosso lado, porque immediatamente o inimigo abandonou toda a trincheira, e em completa debandada derão costa, deixando sobre o campo 23 escravos, e 9 rebeldes mortos entre os quaes se nota hum commandante de nome Manoel Barboza, e tiveram grande numero de feridos, porque se diziam muito sangue por onde se girão. Deixarão mais sobre o campo, 20 armas fuzas, humas buzinas e caixas de guerra que lhe servião de muzica. Dos nossos, morrerão 2 na acção, 15 feridos gravemente, dos quaes poucos horas depois falecerão 2, e 11 feridos levemente. Também foram feridos hum velho, hum menino, e hum menino. Entre os feridos se conta o Sr. Tenente Francisco d'Almeida Portugal, Alexandre d'Almeida Portugal, e Alferes Antonio José das Neves, cujos Officiaes se portarão dignamente, e com bravura durante o fogo. Não menos digno de elogio he o Sr. Alferes João Diniz, o paizano Manoel Dias de Pina, foi hum dos que tãbem muito se distinguio nesta acção.

A canhoneira Legalidade tem hum grande parte no bom exito d'esta victoria, porque o seu commandante o Piloto José Raimundo de Farias desenvolveo bastante actividade, e jamais os rebeldes pode-

ão chegar-se ao flanco que ella defendia. Assignado—José Francisco de Miranda Ozorio, Prefeito do Municipio.

Artigo não Oficial.

—As ultimas noticias recebidas de Parnaíba tem de notavel a ousadia, e ignorancia com que os chefes dos dezordens responderam aos officios, e cartas particulares do Sr. Major José Martins de Souza. O caudillo Manoel Lucas de Aguiar, que se assigna—Commandante da força defensora de despolismo—guia do por algum expertalhão da como uma das ponderosas razões de sua desobediencia o falso boato, que dizem fazer ali corrido, de ameaçar os o Sr. Major José Martins de hum completo extermínio, pelo simples motivo de não obediencia a sua voz, quando de ordem do governo da provincia chamava-os para o glorioso serviço de defender a honra e a propriedade dos habitantes de Maranhão. Quer ainda o caudillo sustentar com absurdos, que nenhuma desobediencia commetteram quando assim obraram, e muito apavorado apresenta em defesa sua, e de seus comparses este argumento—Se este povo não é, e como tal não pôde como tal dispor livremente de sua pessoa, e de seus bens, elle assim o fez quando se negou de unir a V. S. para combatter aos de Maranhão contra quem nos não abriga razão alguma. Pede dar-se maior disparate? É crível que o rabiscador de tal escripto não esteja convencido da falsidade que avançou? Não o supponhamos, este absurdo que se patenteia á primeira vista d'olhos a qualquer homem que tem senso commum, é para os nossos rusticos uma verdade Evangelica. Vós, dizem lhez os garimpeiros, sois livres; a constituição assim o tem estatuido, logo podeis fazer quanto quizerdes, e ninguém vos irá ás mãos.

Esta Constituição, meus charos patriotas, diz que sois livres, mas esta liberdade deve ser bem entendida. Quando como tal vos considera ella, impoem-vos a obrigação de obedeceis ás legittimas autoridades naquillo que não for de encontro ás Leis; e de se esta hypothese no chamamento que fez o vosso Prefeito? Não era para salvar a Provincia dos horrores que a ameaçavam, e consequentemente á vossa propriedade, honra, e vida? Como pois dizeis que não sois criminosos, quando desobedeceis ao seu chamado? Entrae em vós mesmos, e conhecereis que somente um inimigo de vosso socego vos terá mettido as armas nas mãos.

Queixae-vos de que no seyo da representação Nacional e Provincial não tem até agora apparecido um deputado de vosso Municipio, e é isto um pretexto para armarem-vos contra as legittimas autoridades? Que influencia pode ter o governo no vosso collegio, que dista 120 léguas da Capital, e em outros da mesma, ou de pouco menor distancia?

(Do Telegrapho de 9 de Abril.)

MARANHÃO.

Quartel da Presidencia e do Commando das Armas na Cidade do Maranhão 7 de Maio de 1810.

Ordem do Dia n. 36.

—S. Ex. o Senhor Coronel Presidente,

e Commandante das Armas da Provincia, manda publicar para conhecimento da Divisão Pacificadora do seu Commando a integra do seguinte Officio do Sr. Commandante da 2.ª columna.—Ilm. Exm. Senr.—Sabendo que o facinoroso Pedro Alexandrino se achava no Funil a 4 leguas d'aqui para o lado da estrada do Munim, pertencendo reunir-se aos pretos, mandei sobre elles duas partidas fortes; e sendo com effeito encontrada a força d'aquelle perverso, foi battida depois de alguma resistencia por espaço de quaze uma ora: correu toda a quadrilha, deixando em nosso poder 15 cavallos, parte da bagagem do dito Pedro Alexandrino, constando de huma bandeira Nacional de damasco, circula da galão de ouro, que dizem ser da Camara de Caxias, 5 Espingardas, 5 Canga-lins, 2 Malhas, 4 Serras, Roupas, e fuzendas, distribuindo-se estes dois ultimos artigos pelos Soldados. O facinoroso chefe escapou infelizmente de ser preso, fugio deixando tudo. Em quanto se explorão os arredores do sitio do combate, outra quadrilha rebelde ousou acometer as partidas, tendo vindo em socorro da 1.ª, e se engajou novo combate, por mais de hum ora, mas a final foram rechaçados os saltadores, soffrendo muitos ferimentos, e deixando um morto, e dois prisioneiros. Da nossa parte morrem 1 Soldado do 7.º Batalhão de Caçadores de La Linha Lazaro José Lopes, e foi ferido com balla e carcos de chumbo gravemente, o Soldado do 5.º Batalhão Joaquim Ferreira Dias. Nossas partidas seguirão o inimigo em retirada quaze uma legua, mas não os poderão mais encontrar. Douz outros seus acampamentos ficaram acitados dezertos. Apresentao-se 7, e mais 1 caby, e 1 Soldado do 1.º do Pernambuco, que forão por elles prisioneiros no assalto de Miritiba, e que nunca poderão conseguir escapar: lhez dizem o caby, e soldado que existe ainda um mu grande numero de rebeldes, que avalio em mais de 28000, só por esse lado entre o Brejo e Miritiba, e que elles tentão reunidos com os negros assaltar o Brejo, e dirigir-se a qualquer ponto nosso para municipalities, e que fultão na villa do Itapacurá, que julgão de guarnecida pela marcha da 2.ª Columna para o Brejo. Tenho o prazer de annunciar a V. Ex. que os rebeldes não parão na distancia de 6 a 8 leguas desta villa, elles são effeivamente perseguidos, e isto tem obrigado muitos a apresentar-se: em 8 dias de 9 a 16 do corrente, que a columna occupa esta villa, tem os rebeldes perdido 7 mortos, 24 presos, e 73 apresentado, alem dos mortos e feridos que se ignorão. Continuarei a persegui-los activamente. Deos Guarde a V. Ex. Quartel do Commando da 2.ª columna da Divisão Pacificadora do Norte na villa de S. Bernardo do Brejo em 16 de Abril de 1810. Ilm. Exm. Senr. Coronel Luiz Alves de Lima, Presidente e Commandante das Armas desta Provincia.—Joze Thomaz Henriques, Tenente Coronel Commandante da 2.ª Columna.—Antonio Nunez d'Aguiar, Ajudante e Quartel Mestre General.

Quartel da Presidencia e do Commando das Armas na Cidade do Maranhão 8 de Maio de 1810.

Ordem do Dia n. 37.

—S. Ex. o Senr. Coronel Presidente e Commandante das Armas da Provin-

cia, manda publicar para conhecimento da Divisão Pacificadora do seu Commando o seguinte Officio do Sr. Commandante da 2.^a columna.—Ilm. Exm. Sr. Uma partida, que deixo do Commando do 2.^o Tenente Comandante José de Lorena Figueiredo explora para o lado de Caxias desde 11 do corrente, explorou os lugares seguintes até 16 do corrente, Mansinho, Olho d'Agua, Tambuatá, Almas, Faveiras, Santa Cruz, Barra, Taboca, Caniana, Orucuzeiro, Gameleira, Armazem, Maribondo e Prata com os resultados que passo a expor. Na mata de Caniana, para Gameleira, estavam enfileirados os rebeldes, e fizeram fogo por espaço de meia legoa, matando-nos 1 Soldado do 5.^o Batalhão, e 1 Paizano, tendo perdido que se visse 1 morto, e outro preso. No dia 17 a mesma partida se encontrou da parte d'alem do rio Parnahyba no Boqueirão, e não podendo atravessar por terem levado todas as Canoas, principiaram elles um tiroteio que foi correspondido, e tiveram 1 morto, 7 prisioneiros do lado d'aquem, depois disto se exploraram—Rossa de Nazaré, Bana-neira, Rossado, Buriti de Ignacia Vaz, Gamella, Carcavella, Taboleiro, Bezzerro, Boa-Vista, Porteiros, Tangins, e Boqueirão; tomaram-se 17 armas, e algumas munições, e apresentaram-se 12 rebeldes, inclusive o celebre Luiz de Campos Novos, famoso saltador e assassino, que era entre elles ajudante. Por este lado existem ainda numerosos, e multiplicados grupos de saltadores, e muito melhor municiados porque nos presos, e apresentados se achavam 12 e 16 cartuchos.

Esta partida já se communicou com uma de Caxias no Boqueirão, e atravessou hontem o rio Parnahyba para bater Raimundo Gomes, que está fabricando Polvora, e aliciando todos os rebeldes, que tem atravessado o dito rio, prendendo antes um tgl commandante Filipe e 3 rebeldes. Mandei reforçar aquella partida, e conto que o facinoroso Raimundo Gomes será batido na Conceição, Província do Piauí. Remetto a V. Exc. esse regulamento das forças rebeldes, que lhe foi achiado. Deos Guarde a V. Exc. Quartel do Commando da 2.^a Columna na Villa do Brejo 21 de Abril de 1840.—Ilm. e Exm. Sr. Luiz Alves de Lima Presidente e Commandante das Armas da Província.—José Thomaz Henriques, Tenente Coronel Commandante da 2.^a Columna.

Manda igualmente o mesmo Exm. Sr. publicar o Aviso abaixo transcripto da Repartição da Guerra.—Aviso.—Ilm. e Exm. Sr.—Havendo o Regente em Nome do Imperador por Decreto de 7 de Janeiro do corrente anno confirmado no posto de Tenente Coronel do extinto 2.^o Regimento de Infantaria da extincta 2.^a Linha da Cidade de Caxias, o Capitão Ajudante da mesma extincta 2.^a Linha João Antonio Marques; participo a V. Exc. para seu conhecimento e execução. Deos Guarde a V. Exc. Palacio do Rio de Janeiro em 6 de Abril de 1840—Conde de Lages—Sr. Presidente da Província do Maranhão.

Antonio Nunes d'Aguilar, Ajudante, e Quartel Mestre General.

—Ilm. e Exm. Sr.—A bordo ja do transporte, tenho a satisfação de informar a V. Exc. que com os ultimos esforços consegui elevar o 2.^o contingente expedicionario no numero de 103 praças, ficão todas embarcadas, e a fazer-se de vela o barco que nos conduz ao Marim.

Esta prompta reunião, Exm. Sr. é um bello triumpho do espirito de ordem, e moralidade que inda felizmente prevalece neste Municipio sobre o da intriga, e demoralisação empregado para burlar os nossos primeiros esforços: das 103 praças 51 foram desertores do 1.^o contingente apresentados depois dos meus editaes de 13 de Abril p. p. Deos Guarde a V. Exc. Porto de Alcantara 8 de Maio de 1840.—Ilm. e Exm. Sr. Coronel Luiz Alves de Lima, Presidente e Commandante das Armas da Província.—Assignado—Antonio Onofre Ribeiro, 1.^o Commandante do corpo Provisorio de Alcantara.

—PROCLAMAÇÃO.—

Camaradas, e Conciudadãos.

—A promptidão com que vos apresentastes, á voz do Governo, e da Lei para defesa da nossa Província e de todos os nossos peculiares interesses, honra o vosso brio, e moralidade, satisfaz completamente o vosso 1.^o Commandante, e vos dá direito ao louvor, e reconhecimento publico.

Camaradas: muito confio que no desempenho d'este serviço vosso proceder será sempre honroso; que aquellos d'entre vós que a intriga, e perfidas suggestões poderão uma vez desviar dos seus deveres, saberão acabar de perfeitamente reparar a sua falta; que todos em fim satisfarão cabalmente a expectação da Província, as ordens do nosso digno Presidente e General, e confiança do vosso 1.^o Commandante.

Eia, briosos Alcantarenses, partamos: eu vos pessoalmente acompanhar-vos ao posto da gloria, e do dever.

Viva S. M. o Imperador.

Viva a Constituição.

Viva a Ordem e a Legalidade.

Viva o Exm. Sr. Presidente e Commandante das Armas da Província.

E Viva os benemeritos Provisórios do contingente expedicionario.

Antonio Onofre Ribeiro, 1.^o Commandante.

CHRONICA MARANHENSE.

Noticias.

—Pelo vapor Fluminense, que vem servir nesta provincia, recebemos jornaes da corte, até a data de 15 de Abril; nada tinha occorrido de extraordinario, e apenas haviam sido regeitadas na camera dos deputados quasi todas as emendas do senado á lei do orçamento, que deixou de concluir-se o anno passado; com o que será indispensavel a fusão das duas camaras. Do Rio Grande só se sabe o que consta do pequeno extracto do Jornal do Commercio que damos no presente numero.

Da Parnahyba recebemos, pelo mesmo vapor, noticias até a data de 11 do corrente. Ellas constam assim dos extractos do Telegrapho, como da ordem do dia do digno prefeito Ozorio; o ataque das Carnahubeiras é um dos mais sanguinolentos que temos tido, e o cidadão Ignacio Portugal, que commandava os legaes, é o mesmo que tanto dava que fazer ao Investigador que o chamava a—Valerio da Talaya. Esta desditosa villa está novamente em poder dos rebeldes que naquellas paragens são em grande numero, unidos aos pretos insurreccionados; mas o prefeito da Parnahyba tinha

soccorrido os legalistas com munições, mais uma canhoneira, e a escuna Gararapese e é de crer que com a derrota do inimigo nas Carnahubeiras as cousas melhiorem.

O ataque das Frecheiras, que estava designado para o dia 6 de Abril, não teve lugar, porque retrogradando a tropa do Ceará ao mando do major Moreira para acudir á villa Viçosa, o prefeito Ozorio se viu obrigado a fazer recolher os seus 200 homens. No entanto aquella reunião de malvados tem crescido, e segundo as ultimas noticias, já excedia a 800 homens; mas o presidente do Ceará contava achar-se a 8 do corrente em Sobral, e o mais tardar até 20, em posição de atar os taes rebeldes das Frecheiras com uma columna de quasi 900 homens, inclusive os do major Moreira. Se ajuntarmos a estes 900, os duzentos da Parnahyba vê-se que temos uma força mui superior, e pode-se contar certo com a inteira aniquilação daquelle foco de rebeldia. Esta grande força deve depois ter uma influencia decisiva na conclusão da luta.

Sentimos dizer que pela primeira vez as forças ao mando do sr. Ozorio soffrerão um revez, que todavia não tem consequencia alguma de importancia para o estado geral dos negocios. Uma partida de 100 homens que explorava as vizinhanças das Frecheiras, ás 8 horas da noite de 16 de Abril, foi surpreendida pelos rebeldes em grande numero, na fazenda do Spirito Santo. O bello luar que fazia favoreceu o inimigo, que de dentro dos matos, atirava aos nossos, muito a seu salvo. As 4 horas da madrugada recebeu elle novos auxilios, mas os nossos resistiam firmemente, até que pelas 8 horas do dia romperam o cerco, e se poseram em retirada. Os rebeldes perseguiram-nos em distancia de 5 legoas, matando-nos tres homens e ferindo-nos 15; mas tambem tiveram dous mortos e alguns feridos.

Este pequeno revez, quasi só serve para mais fazer sobresahir todos os triumphos que desde o principio da guerra se tem obtido sob a direcção do prefeito da Parnahyba. Este honrado cidadão, que se não tem esquivado a sacrificios de qualidade alguma, é eminentemente digno da gratidão nacional, e por ora ha sido apenas escarcamente remunerado com o patente de coronel honorario. Outros que ainda nada fizeram tem alcançado muito mais.

As noticias recebidas do interior da nossa provincia constão das duas ordens do dia do exm. presidente e commandante das armas. Faremos observar que o tenente-coronel Henriques avalia ainda em 2000 o numero dos rebeldes que se achão espalhados desde a Miritiba até o Brejo.

Consta-nos que o conselho de investigação não achou criminosos a conduta do tenente Sodré, na ultima escaramuça do Morro, junto ao Icatu, e que a surpresa foi devida a descuido de sentinelas.

—Depois de compostos, conheceu-se que não cabiam no presente numero, alguns artigos de noticias do Telegrapho de Oeiras e outros originaes, que por consequencia ficam reservados para o seguinte, em que tambem se dará resposta ao que diz a Revista acerca do discurso do senhor presidente da provincia.

Maranhão, Typographia Imparcial Maranhense. Anno de 1840

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

QUARTA-FEIRA 20 DE MAIO DE 1840.

N.º 237.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapros de Vidigal Irmão & Co, rua Grande: preço por trimestre 33000, por semestre 58500, e por anno 108000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os avisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

PIAUHY.

DIVERAS são as noticias que nesta Capital tem corrido sobre os movimentos de Paranaguá; e por consequencia differentes também os juizes que se d'elles formam.

Os visionarios acreditando ás que dam como certa a existencia de fermento revolucionario na Villa da Barra, e na do Rio Preto, encheram no sublevado Municipio o fogo de uma revolta, que com os proprios recursos, e com os auxilios que recebem dos mencionados lugares, virá a assolar esta Provincia: outros porem, a tem em muito menor consideração, e como obra de alguns habitantes d'aquelle Municipio, que receiosos de uma futura punição á seus passados crimes, agitam-se com mui pouco vigor; e creem por tanto que qualquer força é sufficiente para contêl-os, ou obrigá-los a abandonar o terreno em que já semeam sustos, e alguns estragos.

Não compartimos nenhuma destas opiniões: para dezanecer os primeiros juizes, temos por verdadeiras as relações que havemos obtido do estado da revolta em questão. Algumas pessoas fidedignas, que tem d'ali vindo, concordam em que os sediciosos estão absolutamente mal armados, e mesmo sem munição. Uma carta escripta ao Sr. Major José Martins de Souza diz que os facciosos têm apenas 18 armas grossas, entre clavinetes e granadeiras, sendo todas as outras, que possuem, finas, e não em muito bom estado. O individuo que assim se exprime vive entre os rebeldes, por não poder evadir-se, e assegura que até 25 de Fevereiro estavam elles sem a munição necessaria para sustentarem o menor fogo, e nem tinham esperanças de haver mais de que uma carga, que da Villa de Paranaguá lhe seria remittida; e isto ainda em duvida. Acrescenta a mesma carta que são falsos os boatos de serem os sediciosos soccorridos pela Villa da Barra, e Rio Preto; e que a gente melhor de Paranaguá odeia os agitadores; mas não tendo os necessarios meios para batê-los esperavam a chegada da força sob os ordens do mesmo Sr. Major para se lhe reunirem.

Si com estas rasões desvanecemos os terrores dos primeiros, outras temos para convencer aos segundos de que não é com a facilidade que se lles afigura, que pode ser suffocada a nascente revolta.

Si os desordeiros de Paranaguá, francos em numero, e em munição, não podem estender suas operações além do espaço que vai da Villa ao Scurayú, tem também a convicção de que não

serão facilmente atacados por uma força diminuta: sabem que muitas partidas dos saltadores de Pastos-bons se acumulam nas immedições da Gruguea; as quaes impedindo o transitio de forças legaes pelo lado d'além do Parnahiba, como acabam de fazer com a do Sr. Capitão Antonio Ribeiro Soares, lhes dam valiosa proteção; porque lhes guardam um lado, por onde poderiam ser acommetidos.

Por aqui vemos que somente podem nossas forças buscar o Municipio infestado pelo lado d'aquem do Parnahiba; mas temos ainda a notar que estando no ponto dos Viados o ultimo de nossos destacamentos das fronteiras do Oeste, fica aos mencionados saltadores toda a facilidade em passarem o Parnahiba, deste ponto para cima, e cortarem a retaguarda das forças que entranharem-se em Paranaguá, quando não fiquem bem guardados os pontos da retaguarda, para acudir-lhes a qualquer reclamo.

Além das forças do rebelde Vicente Bizzerra, de que fallámos, muitas outras partidas occupam de novo a Villa de Pastos-bons, e o terreno que della vai ate a da Passagem Franca, sendo ellas capitaneadas pelos exadilhos Vicente, Dantas, Milhomens, Pio, Polidoro, Luiz Ignacio, Sant'Anna, Madeira, e Manoel Maria.

A vista de tão clara exposição parece-nos ter provado o que em principio avancamos, isto é, que a revolta de Paranaguá nem é para tanto temer, nem para tanto desprezar. Não é muito para temer, porque não encontrando os desordeiros o apoio da Villa da Barra, e Rio Preto, não podem por muito tempo permanecer em campo; pois que as forças que em sua frente se acham, commandadas pelo Sr. Major José Martins, vão já engrossadas pelas expedições que desta Capital e da Villa de S. Gonçalo a poucos dias partiram; sendo a primeira de 100 praças sob os ordens do Capitão Francisco Nunes de Souza, e a 2.ª de 50, poucas mais ou menos, sob as do respectivo Prefeito o Sr. Capitão Joze Raimundo de Carvalho; além de que a esta hora deve ter partido de Caxias a Columna que vai operar na Comarca de Pastos-bons, e de Sento Sé uma outra expedição para auxiliar a que sobre Paranaguá marcha.

Dizemos também que não é muito para desprezar, porque temos bem presente á memoria qual foi o numero de homens com que principiou Raimundo Gomes a espantosa revolução que ainda assola o infeliz Maranhão; e conhecemos que pode vir a produzir um grande incendio, por menor que seja a faísca, des-

presada no meio de combustiveis tão dispostos a inflamar-se, como se acha o nosso desmoralizado, e desobediente povo.

(Do *Telegrafo* de 19 de Março.)

—Por mais de uma vez temos feito sentir aos nossos leitores a triste posição em que se está collocando esta Provincia, pelo avultado numero de rebeldes que a infestam, ao tempo em que tenuissimos são os recursos do Governo Provincial para rechaçar de nosso territorio os que emigram do Maranhão, e suffocar os espiritos turbulentos, que entre nós mesmos vão apparecendo: por mais de uma vez havemos também mostrado a indifferença com que muitos de nossos concidadãos encaram os males de seu paiz; e quando isto dizemos, mais com o fim de despertar-lhes, e fazel-os attender por seu bem estar, que de censurar seus defeitos, elles invertem nossas intenções, e clamam que somente curamos de notar as baldas e desacertos dos Piauienses. Assaz indulgentes para perdoar-nos aos juizes de nossos pensamentos a idéa desvantajosa que fazem de nosso amor á Provincia a que pertencemos, não seguiremos a opinião, quando á nós erranca, de occultar aos nossos contreraneos o medinho quadro que si nos offerece á vista: não desfiguraremos os factos, pintando-os em nosso favor; porque entendemos que a verdade deve ser o primordial fim do escriptor, que sinceramente deseja o bem de seu paiz. Que aproveitará dizer-mos aos Piauienses: repousa, meus charos patricios, não vos incommodeis com a revolta presente; ella nenhuma mal nos poderá fazer; o governo tem forças sufficiente para esmagar a hydra que se vos antolla indomavel? Além de ser uma falsidade sem exemplo, commetteriamos um crime; porque afastaria-mos do governo os recursos que poderia encontrar em seus governaños. "O *Telegrafo*" não quer que se diga nunca que elle illudio aos homens; que lles pintou o governo abastecido de recursos, quando elle se vê quasi na impotencia de, com os de que pode presentemente dispor, acabar com a revolta. A epigrafe que tomou assaz demonstra que se não propunha annunciar cousas boas: os males que á todos tocam é o que elle quer publicar, para que os offendidos, os interessados na propria salvação procurem o necessario remedio em quanto é tempo.

Si perguntamos aos que censuram a franqueza com que publicamos nossos triumphos, e reversos, o que aproveita occultar os ultimos, e somente noticiar os primeiros, respondem-nos que destarte amedrontamos os homens com a narração

de desastres das armas imperiaes, e que por consequencia longo de procurarem o theatro da guerra, negam-se ao chamado das autoridades. Permittam-nos os nossos censors que não concordemos com este modo de pensar. Os Piahyenses, e mesmo todo o Brasil, sabem que não foi a politica quem armon os desordeiros; sabem que na presente luta se não ventila questões de politica, e que somente a sede de ouro e de vinganças particulares puseram em campo os primeiros salteadores; os quaes encontrando o povo disposto a seguir os levarão a revolta ao pé em que infelizmente a vemos. Sendo isto incontestavel, claro está que se não recusarmos os homens ao serviço da guerra, sem que rematada ignorancia de seus interesses os cegue a ponto de não verem o que tem acontecido no Maranhão, e que em nossa Provincia se reproduzirão as desgraças porque aquella tem passado, si de prompto não atalharmos males ja tão adiantados. A vista pois do que levamos dito, bem longe de ser "o *Télegrafo*" criticado pela maneira com que tem despertado aos Piahyenses, devera ser ajudado pelos que, como elle, se interessam na salvação da provincia.

Nenhum homem vendo sua caza commettida por hum bando de ladroes deixa de oppor-lhes a resistencia possivel; e si comtigo não tem a força para isto sufficiente chama estranho soccorro, invoca o auxilio do governo, e não des-cansa sem que expulse os aggressores, ou succumba á seus golpes; pois isto, que acontece em uma só caza, é o que vemos na provincia: a cada um de seus habitantes cumpre armar-se em defesa da propria vida, honra, e fortuna; e como destacados não poderão resistir á massa inimiga, o governo que toma o interesse de todos, e como o protector commum chama-os á um centro, e auxilia-os com quanto pode para o fim a que todos aspiram.

Não reciamos ainda que os desordeiros se animem a investir com a Capital de nossa Provincia, nem mesmo que muito se internem por ella: seus vastos campos, sem outras tantas trincheiras que oppoem aos barbaros, e pusillanimes rebeldes; elles só combatem cobertos de cerradas matas, e em campo raso não resistem um momento aos nossos bravos; os campos do Longá mostraram-lhes que impunemente não podem abandonar seus esconderijos. Esta persuasão porem nos não deve desviar do dever de armar-nos em defesa dos lugares ameaçados, e já offendidos. Os pacificos habitantes de Parangará, Jeronima, Campo-Maior, Peracuruca, e Parnahiba sam Piahyenses; e não achando em si sufficientes recursos para suffocar a revolta, cumpre que vocemos em seu soccorro: nós que lavemos levado a paz a Provincia do Maranhão na gloriosa epocha de nossa Independencia; nós que arrancamos dos campos do Ceará o trucidante genio da discordia na pessoa do execrado Pinto Madeira, não devemos hoje mostrar ao Brasil uma covardia indigna dos Piahyenses, deste povo que tendo sempre nutrido em seu seio a paz, tem-na tambem entregado na posse de seu throno nas outras provincias. Seria uma noção indelel no nosso nome o dizer-se que os Piahyenses, que triumpharam em outras provincias, e que sempre deram tão decididas provas de valor, deixaram que seu territorio fosse vilipendiado, suas fortunas

roubadas, e suas familias desonestadas por infames salteadores.

(*Télegrafo de 30 de Março.*)

MARANHÃO.

PROCLAMAÇÃO.

Habitantes da Villa do Brejo! A frente da 2.^a Columna da Divisão Pacificadora do Norte eu vim de Ordem do Ilm. e Exm. Sr. Presidente e Commandante das Armas desta Provincia destruir os vis rebeldes, que assolavão esta Comarca. A vossa Villa e suas visinhanças estão ja livres dos monstros, que por tanto tempo a poluirão com seus horrosos crimes! Habitantes do Brejo! Reuni-vos á mim para quanto mais cedo exterminarmos a rebelião do resto da Comarca: concorreis com vossas pessoas, com vossos bens, e com todos os meios ao vosso alcance para a gloria do Imperio, pacificação de vossa Patria, e soccorro de vossas familias: abominai o egoismo, e a indifferença; e lendrai-vos, que da concorrencia das forças particulares é que se forma a força publica, á qual nada pode resistir. Habitantes do Brejo! Esquecei as intrigas; desterrai o espirito de partido, que tantas desgraças tem acarretado ao desditoso Maranhão! Eu não vim satisfazer a odiedades, dar ouvidos a intrigas, ou consentir vinganças: vim porem soccorrer-vos e concorrer para a vossa tranquillidade, e ventura! O distincto, e respeitavel Brasileiro, que o Governo Imperial escolheu para presidir a nossa Provincia, quer até ignorar o nome dos partidos: elle detesta as desprezíveis paixões, que tem deunido os habitantes do mesmo paiz, e os Subditos do mesmo Monarcha: elle aspira primeiro que tudo a união dos Maranhenses. Por dever, e por genio seguirei entre vós a sua politica; e authorisado para conter, e punir os perturbadores, farei reinar a paz, e respeito ás Leis.

Habitantes do Brejo! uni-vos, e se-reis fortes; coadjuvai-me, e sereis felizes! Acampamento na Villa do Brejo 24 de Abril de 1840.

José Thomaz Henriques, Tenente Coronel Commandante da 2.^a Columna.

Quartel do Commando da 2.^a Columna na Villa do Brejo em 24 de Abril de 1840.

Ordem do Dia n. 40.

—Convindo dar uma organização mais conveniente, e conforme com as ordens do Ilm. e Exm. Sr. Presidente e Commandante das Armas desta Provincia, ás praças das Forças da Columna da Comarca do Brejo, que me foram entregues pelo Sr. Tenente Coronel Commandante della Manuel Antonio da Silva para coadjuvarem a 2.^a Columna do meu Commando, e existindo grande numero de Officiaes, que por seus postos, enfermidades, e outras circumstancias não podem pertencer a referida 2.^a Columna, e nem fazer parte das Tropas em Operações: ordeno o seguinte — Ficão dispensados do serviço dos postos, que exercicio na guerra, os Srs. Tenente Coronel Antonio de Caldas Ferreira, Capitães Paulino Jozé Rodrigues, Joaquim de Almeida Bastos Fonseca, e Franc. Ant. Rodrigues; Tenente Thomaz Lopes de Souza, 2.^a Tenen-

te Manoel Felicio da Silva e Alferes João da Cunha, todos do 1.^o Batalhão. São igualmente dispensados do serviço os Srs. Officiaes seguintes do 2.^a Batalhão os Srs. Capitão João de Souza Coutinho, Filipe Benicio Fontaneli, e Benedito José Alves de Souza; Tenente Ignacio Joaquim de Lóiola, e Alferes Jozé Luiz Pereira, e José de Araujo Lima, e do 3.^o Batalhão os Srs. Major aggregado Antonio Pereira, Capitães José Ferreira da Silva, e José Gonçalves Machado; Tenentes Loucio José de Amorim, e Raimundo José de Lima. Os Srs. Commandantes dos Corpos desta Comarca apresentarão todos os dias hum mappa das praças que ficão compondo os mesmos Corpos; excluindo os Officiaes, que por esta ordem ficão dispensados; farão recolher ao Hospital todas as praças doentes; e formar os Corpos infallivelmente sem faltar praça alguma, ao toque d'alarme, e ás quatro horas da tarde, quando se lhes passará revista: ao toque de recolher formarão as Companhias, far-se-ha chamada, e se rezará o terço, não dormindo praça alguma fóra do Quartel.

Assignado—*José Thomaz Henriques*, Tenente Coronel Commandante da 2.^a Columna.

Quartel do Commando da 2.^a Columna em Operações no Brejo 26 de Abril de 1840.

Ordem do Dia n. 41.

—Ficando muito desfalcados os tres Batalhões desta Comarca por haverem marchado muitas praças delles para as Operações pelo lado d'alem do rio Parnahiba debaixo do Commando do Sr. Tenente Coronel Manoel Antonio da Silva, e não estando organizados segundo as ordens do Ilm. e Exm. Sr. Presidente e Commandante das Armas da Provincia; e vindo por isso dar-lhes uma organização conforme ás mesmas ordens, e que os torne mais aptos para o serviço da guerra, ordeno o Commandante da 2.^a Columna, que os Srs. Commandantes do 1.^o, 2.^o, e 3.^o Batalhões fação entregar ao Sr. Major Pedro Paulo de Moraes Rego todas as praças que estão debaixo do seu Commando com relações nominaveis, que refirão até quando estão pagas, e de que vencimentos, onde se achão destacadas, em deligencia, doentes, ou em qualquer outro destino. O dito Sr. Major dividirá todas estas praças com as que está commandando em quatro Companhias segundo o plano da Ordem do Dia n. 1.^o do mesmo Exm. Sr. Presidente e Commandante das Armas da Provincia; e me enviará uma relação de todos os Officiaes para se destinarem os Commandantes das Companhias. Esta força passará desde já a ter a necessaria disciplina, de que está inteiramente falta, devendo ter todas as revistas, formaturas, e regularidade de serviço dos outros corpos desta Columna, pelo que fica responsavel o referido Sr. Major. São dispensados do serviço da guerra os Srs. Tenente Coronel José Alves Pereira, Major João Alves Pereira, Capitão Antonio Pereira Junior, e Tenente Francisco Gonçalves Bastos. Toda a Força desta Comarca ao mando do Sr. Major Pedro Paulo estará formada amanhã ao toque d'alarme, sem faltar praça alguma, para se inspecionar o seu estado.

Assignado—*José Thomaz Henriques*, Tenente Coronel Commandante da 2.^a Columna.

Correspondencia.

Sr. Redactor da Chronica.

— Bem contra a minha vontade vou fazer ver no Publico o contrario do conteúdo do officio do Sr. Capitão Pedro Paulo de Moraes Rego, dirigido ao Prefeito da Comarca do Brejo na villa da Parnahiba, em o qual participa a razão de sua passagem ao Brejo, e o motivo que o obrigou a voltar rapidamente attribuindo a si só, os serviços relevantes que elle fez, desde 23 de Outubro, atlie 25 do mesmo: com effeito se assim fosse, era para admirar! tantos serviços em tão pouco espaço! porém como eu não quero que fique em silencio, o que aconteceu estando eu presente, em cujo nome o ditto Capitão tem de alguma forma receio de fallar, por que contando e narrando todas as suas bravuras, não falia do modo por que eu fiz com que elle passasse ao Brejo, e com quantos receios elle a passou, e por isso só se demorou 3 dias: E assim Sr. Redactor, eu vou dizer o que se passou pouco mais ou menos. Eu por meios ao meu alcance pude conseguir com muito trabalho fazer voltar os rebeldes a boa ordem, e tranquillidade publica, restaurando a Legalidade no dia 14 de Outubro do anno p. p, porém antes de o fazer entendi-me com o Sr. Capitão Pedro Paulo por ser a Força Legal que mais perto de mim se achava, o qual por minhas instancias passou ao Brejo no dia 22 de Outubro, e no dia 25 voltou dizendo-me não ter munición para fazer a mais pequena resistencia, e que se eu quizesse vir para o lado do rio Parnahiba que havia ser sem demora, e do contrario elle se retirava: eu que não tinha nem um só cartucho não tive outro remedio senão anuir ao que me propoz, como já fiz ver, e o Publico sabe. Ora no dia 25 de Outubro pelas 10 horas do dia antes de minha saída para a Repartição, foi-me indispensavel dar licença á maior parte do povo que se achava presente para hirs as suas cazas, prevenir as suas precizões, visto estarem fora d'ellas ha mais de 15 dias, prometendo todos de que em poucos momentos se apresentariam no lugar onde eu fizesse o meu Acampamento. E marcando eu com o Capitão Pedro Paulo para o porto da Repartição ainda me acompanharam 600 homens pouco mais ou menos, fora 30 e tantos Soldados de 1.^a Linha que logo entreguei ao ditto Sr. Capitão Pedro Paulo, e muitas familias, e todos os mais que tinham hido com licença viriam reunir-se á minha força, segundo as experiencias e factos que acontecerão, porém infelizmente o Sr. Capitão Pedro Paulo fez voltar da Repartição ao Brejo uma escolta commandada por um tal José Pires Ferreira que encontrando no meio do caminho 3 homens que vinham acompanhando a nossa tropa conforme haviam prometido foram logo ali sem mais demora assassinados 2, e o outro fugio ás carreiras. Ora ainda não satisfeito marchou o ditto Pires para a Villa, e chegando aheirado ao cidadão Reinaldo Francisco Ribeiro arrumando-se com sua miseravel familia e ja com suas cargas em cima dos animaes e com parte dellas ja em caminho: os da escolta sem mais motivo amarraram a este cidadão com umas cordas, e apesar das exclamações de sua mulher, e filhos, a nada attenderão, e arredando-o da Villa 100 bragues, o as-

sassinaram deshumanamente, e ficou a pobre familia em completo abandono, e deamparo! Não sendo nem um dos mortos commandantes, como diz o Sr. capitão Pedro Paulo, talvez o dissesse por ignorar, pois antes o ditto Reinaldo influio para a Restauração como ha-de constar da Acta de 14 de Outubro; estes acontecimentos derão lugar a que todos os que vinham em minha procura conforme tinha justu, logo que chegavam aheirado ao Brejo, e vião os corpos mortos voltavam assustados, e fazendo ver a todos quantos encontravam que voltassem por que se estava matando e prendendo tudo quanto tinha ficado no Brejo no dia 22 de Abril. Logo que chegamos a este Acampamento me fez ver o ditto commandante Pedro Paulo, que o commandante rebelde Antonio de Souza Magalhães devia ir para a Parnahiba junto com os presos, o qual Commandante se achava debaixo de ordens na força do meu Commando, o qual eu o conservava por ter sido o protector de todas as Familias na Villa de São Bernardo, e por isso tentava eu informar ao governo os seus feitos para a vista d'alles se lhe fazer justiça. Outro sim o Sr. Capitão Pedro Paulo acompanhou nos presos remetidos para a Villa da Parnahiba atlie a sua Fazenda do Angial: alguns delles levaram rodas de paio, e depois foram acompanhados pelo mesmo Joze Pires, que depois de um dia de viagem mandou matar uns 8 presos, escapando unicamente da morte um dos que tinham sido espancados, e se foi outra vez meter na força dos rebeldes, mostrando as cicatrizes, e fazendo ver o modo como se tratava os que procuravam a Legalidade, e isto foi bastante para que não viesse mais ninguém.

Seu Amigo e obrigado

Valerio Alves de Souza.

CHRONICA MARANHENSE.

— Num supplemento ao Legalista, publicado a semana passada, em que se dizem as maiores infamias contra os Srs. Sís, assevera-se positivamente que foram elles os proprios que promoveram a deserção do contingente de provisórios, e que da gente de S. Bento quasi nenhuns desertaram porque não eram influenciados pelo sr. Antonio Onofre Ribeiro. Ao tempo em que sabia á luz esse parto da calumpnia, já o digão commandante dos provisórios tinha partido para o Marim com um novo contingente de 103 praças, sendo 54 das que haviam desertado por suggestões dos agentes da facção, quasi todas das freguezias da cidade e S. Antonio e Almas e mui poucos das mais contraes. — Quanto a S. Bento, havia dado para o 1.^o contingente 36 praças; destas desertaram antes de chegar a Viana, 23, e não sabemos se depois mais algumas desertaram. Todos os que concorreram para fazer marchar em pequeno espaço de tempo 230 praças, e logo depois mais 100, para suprir o desfaleque causado pela deserção, são dignos dos maiores elogios, por que não se pouparam a sacrificios de qualidade alguma: porém nenhum fez tanto como o Sr. Antonio Onofre Ribeiro, alvo principal dos insultos do Legalista. O Sr. Antonio Onofre merece o odio desse orgão da facção, por que serve a sua provincia; responde-lhe pois, continuando a servir a sua provincia. Quem é que

se não honra de ser insultado por tal motivo, e por tal gente?

— O contemporaneo da Revista entende que não fazemos opposição ao actual presidente, porque estamos terrivelmente comprometidos, e a esse proposito la veio a inevitavel correspondencia com Raimundo Gomes. Deveras que a monotona e repisada accusação, se já não irrita, pelo menos enjoa excessivamente. Por onde quer o contemporaneo entender que o exm. senhor Lima está um cabano completo, é por ter dito que reputava proficua a lei dos prefeitos, por ter dito que os juizes de paz deviam limitar-se ás conciliações, por ter pedido mais poderes para os commandantes da guarda nacional, e por ter aprovado a lei dos frades.

Divergemos diametralmente da opinião de S. Exc. em alguns pontos, mas para lhe não fazermos opposição temos sobrejos motivos que nos são tam honrosos a nós, como ao mesmo governo. O senhor coronel Lima desempenha satisfactoriamente a missão principal porque foi cá mandado, como elle mesmo diz, isto é, combate activamente a revolta, fiscalisa severamente a fazenda publica, e de mais tem-se collocado no centro dos partidos, desprezando os delatores de officio, com bem magoa talvez do contemporaneo. Demais disso, se emite opiniões em parte contrarias ás nossas, fa-lo conscienciosamente, de uma maneira inoffensiva, e sabemos bem que não é orgão de uma facção, e que, como os senrs. Camargo e Peretti, não renega das opiniões que anteriormente tinha, para aqui obdecer ás inspirações do club director.

Ainda mais; no discurso de S. Exc. ha pontos que assaz devem descontentar a facção. Elle elogia, é certo, a lei dos prefeitos, em these; mas referindo-se a ella, no capitulo—Policia—tacha de pernicioso a sua execução nas seguintes palavras: "Os males resultados de uma lei, nem sempre derivam de sua natureza, e sim dos seus excessos, torres e agudes, e ás vezes dos pacientes." Tam longo está esse capitulo de ser favoravel á facção depredadora, que ella se daria pressa a votar a abrogação da lei se as prefeituras houvessem de passar a outras mãos. Acresce que se acham de facto suspensos alguns dos prefeitos, e que as suas arbitrariedades não encontram na auctoridade superior o mesmo apoio que anteriormente. Hajam vista os dous recrutados malogrados do sr. Filipo Gomes, de que fallamos em o numero n.^o 235.

Mas o presidente pede a assemblea que augmente as attribuições dos prefeitos. É falso; o presidente apenas enuncia a sua opinião sobre a conveniencia de serem os juizes de paz limitados a conciliações; mas reconhece que a assemblea provincial não pode legislar sobre o ponto da administração da justiça; e como os juizes de paz não tem hoje attribuições policiaes, está visto que S. Exc. não havia de pedir a assemblea que passasse para os prefeitos a attribuição de fazer processos. Quanto ao jury S. Exc. indica de uma maneira pouco clara que a assemblea podia circumscrever as suas reuniões ás cabeças de comarca somente. Ora essa opinião é a nossa, e por ella votamos em 1836 e 1837, fazendo-lhe furiosa opposição o sr. redactor da Revista, movido por considerações particulares, e allegando que se ia ferir a lei organica do codigo do processo.

Pede mais poderes para os commandantes da guarda nacional. S. Exc. falla como um militar, como um general que está actualmente fazendo a guerra, e até cita os seus habitos e experiencia do soldado. Mas o estado de guerra não é permanente, nem a sociedade inteira um quartel ou acampamento. Todavia como o sr. coronel Lima ainda não nomeou cerca de 600 officiaes de guardas nacionaes para proteger caballas eleitoraes; como não tem violado escandalosamente artigo por artigo tanto a antiga lei geral, como a provincial, acerca da guarda nacional, hade o contemporaneo dar-nos licença para lhe não fazermos a mesma opposição que ao sr. Camargo. De mais a mais temos alguma suspeita de que se o contemporaneo aprova esses augmentos de poder, é sob a condição expressa de ser elle isento de todo o serviço, e de soffrer os rigores da nova e severa disciplina.

Mas os freades? não propõe S. Exc. que se admitam noticas de idade de 18 annos? E é o redactor da Revista, o sr. Francisco Sotero dos Reis, quem nos dá de rosto com isso? será loucura, profundo esquecimento, ou mera adulação a opinião actual do poder reinante? O sr. Sotero, em 1836, votou contra a extinção dos conventos, não pela não de-sejar, mas por discordar dos meios propostos; queria deixa-la á acção lenta do tempo. Em 1838 votou contra a admissão dos noviços, e foi um daquelles por cujo voto passou a emenda para que só os maiores de 21 annos podessem ser admitidos. E como nós partilhámos as suas opiniões, cita-nos agora triunfante a opinião contraria do governo! Viu-se jamais um exemplo tal de tam sublime humilhação, e de abnegação das proprias convicções?

A outro respeito, isto é, fallando da guerra que devasta a nossa provincia, S. Exc. diz: — "Vede a consequencia da farsa despresada! e como lava o incendio que a tempo não foi extinto..." De certo não erraria quem dissesse que a ausencia do sentimento religioso, a inefficacia das leis, e a negligencia das autoridades muito concorrem para a insurreição das classes inferiores. Ora quando no principio do corrente anno attribuímos os progressos da desordem á temeridade, louca presumpção, e culposa negligencia dos agentes escolhidos no só interesse da facção, a Revista clamou contra a nossa pretendida injustiça; agora cala-se quando S. Exc. diz que se a desordem cresceu tanto foi porque a desprezaram em principio. Este topico do discurso por certo que não é a nós que causa embarazos; mas a Revista, sem se dissolver, salta por elles, e vai andando o seu caminho.

Quanto ao mais a Revista acha o discurso do presidente apropriado ás circumstancias, e louva a sua concisão com o mesmo desenfado e coragem com que louvara a prolixidade dos senhores Camargo e Felizardo; falta só que arvo-rando-se novamente em Quixote litterario, lhe defenda o estilo e o phraseado. Porem que maldito contratempo não é o de não fazer a Chronica opposição ao governo? pode haver um escandalo maior? não é isso privar indirectamente a Revista de lhe fazer homenagem hebdomadaria da sua abjecção e servilismo? Nada, isto não pode continuar assim; a Revista hade por força satisfazer a sua vocação; hade adular o governo, custe o que custar, hade insultar as suas proprias opiniões porque o governo lhes é avesso, e

invocando o nome de Raimundo Gomes (que é hoje a unica mandinga dos taes senhores feiticieiros) gritará contra a Chronica porque não faz guerra ao governo. Faz bem o contemporaneo; siga a sua vocação, que ainda está em idade bem tenra e innocente para isso.

O sr. Valerio Alves de Souza refere alguns factos verdadeiramente atrozes, acontecidos pouco depois da restauração do Brejo: foi lastimosa a morte do cidadão Ribeiro, irmão do sr. Alexandre Bernardino, que redigiu a acta da restauração. Attentados tães acabariam com toda a differença entre a legalidade e a rebeldia, se fossem muito frequentes. Felizmente o sr. tenente coronel Henriques está firmemente disposto a evitar a repetição de tães actos: é a esperanza de um melhor futuro o unico remedio nos desastres de que tem sido tam fertil a epocha actual.

A Revista n.º 28 tractando do sanguinolento ataque que ultimamente teve lugar nas Carnahubeiras, e no qual foram mortos 37 dos contrarios, calou o nome do sr. Ignacio Portugal de Almeida, commandante dos legalistas, talvez porque este honrado cidadão é opposicionista. Tambem não fallou nos dous officiaes, seus irmãos, que foram feridos. Porem se fosse algum Ernesto, alguma batalha do Morro Alegre, de que só a Revista teve e deu noticia, então seria outra cousa. Deos nos traga o n.º 29 afim de vermos se já o sr. Ernesto completou duas duzias de victorias.

Noticias.

S. Exc. o senhor presidente da provincia partiu no dia 17 de manhã, no vapor Fluminense, supõe-se que para a Miritiba, e levou mais de 200 homens, inclusive os Imperiaes Marinheiros. O senhor ajudante general o acompanhou. Consta que nas vizinhanças da povoação da Miritiba ha numerosos grupos rebeldes.

Recebemos noticias do Brejo que alcançam ate ás de Abril. O bravo tenente Conrado Joze de Lorena, depois de atravessar a Parnahiba para o lado do Piahy, bateu os rebeldes nos logares da Conceição, Santo Ignacio, Centro, e Olho d'Agua, e, dividindo os seus 240 homens em duas partidas, pretendia atacar Raimundo Gomes no dia 1.º de Maio no logar das Cabeceiras. Esperavam-se felizes resultados, sendo o sr. Lorena um dos nossos melhores officiaes. O tenente coronel Manoel Antonio da Silva havia descido da Sapucaia para a villa da Parnahiba com cerca de 250 homens, e ia explorando as margens do rio do mesmo nome.

No Brejo o digno tenente coronel Joze Thomaz continuava a prestar serviços relevantes; deu nova organização ás forças, acabando com o escandalo de tres batalhões que mal tinham a força efectiva de um, e dispensou do serviço 22 officiaes que para elle não eram necessarios. Na sua proclamação o honrado commandante declara que vae fazer observar a lei e manter a segurança geral e individual, e não servir de instrumento aos odios e vingancas. Continuo o sr. Henriques a proceder assim, que adquirirá a estima de todos os homens bem intencionados.

Ja se está organisando com gente escolhida o 7.º batalhão da nossa pro-

vincia, e ja naquella villa ha para mais de 4000 almas, e todos cheios de confiança na 2.ª columna e no seu commandante.

Do Pará recebemos noticias ate 11 do corrente. Da remoção do tenente coronel Joaquim José Luiz do commando do Alto e Baixo Amazonas, e da nomeação do honrado tenente coronel Muniz para o mesmo commando, tem-se collido os melhores resultados. Os habitantes do certão folgam desopressos; o commercio vae prosperando; 226 guardas policiaes de Santarem que haviam desertado no tempo do primeiro commandante, ja se acham restituídos ás suas fileiras. Os rebeldes que viviam entranhados pelas matas, tem quasi todos deposto as armas: só em Luzia se apresentaram 980. São fructos da administração illustrada dos Sres. Franco e Freitas, ajudados pelo Sr. Brício.

CAMBIOS.

Londres 39 a 30½ por 1000

Portugal 85 a 90

França 320 por franco.

Rio de Janeiro, 2 por oio.

Premio de letras por mez 1½ a 2 por oio.

— AGIO DE MOEDAS. —

Compra. Venda.

Moedas de 6400..... 14:500 a 14:800

Ditas de 4000..... 7:800 a 8:000

Onças Hespanholas... 26:200 a 26:600

Ditas Mexicanas... 25:800 a 25:200

Soberanos..... 7:800 a 8:000

Prata Brasileira... 67 a 69 por oio.

Dita d'America Hespanhola..... 67 a 69 dito.

Pezos columnarios... 60 a 71 ..

Ouro cerceado... 3:400 a 3:500

Cobre.... 2 a 3 por oio de desconto.

AVISOS.

A D. Maria Clara Alves Ferreira de Alcantara fugio haverá quatro annos hum preto escravo de nome Ventura, de idade pouco mais ou menos 36 annos, expadaudo, cabeça chata, baixo, hum pouco fulla, e he crioulo. Tendo sido prezo na Chapadinha em 1838 evadio-se dos conductores, e constou ter estado bastante tempo nos Campos de d'Annajutaba Destricto do Mearim. Ha porisso noticia de que actualmente vaga no Destricto de Vianna nos lugares Jacarahi, Picada, no Pindaré, Lages, e Aquiri, e mudou o nome fazendo-se chamar Manoel de Manoel. Quem o pegar e entregar em Alcantara a sua Snr.ª, em Jequeruna Destricto de Cajapió a Joaquim Manoel da Costa Ferreira, e nesta Cidade a Manoel Antonio dos Santos & C.ª receberá cem mil reis em nottas.

Vende-se huma escrava de idade 26 annos, crioula, faz renda, lava, e todo o mais serviço de casa, e tambem serve para rossa, quem a quizer comprar, dirija-se a esta Typographia.

A Barca Maria 1.ª deve sair para Lisboa pelo fim deste mez de Maio, para o que tem a maior parte da sua carga prompta.

Quem nella quizer carregar, ou hir de passagem dirija-se aos Consignatarios Manoel Antonio dos Santos & C.ª, ou ao Capitão Joaquim Ferreira Leite.

Maranhão, Typographia Imparcial Maranhense. Anno de 1840

gum papel, e obreias. Deos Guarde a V. S. Quartel volante nas Cajazeiras de baixo 12 de Maio de 1840.—Ilm. Sr. Tenente Coronel Manoel Antonio da Silva, Commandante das Forças do Ceará, e da Columna auxiliaora deste Município.—*Joaquim Ferreira de Souza Jacarandá*, Capitão Adjunto d'Ordens, encarregado do Commando da dita Columna.—Ilm. Sr.—Depois de ter escripto a V. S. em data de 9 do corrente relativamente ao ataque do dia 8, mandei explorar o campo mais próximo a este ponto, não se encontrou o inimigo, e sim escaudados de mais alguns mortos, chegando ao numero de 45 ao todo. No dia 10 tive certeza de que na fazenda das Barreirinhas havia um ferido, mandei immediatamente huma expedição que o conduziu, achando-o com huma arma sem munição e he hum escravo de Antonio Pereira, e se acha preso a bordo do Brigue de guerra. As tropas que nos vierão atacar reunidas foram as dos malvados Manoel Vidal, Laurianno, Felix Rodrigues, Manoel Barboza, e 160 pretos das que hostilizaram a Miratiba; esta noticia me deu hum filho de Sebastião José de Oliveira que os rebeldes trouxeram de Agua Doca, logo onde mataram o Pai, que lha alli fazer farinha, e este na retirada fugio e foi ter á ilha de Maria Engracia.

Os rebeldes chegarão ás Barreirinhas, queimaram todas as cazas, e armazens de palha, ficando a de telha, e não pararam, levando quasi toda a tropa ferida. Por hum escravo do Tenente Francisco Portugal fugido do Jardim tive a noticia de que grande parte dos feridos se achão no lugar do Jardim e não tenho mandado em seguimento destes por não ter tropa sufficiente, pois para guardar a trincheira é que tem nos ajudado a tropa da Marinha. O inimigo nos ameaça com a volta, por isso V. S. nos deve mandar ao menos 40 praças pois temos aqui muitos doentes. O armamento precisa de algum concerto, não se tem aprontado por falta dos objectos constantes da relação junta, por isso rogo a V. S. mande por este portador. Deos Guarde a V. S. Carnabuleiras 14 de Maio de 1840.—Ilm. Sr. Coronel José Francisco de Miranda Ozorio Prefeito do Município da Parnahiba.—*Ignacio Portugal de Almeida*, Capitão e Commandante do Destacamento.

Artigos não Officiaes.

—As communicacões ultimamente recebidas das fronteiras, e do interior da provincia pouco interesse offerecem. O Sr. Major José Martins de Sousa, com 50 praças de cavallaria chegou a Villa de Jurumenha, donde o chamava o terror que se tem apoderado dos habitantes d'essa Villa: nada encontrando, que exia sua presença, preparava-se para voltar ao acampamento do Matto-grosso, onde deixou sua força. O Manoel Lucas, Commandante da força defensora dos distritos escreveu-lhe da Alagoa Cumprida a 10 do corrente, assegurando-lhe que ali estavam com as armas nas mãos, esperando a decisão de sua primeira correspondencia; que haviam voliado do seu caruay, por não querer lhr de encontro a Ley, (formaes palavras) e somente com o fim de segurar a Constituição em sua Munição!

(Do Telégrafo de 20 d'Abril.)

—Depois de uma semana que passamos sem noticias dos movimentos de Parnaguá, chegaram a Posta com a correspondencia official de Jurumenha, data da de 21 do corrente, na qual diz o Sr. Major José Martins que se tem demorado ali a espera do Sr. Capitão Victor de Barros e Silva, que tendo partido do ponto de Santo Antonio para a Columna do Oeste, ainda não era chegado; e logo que o fosse, seguiria para o Riocho do Matto, na Ribeira da Prata, para onde ficava a sahir um destacamento com o fim de prevenir algum assalto na Ribeira de Gruguea. No Urussaty, e alem do Parnahiba, não longe da fronteira existem muitos grupos rebeldes.

No acampamento do Matto grosso nada havia occorrido, digno de menção. Uma carta, escripta ao mesmo Sr. Major, por um individuo, que se lhe tendo reunido, foi mandado a sua casa, á fim de reunir ás fileiras da legalidade alguns parentes, e amigos, illudidos pelos rebeldes, diz que foi forçado a entrar por alguns dias nas fileiras inimigas, mas que posto evadir-se dellas, e achava-se de partida para nosso acampamento com a gente que reunida tinha.

Affirma esta pessoa, que os dezordeiros se estão debandando, e que apenas acompanhavam do Manoel Lucas, quando passou na altura do Barity com coiza de 30 a 40 homens: que o mesmo M. L., lamentando sua desgraça, comparava-se ao Almirante Balaio, acobardado pelas forças de Carlos Magno. Depois de desolidas as forças de Parnaguá, muitos de seus soldados foram reunir-se as fileiras do candelho Thomaz, que vaga de Urussaty para acima.

A carta que nos dá estas noticias diz também que um Affres Sulpicio, no Rio preto, disciplinava tropas, que tem reunidas, para entrar nesta Provincia á prol da legalidade, tendo com si o Capitão Brazil, e outros emigrados de Parnaguá.

(Do Telégrafo de 27 de Abril.)

PARANHIBA.

Quartel da Presidência, e do Commando das Armas na cidade do Maranhão 14 de Maio de 1840.

Ordem do Dia n. 38.

—S. Exc. o Sr. Coronel Presidente, e Commandante das Armas da Provincia, manda publicar para conhecimento da Divisão Pacificadora do seu Commando, em additamento á Ordem do Dia n. 27, que os documentos até agora passados pelo commissariado, deverão d'ora em diante ser pelo Official encarregado do recebimento, e distribuição dos generos para fornecimento da tropa em cada um dos pontos, e rubricados pelos membros da commissão compradora, criada pela Ordem do Dia n. 6, depois de extrahidos do Livro competente. Manda outro sim o mesmo Exm. Senr. fazer publico, que tendo o Sr. Major Fernando Antonio Carneiro, commandante do Ponto do Codó, mandado uma parti da explorar para as partes de Piaçaba, e Mata de Legoa, lugares onde se achava os rebeldes Pintassilgo, e Manoel Gonçalves, que fugiram ao encontro de nossas tropas por lhes constar, que muitos dos seus estavam desertando, e apre-

sentando-se as bandeiras da Legalidade, recolheu-se no dia 31 de Março, trazendo 16 rebeldes, que se lhe apresentaram, parte dos quaes armados. S. Exc. tendo ordenado que fosse preso o Sr. Tenente de G. N. destacadas João Antonio Baptista Sodré, por ter desamparado o seu Posto no lugar do Morro, cujo Posto estava sob seu commando, e mandando proceder a conselho de Investigação, e deste se coligindo, ter sido em ultima extremidade que abandonara seu Posto para evitar total destroço; o manda por isso soltar, e ordena, que de novo vá tomar conta do dito Posto.

Antonio Nunes d'Aguilar, Tenente Coronel Adjunto, e Quartel-Mestre General.

Quartel da Presidência, e do Commando das Armas na Cidade do Maranhão 16 de Maio de 1840.

Ordem do Dia n. 39.

—S. Exc. o Sr. Coronel Presidente, e Commandante das Armas da Provincia, manda publicar, para conhecimento da Divisão Pacificadora do seu Commando, o triunfo alcançado pelas Armas da Legalidade no Ponto das Carnabuleiras, Districto da Villa da Tutóia. Na madrugada do dia 8 do corrente os rebeldes unidos com os escravos insurreccionados, em numero maior de 300, oszaram atacar o mesmo Ponto, que se achava sob o commando do Sr. Capitão Ignacio Portugal d'Almeida; e avançando de roço apoderaram-se das trincheiras do Acampamento, cujas sentinellas poderão apenas disparar as Armas, e reunir-se aos mais Legalistas no Quartel, que em numero pouco mais de 160 accedendo de prompto, repulzou decididamente os rebeldes, com vivo fogo que travaram por espaço de quatro horas, abandonando logo estes as trincheiras, e em completa debandada deram as costas, deixando sobre o campo 28 escravos e 9 rebeldes mortos, notando-se entre estes um dos commandantes do nome Manoel Barboza. Deixaram mais sobre o campo 20 Armas finas, umas Rozinas, e caixas de guerra que lhes serviam de munição. Dos nossos morrerão 2 n'ação, e foram feridas 15 gravemente, dos quaes poucos horas depois 2 perecerão, e 11 feridos levemente, tendo alem destes sido igualmente feridos um velho, uma mulher, e um menino. Nesta acção portarão-se com dano o mesmo Sr. commandante do Ponto, e os Srs. Tenentes Francisco d'Almeida Portugal, Alexandre d'Almeida Portugal, Affres Antonio Joze das Neves, Affres João Diniz, e o Peizano Manoel Dias de Pina, para cujo bom exito também concorreu o Piloto Joze Raimundo de Farjas, commandante da canhoneira Legalidade. S. Exc. tem nomeado Capelão para 2.ª Columna em operações sobre o Brejo o Reverendo Padre Raimundo Joze d'Assumpção, com o vencimento de Capitão de corpo em campanha.—Antonio Nunes d'Aguilar, Tenente Coronel Adjunto, e Quartel-Mestre General.

Correspondencia.

Sr. Redactor.

—Persiste o sr. Sotero em torturar as nossas ideias, e enunciacões, em dois longos artigos, producto de antigas e novas vigílias. (Revista n.º 25, e 26.) Penoso

é já replicar-lhe, não que o tenhamos por indigno d'isso, mas porque esta questão se irá tornando molesta ao publico.

Principia S. S. exprobrando-nos deoatado a força de uma resposta por elle tão provocada; posto que tido fosse encarecido, não duvidamos todavia que as nossas expressões se ressentissem até certo ponto da indignação, que devia inspirar-nos a ultima offensa, que o nosso antagonista nos irrogara, posto em dúvida ante o publico ex nossos princípios, e sentimentos a favor da ordem. Ajuntase que desde 1836 solicitamos d'elle pela imprensa uma guerra systematica, empenhando-se por suscitar contra os nossos parentes em geral a animadversão da provincia, e até por desentão inserindo no seu periodico contra a vida particular dos membros da familia Sá toda a sorte de calunnias, e torpesas: guardáramos nada obstante silencio despresador a tanta e tão descommedida aggressão; mas obrigados por fim a repellir o ataque mais que todos grave do nosso adversario, era natural, se não de toda razão, que o fizéssemos com energia, e força um tanto proporcional á duração, e duresa progressiva das muitas offensas recebidas. A prudencia tambem tem limites; e por menos censuravel, e degradado reputamos o que exprime a força do ressentimento com termos fortes, do que aquelle que apregoando-se respeitador de si, e dos outros, fere repetidas vezes o coração moral de honestos adversarios com mão sempre fria, e calculada: no primeiro poderá notar-se talvez excesso de sensibilidade, que não exclui, antes acompanha a nobreza, e elevação d'alma; e no segundo, sobejidades de maldade, e doze, que somente deslustrão, e abatem.

Examinemos agora as falsidades, e contradicções palpaveis, as alevisias negras, e infames (assim escreveo quem se queixava, e promettera não usar de expressões duras!) que S. S. tão ufanamente nos attribuiu. Insiste elle que aconselhámos a inação ao governo, e para provarlo confunde os meios com os fins, e applica á toda e qualquer marcha, á todo e qualquer contingente que se poderia organizar n'esta comarca quanto dissemos ao ex-presidente o senr. Manoel Felizardo, e n'uma correspondencia, inserta na Chronica n.º 182, a respeito tão somente de destacamentos da Guarda Nacional, e sua marcha para a capital. Acerca d'esta medida, conviremos sempre que expusimos as suas difficuldades, considerando-a demais de execução mui duvidosa, tambem de algum perigo, pela grande repugnancia popular, que n'esta comarca encontraria, e pela total desorganização da nossa Guarda, o que pelo proprio chefe d'esta foi tambem reconhecido, e representado ao governo: só concordando com esse meio em ultimo recurso, lembramos um curto adiamento até o resultado das cartas, já então expedidas á alguns caudilhos rebeldes, que se supunham dispostos a declinar o castigo do seus crimes, e os perigos de sua posição; e pouco vale affirmar hoje S. S. que nenhuma esperança tinha no effeito de taes cartas, nem que lhe pareça ridiculo o adiamento apoiado n'ellas; que outra, e muito mais autorizada era a opinião dos cidadãos respeitaveis que as escreveram, e a do governo que as approvou, e interveio na remessa. Quanto porem a organização, e marcha de contingentes para as fronteiras d'esta comarca, e Viana (nem so poderia jamais en-

tender que outras fossem) e seu movimento depois para onde conviesse, longe de difficultarmos, fomos nós que tal arbitrio apresentamos, o que só havemos declarando em nossa defesa, e não por jactancia, como se affliguemos á lento infiel de nosso antagonista. Tudo isto se achá claramente enunciado n'essa correspondencia, que S. S. nos fez favor trasladar, posto que tão avessa ao seu proposito: ai se lê—

"Em verdade disse eu a S. S. que muito duvidava que se conseguisse fazer marchar (note-se) *guardas nacionaes* das comarcas de Guimarães, e Alcantara" (o depois de omitir-mos algumas das razões que n'essa conferencia expendáramos, continuamos) "Asssegurei mais que a difficuldade muito maior seria, tendo—os *guardas*—de se gair immediatamente para a capital: que melior fora que cada uma d'essas comarcas *organizasse*, e empregasse primeiro o seu contingente nas respectivas fronteiras, porque depois facil era reunir esses contingentes em um só corpo, e dar-se-lhes o movimento que as precisões da guerra reclamassem. E' menos exacta (dissemos no periodo seguinte) a parte da revelação onde diz que allegara eu como motivo para so brestar-se no chamamento das *guardas nacionaes* a simples agitação em que se achavam os espiritos &c. &c. &c. Declarei no entanto que só *concordava na medida* (chamamento de *guardas nacionaes*, quando desenganados estivessemos de que nenhum outro recurso havia &c. &c. &c.)

Assim que do escripto por nós em Outubro do anno preterito colhe se manifestamente que o nosso aviso ao governo, quando em fins de Julho nos chamara para informar-se do estado d'esta comarca, fora contrario sim á exigencia de destacamentos da G. N., e principalmente á sua marcha immediata para a capital; não porem a prestação de contingentes por outro meio, e com outra direcção: este alvitre, repetimol-o, foi por nós suscitado n'essa occasião, o reiterado depois, sendo que então desenganado o ex-presidente pela experiencia, e por igual informação de outros cidadãos d'esta comarca, inclusive o senr. Viveiros, comandante da G. N., o autorisara, máo grado de algum.

Como pois se conclue que aconselhámos a inação por desaprovarmos um meio de acção inefficaz, e imprudente, lembrando logo outro que nos parecia muito mais prompto, e conveniente, e talvez o unico prestante? Como tendemos ouvido o conceito, e depois lido, e extrahido a enunciação por escripto que d'elle fizemos, decide S. S. em tom seguro, e magistral "que essa illação era a mais logica e natural"? Respeitavel é sem duvida semelhante dialectica, e abelidade logica: e tal é quasi sempre a de que se servem as paixões, o notavelmente o espirito de partido, que em muito tudo deprava.

Mas, argumenta o nosso adversario, como se poderia propor um arbitrio diverso, e suscitar a marcha do contingentes para Viana, se o que o governo pedia era precisamente para proteger esse ponto, o do Mearim, e ilha do Maranhão? não ha aqui (acrescenta elle) *uma contradicção bem palpavel*, e *um grande lupo de memoria!* Aviamos supposto algum erro na memoria do sr. Sotero; isso o irritou, e foi parte para

que em tudo nos quizesse nobar desmemoriado, ou tracando de falso: desculpese a um professor essa vingança do amor proprio offendido. Vamos porem a contradicção que bem apalpara. O sr. Felizardo sobre nunca ter designado o ponto, em que pretendia collocar immediatamente a força de Alcantara, propunha, como temos ponderado, para dar-lhe organização e movimento um expediente por si mesmo difficultado, que não por nós, no sentido em que o diz S. S.; e porque representavamos os inconvenientes, que esse importava, não podiamos sem *contradichão bem palpavel* indicar outro, que nos parecesse preferivel, e até o affirmar *prova grande lupo de memoria!* Eis-ai ainda uma deducção logica, que muito condiz com a primeira.

Resistirá tambem S. S. a voz poderosa dos factos? Cremos que não. Pois bem; sem ser destacamento da G. N., e sem marchar para a Capital, existe guardando o Mearim, e explorando o Grajá contra alguns grupos rebeldes que se supõem acceitados pelo digno tenente coronel Diogo, uma força de dantesos homens, prestada por Alcantara.

E a nossa alevisia negra e infame! Consistio ella em declararmos coisa que por todos foi sabida, qual o haver pedido quando nos fallara em fins de Julho do anno passado, por si, ou pelos seus amigos a dimissão do ex-presidente, de cuja prudencia tirava, nada menos, argumento desleal, (e em todo o caso fraco) para que acceitassemos as premissas da convenção, que nos propunha. Ora ninguém ignora que pelos tempos da primeira tomada de Caxias, dando o governo provincial maior entrada, e audiencia do que até então ao sr. J. F. Lisboa, e outras influencias opposicionistas, acabara isso de alienar-lhe todo o favor do partido contrario: que este mesmo partido tomara n'essa epoca o assento de sollicitar-se ao governo da União a suspensão de garantias, e um braco de ferro, que a viesse aproveitar, designando-se até a personagem que acompanharia as missivas, bem que o illustre emissario se decidisse a ficar por popular-se o fim da sua viagem: Mas não basta essa noticia publica: conclue-se tam bem a veracidade, e a data desse assento, por que em meados de agosto do mesmo anno os snrs. deputados Belleza, e Encarnação de Silva, ambos particularmente com os ministros, e o primeiro publicamente na camara muito se empenharam pela mudança do presidente da Maranhão, o que certo não farião sem accordo, e informações dos seus compatriotas da provincia, e estas necessariamente devião d'aqui ter partido antes dos fins do mez antecedente: qualquer tergiversação contra esta inferencia é de todo vã, e inadmissivel. Combine-se agora com tudo isto, si mais prova é mister, para ultimo complemento d'ella, o que n'esse mez de agosto escrevera aqui o sr. F. Cascas, amigo particular, e politico, e ate collega então do sr. Sotero na redacção do mesmo jornal—o Investigador—em uma carta publicada na chronica n.º 173—

"O presidente continuava... E se pera-se até amanha o vapor, que devesa trazer a sua dimissão."

Ora para que em agosto assim se escrevesse com tamanha fe, não contando que o ministerio mal confiasse no seu agente, preciso era que antes dos

derradeiros dias do mez anterior o partido a que pertencia, e servia o escriptor da carta, o que ao sr. Felisardo do Ávia retirado as suas graças, ouvesse feito altas sollicitações pela dimissão tão esperada.

E a despeito da plenitude, e grande notoriedade d'esta prova, o nosso antagonista aventura-se a negar de publico que em fins de Julho elle, ou (o que monta o mesmo) as influencias do seu partido não ouvessem pedido e esperado a dimissão do sr. M. Felisardo. Ou fosse tal pedido feito pelo sr. Sotero, ou só pelos outros seus amigos, sabia elle que a conservação do presidente se achava fortemente ameaçada, e por consequencia não era de animo sincero e cavalheiro o offerecer-nos as boas qualidades, d'esse executor, e perante elle, como garantia contra os perigos de medidas, que deviam estender-se tanto pelo futuro, acompanhando a duração da revolta.

E a que pôde S. S. em tanto aperto recorrer para não apresentar a sua negativa em perfeita nudez? A simples comparação da data da nossa conferencia com a de uma carta sua, de 25 de Setembro do mesmo anno, impressa na Chronica! Como se essa carta (que alias não mencionamos) repugnasse com a existencia das anteriores d'elle, e dos seus, e destruísse as muitas outras razões de sciencia, que nos sobejavam para fundamentar o nosso juizo. Esse argumento que a S. S. parecerá irrefragavel em nada desdiz das illações tão logicas, e naturaes sobre a inacção que aconselhamos, e a contradicção palpavel em que caímos. E como assim não será si S. S. bem nos dá a entender que só nos escreve as suas preleções sobre a mão, e nunca de sobremão! que aquillo que outros mal executão muito estudado, o talento de S. S. desempenha em correntes magicas, sempre original, e muito recta!

Nunca nos promettem S. S. a devolução da lei dos prefeitos! Admiramos sobre tudo, que o sr. Sotero se deslembre de uma parte tão notavel da nossa conferencia; e temos tão presentes as suas palavras que não podemos acabar de crer o que ora lhe lemos. Confessa elle na ultima parte da sua revelação em o Investigador n.º 100, repetida na Revista n.º 25, ter-se nos dito "que não podia haver concessão, onde as concessões não são mutuas". Isto só prova sem deixar duvida que se tratava de uma negociação com a opposição, e de reciprocidade de concessões; mas porque declarando o nosso contendor as que exigira, callou as que offerecera? Quaes foram estas? Provocamos toda recordação de S. S., e appellamos ainda para a sua propria convicção. A evasão de que não podia prometter o que não estava em suas mãos não mereceu resposta; nem tão pouco quanto nos affirmar haver dito ao sr. Fernenegildo acerca de concessões a rebeldes, por mal applicado ao caso de uma concessão com a opposição constitucional, e sob condições muito almeçadas, que tão funestas poderiam ser a esta, quanto proveitosas ao predomínio do partido de S. S.: de mais, só tractamos do que comosco se passou.

Recorremos a peculiar estranho, repellido scerilmente o redactor da Chronica. Dir-lhe-hemos que se reproduzimos alguma idea, ou alguma expressão de que se houvesse servido o sr. Lisboa (o que bem poderia acontecer pela conformidade dos juizos de ambos sobre o assumpto, em que escreviamos, e porque a verdade é que uma) não julga a nossa

imitação de qualquer escriptor talentoso, e verdadeiro: magoara nos sim S. S. se por acaso se lembrasse de imputar nos plagio das escripturas do Investigador, ou da Revista. Fizemo-lo com menor habilidade. Aqui ajunou bem! Concordamos: somos facil em reconhecer a nossa mediocridade, presando-nos mais de honra, e honestidade do que de grande abelidade, e sciencia: mas se por ventura outra fora a nossa opinião acerca do proprio merecimento, folgaramos ainda com qualquer affronta, que a esse respeito nos dirigisse o respeitavel mestre de latim da capital; pois não desejamos ser exceptuados da invejosa antipatia, que se lhe tem notado nos bachareis formados da provincia, como todos mais avantajados que elle no titulo litterario (que tambem serve a presumpção, e vaidade), e muitos no talento, e instrucção. Fique essa honra excepcional ao collaborador da Revista, cuja lava grosseira jamais levantaremos, por mais que o sr. Sotero nola faça arremear pesada de baldões, ou de torpezas: estamos firmes, e muy acostumados a desdousar instrumentos d'esse genero, que só podem ser tolerados pela desgraça dos tempos, ou pelo estado critico de qualquer partido.

Sou, Senr. Redactor.
Seu amigo e criado.

Alcantara 13 de
Maio de 1840.

Joaquim Franco de Sá.

CHRONICA MARANHENSE.

—No Correio Official encontramos o seguinte officio do ex-comandante das forças, o sr. coronel Sergio.

Illm. o Exm. Sr.—Em o dia 14 do corrente mez me dirigi a V. Exc., do Coroaia, onde me achava então de marcha para esta Cidade, sem ter encontrado novidade alguma durante a viagem de vinte e trez legoas. Na Povoação da Limpeza, depois de estar a huma hora acampados os rebeldes derão trez tiros, a pouca distancia da meu quartel, e matarão hum soldado que, por se ter esquecido das ordens dadas para que ninguém salísse das linhas marcadas, tinha ido colher genipapos. Immediatamente os aggressores foram perseguidos e levados a mais de huma legoa de distancia, sem duvida com o prejuizo de algum morto pelo que deixaram rastros bastantes sangrentos, ficando delles hum prisioneiro, huma arma granadeira, e algum cartuxame. Daquelle Povoação até esta Cidade, que foram distar cinco legoas, nenhuma novidade occorreu; hontem debaixo de algum fogo, que durou perto de huma hora, entramos nesta Cidade com a força de quinhentos homens, contra a de trezentos rebeldes, commandados por 5 dos seus chefes de grande reputação entre elles.

Para não ser prolixo com a referencia dos pormenores da negociação, tenho a honra de enviar a V. Exc. a copia da Ordem do Dia que dei ás Forças do meu commando, na qual mencionei o que me pareceo mais digno dessa recommendação: *tolacia eu fultaria á justiça se não fizesse saber a V. Exc. que o Capitão Ernesto Emiliano de Medeiros, pelo muito que concorreu para este tão feliz resultado, fuz-se credor das graças do Governo Imperial.*

Tem sido não pequeno o meu enjudo de guarnecer e policiar a Cidade com a gente que tenho, por ser ella em menor numero do que a que convém ter

possivel para sustentar o posto que occupo, pelo que já exigi do commandante das Forças em operações no Piahy o auxilio da força que elle puder dispensar da guarnição daquella Provincia. Deos Guarde a V. Exc. muitos annos. Quartel do commando das Forças expedicionarias no Acampamento da Cidade de Caxias, no Maranhão, 25 de Janeiro de 1840.—Illm. o Exm. Sr. Conde de Lages, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Guerra.—Francisco Sergio de Oliveira, Tenente Coronel, Commandante das Forças expedicionarias.

E admiravel o sangue frio com que o senhor Sergio recommenda unicamente o seu cunhado Ernesto, para não faltar á justiça! E o mais é que se refere á Ordem do dia, da qual se depreheende que 500 legalistas fizeram fugir de Caxias cerca de 300 rebeldes, que não houve combate, mas uma pequena escaramuça, em que só tomaram parte o sr. Honório Burgos, e a guarda avançada que elle commandava. Na mesma ordem se empregam a respeito do sr. Ernesto as unicas seguintes palavras: "O sr. capitão Ernesto Emiliano de Medeiros commandante do 3.º batalhão expedicionario desenvolveu aquella coragem, e boa direcção que se lhe não pode negar." Quer dizer, usando de expressões tão vagas que o sr. Ernesto nada fez, attendendo-se a que só a guarda avançada é que entrou em um pequeno fogo.—E no entanto já a coragem e boa direcção, são titulos valentes para remunerações! E por taes titulos um commandante de forças não teve pejo de fazer especial menção de um seu parente, calando o nome de todos os outros officiaes, até o do proprio sr. Burgos, unico que entrou em fogo! Mas uma idea nos occorre que desculpa o sr. Sergio de alguma maneira; o sr. Ernesto é quem mandou fazer o officio, e elle apenas o assignou, sem ler, na forma do seu estilo.

—O sr. José Coelho de Souza querendo aqui ha tempos declinar de si, e de seu irmão o coronel Toquato (elle é brigadeiro) a tremenda responsabilidade da direcção da opinião publica em Guimarães, declarou-nos em confidencia que os habitantes de Guimarães eram contrarios aos opposicionistas porque indo votar em 1833 a Alcantara, lá se soltaram foguetes, que levavam letreiros nas taboas, e se fez dobrar um sino até arrebenhar! Ora isto é que é juntar o escarneo ao mais que S. S. tem feito aos honrados Guimaraenses! Pois huma população honesta, laboriosa, e abastada deixa de seguir este ou aquelle partido, movida por dobres de sinos, e girandolas de foguetes? Demais que é tão falso, além de ridiculo, o supposto motivo da divergencia, que quando em 1833 os eleitores de Guimarães foram para Alcantara, já iam de animo assentado a votar em candidatos oppositos. Confesse o sr. José Coelho que para essa divergencia tem concorrido apenas as suas intrigas e as dos seus agentes; diga francamente que tem feito crer áquelles povos que não pode haver ordem e tranquillidade sem Coelhos e Soteris, e sendo só com Coelhos e Soteris, e que por isso devem exorçar-se, intrigar-se, dividir-se daquelles a quem os seus interesses os chamam a se ligarem, para conseguirem que os Coelhos e Soteris (elles sós, e ninguém mais) sejam deputados, vices-presidentes, coronéis, e brigadeiros. Ao menos o sr. José Coelho nada disse acerca do tal monopolio dos postos e cargos, e fez bem, porque talvez se visse necessitado a applicar a por mto de algum repique, ou

Assigna-se em casa do Redactor, rua da Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapcos de Vidigal Irmão & Co., rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 100 reis na sobredita Fabrica, e os avisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

RIO DE JANEIRO.

SESSÃO DAS DUAS CAMARAS EM 27 DE ABRIL.

Extractos de um discurso do sr. Antonio Carlos.

Agora tratarei de responder ao meu muito especial amigo o Sr. senador Hollanda Cavalcanti. O meu nobre amigo disse que a camara dos Srs. senadores recebia hoje menos influencia da coroa do que os eleitos do povo. Eu raciocinei com a lei; a lei ordena que nós outros deputados sejamos inteiramente fiéis a lei do povo; a lei ordena que o Sr. senador, além de ter uma nomeação do povo, tenha um voto da coroa. Eu não desconheço, com o meu nobre amigo, que isto que se vê hoje no Brazil he em verdade de assustar, he como o preludio da queda de um governo re-falsado: talvez que nenhum de nós seja verdadeiro representante da nação. Calabazas, subornos e ameaças fazem muitos deputados.

Pobre povo brasileiro! estás ainda muito pouco illustrado para conheceres os teus verdadeiros interesses, muito pouco maduro para fazeres a devida reflexão! Mas o mal he commun á eleição dos Srs. senadores, e se o não he, porque rem senadores eleitos por provincias que nunca os conhecerão? Como se recrutão os eleitores para força-los a votar (*apoiados*)? Como são apenados eleitores, ao mesmo tempo vereadores, para conduzi-rem minimas quantias a fim de os assustar (*apoiados*)? Como emfim se inventam crimes inauditos, que logo desaparecem assim que os desgraçados estão promptos a votar como o governo quer (*apoiados*)? No estado actual he triste dizer: está tão falso o sistema constitucional, que he impossível que a lei eleitoral corte pela raiz tanto abuso. Tanta influencia se permite a um presidente, que elles depõem uns para destruír outros (*muitos apoiados*).

A um outro nobre deputado tenho de responder ainda. Disse elle que a minha doutrina he pareceria muito boa, e que n'uma reforma, votaria por ella. Sr. presidente, eu aqui defendo a minha doutrina com a constituição; estou cansado, mais do que nunca, de innovações longe de mim mais constituições; a fe do carvoeiro he para mim preferível.

Disse mais o nobre deputado que talvez tivesse duvida em votar pelas emendas pela unica que mostra um partido em apoderar-se do poder. Eu faço justiça aos sentimentos do nobre deputado, não se assusta com cartancas de parti-

do, tenha fé politica. Que importa ao nobre deputado que entrem para o poder pessoas cujos principios não são conformes com os seus? porque dada esta circumstancia, o que se deve fazer he guerrear-los. Temel-os serve somente para dar força ao partido que vai empolgar o poder, a fim de elle continuar a fazer o mal que já nos fez, falsando o sistema representativo, e levando de ração a monarchia. Guerrea-los pois he forçoso; mostrar seus erros, abrir os olhos da nação; fazer-lhe ver o laço que se lhe urde; e se apozar disso os povos quizerem ser escravos, que o seije; não sei eu porem que lhe chegue aos labios a taça do veneno.

Senhores não concelho mesmo que um partido ja derrubado entre de novo para o poder renegando os principios? digo isto porque tem este partido, para poder abrir o caminho ao mundo, votado por economias que só á opposição cumpria votar; quando esse partido mostrou sempre pela sua marcha que era isto para elle objecto de pouca monta.

Eu devo fazer uma declaração categorica á casa—não faço caso de homens: quaisquer que venham ao poder, são para mim indifferentes; não lhes invejo o poder; minha idade e minhas circumstancias não me tornão desejoso de me dar em espectáculo ao mundo.

Eu disse, e repito: qualquer que seja o partido que prevalecer, se continuar a estabelecer como meios governativos a dissipação, o desperdicio, a corrupção, o terror; se quizer reduzir o regimen ordinario a regimen excepcional; se apresentar como regra de conducta o arbitrio; não desenganei de lhe fazer guerra em quanto Deus conservar-me a vida. Mas declaro que não tenho inimizade a nenhum homem: se mudarem porem de principios, pode ser que tenham o meu voto; em duvida com tudo porque sigo a regra que de Mouzo convertido nunca se fez bom christão.

Agora, Sr. presidente, direi ainda algumas palavras a respeito do que disse o meu amigo. Disse o meu nobre amigo que um governo que sustentasse uma administração que fosse hostil á opinião publica, concorria, ou antes se arriscaria a ser esmagado pela nação. Quem o desconhece? Como se pode duvidar da verdade desta proposição? A constituição diz no titulo 3.º: "A divisaõ e harmonia dos poderes politicos he o principio conservador, etc." Se a harmonia dos poderes he o meio mais seguro da conservação do imperio, o desequilibrio dessa harmonia não annullaria de facto este artigo da constituição? He indisputavel. Qual he pois a heresia em que cahio o meu nobre amigo, como disse o nobre deputado? O

que quiz o meu nobre amigo foi prevenir o poder para que seja melhor nas suas lideiras, para que não teime sem razão em conservar os seus delegados.

Supponha-se que ha uma revolução, que ha uma sedição; quem soffrerá? O poder, que he causa pela sua obstinação, não se arriscaria? Eu não temo isto na maioridade da monarchia; elle tem muito interesse em conservar a monarchia que lhe concedemos a elle e á sua dynastia, para lavar de arrisca-la, por obstinação desrazoada; mas quando o poder está em minoridade, quando o regente, a fallar a verdade, pouco ou nenhum interesse tem em evitar crises que em quasi nada lhe podem mudar a sorte (eu não pretendo fazer allusão alguma ao actual regente, faço delle o melhor conceito possível; fallo em thase).

Senhores, eu desejo que os senhores membros da assemblea geral desprezem estes argumentos *ad insidiam, ad odium*; são armas de dous gumes, que ferem mais aos que dellas usão do que aos que se deseja ferir.

Eu não me faço cargo de pesar na balança os serviços do Sr. ministro a respeito dos negocios do Oyapok; basta que diga que me pareceo que as administrações passadas pouco tinham feito, e que a administração presente correspondia aos nossos desejos.

Creio, Sr. presidente, que tenho mostrado em resumo, o provado que a doutrina que adopto he constitucional, e que sem ella he impossível que se consigne o nosso systema, o qual não poderá marchar sem continua vacillação, se o contrario succeder.

Resta-me só finalizar o meu discurso dizendo que ha muito tempo vivo no mundo das idealidades, que ha muito tempo me nutro de esperanças, pois que o mundo das realidades e das actualidades nada me apresenta que não seja hediondo, horroroso e repulso. He preciso que recorra á esperança. Senhores, uma musa latina diz que quando o homem e a natureza choravaõ sua primeira decadencia; quando o céu encolerisado deitara das estrellas malignas a morte, a peste e a guerra; quando até a paz, até a compaixão tinham fugido para o firmamento; a esperança, esta feiticeira da vida, foi a unica que não abandonou o homem desgraçado. Sem ella, Sr. presidente, eu teria ha muito tempo coberto a cabeça com uma capa, como outrora fez Cezar no foro romano, quando enxergou entre os assassinos o homem que elle amava; o contenta deixaria hum muito amaldiçoado; mas ainda me resta a esperança, a esperança, que na phrase de hum celebre poeta moderno he o consolo no embara-

nhado caminho da vida, e chama á acção as paixões que dormem, a cuja ordem ligeiro corremos ao caminho do prazer, ou á brilhante carreira da gloria.

Resta-me ainda huma esperança, outra vez o repito, e que esperança! Huma astro radioso, que julga ainda muito a baixo no horizonte, fará cedo sua ascensão nos campos da visão (*muito apois dos*). A época se aproxima, e então acabará o captivo de Babilonia, pois outra coisa não he o estado em que nos achamos.

He delle que tudo espero, seu beneficio calor dará nova tempera ás nossas abastardadas almas. De accordo com elle modelaremos nossas defeituosas instituições, teremos nelle hum novo Pedro-Grande; mas Pedro-Grande da civilização, não da barbaridade (*sensação*). Cumprir-se-ão então os meus desejos, e por isso desejo já, na phrase do lyrico italiano, dirigir-me-hei á Divindade:

Io col cor pronto io con la menta inchina
Alto sospiro a la pietà divina
Ella corai de benigni occhi suoi
Sereni e giorni tuoi.

(Do Jornal do Commercio.)

Santa Catharina.

Operações das forças legaes sobre o Taquary, derrota das forças rebeldes no mando do coronel Thomaz Pereira, e junção dos Alferes Datch e Costa á nossa columna estacionada no Cahy.

—Ilm. e Excm. Sr.—Participo a V. Exc. que, segundo as ordens que recebi de V. Exc., marchei no dia 5, ás 6 horas da tarde, com duseitos homens de cavallaria, sendo destes 10 do 3.^o Regimento de linha e 24 do esquadrão do Faxinal, ficando embuscado no Passo da Cria; e marchando d'alli ás cinco horas da tarde do dia 6, aproveitando o resto do dia, marchando por Canhadas até anoitecer, depois marchando toda a noite, pude alcançar a povoação de Taquary ás 4 horas da manhã, onde se achava o tenente coronel dos rebeldes, Thomaz Pereira, com 50 homens (*) no Rincão do Garcia, sobre a picada do Vão, os quaes sendo perseguidos, foram derrotados completamente, largando muitos cavallos arreitados e algum armamento, e perto de 200 cavallos, ficando 6 rebeldes mortos e alguns feridos, e 4 prisioneiros, inclusive 1 tenente. Vai mais 1 rebelde, João do Billar, que é desertor do meu corpo, e já andava com os rebeldes, para o Excm. S. general em chefe determinar delie.

Participo mais a V. Exc. para fazer sciente ao Ilm. Sr. general, que nomeei a Manoel do Bitancourt Cidade para hir fazer as vezes de Juiz de Paz, até que o Excm. Sr. presidente dê outras providencias, ou que se apresente neste lugar o juiz de paz proprietario, que se achava emigrado pela Serra. Hoje tenho feito saber algumas partidas para a Serra em busca de cavallos, e mesmo avisar os povos para uma revista exacta no dia 12 do corrente, e dizem-me que se hade reunir muita gente, e hoje sigo a correr os passos com o tenente-coronel João Nepomuceno. Segue hoje o Alferes Ra-

phael com a gente do Faxinal a ajuntar gado para levar á columna, e vai o capitão Feliciano para trazer o resto da gente do corpo, que ficarão espalhados pelos passos. Não mando ainda a gente do 3.^o, por que estou querendo observar o inimigo, a ver se convem bate-lo. O Joaquim Pedro dizem que pertencia passar em Santo Amaro, estou que agora o não fará. Com mais vagar informarei a V. Exc. das posições em que se acha o inimigo, para V. Exc. melhor poder informar ao Excm. Sr. general. Apprehendo-se, pertencente aos rebeldes, 300 alqueires de cal, 20 couros secos, hum par de canastras com alguma munição, 200 bandeirinhas novas para lanças, 2 fardas de tenente-coronel, e quasi todo o fardo que possuio; escapando-se a maior parte delles pelos matos, e passando o rio em jangadas. Sobre este trem apprehendido V. Exc. exporá ao Sr. general, para eu saber se o devo remetter para baixo. Vai o sargento Manoel Alexandre buscar a sua roupa na Cidade; eu espero que V. Exc. lhe dê uma portaria, para elle seguir á mesma cidade; e assim mais espero instruições de V. Exc. e do Excm. Sr. general para me saber dirigir.

Deos guarde a V. Exc. muitos annos. Freguezia do Taquary, 8 de março de 1840. Ilm. e Excm. Sr. *Philippe Nery de Oliveira*, brigadeiro commandante da 2.^a brigada.—*Francisco Pedro de Abreu*, tenente-coronel.

*N. B. Vai a bandeira das rebeldes, e dous officiaes de Joaquim Pedro.

—Ilm. Sr.—De ordem do Excm. Sr. presidente desta provincia, communico a V. S. para o levar ao conhecimento da assembleia provincial, os ultimos movimentos dos rebeldes nesta provincia. Elles tinham quasi abandonado a villa de Lages, e marchando com 400 homens sobre as forças do Coronel Mello nos Coritibanos, deixando 200 homens ao mando do rebelde Portinho no passo do Camões. Ao momento em que os primeiros vinham de baixo do fago procurar a protecção das forças postadas no passo, e que juntas vinham já em retirada, encontraram-se com o intitulado coronel Marcelino, vindo disparado com mais 6 homens de cima da Serra a chamar toda a força para irem atacar aos partidarios legalistas, Juca Grando, Juca Ourives e major Francisco Pedro, que se achão senhores de cima da Serra até ao rio das Antas. O capitão José Marcelino Alves de Sá, que se achava junto a Lages para ali observar e participar os movimentos dos rebeldes, aproveitando-se da occasião, e com 23 homens atacou e bateu huma partida ao mando do capitão Raymundo, que ficou morto e mais 4, ficando 5 prisioneiros, e entrou depois na villa de Lages, de que tomou posse, e donde participa em data de 19 de março findo todos estes acontecimentos. Participo mais de ordem do mesmo Excm. Sr. a V. S. para o mesmo fim, que o coronel Fernandes com parte da brigada do seu mando está sobre o Araranguá, para operar segundo se proporciarem as circumstancias.

Deos guarde a V. S. Secretaria do governo da Provincia de Santa Catharina, em 2 de abril de 1840.—Ilm. Sr. *Silvestre Candido de Faria*.—*Bernardo Joaquim de Mattos*, Secretario do governo.

Desterro 4 de Abril de 1840.

Ha poucos dias escrevi-lhe um pouco descoroçoado sobre o estado de nossos negocios no Sul; agora porem, que noticias mais animadoras vierão reviver nossas esperanças, vou communicar-lhe as que tem chegado ao meu conhecimento.

Já ahí saberá que o nosso exercito no Rio Grande se pôz em campo, e que guarnecidos pela esquadilha os rios Cahy e Taquary, se achão quasi completamente cercados os rebeldes, pois que não tem outra saída senão para a Serra. A consequencia desta manobra foi chamarem os chefes da rebeldia os diversos corpos que tinham espalhados pela campanha ao ponto da Boa-Vista, para ali se opporem em massa aos progressos das forças imperiaes. Canabarro deixou pois a posição do passo da Lagoa, ficando o ponto das Torres desimpedido. Acaba de chegar de Lages a noticia de que o Teixeira tendo tentado um ataque nos Coritibanos contra a brigada do Coronel Mello, que lhe abandonára, talvez por estratagemas, o passo do Cauvas, sendo dali rechaçado com grave perda quando se retirava, recebeu ordens determinantes para marchar sobre os Jucas Grande e Ourives, e tenente-coronel Francisco Pedro, que já se achão de posse do districto de cima da Serra, occupando a linha do Rio das Antas. Evacuou logo o Teixeira o districto de Lages com 400 homens, que é toda a sua força, e em seguida entrou na villa, tomando conta della e do districto em nome do governo imperial (depois de ter desbaratado uma partida rebelde ao mando de um Capitão Raymundo que ficou morto) o capitão de guardas nacionaes José Marcelino Alves de Sá, que com um piquete de 23 homens observava, commissionado pelo presidente Andréa, os movimentos do inimigo por aquellas partes. O presidente consta que já fez marchar a força de que se compoem os postos avançados do Trombudo, que commanda o tenente-coronel Quiróz Carreira, para Lages; e de esperar que tambem tenha avançado a brigada Cruz-Alentejo do coronel Mello e que naquella direcção se movão as forças de S. Paulo no Rio Negro; se isto se fizer, com bons resultados, podemos contar, por que não dando passo o rio das Antas senão em tres logares facéis de defender; sendo dali repellido o Teixeira como é provavel, ver-se-ha completamente cortado não tendo outra retirada mais do que o caminho das Trez Forquilhas que vai ter ao Araranguá, onde encontrará o bravo coronel Fernandes com os seus 1,600 homens; ficando assim livre a junção das forças que se reunirem em Lages com as dos legalistas de cima da Serra, e portanto tambem cortado o grosso das dos rebeldes da Boa-Vista.

Consta que Bento Gonçalves e os outros caudilhos não cessão agora de expedir correios sobre correios a Bento Manoel, em quem tem todos as suas esperanças, pedindo a sua cooperação; mas o astuto chefe, antolhando-se-lhe talvez mal parada a causa republicana, pôz-se com parte de dente a 200 legoas do theatro das operações em Alegrete, isto he, com hum pé no Brazil e outro no estado Oriental, para volver á direita ou á esquerda, segundo a face que tomarem as cousas.

Já vê que nos não faltão agora fundamentos para esperarmos o prompto desfecho do ensanguentado drama, e a bem do restabelecimento da ordem: Deos quei-

(*) O resto da força de Thomaz Pereira estava do outro lado do Taquary, e fugia toda debandada; não se sabe com certeza que rumo tomou o seu commandante.

ra que não venha fazer nos gorar as esperanças, e transtornar planos tão sabiamente combinados, algum capricho, alguma dissidência entre chefes que não tem hum a quem obedecer, algum estorço, algum desatino, enfim, dos que nos tem sido tão fataes nesta terrível lucta.

Ainda nos não succorirão dahi com dinheiro, e estamos no quarto mez de vida de soldos. Confesso-lhe que se me aperta o coração cada vez que vejo ordenar marcha de tropas por desertos e para lugares inhospitos, onde, além dos perigos, tem de soffrer toda a especie de privações, sem ao menos irem pagas de seus mesquinhos vencimentos e bem vestidas. Todavia honra seja feita a tão bravos militares, honra seja feita tambem aos dignos chefes que tem sabido grandear-lhes a confiança e manter entre elles a disciplina, nem um signal de descontentamento tem apparecido; e na Laguna, á ordem de marchar para a frente, até os doentes sahirão do hospital e se apresentarão para marcharem.

(Carta particular.)

Porto Alegre, 16 de Março de 1840.

—As forças legaes entrarão em campanha, e até hoje o resultado do seu movimento muito tem excedido as nossas esperanças.

O general em chefe occupa o Cahy com toda a infantaria e artilharia, auxiliado pela esquadilha, e destarte corta as communicações do inimigo com o interior da provincia, deixando-lhe apenas o caminho de cima da Serra, que he intransitavel para a artilharia, e que a tropa de S. Paulo, avançando, poderá completamente obstruir com força mui inferior. No entretanto o general Calderon com 1,500 cavallos marcha sobre Casapava para dissolver o governo rebelde, reunir os legalistas da campanha, e a final unir-se ao general em chefe no rio Cahy, se ulteriormente se resolver atacar os rebeldes nas posições que occupão.

O inimigo, que começa já a sentir os effeitos do nosso movimento e o perigo da sua posição, fez propostas ao presidente, das quaes este saberá aproveitar-se.

O presidente, ha algum tempo a esta parte, tem subido muito no conceito geral, e a sua firmeza, discernimento e actividade compensão algumas faltas que sentimos e alguns erros que se tem commettido.

O que he verdade, he que o presidente tem bastante talento militar e muita decisão; está moço e nada o fatiga. Oxalá que o mesmo se possa dizer do nosso excellent general em chefe; porém infelizmente todos reconhecem que sua avançada idade e enfermidades o tornão pouco proprio para comandar hum exercito em operações.

Se as forças de S. Paulo se apoderarem do Passo das Antas, terminará a guerra nesta provincia, sem se dar hum acoço, porque o inimigo se achará exactamente na mesma posição em que se achava na ilha de Paqueta.

(J. do Com. de 18 de Abril.)

O Pará.

—Desde certo tempo, poucas ou quasi nenhuma são as informações que se tem nesta capital acerca do estado da provincia do Pará. A distancia que nos separa desse ponto remoto do imperio, a falta

que alli existe de folhas publicas que transmittão ás demais provincias a conta dos successos occorridos, e detalhem os actos da administração, são outras tantas circumstancias que, até certo ponto, explicão o profundo silencio que pesa do ordinario sobre os negocios do Pará, e a que só interrompe a volta periodica das desordens que o tem devastado. Esta consideração per si mesma basta para fixar o mais alto interesse aos seguintes pormenores, que pessoas fidedignas nos acabão de communicar, sobre a situação daquella provincia nos dez mezes da presidencia moderada e esclarecida do Sr. Souza Franco.

Este Sr., que fora incumbido de hum missão toda pacifica, como reclamavão as novas necessidades, nascidas do restabelecimento da ordem e da confiança, depois de prolongados soffrimentos, não poupo meio algum para cicatrizar tantas chagas ainda abertas, dando á sua politica a base da moderação e da influencia moral, tanto quanto o permitia a natureza de hum paiz onde a ignorancia e a bruteza quasi selvatica dominão a maioria de seus habitantes, repartidos em castas distinctas, e onde o fanatismo mais destruidor facilmente arrasta a população a desconhecer a voz da autoridade e a lei de seus verdadeiros interesses.

Sem estabelecer recrutamento regular, e não obstante o desfale da população, cecida de diversos modos, desfalque que approximativamente pode ser computado em 12,000 individuos, o Sr. Souza Franco reforçou as forças de terra com 183 praças e a marinha com 107, expedindo ao mesmo passo para Pernambuco, na charrua *Cybele*, 80 recrutas, soccorrendo o Maranhão com quasi 200 soldados, enviados pela mesma charrua para aquelle destino em 5 de Maio; e logo depois com mais 289 praças, além de quantos milícias, caronadas e alguns grumetes. Estas forças que, pelo seu numero e pela celeridade com que foram organisadas, traido em outras circumstancias grandes vexames á provincia, o Sr. Souza Franco as obteve sem o emprego de violencias e sem tornar fatal á maioria dos habitantes este serviço exigido pela ordem publica.

Em Fevereiro deste anno, o Sr. Souza Franco, ao regressar para esta corte, deixava no Pará 1,236 praças de 1.ª linha, além das 268 destacadas no Maranhão e Piahy.

Ao lado destes satisfactorios resultados, a sua administração obteve outros não menos importantes no que toca ao acrescimo das rendas e á prosperidade material da provincia. Por seu espirito de ordem, economia e fiscalisação, grande numero de despesas inuteis foram reduzidas e outras completamente abolidas. A despesa, por exemplo, do charco, que orçava nos annos anteriores, em 80 contos, desceo a 40 no anno findo. Neste mesmo periodo foram arrecadados perto de vinte contos de divida activa que, por sua antiguidade e confusão dos titulos que a representavão, era já reputada irrecebevel.

O alento e confiança que o novo presidente soube inspirar á maioria da provincia, a protecção activa dada por elle á industria, tiveram a mais prompta e decisiva influencia para despertar a actividade da producção em hum terra em que parecia de hum vez entorpecida. A receita provincial do anno financeiro ultimo foi de 230,700,512, e a geral de

255,043,681. Para dar hum idea do desenvolvimento da riqueza da provincia nesse curto periodo de dez mezes, nada melhor podemos fazer do que chamar a attenção dos leitores sobre a seguinte tabella comparativa da exportação dos principaes generos da provincia em duas épocas diferentes.

Lista comparada da exportação dos principaes generos da provincia do Pará no anno financeiro de 1833 a 1839, e nos dez mezes da administração do presidente Souza Franco, de Abril de 1839 a Fevereiro de 1840.

Generos.	1838 a 1839.	Abril de 1839 a Fev. de 1840.
Algodão.....	5,012 arr.	4,568 arrobas.
Arroz pilado....	144,011 "	117,045 "
Dito em casca..	4,521 alq.	9,621 alq.
Amendoim bruto..	12,214 arrobas	21,108 arrobas.
Borracha em obra e fôrça.....	13,955 "	23,260 "
Dito em chapatos..		19,125 pares.
Cacão.....	87,825 arrobas.	123,803 arrobas.
Castanhas.....	4,780 alq.	3,071 alq.
Canoeiros secos e salgados.....	27,550	69,578
Cravo.....	554 arrobas.	1,874 arrobas.
Grão de peixe..	213 "	269 "
Óleo de copahyba.	3,472 canoas de 35	6,003 canoas de 35
		quartilhos.
Saba-parrilha....	2,246 arrobas.	3,825 arrobas.
Urucú.....	1,522 "	1,565 "

N. B. O pouco augmento na exportação do arroz he devido, segundo as informações que temos, ao desarranjo de hum unica machina de o pilar, por vapor, que existe na provincia, e á demora que tem havido em vir de Inglaterra outra, por ter o navio que a trazia arribado duas vezes.

Nas 13,955 arrobas de borracha vendidas os chapatos que durante aquelle tempo se fizeram e exportarão, por serem despachados então a peso, com prejuizo da fazenda publica; e muito maior do que a que se vê seria a exportação de chapatos, se desde Novembro não entrassem a faltar no porto navios americanos, que mais que outros os carregão. Havia no mercado, em Fevereiro, mais de 5 mil pares; e foi assim a producção dos dez mezes tripla da do anno anterior, bem que se possa em verdade dizer que ella não foi sendo dupla, e que a outra differença he devida á melhor fiscalisação nos embarques.

Nota-se ainda que ha maior o excesso de producção nos generos que, como a borracha, cravo, grão, óleo de copahyba, e mesmo cacão e saba-parrilha, não precizão amanho anterior e plantio, e sentem immediatamente as vantagens que lhes proporcionão a tranquillidade do paiz e as providencias da administração. (Do Despertador.)

VARIÉDADE.

O navio dos mortos.

—Em junho de 1813 partio de Toulon o brigue de guerra *le Culrassier*, levando, com toda sua familia, M.^{tes}, conselheiro francez no Levante. Encarregado do particular missão: recebi ordem de embarcar-me no mesmo navio. Era o *Culrassier* mui elegante, acciado, bem construido e ligeiro; assim se fazia necessario, que estava o oceano coberto de embarcações inglezas. Além disso, o commandante B.^{te}, que sabia que havia de ter senhoras a seu bordo, o embellezava com toda a sorte de objectos de luxo

e divertimento: na câmara, ornada com esquisito gosto, via-se um piano de Pitzold e outros instrumentos de musica, que contrastavam agradavelmente com os trophicos de sabres e pistolas. Nossa mesa, a qual o capitão offerecia sempre a alguns dos seus officiaes, era servida com abundancia. Se havia bom tempo, passavamos as tardes conversando ou passeando no convéz, e admirando o espelho do mar que reproduzia o bello azul do céu, ou respirando o ar perfumado do Mediterraneo; se frio e sombrio, ficava-se na câmara; então vinham as senhoras sentar-se connosco em torno do capitão, que nos contava aventuras do mar e combates contra os Ingleses. Estas tardes tinham para mim não sei que encanto, que gravou para sempre em minha memoria esta viagem, a primeira e a mais agradável que hei feito. O loggure incidente que nos sobrevio 14 dias depois de deixarmos Toulon me impedirá de olvidá-la.

No dia 20 de junho á noite, aca-bando de dar 9 horas, estavamos a 2.º de longitude e 37.º de latitude norte, pouco mais ou menos, em altura de Argel. O tempo estava claro e bello, mas a viragem fresca que soprava obrigou as senhoras a não sahirem da câmara depois do jantar: o navio corria com vento em popa, com todas as velas e tudo em ordem. O capitão começou a nos contar seu primeiro combate, o de Trafalgar, e estava narrando a morte de Nelson, quando ouvimos em cima confuso ruido de vozes e passos; no mesmo instante entrou o aspirante de quarto, e annunciou ao capitão que a sentinella acabava de avistar ao longe hum navio do alto bordo. O capitão interrompeo sua narração para subir á coberta, e observar com seu oculo de alcance a embarcação annunciada. Era, com effeito, hum navio bastante grande, e que nos demandava.

O capitão levou á boca sua boina.
—Para cima todos!
E todos subiram.
—Tocar a postos de combate!

E todos tomáram seus postos em hum abrir e fechar de olhos.

Depois deo-se mais pauro á embarcação, que, dando violenta arfada, como se quizesse fender as ondas e sumir-se no abismo, ganhou o vento com maravilhosa velocidade: nós fugiamos do inimigo.

Dispostas assim as cousas, e o navio desconhecido seguindo-nos mal de espáço, o capitão desceo e dispunha-se a continuar sua narração, mas necessario foi dar de mão a tal divertimento.

As senhoras contavam historias medonhas de corsarios argelinos.

O commandante, alterado com tales contos, foi tranquillamente deitar-se vestido em sua maca, depois de dar ordens que o chamassem se houvesse alguma cousa extraordinária.

Eu fiz companhia ás mulheres, que se não deitaram. Confesso que não estava muito seador de mim, não porque temesse inteiramente os corsarios de Argel. Aíah, diziam muitas vezes nos livro de tocar em cousa que pertence a seu filho Napoleão. Sobre isto estava hesitando, mas os batelões de Hespanha e Inglaterra me intimidavam.

Ao abito do dia o capitão subio no convéz; o *Catamarca* corria sempre com a mesma velocidade, e o outro navio apparecia ainda no horizonte, seguindo o mesmo rumo.

As 8 horas o vento soprou tão rijo, que os mastros encurvavam-se, e os estalos faziam recear que se quebrassem.

Então a outra embarcação appare-

jos cordames estavam despedaçados, mettava-se humo desordem pouco ordinário em embarcações desta qualidade. Ninguém se viu; as portinhulas estavam fechadas. Os navios andaram algum tempo emparelhados; e o capitão, vendo que era já tarde para evitar o combate, manobrou de guisa a ajantar-se bordo a bordo com o desconhecido, a distancia de tiro de espingarda. Depois foi em pessoa fechar as mulheres na câmara, e subio vestido de rico uniforme, com a espada em humo mão e a balsa na outra; o tambor rubro, todas buscaram seus postos, e em silencio se conservaram.

O capitão subio á parte superior da popa, e bradou para o incognito:

—Oh do navio!.....

Nada de resposta.

—Oh do navio! oh!.....

Nada de resposta, e ninguém appareceu.

Ah! sim, disse o capitão, fuge de nós. Igual a bandeira franceza, e firmam-se com hum tiro de pólvora secco.

Imediatamente o listão tricolor desenvolveu-se magestosamente, e o estrondo echeou na immensidade.

Nenhum pavilhão ficou o navio desconhecido.

—Que celebreira! Disse o commandante; atira com bala.

Segundo estrondo ouviu-se; a bala cortou as escotas da vela grande, que ficou como huma bandeira; o inimigo diminuiu sua velocidade, e nos amainamos algumas velas, para nos conservar no alcance.

O tiro não foi correspondido, o commandante dirigio o oculo pela abertura do navio, e de repente seu rosto apresentou visos de admiração.

—Com effeito! Estava morto o que alli vejo? Vede, señores, junto do mastro grande.

E des o oculo a seu ajudante.

—Capitão, vejo duas ou tres homens deitados, e outro em pé encostado ao mastro, porém não se mexem.

—Oh do Navio!.....

Ninguém se mexeu. B... tomou humo clayon, apertou para o espaço vocativo, e fez fogo.

O inimigo fez hum movimento para diante, mas ficou em pé.

Não ha remedio, disse o commandante largando a arma. He preciso ir recolher os mais de perto. Eu, humo lancho alvizo, 12 homens e legos apertante. Os marinheiros, desarmados. Remanescentes de artilharia apontados para o inimigo.

Hum velho inspector da equipagem murmurou algumas palavras intelligíveis, onde pesqui o nome do *Vulgar* *holandês*.

—O que? Tulevico, zumbido de mim, disse B... Não sabeis tambem como eu que o *Vulgar* *holandês* se navega em altura de Rio-Grande?

—He verdade, disse toda a equipagem.

—Pois vamos, a balsa na agua, depressa. Eu que fizeste parte da equipagem e embarquei-me; rezamos vigorosamente, e em 5 minutos passavamos pela popa, para virarmos a bordo.

Vamos, vamos, disse o capitão, com grandes gritos de guerra.

Le *Amantissimo*.

Entramos ariados das popas, cobertos pela portinhula da canoa. Tudo estava quebado e em desordem. As metras arrebentadas, e algumas mortas de outro esparto nos barcos presunha que o navio tinha sido esgossado; a bandeira azul, amarelada e encruada, e cantantes que alli vimos, nos patens, tráo ser a embarcação columbiana, e empagada no tráfico de Africanos.

Por toda a parte reinava a mesma desordem. Visitamos o porto e as cobertas antes de subirmos. A pólvora, os viveres e as armas estavam no porto, e nenhum ente se nos offerecia a vista. No convéz, ouvimos por cima de nós singulier e confuso ruido. As escotilhas estavam abertas, sahiam com as pistolas encalhadas e as repadas desmuntadas; mas, logo que entramos na coberta, incommensuravel fúria nos sahio, e o mais horrivel espectáculo nos ficou a vista.

Oitenta infelizes estavam estendidos, pregados ao convéz, de pés e mãos. Seus cadaveres estavam já putrefactos, e meio comidos pelas ratas e outros animalzinhos, cujos gachosos fúrios e rufos que ouviamos de dentro. Hum desses homens, que me parecia ser o capitão da embarcação, estava tambem pregado pelas mãos e pés, mas era já, e não me lembro ao certo, fora de seu alconeo havia collesado, por habilito, humo barba de brancos e de outra de uma dentadura, com uma estaca.

a equipagem toda não pregada vivos, e mostra de fome. As portas do convéz haviam sido debradas pelas ratas até os pedregos, e os corpos estavam mortos.

Revolvamos horribilmente, sem saber a quem attribuir tamanha crueldade, quando hum marinheiro, que ficava em baixo, subio, trazendo humo garrafão, que achou em humo das gavetas. Achamos dentro hum papel escripto em inglez, concebido nestes termos:

"A 27 de Dezembro de 1812, na altura de *Puerto Mayor de las Diamantes*, o capitão W... Z. commandante da fragata de S. M. B. *Havet*, encontrou o navio de negros, columbiano, *La Amantissimo*. Conforme as leis ingliezas sobre o tráfico de Africanos, o capitão W. Z. ordenou que se aprisionasse a equipagem, que estava em completa embriaguez. Porém, tendo achado no *La Amantissimo* os cadaveres de duas Inglesas, que se não teve tempo de lançar ao mar, e fazendas roubadas a algum navio ingliez, o commandante do *Havet* usou de represalias, fez pregar a equipagem no convéz, e, abastado todas as velas, entregou a embarcação ao vento."

No dia 27 de Dezembro de 1812.

O commandante da fragata de S. M. B. *Havet*, W... Z.

Os infelizes haviam vagado brinco dos ventos e borrascas, que por acaso lhes fizeram passar o estreito de Gibraltar.

Por mandado de B..., os cadaveres foram despregados e envolvidos em velas velhas. O capitão foi corado em seu pavilhão columbiano, e ao occaso do sol foram lançados ao mar, ao estroado da artilharia.

Levou-se logo a *Amantissimo*, que ardeu toda a noite, e ao luzidisco desapareceu no abismo.

Alguns dias depois, o brigade de guerra *Le Calcutta* entrava no porto de Smyrna.

A. P. de Fossombrão.

CHRONICA MARANHENSE.

Noticias.

—O vapor *Parauense* trouxe-nos jornaes e cartas da corte até á data de 2 do corrente.

O governo francez communicou oficialmente no nosso que já tinha expedido ordem para que as suas forças evacuassem o Oyapok.

A interpretação do acto adicional passou em terceira discussão no senado, tal qual a havia votado a câmara dos deputados. Em assembleia geral continuava a discussão das emendas do senado á lei do orçamento. O ministerio estava quasi abandonado por todos os partidos nas camaras, mas só era combatido activamente pela antiga e genuína opposição, e por um grupo de deputados da Bahia, inimigos pessoais de alguns dos ministros. Ainda se promovia fortemente o plano da declaração da maioridade do imperador, e a esse plano allude claramente o deputado Antonio Carlos, no discurso de que damos alguns extractos no presente numero.

Da nova provincia ha o seguinte. No dia 17 do corrente partiu S. Ex. o senhor presidente da provincia para a Miritiba, onde chegou com uma força de cerca de 300 homens, mas já a esse tempo se tinham os inimigos ausentado do Pref. que fica a pouco menos de uma legoa de distancia, e a força marchou para o bato-lo no Espigão onde se presumia que estivessem. No dia 23 recolheu-se S. Ex. a esta capital, e no dia 24 á noite chegou a noticia de haverem os nossos tomado as fortes posições inimigas no Espigão, havendo alguma perda de mortos e feridos de parte a parte.

Não sabemos se tambem virá a proposito declarar neste artigo de noticias que a Revista não deu a evacuação do Oyapok, nem quiz publicar a ordem do dia n.º 39, talvez por serem nella elegancias o digno cidadão Portugal d'Almeida, e seus parentes. Em desconfio, enchem tres columnas com reconhecimentos e certos recibos, publicados em defesa do Sr. Quintanilha, prefeito do Vintar das Ilhas, a devida res-

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

SABADO 30 DE MAIO DE 1840.

N.º 240.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapéus de Vidigal Irmão & C., rua Grande: preço por trimestre 3\$200, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os avisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

MARANHÃO.

Quartel do Commando Militar da Villa do Itapucurá-Mirim 23 de Abril de 1840.

Ordem do Dia.

Por officio datado de hontem que hoje me foi entregue, communicou-me o Senhor Tenente Manoel Marcellino dos Reis, Commandante do Destacamento Maracajá, o feliz resultado que obteve uma partida de dezoito praças que fez marchar contra alguns rebeldes que appareceram em S. Joze, vindos da Bariguda, ou de suas vizinhanças; conseguindo a mesma partida matar a dois dos ditos rebeldes, prender a Raymundo Antonio Torquato seu chefe, e tomar-lhes seis Armas Lazarinas, quatro facas de ponta, duas Patrohas, alguns Cartuchos, e hum boy que levaria os referidos rebeldes para suas forças; o que faço Publico para conhecimento da Guarnição (Assignado) Carlos Augusto d'Oliveira, Major Commandante.

Correspondencia.

Sr. Redactor da Chronica.

Desde do principio da Independencia todos os meus trabalhos tem sido para conseguir a Colonisação de Estrangeiros industriais, e de boa moral nesta Provincia, e na do Pará, os quaes viessem introduzir entre nós, a arte de lavoura aperfeiçoada como na Europa se achava servindo elles de exemplo aos naturaes deste Paiz, que em breve aprenderão a cultivar a terra de uma maneira mais facil e proveitosa do que presentemente se usa; e posto que não tenha podido estabelecer uma Sociedade para esse fim, durante tantos annos nesta luta; assim mesmo, não desistindo da empresa, fui á Provincia do Ceará, e ali obtive hum Lei, a qual, ainda que não seja todo o necessario para o que desejo ao menos serve de base aos meus intentos, como verá pelos documentos juntos: o Exm. Presidente da sobredita Provincia, remetteu ao Exm. Presidente desta, uns documentos relativos a este negocio; os quaes elle enviou á actual Assembleia Legislativa Provincial, recomendoando o estabelecimento de uma Sociedade de Colonisação. Eu fiz mais um outro Projecto da Lei, endereçado á Assembleia Geral para o fim de promover este objecto, decretando-a ella; requeri á Assembleia Provincial que tomasse parte nelle, visto o estado tão desgraçado da

Provincia, e apresentei o dito Projecto, junto com os de Colonisação, e de Banco: note V. S. que estes pareceres mostraram primeiro ao Exm.º Presidente, que os achou dignos de sua approvação; foram todos á uma Commissão composta dos illustres membros os Srs. Manoel Gomes, Sotero, e Lopes; e fallando eu com elles neste assumpto, na sala da Camara o Sr. Manoel Gomes me disse que neste anno não se trataria de Colonisação, porque não era conveniente á Provincia: Pasmei de semelhante asserção; e como foi feita em publico, he o motivo de eu importunar a V. S., porque quero que todos saibão do meu trabalho: esperando que o Parecer da Commissão appareça, e que não seja na forma que pertence ao Sr. Manoel Gomes; nem que elle tenha a maioria da Assembleia a seu favor a tal respeito, pois creio que a maioria se deve decidir á vista de razões, e argumentos, e que mal pode um membro da assembleia, sem desluzo della, assegurar que tal e tal será a sua decisão, antes dos debates.

Agora espero, Sr. Redactor, que V. S. não só fará publicar todos estes documentos; mas que tarde defender esta boa causa, a fim de que não corra á revelia, fazendo as reflexões convenientes; visto o estado em que nos achamos por causa dos rebeldes; servindo-se elles em alguns lugares de Escravos, que tanto prejuizo podem causar aos seus Srs.; e dos quaes podem resultar gravissimos males, não só á elles, mas á todos em geral.

Seu, Sr. Redactor &
Joaquim José de Sequeira.

Ilms. Senhores Representantes da Provincia.

Joaquim Joze de Sequeira, Cidadão Brasileiro, nutrido, á annos, ardentissimos desejos de ver prosperar este bello Paiz, se á exorçado em apresentar varios projectos de reconhecida utilidade publica, que, posto hajão attrahido a attenção, e protecção do governo, e da Assembleia Legislativa Provincial do Ceará, não tem sido levados a effeito, por uma inaudita fatalidade.

Não desistindo o suplicante do seu proposito, apesar dos tropeços encontrados, offerece a esta esclarecida, e patriótica Assembleia o projecto junto N.º 1.º, relativo á Sociedade de colonisação, Agricultura, e criação de gados constante do Documento N.º 2.º já adoptado pela Assembleia Provincial do Ceará em a Lei de 6 de Outubro de 1833, Do cumento N.º 3.º Não podem escapar á vossa penetração as vantagens da intro-

dução de colonos, que se dedicam a tantas fias: com ella verem-se rotunda grande porção do terreno, que alias ficará por longos annos inculta; e dahi resultará consideravel augmento da riqueza Provincial: o governo terá outros tantos defensores da Ley, e os Cidadãos pacificos, e amantes da ordem quem os coadjave na manutenção da tranquillidade publica.

O estabelecimento de um Banco Provincial bem organizado segundo o Projecto de Documentos N.º 2.º seria outro manancial de prosperidade publica: os legisladores da Provincia de S. Paulo, e o Povo o reconhecerão. Além destes beneficios podião obter-se outros por meio de Sociedades o melhoramento da barra desta Capital, que cada dia se vai obstruindo mais; e a renovação das difficuldades, e perigos, que a navegação do rio Itapucurá encontra na Caxoeira proxima á Villa do Rozario são objectos de utilidade transcendente, que reclama a Vossa urgente solicitude.

O Supplicante, Senhores, espera do vosso zelo pelo bem estar de vossos Conciudadãos, que em taes assumptos tomeis as medidas legislativas ao vosso alcance, e soliciteis da Assembleia Geral, as que não couberem em vossas attribuições.

P. aos Ilms. Senhores Representantes da Provincia hajão de acolher benignamente esta Supplicação.

Maranhão 12 de
Maio de 1840.

E. R. Mercê.

Joaquim José de Sequeira.

N.º 1.º

Art. 1.º O Governo fica authorisado a nomear uma Commissão de 5 membros para estabelecer a Sociedade de Colonisação, Agricultura, e criação de Gados.

Art. 2.º O Projecto fica approvado menos o Art. 20.º e 29.º

Art. 3.º O Presidente da Provincia fica authorizado a mandar pagar pelo cofre Provincial, 40\$000 rs. por cada Colono Estrangeiro, que a Sociedade importar, até ao numero de 1000 Colonos; e na falta de fundos Provinciais contrahirá um emprestimo, vendendo Apolices de 400\$000 reis, a vencer o juro de 6 por cento ao anno, que sejam empregados em Accções da Sociedade: não sendo estes Colonos, daquelles para os quaes a Assembleia Geral der ordem do pagamento pela cofre Nacional.

Art. 4.º Os lucros e amortização deste emprestimo, serão pagos dos dividendos das mesmas Apolices; e na falta pelos rendimentos da Provincia.

Art. 5.º As produções da Lavoura dos Colonos, e das suas criações de

Gado, serão izentos de direitos Provincias, e Municipaes, por espaço de 10 annos, entrando o tempo do seu engajamento.

Art. 6.º Os Colonos Estrangeiros serão sujeitos a servirem como Guardas Nacionais, na forma da Lei estabelecida, ou da que se estabelecer.

Art. 7.º Todos os Brasileiros que forem empregados nos Estabelecimentos destas Sociedades, serão izentos do recrutamento pelo tempo do seu engajamento, que não será mais de 3 annos.

Art. 8.º A Sociedade fica extensiva as Provincias do Rio Grande do Norte, Ceará, Piahy, e Pará na forma da representação feita pela commissão do Ceará, querendo as ditas Provincias fazer ligação com esta.

Art. 9.º O Author do Projecto Joaquim José de Sequeira fica reconhecido Agente fora do Imperio, e encarregado da Colonização na forma do Art. 30; não só para levar a effeito o Estabelecimento desta Sociedade, como para o bom exito della.

N.º 2.º

—A Assembleia Geral Legislativa Decreta.

Art. 1.º O Governo fica authorizado a dar a Sociedade de colonização, Agricultura, e criação de gados 40\$000 rs. por cada colono Estrangeiro, que ella insportar na Provincia do Maranhão para seus estabelecimentos; sendo nas commarcas da Cidade de Caxias, Villa de Pastos Bons, e Brejo, até ao numero de 4.000 colonos.

Art. 2.º Os terrenos que a Sociedade escolher para estabelecimento, dos colonos, sendo da Nação, serão izentos de pagar furos pelo tempo da Sociedade; e direitos Nacionais do produto da sua cultura, por espaço de 10 annos.

Art. 3.º O Governo receberá acções da Sociedade, até o valor do desembolso que fizer para os colonos.

Art. 4.º O pagamento destas acções será feito pela thesauraria Nacional da mesma Provincia.

Art. 5.º Na falta de fundos da mesma thesauraria, o Presidente da Provincia fica authorizado a contrahir hum empréstimo dentro da Provincia, ou fora della; e pagará os dividendos, e a amortização delle, do rendimento das acções que o Governo tiver da Sociedade; e na falta destes, pela thesauraria Nacional da mesma Provincia.

Art. 6.º Os colonos serão sujeitos a servirem como Guardas Nacionais, na forma da Lei estabelecida, ou das que se estabelecerem.

Sociedade de nacionaes, e estrangeiros; para colonização, agricultura, e criação de gados na Provincia do Ceará.

Capital 800 contos de réis em Acções de 100\$000 e meias Acções de 50\$; as primeiras entradas serão de 50\$000, e de 25\$000; e as mais chamadas no termo de mais, de 25\$000, e de 12\$500; nem menos de 6 mezes de prazo; fazendo aviso tres mezes antes pelas gazetas.

Art. 1.º O tempo da Sociedade será 30 annos findos os quaes e continuando se fará novos ajustes.

Art. 2.º Logo que sejam vendidas 1000 Acções a Sociedade principiará as suas operações.

Art. 3.º A Direcção será composta de 5 Directores, um dos quaes será Presidente escolhido por elles mesmos: os primeiros servirão 4 annos, e depois serão eleitos de 3 em 3 annos pelos Accionistas Proprietarios n'uma Assembleia Geral podendo ser os mesmos reeleitos.

Art. 4.º A qualificação para ser Director será 10 Acções.

Art. 5.º Os Directores terão a nomeação dos Empregados e poder de os dimitir.

Art. 6.º Hum Director será empregado todos os mezes na administração, e na primeira Segunda-feira de cada mez haverá reunião dos Directores.

Art. 7.º Os Accionistas que possuírem 5 Acções terão o nome de proprietarios, com 1 voto, de 10, 2 votos; e assim irá continuando até 25 Acções, mas nenhum proprietario terá mais de 5 votos seus, nem mais de 10 fazendo as vezes de outros proprietarios.

Art. 8.º Qualquer Accionista proprietario pode authorizar outro Accionista proprietario de fazer as suas vezes como se presente estivesse, por uma simples carta reconhecida.

Art. 9.º Haverá ajuntamento de Accionistas proprietarios de 6, em 6 mezes, quando se ha-de examinar o balanço, e pagar o dividendo.

Art. 10.º Os Accionistas não serão responsaveis por maior valor do que as suas Acções.

Art. 11.º Se qualquer Accionista faltar as chamadas no seu devido tempo; os Directores terão autoridade de tomar a premio a somma necessaria, e uma vez que o Accionista não satisfaça a dita somma os dividendos que houver serão para pagamento do capital, e juro até o seu real embolso.

Art. 12.º Os Accionistas podem vender as suas Acções mas quem as comprar deve logo registalas de novo.

Art. 13.º Para facilitar as entradas dos Accionistas dentro, ou fora do Imperio; a Sociedade receberá generos de consumo nesta Provincia sem tirar Commissão; ficando o liquido producto empregado em Acções.

Art. 14.º Se os Directores acharem necessario para evitarem qualquer responsabilidade, podem chamar um Ajuntamento Geral de Accionistas proprietarios por annuncios.

Art. 15.º Se em qualquer tempo se perder a quarta parte do capital, os Directores hão de chamar um ajuntamento geral de Accionistas proprietarios; e elles podem então dissolver a Sociedade se os de voto contrario não tomarem ao seu cargo todas as Acções.

Art. 16.º Havendo requisição assignada pelos Accionistas que possuírem uma quarta parte das Acções, sejam ou não proprietarios; os Directores serão obrigados a chamar um ajuntamento dos Accionistas proprietarios; mas não se ha de tratar senão do que trata a requisição.

Art. 17.º Os estatutos e regulamentos, tanto para os Directores na sua administração, como para a Assembleia Geral; serão feitos pelos Accionistas proprietarios n'um ajuntamento geral e os ordenados dos Directores e empregados serão estipulados pelos mesmos Accionistas proprietarios.

Art. 18.º Se a Sociedade precisar de mais fundos os Accionistas proprietarios decidirão n'um ajuntamento geral se ha de ser feito por via d'um empréstimo ou pelo augmento de Acções.

Art. 19.º A Sociedade reservará uma quarta parte das Acções até a Assembleia Provincial desta Provincia decidir que as tome ou não.

Art. 20.º Em quanto a Sociedade tiver Acções para vender dará a preferencia a Sociedade Philantropica de Obras Pias da Provincia, caso ella consiga as loterias que pretende da Assembleia Provincial.

Art. 21.º A Sociedade afretará navios para conduzir os colonos, ou os comprará, e também terrenos, e fazendas de gado; querendo os seus donos tomar o valor em Acções.

Art. 22.º A Sociedade aforará terreno das Camaras Municipaes, e da Nação, e empregará colonos no serviço Nacionais, e Estrangeiros, havendo as condições do engajamento feitas pelos Accionistas proprietarios em Assembleia Geral.

Art. 23.º Findo o tempo do engajamento a Sociedade pode aforar terrenos aos colonos querendo elles.

Art. 24.º Os colonos podem ser uma terça parte Africanos, mas estes não serão empregados senão na agricultura, e mineração.

Art. 25.º A Sociedade fará armazens subterraneos de abobada de tijolo, para conservar mantimentos de um para outro anno por causa das secas, comprando, ou guardando aquelles de sua cultura, e de os não vender por mais de 50 por cento, custo da entrada dos seus armazens.

Art. 26.º A Sociedade se encarregará de fazer possos, e charcos nos lugares proprios; mandando vir de Inglaterra gente e maquinas proprias para esse fim.

Art. 27.º A Sociedade ha de requerer em seu nome a Assembleia Geral Legislativa, e a Assembleia Provincial, izenções de tributos por certo prazo para melhor facilitar a colonização nesta Provincia.

Art. 28.º Fica prohibido nesta Sociedade empregar escravos seja em qualquer serviço que for.

Art. 29.º A Sociedade cede 10 por cento de todos os seus lucros líquidos como contribuição voluntaria para a Sociedade Philantropica das Obras Pias da Provincia.

Art. 30.º O auctor deste projecto será encarregado da colonização desta Sociedade durante o tempo da sua vida, ou da Sociedade; nomeando elle os agentes que lhe forem necessarios, não levando mais de uma libra strelina ou seu equivalente por cada colono homem, ou mulher, sendo maior de 16 annos; pago a custa do colono.

Art. 31.º O auctor também terá 5000 rs. de empréstimo por cada Acção de mais sobre a primeira entrada, por uma só vez, para comprar Acções que lhe devem ficar reservadas para si, e seus herdeiros.

Art. 32.º Os Dividendos das Acções do Artigo antecedente serão applicados para pagar o empréstimo aos Accionistas até seu real embolso, sem vencimento de juro.

Ceará 30 de Abril de 1838.

Palacio do Governo do Ceará
30 de Maio de 1838.

M. F. de S. e Mello.
Joaquim Joze de Sequeira.

N.º 3.º

—Manoel Felisardo de Souza e Mello, Presidente da Provincia do Ceará. Faço saber a todos os seus Habitantes que a Assembleia Legislativa Provincial Decretou, e eu sancionei a Ley seguinte.

Art. 1. Fica criada uma Comissão de sete membros para tratar de levar a effecto os projectos do Banco, e Sociedade da colonisação, Agricultura, e criação de gados, segundo o plano apresentado pelo Cidadão Joaquim José de Sequeira, a qual Comissão será composta do autor dos projectos, e de mais seis indivíduos negociantes, ou Capitalistas, que o Governo da Província escolher.

Art. 2. Logo que se estabeleça n'esta Província a mencionada Sociedade de colonisação, Agricultura, e criação de gados, o Presidente da Província poderá contrahir um empréstimo, que realice cincoenta contos de reis, vendendo Apólices de quatro centos mil reis a vencer o juro de seis por cento ao anno, o qual empréstimo será feito dentro, ou fora da Província, e exclusivamente applicado a quinhentas acções d'aquella Sociedade.

Art. 3. Os juros, e amortisação d'este empréstimo serão pagos tão somente pelos dividendos provenientes das quinhentas acções, pertencentes a Província.

Art. 4. Fica concedida a Sociedade Filantrópica de obras pias da Província, quando ella tenha de realizar-se, duas Loterias por anno no valor ambas de quarenta contos de reis em moeda corrente, ficando no arbitrio da mesma o valor dos bilhetes, e premios, sendo estes pagos em acções da Sociedade de colonisação, Agricultura, e criação de gados, em quanto esta tiver acções a dispor: e findas estas serão pagos em dinheiro.

Art. 5. O Governo da Província fica igualmente autorizado a tomar por conta da mesma Província a quarta parte das acções do Banco, que se pretende estabelecer, entregando o seu valor em Apólices Provincias com o vencimento do juro de seis por cento ao anno, que ficará para rendimento do mesmo Banco.

Art. 6. Os dividendos pertencentes as acções que a Província tomar serão exclusivamente applicados no pagamento do juro, e amortisação na forma do mesmo projecto; antigos trinta e quatro, e trinta e oito, ficando entendido que das acções pertencentes a Província não terá o autor do projecto empréstimo algum.

Art. 7. O papel d'este Banco será recebido nas Estações Provincias, e Municipaes, como já se pratica com o do Banco ora existente.

Art. 8. O mesmo Governo dará as Instruções necessarias para os trabalhos da Comissão criada, assim como dará o Regulamento devido para a fiel e prompta execução de tudo quanto se contém na presente Ley.

Art. 9. Ficam revogadas todas as disposições em contrario.

Mando por tanto a todas as Autoridades, a quem o conhecimento, e execução da referida Ley pertencer, que a cumpram, e façam cumprir tão inteiramente como nella se contém. O Secretario d'esta Província a faça cumprir, publicar, e correr. Palácio do Governo do Ceará em 6 de Outubro de 1838, decimo setimo da Independencia e do Imperio.

Manoel Felizardo de Souza e Mello.

CHRONICA MARANHENSE.

—A ultima Revista occupa basta columna com uns reconhecimentos de documentos em defesa do Sr. Joaquim José Quintanilha, dignissimo prefeito de

Viana, e lá a seu modo, depois de tirar valentes deducções dos taes documentos, o deu limpo de culpa e penas. Nós tambem produzimos um documento, supposto que não reconhecido, e é o que abaixo vai transcripto. A vista delle digam os leitores se fomos severos, e se acaso acrescentamos cousa alguma á verdade: pelo contrario, nem mencionamos o famoso conselho que deu o sr. prefetto ao commandante da tropa para que a fizesse atravessar um lago a nado!

Quanto as manobras empregadas no districto de S. Bento, affirmamos os nossos correspondentes que o commandante escreveu a cerca delias ao governo, e entendemos que se a certidão dessas participações nos não foi passada, é porque sem duvida conterão objectos de segredo. Mas para dar gosto ao contemporaneo da Revista dir-lhe-hemos semore de que constava o edital do sr. José Leandro: constando-lhe a elle que es commandantes dos provisórios haviam afixado Citões, mandou elle tambem afixar os seus, proclamando que, segundo as instruções que tinha do governo, de data de Janeiro, os corpos provisórios só podiam constar dos que não estivessem alistados na guarda nacional, o que lies dizia para seu esclarecimento; que mesmo os que ainda não e-tivessem alistados na guarda nacional, se o fizessem, ficariam isentos de marchar! Não reproduzimos esta peça curiosa textualmente, porque ainda nos não foi possível obter uma copia; mas esperamos que o contemporaneo da Revista, por condescender com um collega, não nos ha de sentir nesta parte, alias dar-nos-ha o trabalho de procurar esse bando anarchico para publicarlo.

O que porem é mais para admirar é a coragem com que a Revista ainda ousa insinuar que a deserção foi promovida por aquelles mesmos que com tantos sacrificios e dispendios de trabalho e dinheiro organizaram a força; os documentos que provam as manobras e intrigas, os maus tratamentos, e que se negaram transportes de proposito, para que a deserção tivesse logar nos dispendiam de combater essa indigna calumnia, tanto mais que o facto, posteriormente occorrido de se organizar immediatamente depois um novo contingente de 100 praças, a destroce inteiramente. E de notar que a Revista tendo dado a noticia da deserção com uma complacencia que mal soube disfarçar, esqueceu-se de dar a da marcha do novo contingente. Calou-se talvez de proposito; porque de outra sorte, como poderia publicar o seu ultimo artigo calumnioso? Como poderia fazer crer que se promovia a deserção de uma força organizada a tanto custo, para fazer marchar um mez depois os mesmos desertores em n.º de 54, cuja apresentação tractou-se de promover por todos os meios? Basta sobre esta materia. Eis o documento a que nos referimos.

Antonio Nunes d'Aguir, Tenente Coronel do Imperial Corpo d'Engenheiros, Adjunto, e Quartel Mestre General da Divisão Pacificadora na Província do Maranhão.

—Atesto, em virtude do Despacho retro do Exm.º Sr. Presidente, e Commandante das Armas da Província, que o Officio de que faz menção o Supplicante no seu requerimento he do theor seguinte—

Officio.

—Ilm.º Sr.—No dia 24 de Março ás 6 horas da tarde, fiz embarcar de Alcantara para o Aurá 1 Tenente, 1 Alferes, e 64 praças de pret, indo 62 armadas; no dia 25 embarquei com o Estado maior do Batalhão Provisorio d'Alcantara para o Aurá, e no dia 27 ás 5 horas da tarde, entreguei-me o Tenente Coronel Commandante, 2 Capitães, 1 Tenente, 2 Alferes, e 191 praças de pret inclusive as de Alcantara: na manhã do dia 28 marchei para o Mirim por terra, visto não terem chegado as embarcações por mim requisitadas, viagem bastante penosa, por estarem os rios, e campos cheios, e alguns de nado: no dia 31 de Março estacionei a força na freguesia Santa Cruz, e marchei para São Bento, a fim de organizar o Batalhão Provisorio, e marchar com a força que ali estivesse reunida, que somente era 35 praças. No dia 3 de Abril he que pude marchar por causa de cavallos, que bastante difficuldade tive em arranjar; na marcha desertarão muitas praças como se verá da relação nominal da força que inclusa remetto: no dia 6 de Abril cheguei ao lago do Aquiri, e não havendo embarcações para passar a tropa, fui á Villa de Viana para mandar embarcações para a condução da força; cheguei a Villa, e requisitei ao Prefeito transportes, o qual me respondeu que não havia embarcações, e que fizesse a tropa atravessar o lago a nado, e depois viesse pelo caminho do mato, e só pude transportar a força pelo offerecimento do Juiz Municipal da Villa de Viana, o doutor José Thomaz d'Almeida. Requisitei ao Prefeito fornecimento de boca, e transporte para o Mirim, foi-me por elle respondido que não tinha ordens do Governo a respeito, e á muito custo he que forneço a tropa, passando-lhe cautela, como fiz em toda a marcha, fazendo o Prefeito deste fornecimento um relevante serviço: no segundo dia de minha estada em Viana espalhou-se a noticia de que a força não ficava no Mirim, que havia ordem para marchar para o Itapucurú; nessa mesma noite começaram as deserções, por isso fui pessoalmente entender-me com o Prefeito a respeito do transporte para marchar quanto antes, respondeu-me que sobre transporte nada fazia pela razão já dada, que me dirigisse aos proprietarios, e a elles não se prestarem, que mandasse tomar á força, e só depois de hir sendo prodigiosa a deserção, he que á muito custo as 6 horas da tarde da dia 12 de Abril pude fretar a canoa—Macarico—pela quantia de 100\$000 reis, porco infelizmente existia uma conspiração de deserção, em consequencia da noticia de que marchavamos para o Itapucurú a meia noite do referido dia 12 de Abril, tive parte que a força estava desertando toda; fui ao Quartel, e mandando chegar a forna, conheci que tinha havido seloção por me faltarem 40 e tantas praças, juntamente a Guarda do Quartel, sendo 34 praças armadas; constando-me que tinham sido emballadas por terem recebido municiões de pessoas da Villa: fiz immediatamente seguir pelos Officiaes da sua confiança para ver se os faziam voltar, porem nenhum encontraram, e foram infectivas as minhas providencias; só depois desse successo he que o Prefeito teve pressa de arranjar a canoa, onde fiz embarcar no dia 13 noventa e seis praças inclusive 1 Capitão, 1 Tenente, e 2 Alferes, tendo

fôto voltar o Capitão Eusebio Pereira do Maltos, não só por ser homem de mais de 60 annos, como por estar muito doente, e ser impossível continuar a marcha sem risco de vida. Chegou finalmente a Villa do Mirim no dia 17 a noite com as praças já mencionadas, e pelo Tenente Coronel Manoel Lourenço Boga, foi-me prestado Quartel, e mais objectos precisos para fornecimento da força, e... Des Guarde a V. Senhoria. Quartel na Villa do Mirim 18 de Abril de 1840.—Mae. Sr. Antonio Nunes d'Aguilar, Tenente Coronel Adjunto, e Quartel Mestre General.—Sergio Teralliano Castello Branco, Capitão Comandante da Força d'Alcantara.

He o quanto consta do referido Officio, que não continha objecto de segredo, á que me reporto. Quartel do Commando das Armas na Cidade do Maranhão 27 de Maio de 1840.

Antonio Nunes d'Aguilar.

Assemblea Provincial.

—Jamos acompanhando o nosso povo na pouca attenção que prestava, não á instituição em si, mas nos elementos de que se compõe a maioria do sabio congresso provincial. Já por ali a compararam a enterro de pestes; não a compararemos nos funeraes de uma Roma illustre, nos quaes tendo se prohibido que subissem as imagens de Bruto, Cassio e outros, para os não fazer lembrados ao povo, aconteceu que este, attendendo pela sua falta no prestio, a elles só applicassem toda a sua attenção. Assim, entre nós, a facção dominadora empregou a violencia, a corrupção, e até a falsificação das listas no apuramento, para arredar os que lhe faziam sombra do recinto da assemblea, invertendo até para esse fim a ordem natural dos votados; mas o povo recusou ir assistir aos trabalhos da assemblea purificada, sem duvida por estar convencido que todo aquelle aparato de membros, discussões, votações, era uma verdadeira fantasmagoria, sendo que toda a realidade se resumia na vontade de um ou dois chefes, que sem contrários politicos, trazem subjugada inteiramente a pequena esquadra dos seus seguidores, assim pela sua superioridade, como por outras razões mais peremptorias. Quiz porém a providencia que os poucos membros que conseguiram reunir a maioria não lhe chegassem para montar legalmente a sua machina de decretos; foi forçoso chamar tres supplentes, não mais, pois é de saber que o digno membro Francisco Sotero dos Reis, que em 1837 reputava uma flagranie violação do acto addicional o simples facto de trabalhar a assemblea com 26 ou 27 membros, está hoje muito acastellado no que toca a chamar supplentes, e já declarou em plena sessão que uma vez que se conta com 16 ou 18 membros seguros, que caso ha para que se chamem outros? Tomaram assento os tres supplentes, e para logo re povoaram as galerias, por quanto o povo conheceu que a discussão ia ser seria, e não, como até agora, por ventura traçada atraz da porta, e que a opposição, a contestação ás ideias dos honrados chefes, não seria simplesmente confiada ao digno orador o sr. Luiz Miguel Quadros, agente subalterno n'uma repartição fiscal, onde destructa uma perfeita sinceridade. E com effeito a expectação do publico não se foi illudida, porque os tres dignos

supplentes, effizantemente ajudados por alguns dos membros propriarios, que ou não pertencem á grei, ou tem brio o patriotismo bastante para recusar-lhe uma cega submissão, tem conseguido fazer algum bem á provincia, alcançando algumas boas providencias, derribando outras ruins, demorando o parto de alguns projectos inuteis e intempestivos, e contestando vivamente o que de todo não podem evitar.

Conseguiu-se fazer cahir o projecto que dava ordenado ao promotor da capital: nos apuros em que a provincia se achava, essa medida só redundaria em proveito do parente do honrado chefe da maioria, o sr. Manuel Gomes da Silva Belfort.

Conseguiu-se que o corpo de policia fosse conservado no seu estado completo, a despeito do sr. Gomes Belfort, que por uma aberração de espirito inexplicavel, queria reduzir á metade, quando em 1836, tempo de profunda paz, havia proposto cefeca de 640 homens, e agora mesmo fez applicar contos de reis para indemnisação dos prefeitos!

Contestaram-se alguns artigos perniciosos da lei do orçamento, como fossem: O que vota ordenado ou indemnisação (2000000 reis) a cada prefeito. Sem attenção aos apuros em que se achava o cofre provincial, nem, em geral, ao desgraçado estado das cousas; sem attender a que os prefeitos, em muitas commarcas, estão como que suspensos dos seus cargos, pela só força das circunstancias, absorvido todo o poder pelos commandantes, o sculor Gomes Belfort e os seus decidiram metter-lhes nas algibeiras esses dous mil crusados! Não devemos aqui omitir que o sr. Torquato Coelho, prefeito de Guimarães, tomou assento n'um dia, no outro offereceu uma emenda para que o ordenado dos prefeitos fosse de 1:200:000, e no terceiro votou por ella, elle scinho, bem entendido! Não foi pequena coragem.

O que votou um novo tributo sobre os couros, em substituição ao disjunctivo do gado, não porque nisso se tivesse em vista favorecer os creadores, senão porque o sr. Manuel Gomes entendeu que deste modo não lhe escaparia uma só rez pela malha.—12º o verdadeiro pae do fisco; fallar-lhe em diminuição de tributos, é arrancar-lhe as entranhas. Tereinos de fallar mais extensamente sobre o onus intoleravel que pesa sobre os creadores, tam dignos de favor n'uma epocha em que foram assoladas, destruidas, e extintas quasi todas as fazendas de gado. Mas o privilegio concedido a Militão Bandeira Barros, isentando de tributos por 10 annos os gados que criasse em taes e taes partes, ficou subsistindo!

Um projecto, dizem, existe na forja da maioria, creando juizes do civil nas commarcas, ou augmentando o numero destas, o essencial é haver mais alguns logares de juizes de direito para contentar certos pretendentes, sobretudo parentes do illustre chefe da maioria, o sr. Gomes Belfort; supõe-se que ainda não veio a lume, por se recearem de forte opposição.

A isto acrescentaremos:

Que o sr. Sotero, subjugado pelos seus habitos de mestre de meninos, quiz dar lições ao sr. doutor Vilhena, um dos mais illustres dos nossos conceituados, e fallou-lhe, em ar de mofo, nos seus compendios; mas foi rebatido de maneira, que teve de arrepende-se.

Que o sr. Sotero, cioso da preponderancia do sr. Manuel Gomes, tem querido fazer uma pequena rebelião, para ver se ao menos consegue a independencia do Lyceo, e sobre isso os dous illustres campeões travaram-se de rasões, um pouco ascosos, dentro e fora da camara.

Que os dous nobres cabos da esquadra parlamentar, havendo conseguido arredar a eventualidade de feichar-se a assemblea por falta de membros, estão agora muito contentes de si, e resolutos em não chamar mais um só supplente, pouco cuidadosos da publica censura, que attribue essa manobra á convicção em que estão da ruindade da sua causa.

Que continuaremos a occupar-nos com a assemblea, mormente depois que obtivemos a lei do orçamento, a votada, a respeito da qual temos de fazer muitas observações.

Noticias.

—Além das que são mencionadas na ordem do dia do honrado commandante do acampamento de Itapucurú-mirim, tem occorrido as seguintes; segundo cartas que vimos da Vargem Grande, cujas datas alcançam até 19 do corrente.

Consta que no Retiro da Cruz, uma expedição vinda do Urubú, comandada pelo cidadão Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, usando de estratagemas, surprendera os rebeldes (6 o grupo do Caralibá) e lhes matara 12 ou 14 homens, ficando dos nossos 6 feridos levemente. Quando os rebeldes batidos em n.º de mais de 150 se retiravam, levando cerca de 80 escravos da fazenda dos snrs. Jansens, e outros lavradores, foram novamente atacados por uma guerrilha do tenente Manuel Marcelino, que com só 28 homens, matou-lhes dous, e tomou-lhes toda a escravatura. Depois o major Leal, que tinha vindo do Brejo com 200 homens, e se achava no Barro Vermelho, mandou sobre os dispersos uma partida que aprisionou 12, além de 3 que se apresentaram. Antes destes successos, uma partida de 50 homens, sahida do Barro Vermelho a explorar até o Cumby e Pindoval (fazenda do Coronel Coqueiro) foi atacada pelos rebeldes, e teve de recuar, perdendo então quatro extraviados, que depois se apresentaram, e matando tres ou quatro dos rebeldes, como depois verificou uma expedição mandada pelo major Leal, que do mesmo logar affugentou outro grupo rebelde. Assim a perda do inimigo nestes diferentes choques, foi de cerca de 30 homens, 10 armas grossas, e 4 finas.

AVISO.

—Para Lisboa, com escala pela Ilha do Faial o muito velleiro Brigue "Marquez de Pombal" sahirá impreterivelmente athé o dia 15 do proximo Junho: tem boas commodidades para passageiros; quem nelle quizer carregar ou hir de passagem para qualquer dos ditos portos (tendo apenas de demorar se no 1.º, 3 a 4 dias) dirija-se ao Escriptorio das Senhoras Meirelles, ou Capitão na Praça. Maranhão 25 de Maio de 1840.

Maranhão, Typographia Imparcial Maranhense. Anno de 1840.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapcos de Vidigal Irmão & C., rua
Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas
avulsas vendem-se a 100 reis na sobredita Fabrica, e os avisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas
os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

MARANHÃO.

Quartel da Presidência e do Comandante
das Armas na Cidade do Mara-
nhão em 25 de Maio de 1840.

ORDEM DO DIA N.º 40.

S. Exe. o Sr. Coronel Presidente o
Comandante das Armas da Província,
manda publicar para conhecimento da
Divisão Pacificadora do seu Comandante,
que tendo organizado na Miriúba uma
força de 340 praças, e feito seguir a Pre-
guesia do Príncipe o Comandante do Ca-
pitão Joaquim Pereira Chaves Gralhadas;
e dali ao lugar da Ribeira, onde se
achavam intrincheirados os rebeldes, e che-
gando ali no dia 22 do corrente, atacou-
os de prompto, sustentando elles por es-
paço de 2 horas um vivo fogo, que não
podendo resistir, abandonaram as trinchei-
ras, deixando 2 mortos, 7 Cavallos, e 6
espingardas; sofrendo a legalidade a per-
da de 3 mortos, e 16 feridos levemente
e nesta occasião foi resgatado do poder
de taes facinorosos o paziano Antonio Bap-
tista, que por elles tinha sido anterior-
mente prisioneiro. Attendendo o mesmo
Exm. Sr. a falta de officiaes, que ha na
2.ª columna, e nos relevantes serviços,
que tem prestado os officiaes, e Inferio-
res abaixo declarados, ha por bem nomea-
los de commisso, para servirem nos Ba-
tallhões Provisorios da mesma columna,
competindo as distribuições delles ao respec-
tivo commandante da forma seguinte.
Para Capitão—O Tenente Miguel Per-
reira Cabral—Para Tenente—O 2.º Ten-
ente Conrado José de Lorena, e os
Alfices José Joaquim de Barros, José
Maria Marques, Manoel Chaddino de Ol-
veira, e Quartel-mestre José Gregorio de
Jesus. Para Alfices—Os 1.ºs Sargentos
Joaquim Soares de Souza, José Aurelio
de Moura, e 2.º Cadete 2.º Sargento
Vicente Soares de Mello Junior. S. Exe.
tom nomeado igualmente de Commissão
para Capitão, e Comandante do Esqua-
drão de Dragões o Tenente Marcelino
Joaquim Ferreira de Castro, e para Alfice
o Cadete da Companhia Provisoria de
1.ª Linha da Província de Sergipe Fran-
cisco Ribeiro da Cunha Grave, e o Sar-
gente Vago mestre do 1.º Batalhão de
Guarda Nacional destacada na vila do I-
catu Joaquim Barrozo de Carvalho, es-
te para o dito Esquadrão, e aquelle pa-
ra o 5.º Batalhão Provisorio. Antonio
Nunes d'Aguar Ajudante, e Quartel Mes-
tre General.

Correspondencia.

Sr. Redactor da Chronica Maranhense.

Quando se tem em vistas o bem da
Patria, o premio do merecimento, e o
castigo dos miltos censurando as acções
dos Empregados Publicos, he isto não só
licito, mas até um dever de todo o Ci-
dadão honrado, e o melhor uso, que se
pode fazer da liberdade da imprensa. Po-
risso vou occupar pela primeira vez a
sua bem conceituada folha com estas mal
arranjadas linhas, e fazer sciencia ao Pu-
blico o que he necessario saber para ajui-
zar com acerto sobre as acções do Ma-
jor Pedro Paulo de Moraes Rego, e
Tenente Coronel Manoel Antonio da Sil-
va, e destruir assim as noticias falsas,
que principia a espalhar-se acerca de
grandes serviços prestados por este, fi-
cando em esquecimento os verdadeiramente
prestados por aquelle. Ninguém ignora
o principio das decorações, que tiveram la-
gar na Comarca do Brejo no anno pas-
sado, e que em consequencia d'ellas em
22 d'Abril do mesmo o Prefeito da dita
Comarca evagou a Villa de São Ber-
nardo, ordenando ao Major (então Ca-
pitão) Pedro Paulo, que o acompanhasse
com todo o Destacamento, que no men-
cionado dia constava de duzentas e tan-
tas praças, sendo 48 de 1.ª Linha, e
o resto pazianos; estes fugiram todos na
saída do Brejo até pouco alem do rio,
ficando somente as praças de 1.ª Li-
nha, e destes a maior parte doente; mu-
ltos este, porque o dito Major chegando
ao Beiré, Província do Piauí, não pôde
atender a exigencia do Prefeito de re-
tirar-se para a Villa da Parnahiba. Poi-
são forçoso ficar e sustentar aquelle ponto
de frente de numerosos, e então victorio-
zos inimigos, sem ter outro recurso, que
o mui diminuto das Authoridades locais
da vizinhança, a que recorreu. Comtudo
por seu infatigavel zelo conseguiu reunir
povos, e adquirir algum armamento, de
maneira, que quando no mez de Junho
ali chegou o Tenente Coronel Joze Fran-
cisco de Miranda Góes, Prefeito da Par-
nahiba, a sua força já contava 80 pra-
ças. Foi então que em conjunctão com
este se atacou, e destrou os rebeldes,
que tinham invadido a Província do Pi-
auihy, e meditavam já á tempo a destrui-
ção do Beiré. Neste fogo ficou o Ma-
jor Pedro Paulo ferido, e se parecia ao
principio leve esta ferimento, as conse-
quencias foram bastante graves. Devidio
ello depois a sua força em dois desta-
camentos, um na Chapada grande, e ou-

tro no Alegre, mandando continuamente
expedições para todos os lados da beira
do rio Parnahiba, e defendendo assim as
fronteiras do Piauí até que em Outu-
bro do mesmo anno he participou o Ca-
pitão-mór Valerio Alves de Souza de ter
reduzido grande parte das forças rebel-
des do Brejo á legalidade, pedindo, que
passasse para aquella Villa, e os reu-
nisse ás suas, o que elle fez immediata-
mente. Organizou então um corpo de
614 homens, acampou-se na Sapucaia, onde
a mór parte das familias da Comarca
do Brejo achou asylo seguro, fez um
destacamento de 150 homens na Repar-
tação distante legoa e meia da Villa do
Brejo, e do lado da Província do Ma-
ranhão, de forma que por esta providen-
cia, e pelas continuadas expedições, que
por todos os lados mandava, e por ve-
zes em pessoa dirigia, pode alcançar, de
atacar, e queimar o abarracamento d'um
numerozo grupo de rebeldes nas Arcas,
distante meia legoa d'aquella Villa para
o interior, tirar d'esta por varias vezes
mantimentos para a sua tropa, fazer ter-
ror aos malvados, que então infestava
os contornos mais que nunca, conservando
já aberta alguma comunicação com a
Província do Maranhão por meio do so-
bredito destacamento da Repartição. Ain-
da não parou aqui; atravessou em 7
de Janeiro de 1840 em pessoa o rio da
Parnahiba com 540 praças, das quaes só
eram 250 bem armadas, e explorou o ter-
reno em distancia de 8 legoas para o
centro até o lugar denominado Martinho.
Ali vio se de repente cercado pela maior
força dos rebeldes em numero de mil e
tantos (confessado pelos mesmos, que de-
pois se reuniram á legalidade), e aug-
mentando aquelle numero de momento em
momento, sustentou um fogo activo por
5 dias, passando fortes guerrilhas dos mal-
vados, e conseguiu a sua retirada, e pas-
sagem do rio Parnahiba, apesar de es-
tar com sua tropa extenuada de fome,
sede, e fadigas, pois em todo o tempo da
retirada, que durou até 13 do mesmo mez,
não havia outro alimento, que uma po-
quena pegada de canna, e absoluta falta
d'agua no espaço de 2 dias. Entretanto
tinha chegado á Sapucaia o Tenente
Coronel Manoel Antonio da Silva com
ordem do Ex-Presidente do Maranhão,
Manoel Felizardo de Souza e Mello, de
tomar o Comandante da tropa d'aquella
reacramento, que he foi entregue pelo
dito Major. Ora, Sr. Redactor, vemos
agora os feitos do Comandante mayor
Principio a dividir um corpo de 614
praças, ás ordens do Capitão-mór Va-
lerio, em tres Batalhões, nomeando o

numero competente d'Officiaes, Commandantes de Brigadas &c.; organizou mais dois Batalhões das 300 e tantas praças do Major Pedro Paulo, e outro das 70 praças do Tenente Coronel Jozé Dias Carneiro, dando a todos os seus Officiaes completos, e desta forma causou uma despesa enorme, e inteiramente superflua no Estado; ordenou exercicios, e manobras d'armas em lugar de expedições uteis, e foi assim a cauza, que dos rebeldes, que se tinham reunido á legalidade, deram-se 60 pouco mais ou menos, dos quaes alguns levaram o armamento, e cartuchos. Alem disto causou uma consideravel despesa pelo desperdicio de gado, pois mandava matar 15 ou 16 rezes diariamente, apesar de se acharem nas vezes somente 300 á 400 homens na Sapocaia, depois de se terem dividido as forças em destacamentos, e expedições para a Villa da Parnahiba; fornecimento este, que fazia o Major Pedro Paulo com 4 ou 5 rezes, como he publico, e notorio. Conservou-se assim o Tenente Coronel Manoel Antonio da Silva na Sapocaia desde 11 de Janeiro até fim de Março, sem fazer uso dos muitos recursos, que achou, e que recebeu por vezes da Parnahiba (coiza nunca acontecida a seu antecessor), e sem fazer movimento algum sobre a Villa do Brejo, para que principalmente era destinado. Finalmente chegou-lhe a noticia, que o digno Tenente Coronel Jozé Thomaz Henriques, Commandante da 2.^a Columna da Divisão Pacificadora, se aproximava aquella Villa, e foi então, que se resolveu a mandar uma expedição para a mesma, e estando o Major Pedro Paulo enfermo, confiou o commando d'ella ao seu Adjuncto d'Ordens o faganhoso Joaquim Ferreira de Souza Jacarandá, cuja conducta conhecida em toda Provincia do Ceará, donde he oriundo, deixa fora de duvida, que só podia fazer figura (sem-pra) sendo favorecido por um Commandante como Manoel Antonio! Pôz-se o Adjuncto em marcha, não encontrando inimigo algum, a excepção de 3 ou 4 fugitivos na estrada, e alguns na entrada da Villa, que deram alguns tiros (3 ou 4) d'armas finas, e em grande distancia sobre a tropa: não obstante isto, deu uma parte ridicula, e cheia de mentiras ao Manoel Antonio, que á seu tempo publicarei, e em que participa ter sustentado um fortissimo fogo de duas horas, desalojando os rebeldes das suas fortas trincheiras, elogiando-se, e os Officiaes, que o acompanhavam, tanto, que um d'elles ficou envergonhado, e pediu, que riscasse o seu nome d'aquella participação, pois não queria louvores, onde não tinha prestado serviços, nem affrontado perigo algum: isto fica certificado por não se contar nem ao menos um levemente ferido de ambas as partes depois do pertendido fogo de 2 horas. Depois de estar de posse da metade da Villa conservou-se o Jacarandá em boa harmonia com os rebeldes, que occupavam a outra, conversou por vezes com elles, consentindo receberem os seus soldados mortos, e dando-lhes a ordem de não maltratar nem ao menos com palavras a rebelde algum!! Não sei, Sr. Redactor, se este procedimento foi filho da philanthropia do Sr. Jacarandá, ou de ordem do Sr. Manoel Antonio, que se he? Os malvados se teriam apoderado em poucos dias da Villa, força, e commandante, se por fortuna não tivesse chegado o sobredito Tenente Coronel Jozé Thomaz Henriques, homem

de todo o merecimento, e digno de louvor a todos os respeito. Este, entrado naquella Villa, mudou inteiramente de governo, isto he, acabou com a apathia do Tenente Coronel Manoel Antonio, cortou todos os abuzos pela raiz, substituiu uma sábia economia nos gastos extraordinarios, e superfluos, demittio quasi todos os officiaes de que acima fallei, e empregou as suas tropas em expedições continuas de forma, que em mui pouco tempo não só tiveram a maior parte da Comarca do Brejo dos rebeldes, mas ainda mandou o Tenente Coronel José de Lorena Figueiredo com 250 homens para a Provincia do Piahy, e este, segundo me consta, atacou, e destrou os rebeldes do Curimatam com algum auxilio, que lhe deu o Commandante em Chefe das forças do Piahy, que assim se vio obrigado a uma empreza, que á 4 mezes se não animou a fazer, apesar de ter forças mais que necessarias. Voltamos agora para o Tenente Coronel Manoel Antonio, e veremos como elle coronou a obra. Sabendo que o dito Commandante da 2.^a Columna trazia ordens, a que elle era submettido, encheo-se de colera, e ciúme, e projectando uma marcha repentina para a Villa da Parnahiba levou consigo todo o armamento, e munição, 200 praças, pouco mais ou menos, 2 cornetas, e até 8 cargas de sal, genero, que a maior parte das Provincias do Maranhão, e Piahy recebem d'aquella Villa! Agora pergunto, Sr. Redactor, que lhe parece o procedimento de tal funcionario? sem duvida merece nem só vituperio, mas responsabilidade, e castigo; porisso muito se admirará Vm., quando lhe digo, que grande numero dos principaes habitantes do Brejo insensarão o idolo, passando-lhe um attestado cheio de louvores, e bajulações, e que dista tanto da verdade, como a mencionada parte do Jacarandá. Mas a sua admiração augmentará, quando acrescento, que destes mesmos, que passaram aquelle documento ao seu superior, alguns tinham sido maltratados pelo mesmo pouco dias antes por modos, que nem a uma, nem a outra parte fazem honra, tendo sido castigado com 50 chibatadas o sobrinho d'um Tenente Coronel, que foi o principal autor d'aquella attestado. Resta-me dizer, que o Tenente Coronel Manoel Antonio, estando de sahida para a Parnahiba, mandou ao Prefeito o restant da botella, que pertencia á tropa, em vez de entrega-la ao seu successor no commando.

Tenho sido bastante extenso; mas tenha paciencia, Sr. Redactor, talvez faça algum effeito o exposto; ao menos servirá para o Publico conhecer a verdade, e não ajuizar erradamente por noticias falsas, que de propósito se estão espalhando.

Seu

Seu affeiçãoado

O Piahyense amigo da verdade.

CHRONICA MARANHENSE.

A Revista n.º 30 fez-nos a nós e ao nosso partido diferentes accusações, algumas das quaes julgo tam importantes, que vem em dois artigos diferentes, um do redactor, e outro do seu collaborador permanente, o Amigo do Paiz, repetidas quasi textualmente as mesmas ideias e phrases. Todavia se essas accusações variam na forma, tem todas o mesmo objecto, só se occupam em caluniar

alguns membros da opposição—decididamente, a Revista e consócios não tem hoje outro escio: a desordem, que tem causado a desgraça geral, é a unica mi-na que cavam. Se houver justiça, os fructos devem corresponder á arvore de que os colhem.

A grande e capital accusação é que ambos os illustres collegas receberam cartas *fidelignas* do interior, nas quaes se lhes diz que os rebeldes das visinhanças, da Miritiba adoptaram o nome de *Guajajaras* (coiza que já a Revista tinha *promettido*) e que as correspondencias que delles se tem apreendido provam o facto de haverem adoptado essa denominação—A Revista, com tudo, não publica essas correspondencias, supponho que para de todo não esmagar os seus adversarios.

Mas em quanto o contemporaneo não apresenta outras provas, alem das suas *cartas fidelignas*, pedimos licença para não fazer caso da grande novidade que nos dá: 1.^a porque a reputamos falsa; 2.^a porque quando fosse verdadeira, essa denominação provaria tanto como a de *forças da religião de—Jesus Christo, e forças da despolitismo*, que tem igualmente adoptado; e 3.^a finalmente, porque quando fosse verdadeira, o ar de importancia e solemnidade com que o facto é revelado, e o milagre com que ha tempos foi prophetisado pela Revista, inclinam a crer que anda em tudo isso alguma encomenda das costumadas.

Seja porem como for, ainda se persuado a Revista que poderão fazer fortuna as suas infames insinuações contra cidadãos honrados, essencialmente interessados na manutenção da ordem? Os seus mais cegos sectarios, aquelles mesmos que em outras circunstancias dariam peso a essas odiosas calumnias, poderão hoje em dia capacitar-se de que os cidadãos a quem a Revista allude, que esses pretendidos redactores do Guajajara, que o escrevem, protegem, e remetem aos centos para o interior, estejam promovendo uma desordem toda de escravos, na qual sem duvida soffrem, e terão de soffrer maiores prejuizos do que o tal *Amigo do Paiz*, por exemplo? O senhor Francisco Sotero dos Reis titubea um pouco nestes seus maneios; ha mezes nos disse mais de uma vez que a opposição se achava já arrependida de ter promovido a revolta, e agora que ella se acha transformada n'uma insurreição que tem devorado a fortuna de muitos opposicionistas, agora que ella ameaça brutal e indistinctamente tudo o que não é escravo, lembra-se o bom do contemporaneo de dizer que se remetem centos de exemplares do Guajajara para as comarcas que acabam de ser arrancadas ao poder dos rebeldes, que se quer revoltar a canalha, e que nisso se emprega o *bem conhecido vehiculo que lhes fez em outro tempo chegar ás mãos certas instrucções datadas desta cidade!* A proposito, se esse vehiculo é bem conhecido, porque o não nomeia a Revista?

E' triste a cegueira, ou antes a horrivel indigencia da Revista que a obriga a manter-se só deste genero de calumnias! Não vê o contemporaneo, que estes meios já estão usados e gastos? não lhe tem mostrado a experiencia que o governo e a opinião nenhum cabedal tem feito das suas especulações? não está já bem certificado de que alguns militares distinguos, cuja boa fé tentou supreheender, tratam hoje com o mesmo desprezo

VARIEDADES.

Fortuna da casa de Orléans.

—No jornal *Capitolio*, deparemos nós com o artigo seguinte a este respeito:

Se se não toma cautela, o estado será bem depressa gravado com uma dívida de seis milhões; os orçamentos crescem em cada anno com uma progressão espantosa, e os créditos supplementares, elevando-se a sommas enormes, vem augmentar ainda os orçamentos. As parochias por si são obrigadas a subscrever quantias para as necessidades imperiosas; se bem que este momento todas as produções da natureza e da industria tem apenas adquirido huma forma qualquer, que ellas são absorvidas pelo fisco e pela alfandega para tirar impostos exorbitantes. He contudo mais que fútil o que o estado das parochias possa jamais saldar-se com seus credores, pois que todos os annos o deficit augmenta, apesar da progressão das receitas.

Muito bem! He no meio de semelhantes circumstancias que o ministerio Cunia Griddine, Bault e Comp. esquecendo que a familia de Orléans não foi elevada ao throno senão com a condição de governar economicamente, vem pedir ao paiz huma dotação de principes.

Examinaremos pois o estado presente e passado da fortuna desta casa.

Sabe-se que o ramo de Orléans vem directamente de Luiz XIII: este rei teve duas filhas, Luiz XIV e Philippe de França, autor do ramo subdito.

Eis como foram constituídos seus apanagios: seguiremos Mr. Dupin senior, mui experiente nesta materia.

Por edicto de Luiz XIV, de Março de 1661, este rei ordenou a Philippe, seu irmão, a título de apanagio, os ducados de Orléans, Valais e Chartes, e o senhorio de Montargis.

Huma declaração de 24 de Abril de 1672 lhe ajuntou o ducado de Nemours, os condados de Dardan e Romorantin, e os marquezados de Coucy e Folemblay.

Cartas patentes de Fevereiro de 1692 deram ao duque o palacio real.

Huma ordem do conselho de 27 de Julho de 1751 lhe concedeu tambem o Hotel de Ferrare em Fontainebleau.

Cartas patentes de 28 de Janeiro 1751 acrescentarão a todos os seus domínios os condados de Soissons, e domínios de Laon, Cressy, e Noyon.

Huma ordem do conselho de estado de 16 de Setembro de 1736 acrescentou ainda os domínios de Merle, Lafere, Ham e Saint-Gobain.

Enfim, mais tarde, o canal de Gouy lhe pertenceu.

Os domínios da poderosa casa de condado não eram menos consideráveis que os da casa que nos occupa, e sabe-se que o duque Luiz Philippe Joseph, conhecido com o nome de Philippe Egalité, casou com madame a princeza Luiza Maria Adelaide de Bourbon-Penthièvre, que lhe trouxe em casamento bens consideráveis.

Entretanto huma tal fortuna não bastou a Philippe Egalité: elle fez dividas que a França reconheceu até o computo de 47 milhões de francos.

Chegou a grande revolução de 93: o exilio e o confisco feriram estas opulentas familias. Huma parte de seus immensos apanagios foram vendidos, a outra cahiu naturalmente no domínio publico.

Mas, com a volta dos Bourbons, a

familia de Orléans foi investida na posse de todos os seus bens não alienados: com effeito Luiz XVIII, por suas ordenanças de 18 e 20 de Maio, 17 de Setembro e 7 de Outubro de 1814, deu ao duque de Orléans todos os bens de que seu pai tinha gozado aquelle título, e sub qualque dominio que fosse; bem entendido que o mesmo favor foi concedido a madame a duquesa viúva de Orléans, da qual aquelle principe veio depois a ser herdeiro.

Estes bens eram consideráveis.

Em 1821 a extensão das florestas do duque de Orléans era de 73355 hectares, disseminados em nove departamentos. Calculando-se 2000 fr. a hectare, achase que a importancia destes bens era de 146310000 fr.

As florestas de Mme. a Duquesa de Orléans mãe era de 45460 hectares, disseminados em 12 departamentos, avaliados em 95120000: os palacios e castellos com os competentes moveis em 20000000, formando o total de 2524300, francos.

Dote da rainha Maria Amelia e seus direitos na successão do rei de Naples, seu pai.

Sabe-se que a restauração concedeu mil milhões de francos de indemnização aos emigrados. Eis exactamente o que se deu ao duque de Orléans e a sua irmã Adelaide.

1.º Por indemnização dos bens confiscados e vendidos no departamento de Loire-et-Cher.....	102:403	16
2.º No de la Seine..	3,777:715	10
3.º Seine-et-Oise.....	345:247	80
4.º Aube.....	10569	..
5.º Côte-d'Or.....	46686	14
6.º Côtes-du-Nord....	333:137	81
7.º Loiret.....	549:613	34
8.º Oise.....	254:251	80
9.º Orne.....	124:168	30
10.º Seine-Inférieure..	804:644	90
11.º Haute-Marne....	1,515:221	54
12.º Eure.....	1,696:230	98
13.º Eure-et-Loire....	1,871:226	23
14.º Manche.....	72:122	43
15.º Somme.....	1,442:132	64
16.º Seine-et-Marne....	1,851:643	99
17.º Ardennes.....	289:207	60
18.º Indre-et-Loire....	1,883:250	52

Formando hum total, com o anterior, de 2785990734 67.

Em 1830, quando Luiz Philippe subiu ao throno, calculava-se que sua fortuna immobiliaria, em consequencia da sua intelligente administração se tinha augmentado hum quarto: isto he, 695478333 66: sendo o total da fortuna da casa de Orléans, em 1830, avaliada sobre documentos authenticos em 3482405568 33.

Sabe-se finalmente que pelo facto de cingir a coroa, para que não perdesse sua fortuna, Luiz Philippe fez huma dotação simulada em proveito dos membros da sua familia.

Depois desta época, a successão do ultimo dos Condés veio ainda augmentar a fortuna de sua casa, avaliando-se em 900000000: 10 annos da lista civil a 12 milhões sobre a 120:0000000: 10 annos de interesse da lista civil, 50:0000000 (na razão de 5 milhões ao anno.)

Dotação concedida ao duque de Orléans em 1832 na razão de 1 milhão por anno em 8 annos, 800000000: despesas feitas no casamento.

Em 1837 100000000: supplemento de dotação desde 1837, 300000000: dotação da rainha das Belgas 100000000: forma tudo hum total até ao presente de 6212498668 33.

suas intrigas e as suas adulações? A opposição protegendo uma insurreição de escravos: ah! os sustos do contemporaneo são de natureza mui diversa, e em desespero de causa, perturbado por terrores que não ousa manifestar, é que se elle soccorre a expedientes tam miseraveis!

O Amigo do Paiz, esse então quer que tenhamos aconselhado o Ceará a se lançar na desordem, só pelo simples facto de haver o actual presidente Souza Martins agendado com obsequiosas expressões as felicitações que lhe dirigiram, e para nos dar como auctor de tam horrendo conselho, copiou interpoladas algumas proposições nossas! Não, o que fizemos foi reprovar que o Sr. Souza Martins, em documentos officiaes, logo nos primeiros dias de sua administração, se declarasse por um partido contra outro; o que reprovamos foi que para proteger a eleição de um candidato, se exercessem vexações e avanços de todo genero, e se falsificasse de uma maneira tão impudente e monstruosa o voto da provincia: e referindo-nos a perseguições, dissensões, recrutamentos acintosos, dissemos que tudo isso podia ser parte para que um partido, onde ha muita gente pouco illustrada, se lançasse na desordem. E em verdade, quando o fugo da desordem lavra por toda parte, o melhor meio de o atallar não é constituirem-se os presidentes de provincia cabeças de quizesquer das facções que se retallam.

E' tam certo que o senhor Souza Martins podia ter-se portado de uma maneira mais digna, e sobretudo mais conforme ás exigencias da epocha, que aqui temos um vivo exemplo, na administração que até agora tem feito o senhor coronel Lima. De duas uma hade conceder o Amigo do Paiz, ou confesse que o Sr. Souza Martins tem aberrado da marcha imparcial que ha seguido o sr. Lima, ou então explique essa differença de procedimento pela disparidade que deve existir entre as duas opposições, do Ceará e Maranhão, disparidade em tal caso toda favoravel á nossa; escolha!

Quanto ao mais, cança-se e afana-se debalde transcrevendo artigos em que n'outro tempo censuramos a administração Alencar, e para o livrarmos de toda duvida a tal respeito, dir-lhesmos desenganadamente que se so offerecesse occasião manteriamos integralmente o nosso juizo de então, acrescentando tam somente que os funcionarios accusados de prevaricação, a que nos referimos, foram por fim absolvidos, mui grato a todas as diligencias em contrario do governo, e que a experiencia nos faz crer que esses processos foram devidos menos ao puro zelo do bem publico, do que ao espirito de partido e perseguição com que em cerca de dois annos se dimitiram perto de 200 empregados no Ceará! Mas o que provam as citações e extractos do Amigo do Paiz? a oppresão antiga, os erros e desvios do partido Alencar, podem acaso desculpar e autorisar a oppresão recente, e o cynismo escandaloso do poder actual? são acaso os presidentes postos para vingar as injurias e offensas dos partidos, ou para administrar no interesse commum? acaso uma epocha de geral conflagração é a em que o principal administrador de uma provincia deve requintar em parcialidade, e avorçar-se em descartar protector de caballas electoraes? Concluiremos por hoje.

Não se comprehende aqui as rendas immensas destes bens, interesses, fidei commissa, floresta do Brejoil, comprada a Mr. Lafitte, em 1831, pelo preço de 5000\$000, a qual está dobrada.

Perguntamos nos agora: ha por ventura alguma familia realmente no mundo que seja mais rica do que a familia d'Orléans? O ministerio poderá pois justificar-se de vir pedir alguma dotação que não pode nem deve ser concedida sem o caso de insufficiencia de propriedade particular? (Do Nacional.)

OPINIÃO.

OPINIÃO é uma persuasão em que estamos de que uma coisa é verdadeira; mas não equivale á positiva convicção. Firma-se na probabilidade, sem demonstração actual ou prova. As opiniões da multidão são de continuo vacillantes, e de ordinario falsas, porque são formadas á pressa sem o devido exame. Parece que por fatalidade ha no genero humano uma decidida e infeliz propensão para se deixar reger por preocupações, e para fugir á tranquillidade e desapaixada investigação da verdade: a historia de todos os tempos o comprova reboemente.

A ignorancia é a má das preocupações e da pertinacia das opiniões: a medida que a vão deserrando as vantagens da instrução, que rapidamente se diffundem hoje pela familia europea, e pelo Novo Mundo, aquelles males se attenuam e gradualmente desaparecem: com tudo apesar deste progressivo melhoramento ainda ha que extirpar muitas opiniões erroneas, que se oppõem, como um riço e impassível muro, aos esforços da razão e tantas e de tamanha variedade nos legaram os seculos passados, que afogar do grande numero das que fazem feitas já, ainda a fôrça combatente contra as forças do entendimento é copiosa e formidável. Mister é que os campeões da verdade não desalentem, e que se lembrem de que a perseverança nas boas obras é fôrça dos felizes successos. As opiniões erroneas em materias scientificas, posto que geralmente não são danosas como as que se entranharam na moral e na vida civil, trazem tambem funestos resultados. Quantos não tem pago com o precioso tributo de sua existencia as falsas opiniões adoptadas por professores da arte do curar? Quantos males se não tem seguido das mal fundadas opiniões de que estavam imbuidos alguns legisladores e estadistas? Quanto não soffreu o commercio em consequencia d'idéas absurdas que por muito tempo vogaram? Que prejuizos não causaram a educação publica alguns incongruentes e monstruosos systemas tornados conservados?

Por isso mesmo que a opinião se não firma na demonstração, mas na probabilidade, devemos proceder a cuidadoso exame antes que adoptemos alguma, e quando a tivermos accreditado devemos escutar attentamente todos os argumentos que a combaterem, porque se a opinião for bem fundamentada a discussão nos fortalecerá nella, e se for erronea mostrar-nos-ha a sua inutilidade, e então é tanto do nosso dever como do nosso interesse o abjuncta-la por insustentavel.

A opinião ás vezes tambem significa o juizo que formamos das pessoas e das coisas. Homens do caracter franco geralmente são inclinados a formarem boa opinião das pessoas, de quem não sabem negar nada: rectos pelo seu porte difficilmente fazem má juizo do proximo; e são á fôrça de repetidos exemplos e doloro-

sas experiencias das traíções e ingratiões do mundo se apresentam e reservam a sua confiança; e as suas confidencias são sempre prudentes e ponderosas. Homens de principios relaxados não davião a ganhar o cauteloso é circumspecto, se lhes apparece oportunidade, mas desajam muitas vezes manter-se na boa opiniao daquelles que os tratão fôrmente e como se não suspeitassem. O arabe do deserto não hesita em roubar e assassinar os inimigos e os que não resistem; mas trata esveladamente os que nelle se fiam, e os toma sob a sua protecção.

Ainda no caso de não ser impossivel fazer boa opiniao d'alguns dos nossos semelhantes, é sempre conveniente, e até certo tempo, justo, não declarar os nossos sentimentos offensivos do credito alheio salvo occasião urgente em que periguem interesses de terceiro, innocente e persuadido. A reputação é uma joia, que perdida uma vez, raro se recupera; se destruímos a de qualquer pessoa pomos pela porta fora o seu credito, e lhe occorrem infelicesdades: não quer isto nem a conveniencia social, nem a lei christã. Só nos casos que os tribunales julgam, só em pugnâncias que a prudencia sabe discriminar, é lícito invadir o foro do porte dos individuos, ou para mais claro fallarmos, relatar os seus desvios ou crimes. Além do que, publicando com sobra liberdade nossas opiniões sobre o proceder de pessoas innocentes, grangemos outros tantos inimigos, e tanto mais neurados quanto mais depravados elles forem.

Temos considerado a opinião como ella de ordinario fôrma, mas ainda nos resta uma hypothese. Pronuncia-se ás vezes uma opinião apressada e irreflectidamente acerca de um trabalho litterario ou de uma obra artistica. E quantas vezes alguns engenheiros promettedores de grandes cosas, vem cortados suas esperanças e afloxarão na carreira pela pronunciaçã de uma opinião, acceitada e desfavoravel d'algum homem notavel no mundo litterario! Ás vezes homens inimigos produzem este desastroso effeito sem intenção de fazer mal; talvez com meia dúzia de allusões ironicas e mal pensadas sobre uma obra que custou de velladas vigílias ao seu auctor pronunciaram um *ostracismo* erroneo, mas temivel, que, retumbando d'echo em echo estabeleceu uma certa opiniao no publico que foi a sentença de morte do talento nascente que viu afundar-se a sua fama o a sua fortuna! Tantos e tão frequentes serao estes males que muito convem estar de avizo para os acautelar. Até no mundo litterario causam danos graves a opiniao precipitada e irreflectida, assim como é funestissima no mundo moral e civil. Oxalá que estas regras escriptas sem enfase, induzam os leitores a pesarem as palavras na balança do raciocinio antes de as proferirem, e a não discorrerem sem premissas bem assentadas e obtidas pela náuda e desapaixada investigação da verdade! (Do Panorama)

Post-scriptum.

—A Revista lançou altos gritos por que os magos tocam na sua sacrosanta maioria parlamentar, e attenta o eco e a terra em como chamamos o corpo legislativo, em geral e com a maior indecencia, —maquina de decretos.—Não, nós não atacamos o corpo legislativo mas a fôrça que o subjuiga e deshonra, e que neste como no anno passado tem moti-

vado o escandalo de trabalhar a nasombla com os dois terços dos seus membros, interrompidos ainda pouco as sessões, e a fôrça oppressora, que de todo banir a discussão, e tem em parte conseguido o seu danoso intento: o sr. Gomes Helfort enche-se de furor á me nor contrarição, e no dia 2 do corrente, em que não houve sessão por falta de gente, S. N. ao sair do recinto, vinha dizendo todo incoherente: *Antes isto, do que perder-se o tempo!* por quanto elles reputam perdido todo o tempo que se emprega nas discussões, porque se faz opposição á redacção da fôrça politica, e a ordenados para profetas, promotores, e novos procuradores fideles, empregos todos crendos ou dotados de proposito para accommodação e *indemnisação* de parentes do sr. Gomes Helfort. Por isso, nada de chamar supplementes, nada de discussões, salva sempre a opposição conscienciosa do eloquente orador o Sr. Quirós—Essa, sim, os delicia em tanta maneira, que ja ha um projecto de reforma do thesouro provincial, em que se concedem emolumentos ao digno secretario, tam mesquinamente dotado com 700\$000 reis.

Responda-nos pois a Revista como bem quizer, que nós continuaremos a fazer opposição a esses decretos de maquina.

(Este artigo não entrou no logar competente por esquecimento.)

DECLARAÇÃO.

—Eu abaixo assignado tenho a honra de levar ao conhecimento do Respeitavel Publico, que desde o dia 27 de Maio deixei de ser Caixaero dos Srs. Joze Pedro dos Santos & Irmãos, e para que não haja suspeita sobre minha conducta, apontarei o author que tanto se esmerou em cavar minha infelicidade com sua lingua já por muitas vezes habituada infecionar com seu alito pestilento aquelles que de maneira alguma sympathizao com seus vis sentimentos. Seja eu muito embora victima de seu capricho, mas conheço o Judicioso Publico o heroe de quem trato, para poder prevenir-se de suas ambiciozas vistas; mas quel á sua vigilancia poucos escaparão visto elle dar delinção do que he passado no sagrado recinto das Familias. As intrigas e astucias de que se tem servido o nosso heroe, C. R. L. (Caix... de D. J. A.) não lhe pode acarretar mais do que a abominação eterna daquelles que aprecia a virtude. Perdão caros leitores, a confiança que tomei em captar vossas attentões com este opusculo que certamente muito aproveitará aquelles que se achão sujeitos a critica de tão invenhada lingua; na verdade pouco amor consagra aos seus futuros dias.... Sr. Redactor, á sua bondade não deixará de admitir no seu periodico hum cantinho para o que tenho expendido o conte que será provado se o tal maguao ouzar sacudir sua hirsuta cauda. Maranhão 1.º de Junho de 1840.

Joaquim Pereira dos Santos Junior.

A VISO.

Domingos da Silva Porto procurador de José Vicente Miguel, ora morador em Lisboa, próximo ao publico, que hoje perdeu uma letra de R. 1096,702 em moeda corrente passada a favor da sua Constituinte por João Raposo e cedida por Bento Gonçalves Raposo Vencida em 1.º de corrente, e conjuntamente perdeu uma carta que ha dias recebeu do Secador em que lhe havia fôrça remessa de Sarcas de Algodão ao Capitão João Francisco Gonçalves da Silva para pagamento da dita letra, e paga a quem a acha a entrega da annuante. Maranhão 1 de Junho de 1840.

Domingos da Silva Porto.

Mar. Typ. Imparcial Maranhense. 1840.

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

DOMINGO 7 DE JUNHO DE 1840.

N.º 242.

Assigna-se em casa do Redactor, 'rua do Egypto nº 12, e na Fabrica de Chapros de Vidigal Irmão & Co, rua
Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas
avulsas vendem-se a 150 reis na sobredita Fabrica, e os avisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas
os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

MARANHÃO.

Quartel da Presidencia e do Commando
das Armas do Maranhão 1.º
de Junho de 1840.

Ordem do Dia n. 41.

S. Exc. o Sr. Coronel Presidente e Commandante das Armas da Provincia, manda publicar para conhecimento da Divisão pacificadora do seu commando os combates havidos no mez proximo passado entre as partidas exploradoras da 1.ª e 2.ª columna de Operações desta Provincia, e a 1.ª Brigada do Piahy, e os numerosos bandos rebeldes que infestão estas duas Provincias, nas quaes as nossas Armas foram sempre victoriosas. Tendo da 1.ª columna acampada em Caxias marchado em exploração humma força de 110 praças ao mando do Sr. Capitão Francisco Afonso Xaxier Bastos, encontrou esta força na feitoria Calengua no dia 7.º hum grupo de 450 rebeldes que a cercaram por dois dias; porém sendo pelos nossos bravos atacados com impeto, debandaram deixando no campo 22 mortos, e muitos feridos, havendo de nossa parte apenas 2 mortos e 9 feridos levemente; e sendo estes rebeldes encontrados na fuga, por uma outra partida da Legalidade, que em socorro da situada avançava pela estrada, soffreu ainda nova derrota, deixando 8 prisioneiros, cantando-se entre estes o seu chefe Aleixo Gomes Balaio que expirou poucos instantes depois dos ferimentos que havia recebido no 1.º combate.

Outra partida pertencente ás forças da mesma columna, de 180 praças que huio ao mando do Sr. Capitão Remando Antonio Carneiro Junior marchou da Villa do Codó e povoação do Urubá no dia 5 com direcção ao Carnaubal, encontrando, bateu, e destrou um outro bando rebelde de mais de 300 homens, que se achavam entre as serras do Carnaubal, matando-lhes 6 homens, e tomando-lhes bagagens, e munições, sendo apenas dos atacantes hum soldado morto.

Da 2.ª columna acampada no Brejo, tendo sahido humma partida de 200 homens commandada pelo Sr. Tenente Conrado Joze de Lorena Figueiredo para o outro lado do Parnahyba em perseguição do rebelde Raimundo Gomes, que se evadira para o Piahy, depois de haver com denodo batido todos os grupos superiores a força que commandava, os quaes foi encontrando nos pontos, Cabeceiras, Christas, Remação, Lagoa do meio, e Corral velho, matando nestes encontros 11 rebeldes e ferindo muitos pôde conseguir

a travez de immensas difficuldades, fazer junção no dia 7 do mesmo com as forças do Piahy ao mando do Sr. Tenente Coronel Joze Feliciano de Moraes Cid, e coaljuvalo no ataque que bem dirigio contra o grosso dos rebeldes daquela Provincia, intrinxeirados nas matas de Corimata e Egipto que em força de mais de 2000 homens, os esperaram, conseguindo os nossos depois do portado combate dispersálos completamente, matando e ferindo muitos, tomando-lhes muitas armas, e outras munições, havendo da nossa parte 4 mortos e 45 feridos, contando-se entre estes ultimos o Sr. Tenente Coronel Cid, commandante da força atacante, e 1 Capitão.

Outra partida da mesma 2.ª Columna commandada pelo Sr. Alferes Joze Sabino da Fonseca encontrou e bateu no Mocambo e Baquerião, 2 grupos rebeldes, matou 3, e aprisionou 6, deixando elles na precipitada fuga algumas armas, munições. Constando que no lugar denominado Baixa existia hum grande grupo rebelde que unido aos pretos sublevarados das fazendas pretendia atacar o ponto do Barro Vermelho, foi mandado o Sr. Major Antonio Gomes Leal com uma forte partida para os bater, o que conseguiu, fazendo os dispersar completamente depois de pequena resistencia, com a qual tivemos hum soldado levemente ferido.—Assignado.—Antonio Nunes d'Aguilar, Adjuncto Quartel Mestre General.

CHRONICA MARANHENSE.

—Em o nosso numero 240 publicamos uma carta, e varios projectos do Senr. Joaquim Joze de Sequeira, tendentes a promover a civilização e prosperidade da provincia, por meio da introdução do colonos livres, e do melhoramento subsequente da agricultura e industria não são todos os que nos enviam o nosso correspondente para o fim de serem publicados, mas somente os que pôde compor o espaço da nossa folha, obrigada a publicações de variada especie.

Certo, as ideas formuladas em artigos, nos projectos do Senr. Sequeira, não são achados seus, senão um patrimonio commum, em que é aquinhado qualquer homem de mediana instrução; mas pertence-lhe incontestavelmente o merecimento de pretende-las applicar á nossa patria e o da perseverança e longanimidade com que tem polejado pelas ver redudas á pratica.

E' incontestavel tambem a utilidade desses projectos, devidamente modificados; mas olhada a indole e os habitos da nossa população, e mais sendo pelos tempos em

que vamos, havemos grande receio de que poucos braços se levantem em seu favor. *Non talibus auxiliis tempus eget*, dirão quasi todos como disse o Senhor Gomes Belfort, e poucas almas acharemos, temperadas á romana, que no meio do incendio da guerra civil que nos devora, queiram lançar-se em emprezas tam colossaes e dispendiosas, com o mesmo socorro de espirito com que aquelles antigos dominadores do mundo compravam e vendiam pelo preço ordinario as terras onde acampava Annibal victorioso. Assim, seja pela inerzia do nosso caracter, ou pelos habitos rotineiros dos tempos ordinarios, seja pela horrivel excepção dos tempos actuaes, sempre ha pretextos que alegar, e receios que incutir contra o vago e desconhecido de novos projectos, tam pouco promettedores de interesses immediatos,—logo do anno que vem—quasi unico incentivo que é poderoso para espartar a actividade e resolução dos nossos especuladores, a cento por cento de lucro; e assim ou repousemos assegurados na paz, ou nos agitem os abalos revolucionarios, andamos sempre ao *Deus dar*, levados a reboque ao sabor dos acontecimentos, procrastinados de dia em dia os melhoramentos, que um movimento bem ordenado dado ao espirito de empreza por pessoas influentes, poderia sem muito custo produzir.

E todavia os males presentes são certos. Assaz barbaro se ostenta o aspecto das nossas cidades, atalhadas de uma população escrava, meia nua dos corpos, e ainda mais despida de sentimentos moraes, cujo contacto incessante serve espantosamente, e em todos os sentidos, á corrupção e atraso das classes superiores. Muito mais barbaro porém é o aspecto dos nossos campos, despojados da sua donosa coima da florestas, por meio do machado e do incendio, devorada a sua fertilidade por um amanhão grosseiro, cujos fructos não se estendem quasi nunca a tres annos, ficam depois transformados em matagais bravios, e arneiros estereos por largos tempos. Nessas fazendas assentadas na parte mais rica da provincia, isto é, na mais populosa em escravos, e em cujos cimiterios haverá talvez mais cruzes do que trabalhadores nas roças, é frequente encontrarem-se lavradores opulentos, alvergados em grosseiras eboupanas de palha, tam desagradaveis e encommodas como nocivas a seus proprios interesses. Assim, ao revez do que se observa nos paizes verdadeiramente civilizados, onde a cultura afirme-se o territorio, entre ella se tem servido para deffauda-lo da sua primitiva e natural belleza. E' por que as *lagrimas do escravo esterilizam a terra que regam*, como com tanta elo-

quencia e sentimento disse um poeta nacional.

Se a todos estes vícios permanentes que apenas rapidamente indicamos, ajunctarmos essas eventualidades, como as de que está sendo agora victima a provincia, não sabemos quem ainda possa fazer fundamento nessa riqueza de escravos que deixa de ser canero que nos corroa lentamente, para ser incendio que nos devore n'um instante. A insurreição tem não somente feito voar em pedacos as fortunas de muitos lavradores abastados, como ameaça ainda seriamente interesses da mesma, e diferentes espécies.

No entanto a colonização livre, atenuando desde já a gravidade desse perigo, e tendo de remove-lo completamente no futuro, daria vigoroso impulso á industria, e melhoraria sensivelmente a nossa condição social, purificando as raças e os costumes, por meio da povoação de lugares ermos, das facilidades dos transportes, da desdinação das luzes e conhecimentos, e da profusão e barateza dos objectos indispensáveis á existência commodada, polida, e de luxo dos povos civilizados, e não simplesmente á vida selvática e grosseira que leva a immensa maioria da nossa miseravel e variegada população.

É certo que é quasi geral a opinião de que só os Africanos podem afrontar impunemente os rigores do nosso clima; mas uma vez que a agricultura tome outra direcção, assim nos seus meios como no seu objecto, que o machado e o fogo, por exemplo, sejam substituídos pelo arado, que as plantações do café substituam a essas roças efemerhas de dois annos, pouca duvida pode haver de que a intemperie das estações, e a insalubridade de certos lugares serão consideravelmente modificados nos seus mortíferos effeitos, porque essa insalubridade tem a raiz em causas que a civilização, e os novos methodos de cultura iriam pouco a pouco removendo. Demais disso, esses inconvenientes obrariam com menos intensidade nos colonos que se applicassem a navegação das nossas costas, como o tem provado a experiencia, e seriam quasi de todo nulos para com os que se dessem ás artes e officios, e mormente ao serviço domestico, que é onde o contagio da escravatura mais nos contamina, e estraga os costumes privados.

O estabelecimento simultaneo de um banco de empréstimo e desconto seria de uma vantagem incalculavel para auxiliar a empreza da colonização, alem das outras suas vantagens naturaes; sobre este assumpto versa um dos projectos do sr. Sequeira, que não publicamos, e outro apresentado pelo Sr. Quadros á assemblea provincial, tendo por principais condições: 1.º um capital de 200 contos de reis; 2.º a faculdade de emitir em notas uma quantia tres vezes maior; 3.º o juro de 8 por cento; 4.º a cooperação do governo com um decimo do capital; 5.º a obrigação imposta a santa-eza da misericórdia de empregar em accões todos os seus fundos disponiveis. Mas nós cremos que o projecto ha de ser indefinidamente adiado ou pela assemblea, ou, caso nella passe, pela inerte indifferença do publico.

Aventuramos, antes desperdicamos estas poucas ideias, concisamente declaradas, (mas, no que nos parece, verdadeiras), pois serão sem duvida absorvidas no turbilhão inflamado que agitam as paixões politicas, e os interesses de partido; e até não

será maravilha que encontrem decidida antipathia. Não é por certo motivo para serios cuidados o publicar o doutor Zaqueo de vez em quando algum folheto, em que sustente ingenuamente que o Brasil não pode prosperar em quanto não vierem cultivá-lo, pelo menos, mais 100 milhões de braços africanos, sendo que a Africa inteira apenas contará a terça parte desta enorme população; mas não é para desalentar ver que um estadista eminente, qual aquelle a quem se attribue a redacção do *Instincto*, no Rio de Janeiro, prostitua a sua penna e a sua influencia, a esse trafico infame de carne humana, tam contrario a todas as regras da moral, tam pernicioso, e tam perigoso ao Brasil; e que juntado o escarneo a quanto ha de horrivel nesse procedimento, sustente que é só movido pelo amor da humanidade, e pelo desejo de *resgatar* os que elle chama *pretos captivos em Africa*? Não entanto pode-se assegurar que os verdadeiros motivos que o movem, são tam vergonhosos como os dos traficantes. Infelizmente, não é só isto que a corrupção envenena as fontes da nossa prosperidade.

Assemblea Provincial.

—Tem dado occasião a curiosos incidentes a discussão do projecto de reforma á lei do thesouro provincial: a maioria dos illustres membros assentou que era necessaria, indispensavel, a creação de um novo logar de procurador fiscal (cuja função eram até agora exercidas por um dos juizes de direito do crime) que será um bacharel formado, com o ordenado annua de 900\$000 reis! Parece que este tempo excepcional, de desgraças e de horrores, é o que os illustres membros acham mais appropriada para reformas desta natureza, e nisto de despendem com largueza o dinheiro da provincia, devemos confessar que procedem mais desfogados e senhores de si do que os Romanos na compra e venda dos campos occupados pelo inimigo—Os Romanos confiavam na eternidade da republica; os nossos dignos representantes tem uma fé imperturbavel nas virtudes do dinheiro, e na bolsa dos contribuintes—Foi em vão que os dignos membros da opposição fizeram as considerações tam obvias, suscitadas pelo apuro das nossas finanças, allegando por demais que, as funções da procuradoria tinham sido até o presente satisfactoriamente desempenhadas pelo juiz, que havendo sido desonerado das suas attribuições policiaes, não se podia reputar muito sobrecarregado com as de procurador do thesouro provincial. O senhor Gomes Belfort, com aquelle zelo que o caracteriza, em transações desta especie, ergueu-se animado do sancto amor da constituição, da união e integridade do imperio, bradou contra a profanação, e pintou com negras cores o sacrilegio com que se persistia em attentar contra o acto adicional, commettendo funções provinciais aos juizes de direito, que são empregados geraes! Mas quando o honrado membro o sr. Jansen Ferreira, aproveitando incontinentemente esta declaração que escapou do peito cavernoso de S. S., deu graças ao Spirito-Santo pelo haver illuminado, e disse que se queriam deveras respeitar o acto adicional, nesse caso restituisssem aos juizes de direito as attribuições de chefe de policia, de que haviam feito mmo aos prefeitos.—o sr.

Gomes Belfort nada respondeu, e todos os mais se calaram!

Tambem nós entendemos que ha incompatibilidade entre as funções judiciaes, e as de procurador fiscal, e quando em 1838 a maioria abortou essa monstruosidade chamada lei do thesouro provincial, tivemos occasião de a assignalar e combater; mas então foi essa anomalia defendida, *unguis et rostris* na tribuna, e no Investigador, embora no estado da provincia naquello tempo, a despeza que hoje se pretende decretar, fosse mais toleravel. Mas o sr. Gomes Belfort não tinha então um parente que empregar, e decretado desde logo o logar, seria preenchido por outro; que lhe custam as contradicções, tanto a respeito da necessidade do novo logar, como da sua repentina veneração á inviolabilidade do acto adicional?

Concordes no principal, isto é, em uma nova, desnecessaria, e inoportuna despeza de 900\$000 reis, os illustres membros divergiram acerca do individuo a quem ella devia tocar. Querendo assegurar a nomeação do seu estimavel sobra, o sr. doutor José Candido Belfort, e contando com a fidelidade do seu querido primo, o sr. Leonel Serra, *inspector* do thesouro, era o sr. M. J. Gomes de voto que a nomeação se fizesse, precedendo proposta do *inspector*; mas o sr. Sotero, empenhado pelo sr. Quadros, tinha desta vez suas razões para desejar que o presidente tivesse ampla liberdade de escolha. Travaram-se pois de razões; o sr. Gomes Belfort revelou alguns segredos das commissões; o sr. Quadros gritou que isso era trahir a confiança dos collegas, escancarar as portas do sanctuario, e dar motivo de escandalo aos fieis, (*patet domus intus, et videntur iniquitates quae sunt in ea*) retorquiu o sr. Belfort que elle ali não tinha segredos; acodindo logo o sr. Sotero que não os teria, sim, mas que elle da sua parte lhe certificava que tambem não costumava rotar com o fim posilico de prejudicar ao favorecer a certus e determinadas pessoas, e isto n'um tom de voz tam significativo, que arrancou alguns apoiados que ainda o eram mais, e excitou no sr. G. B. um paroxismo de colera terrivel.—Mas ninguém trema das funestas consequências da desunião; se Agammon e Achilles pleiteiam um pouco escandecidos a posse de uma pobre escrava, estão mais que muitos concordos no essencial, que é o arrazamento de Troia, sendo que até estes arrufos, de amantes não, mas de fieis camaradas, servem optimamente ao intento de fazer crer que ali reina uma isenção e liberdade de opiniões e votos, mui visinha da anarchia. E demais (perdoem-nos esta bafurada poetica) a melonha trovada e aguarceiro deixam apoz si o firmamento mais limpo, sereno, e luminoso.

Pedimos agora mais outra desculpa para citar um incidente eminentemente prosaico; a questão posta a votos empatou, e no dia seguinte foi desempatada a favor do sr. Manuel Gomes, porque carregaram para o seu lado, 1.º o sr. doutor Ribeiro (tam estimado pela sua prudencia e circumspecção) que na occasião da votação da vespera tinha ido *beber agua á secretaria*; 2.º o sr. doutor Coutinho, que para se desonerar das funções de procurador allegara com tam visivel difficuldade o *casasso* que lhe ellas davam, e que retractor o seu voto da vespera, pretextando ter-se enganado, e não ter prestado toda a attenção devida ao estabelecimen-

VARIEDADES.

O ESTUDO.

to da questão, que aliás lhe foi explicado, e a pedido seu, por duas vezes! Em honra dos sentimentos de humanidade de todos os illustres membros e dos expectadores, somos obrigados a dizer que o *engano*, a *distracção*, e *cançasso* do sr. Coutinho excitaram uma compaixão universal.

Queríamos concluir aqui o presente artigo, mas como vem a propósito não deixaremos de citar mais uma prova do zelo que agora de pouco está abraçando o sr. Gomes Bellort em favor da integridade dos direitos da união; no seu projecto de data de 15 de Maio passado, que traz o numero 2, a pretexto de acatellar estravios de direitos provinciales, declara os testamentos, e escriptos de verdade, nulos e de nenhum effeito em certas circumstancias; e estatue que estes ultimos sejam lavrados numa repartição de fazenda, por certos e determinados empregados! E depois quando dissemos que o sr. Gomes Bellort é o pae do fisco, e que ao seu amor paternal sacrificava todas as considerações, a Revista se enfurece, e fallou logo na correspondencia de Raimundo Gomes. — Apesar disso continuaremos a dar noticias da illustre maioria.

O Legalista.

Em o numero 17, de 4 do corrente, assevera o redactor que o digno cidadão o sr. Ignacio Portugal d'Almeida portou-se cobardemente no ataque das Carnalheiras, e que depois, nas participações officiaes, reivindicara para si e para seus filhos toda a honra daquella assignalada victoria, que foi devida entre outros que cita o Legalista (os quaes todos o sr. Portugal elogiou) ao bravo alferes Antonio José das Neves. O Legalista foi mal informado, o manequinho completamente; o senhor Neves que elle apresenta como em opposição ao senhor Portugal, é pessoa da sua familia, e nada menos que seu cunhado, e os seus dois irmãos (e não seus filhos) assellaram com o seu sangue a sua bravura e patriotismo. Ignoramos donde colheu o Legalista tão muitas e exactas informações, e valham-nos a nossa ignorancia para pôr alguma duvida ao que afirma o verídico redactor; da nossa parte, bem ao revés do que elle cuida, achamo-nos tão pouco embaraçados, quanto são dignos de fé os documentos em que nos baseamos para render a devida homenagem aos serviços do sr. Portugal, e que são mui mais do que ordens do dia do prefeito da Parnahiba e do presidente da provincia, em que o elogiou, sendo para notar que S. Exc. não usa mal—baratear os seus elogios por qualquer cousa.

Quando teve lugar a vergonhosa e malfadada surpresa da Miritiba, censuramos levemente o desleixo do capitão Castro, que ali acalhou victima da sua propria incapacidade. Sobre isso levantaram altos gritos o Legalista e o Cometa, e asseveraram que profanavamos as cinzas do official morto, só por ser elle bom legalista, e ter prestado relevantes serviços. Posteriormente S. Exc., numa ordem do dia, tractou-o com muito maior severidade, e os conscienciosos escriptores, com aquella dignidade e independência que os caracteriza, calaram-se. Mas a nós só nos admira que não applaudissem o juizo do presidente.

Convém lembrar frequentemente a mocidade que a sciencia posto que seja muito apreciavel pelas vantagens intellectuaes que dá a quem a possui, é ainda mais util considerada como um meio do que como um fim. Podemos perscrutar no mais recondito dos nossos pensamentos, e ser oráculos de muitos factos, e todavia conservar-nos em tanta ignorancia em quanto ao grande fim dos progressos intellectuaes, como se nem ao menos tivéramos os primeiros rudimentos da escola. O coração é tão susceptível de cultura como a cabeça, assim sejamos educados como cumpre e interessa á nossa propria conservação. A falta de educação moral não a compensa, nem um catalogo de nomes e datas, nem a memoria de grandes acontecimentos, nem a abundancia de raciocinios, nem as forças intellectuaes.

É nossa opinião que nos mestres e parentes dos mancebos não está sempre o poder de inspirar-lhes estes sentimentos; porquanto a generalidade do gosto pelo estudo, junta á facilidade de o satisfazer, faz com que muitas vezes se tomem os meios pelos fins. D'aqui resulta que a educação moral do povo é mais lenta e descuidada do que a sua educação intellectual; e seja qual for o motivo por que isso acontece, é certo que se observam e commettent graves erros no ensino e direcção da mocidade. Confessamos que o genero humano nos faz conceber esperanças mui lisonjeiras, e que olhamos com uma certa admiração para os progressos de muitos dos nossos compatriotas no caminho da sabedoria. Mas apesar de tudo isso, se do muito valor que damos aos dotes intellectuaes, que tão poderosamente concorrem para o bem estar dos homens, contrastamos ver que o progresso moral e religioso é ainda considerado, não como unico e verdadeiro fim do estudo, mas como o seu fortuito e insensível resultado.

Do gosto pela leitura, que é uma das feições caracteristicas do presente século, pode fazer-se instrumento do bem perduravel e solido. A convicção desta verdade deve inspirar os maiores desejos aos amigos do genero humano de concorrerem, quanto em si coarber, para que a litteratura, principalmente periodica, se torne não o vehiculo das calumnias e immoralidades, mas a fonte perenne de illustração, que doutrine o povo nos seus deveres como catholico, e como subdito fiel das leis civis.

(Do Panorama)

A NOIVA PERDIDA AO JOGO.

N'hum dos jardins que em outro tempo havia nas casas nobres do Marais (bairro de Paris), os quaes, aproveitados de outra sorte, de anno em anno vão desaparecendo, passava Eugénia de Sirey, com hum bello mancebo, seu noivo, ao pôr do sol, em julho, quando os zephyros refrigeravam suavemente a atmosphera. Toda a familia se achava reunida á sombra das grandes arvores, e permitia, vista a proximidade do casamento, que os noivos estivessem juntos, para se dizerem com alguma liberdade o bem que mutuamente se queriam. Porém elles não voltavam, de hum lado para o outro,

sem proferir huma palavra. Eugénia, a quem o silencio de Gustavo amolnava, foi a primeira que lhe fallou.

—Que tens Gustavo? donde provém a tristeza que observo em teu semblante? Dize-me o motivo do teu desgosto: entro nos não deve mais haver segredos, e tu proprio assim o juraste. Não me escondas os teus desprazeres, meu amigo; o se nada te afflige, não perturbes a minha felicidade com esse ar sombrio e pensativo. Antes de hontem ainda te vi tão alegre!

Estes brandos queixumes, que em outras circumstancias fariam renascer a satisfação do mancebo dissipando as sombras da melancolia, que ainda aos mais afortunados não poupa, augmentavam as angustias de Gustavo. Grande peso tinha no coração, quando se conservava em silencio, depois do convite generoso que a bella Eugénia lhe fazia. Mas elle continuou a passear, e a mão com que pegava na da sua noiva estava tremula e fria.

—Ora, dize-me, Gustavo, continuou a donzella, o que fizeste desde hontem a noite?

A respiração faltava ao pobre mancebo, o peito lhe arquejava e o coração queria sahir-lhe pela boca. Finalmente, superando com difficuldade a vergonhosa confissão que se via obrigado a fazer:

Atraícoei todos os meus juramentos, respondo elle, commetti hum crime indigno de perdão, e que nunca te esquecerá, apesar das provas mais evidentes que eu te possa offerecer do meu amor.

Qualquer pensaria da mesma sorte que Eugénia. Ella era rica e suppoz que o interesse tinha obrigado Gustavo a fingir huma inclinação que outra realmente possuia. Essa rival adorada reconheo enfim, os seus direitos, e elle vinha dizer-lhe na ultima hora que sacrificava o interesse ao amor. Soltou a mão que a prendia a Gustavo, e principiou a caminhar para o lado em que a familia conversava no seu proximo futuro casamento.

—Não fuja, Eugénia, lhe disse Gustavo, adivinhando o motivo porque assim o deixava; eu sou mais culpado mil vezes do que podes imaginar. Ouve, escuta, por compaixão somente, ainda que seja pela derradeira vez. Não me perguntaste ainda agora o que tinha feito desde hontem á noite? pois eu te vou satisfazer.

Eugénia parou, duvidosa se annuiria ou não ás instancias de Gustavo; mas a curiosidade, quando não fosse a inclinação, venceu a sua repugnancia, e ella voltou ao pé do mancebo.

—Hontem, lhe disse este, eraõ onze horas, quando me retirei de tua casa para me recolher á minha. A noite estava clara e fresca, e eu caminhava distraído pelos agradaveis pensamentos que o nosso casamento me inspirava, quando, ao entrar na rua de Richelieu, encontrei quatro amigos que vão juntos cear a casa de outro, e instáramo comigo para que os acompanhasse. Ellos não ignoravam que brevemente me casava, mas isso não era razão bastante para eu recusar o seu offerecimento, pois que, ha seis mezes, ainda eu era socio de todos os seus divertimentos. A noiva mais melancolica, disserão elles, não se deve offender que o seu futuro esposo beba dois copos de champagne com os seus amigos. Consetti; e hoje que experimento as mais terríveis consequências da minha comiss-

condencia, estou persuadido que hum só d'entre elles tinha, talvez, malicia quando me convidou. Ceiámos alegremente, e o vinho, que era dos melhores, augmentava as nossas disposições para o divertimento; desgraçadamente, acabada a ceia, preparáram-se missas de jogo. Bem podia eu retirar-me, e ninguém insistiu comigo para que ficasse, mas eu já não era senhor de mim. Demorei-me, e entrei a fazer varias apostas. Entre nós estava hum Inglez, o senhor Smith, o qual te nomeo, fazendo grandes elogios á tua belleza, e falando a ventura que eu tinha de ser teu noivo.

—Tu conheces esse Inglez? perguntou Eugénia hum pouco assustada.

Conheço, porque ha hum anno que habita em Paris, procura muito a minha sociedade e dos meus amigos; e não sei porque os seus elogios a teu respeito, acerca da tua familia e riqueza, desagradação-me de sorte, que por não ter motivo algum para o maltratar, pois não se afastou dos termos respeitáveis quando fallava da tua pessoa ou familia, quiz-me vigiar da antipathia que a sua conversação me inspirava, ganhando-lhe o dinheiro, e espirituallizado pelo champagne, pareceu-me coisa facil. E hum homem como eu, que não gosto de jogar, que muito raras vezes pego em cartas, e quando isso acontece faço timbre de perder, senti-me ao pé do senhor Smith, com hum desejo extraordinario de lhe não deixar hum vintem.

Elle olhou fitamente para mim, e propoz hum preço tao alto ao jogo, que os outros, espantados, perguntáram-se nos pretendiamos arruinar por hum vez.

A resposta que lhe dei foi dobrar o preço proposto. Então os circumstantes ficaram em silencio, observando o resultado. O meu adversario he verdadeiro jogador; impertubavel e calculista, espolava com o meu arrebatamento. Deves saber, Eugénia, que os homens que não jogão por vicio quasi sempre jogão mal, ao mesmo tempo que os outros sabem, com pouca differença, quando tem probabilidade de ganhar. Todas as vantagens estavam, por consequencia, da parte do senhor Smith e contra mim. Mas para que te hei de contar por extenso todas as loucuras que a noite passada pratiquei? Joguei tudo, e tudo perdi; perdi o que não era meu, hum vez que devia pertencer-te.

—E eis-aqui todo o mal? lhe disse Eugénia chegando-se mais para elle.

—Ah! não: o maior de todos os males ainda eu t'o não disse! Os meus amigos estavam desesperados por ver que hum divertimento era a causa fortuna da minha total ruina. A loucura que me fascinava tinha chegado ao seu auge; depois de perder quanto possuia, apesar disso, queria jogar mais.

—Não duvido jogar debaixo de palavra, me disse o meu adversario; mas o senhor já não tem que perder; ganhando eu, com que me ha de pagar? Parece-me que isto he fallar em abono do teu amor proprio; pois estou certo que de melhor vontade perderia hum milhão, se o tivesse, do que dois mil cruzados que não posso. Pense bem, e decida.

—Quanto mais evidentes era as suas razões, mais frenetico e desesperado eu ficava, e teria jogado a propria vida, se elle quizesse pô-la em preço; porém Smith ambicionava coisa mais preciosa.

—O senhor, me disse elle, está proximo a casar com a senhora Eugénia Sirey, eu tinha o mesmo desejo; po-

rém negára-me a sua mão, porque lh'a tinha prometido. Os cem contos de réis que eu lhe ganhei estou prompto a jogá-los de hum só vez; se o senhor ganhar, nada tem perdido, e se a sorte lhe for ainda contraria, perde o direito que tem ao dito casamento, e ha de annunciar isto mesmo ás pessoas interessadas.

—Quando tal ouvi, arremessei longe de mim as cartas, e arranquei os cabellos como hum homem que perdeu o siso; porém, os meus amigos cercáram-me, e conseguiram persuadir-me que aceitasse.

—Tu perdestes de facto, me dizão elles, da mesma sorte que o teu dinheiro, a esperança de casar com a filha do senhor Sirey, pois he incrível que elle cumpra a sua palavra a hum mancebo hontem rico, e hoje reduzido á miséria pelo jogo em menos de tres horas! Hum pai de familia não pensa desse modo; assim pois não arriscas, e podes ganhar tudo. A escolha he bem facil.

—Peguei outra vez nas cartas...

—Oh Céus! disse Eugénia, cobrindo com as mãos o rosto.

—Peguei nas cartas, cego e tremulo, não via as cores...

—E jogou-me com effeito, senhor?!

—Joguei e perdi, respondeu Gustavo, inclinando a cabeça para o chão.

Eugénia deu hum longo gemido, e cahio sem sentidos; a familia correu a levanta-la, e leváram-na para casa, onde lhe administráram todos os socorros que o seu estado exigia. No entanto, o pobre Gustavo, julgando que a sua presença podia augmentar os desgostos daquelle estimavel familia, se Eugénia, fora de si, declarasse a confissão que lhe acabava de fazer, aproveitou a perturbação que o accidente causava para fugir, antes do que sair, da habitação do senhor Sirey. Elle tinha cumprido o penoso dever que o jogo lhe impuzera, e a que hum extravagancia inaudita o condemnara. Já se encaminhava á casa para satisfazer a outra parte da sua divida, e determinou também a pôr termo á existencia: eis, que, ao levantar os olhos, se achou frente a frente com Smith.

(Continúa.)

Producto comparativo das minas de ouro e prata do mundo e do Carvão de pedra que se consome annualmente na Inglaterra.

—O carvão de pedra que se consome todos os annos em Inglaterra deita a dozeito milhões de toneladas, que a razão de duzentos réis o quintal, custa 180 milhões de cruzados.

Calcula-se o producto annual das minas de ouro e de prata que se conhecem no mundo em 88 milhões de cruzados.

Assim a differença para mais no producto do carvão de pedra na Inglaterra he de 92 milhões de cruzados.

(Do Jornal do Commercio.)

Noticias.

—De não pequena importancia são as que constam da ordem do dia, que publicamos neste numero.

O Legalista do 4 do corrente diz que no dia 11 de Maio o major Bezerra marchara para Pastos Bons, e que sobem a mil as praças que tem sabido do Caxias. Esperava-se, segundo elle diz, fundado em cartas que vin, que Pastos Bons estivesse pacificado até o fim deste mez. O tenente coronel Diogo Lopes achava-se no Mirador, de volta do Rio

chão, onde conseguira bater uma forte partida rebelde. Acrescenta o Legalista que a comarca de Paranaguá, no Piauí, já se achava pacificada, e que se esperava que o prefecto della, José de Souza Martins, voltasse para esta provincia a soccorrer-nos.

AVISOS.

—Vende-se hum legão de terra no Marim da parte esquerda Rio assua a qual se acha demarcada, cuja terra he pegada a humas do fallecido Sirurgião Manoel da Cunha quem querender pode dirigir-se a Paulo da Silva Alves no Largo do Palacio.

—Na Quitanda de Bernardino da Silva Guimarães que outro'ra foi do Fiaado, José Ricardo da Silva, na Rua da Cruz, tem para vender muito boas lizas chegadas ultimamente a Preço de 160.

—Se houver um official de Botica, desembarcado do serviço Militar, e se queira arranjar, fale nesta Tipographia, que se lhe dirá com quem.

—Fernando Luiz Ferreira pretende vender hum porção de terras demarcadas, que possui no Alto Marim, contiguas ás de Joaquim Ignacio Vianna, ao lado esquerdo rio acima, uma ou duas legoas ao centro.

—Joze Domingues faz sciente ao respeitavel Publico, que achando-se nesta Cidade igual nome ao seu, deseja porisso evitar qualquer duvida; passa desde hoje a José Joaquim da Costa. Maranhão 20 de Maio de 1840.

José Joaquim da Costa.

—Raimundo Carlos Ribeiro, vende hum morada de cazas na rua da Forca Velha, entre a rua do Sol, e a rua da Paz, toda de pedra e cal até as mesmas divisões de dentro, com o quintal todo amurado. Também vende hum grande porção de madeira de lei, e ferragem de muito boa qualidade, tudo proprio para construcção de cazas, e igualmente vende ferragem para grandes portões. Quem quizer alguns destes objectos dirija-se ao annunciante em sua caza na rua do Nazareth, proxima a Praia-Grande; na qual tem armazens para alugar: tudo por preços muito commodos tanto a dinheiro, como a prazos.

—D. Anna Brizida Tavares d'Azevedo Ewerton, viuva do falecido Major Joaquim José d'Azevedo Ewerton, faz sciente ao respeitavel publico, que ella vai dar principio ao seu Inventario, por isso avisa, e pede a todas as pessoas que com o seu casal tiverem contras hajas d'aprezentadas no prefixo tempo de 30 dias contados d'esta dacta, para serem verificadas pelos herdeiros, alias por esta se considera izenta de qualquer responsabilidade, hum vez que o contrario praticarem. Maranhão 22 de Maio de 1840.

D. Anna Brizida Tavares Ewerton.

LEILA O.

—Quinta-feira 11 do corrente se ha-de arrematar em a casa n.º 13 na rua da Cruz aonde morou Lucio de Souza Machado—Hum excellent mobilha constando de bons e ricos trastes de madeira, Louça, Vidros, Ouro e Prata pertencentes ao mesmo acima, que tudo se ha-de vender impreterivelmente.

Maranhão 6 de Junho de 1840.

Gomes, Corretor.

Maranhão Typ. Imparcial Maranhense Anno de 1840.

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

SABBAO 20 DE JUNHO DE 1840.

N.º 243.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapéus de Vidigal Irmão & Co, rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas aculsas vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os avisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

RIO DE JANEIRO.

NOTICIAS DO RIO GRANDE.

A barca de vapor *Maranhense* trouxe-nos hontem noticias do Rio Grande até 2, e de Santa Catharina até 7 de Maio.

O aspecto que apresenta os negocios na provincia de S. Pedro do Sul continua a ser favoravel. A ultima barca de vapor que de Porto Alegre chegou ao Rio Grande trouxe a noticia de se ter reunido Calderon, no mundo de 1.700 homens, á força do Cuiabá, que se acha hoje elevada a 4.500 homens. Calderon entrou em Capapava, que os rebeldes haviam abandonado algumas horas antes, como verão os leitores dos extractos que abaixo transcreveremos. A unica opposição que na sua marcha pela campanha soffreu a força de Calderon, foi nas immedições do Rio Pardo. Ali a vanguarda da força legal ao mando do tenente coronel Propicio encontrou-se com a partida de Agostinho de Mello, que foi completamente destróida: Agostinho fugio logo com a cavallaria, e ficaram prisioneiros Onofre (que já aqui esteve preso) e hum intitulado tenente coronel Cunha, os quaes ambos estão presos em Porto Alegre. Morrerão nesta acção cerca de 50 rebeldes, e cahirão muitas munições em poder da legalidade. Onofre recebeu tres feridas, huma no pescoço e duas no braço.

Bento Gonçalves, Neto e outros, continuavam a occupar a Boa Vista, Capella e immedições com 3.000 homens. Crescencio, Guedes e João Antonio, estavam no Rio Pardo com 800 rebeldes.

O mesmo vapor que trouxe estas noticias ao Rio Grande levou na sua volta para Porto Alegre o batalhão provisório de Pernambuco que tinha chegado de Santa Catharina. Partirão tambem para cima duas barcas de transporte com os cavallos da artilheria montada: tudo isto induz a crer que as forças imperiaes se apromptavam a marchar contra os rebeldes que se achavam sobre Porto Alegre, os quaes só tem para retirar-se o caminho da Serra, caminho que lhes pode ser cortado se as forças do general Labatut occuparem em tempo o passo das Antas.

No Rio Grande, a força de Silva Tavares havia tambem obtido algumas vantagens.

Pessoas fidedignas, chegadas do Estado Oriental ao Rio Grande, assegurão que Bento Manoel se retirara para aquelle estado com hum porção de gado, depois de ter significado a Bento Gonçalves (que lhe pedira auxilio) que da

sua parte ja nada podia fazer, e que os rebeldes se sujeitassem ás consequencias de não terem querido seguir os seus conselhos.

Fialho reuniu 200 homens no Estado Oriental.

De Santa Catharina nada ha de importante. Huma carta que temos á vista diz que o general Labatut estava em Lages, e que o general Andréa lhe offerecia para que fosse occupar o passo das Antas. A assembleia provincial tinha sido encerrada no dia 4 do corrente. O marechal Andréa ia mandar para o Rio Grande hum batalhão de 600 praças.

Taes são em resumo as noticias que podemos collir, e que são sem duvida bastante favoraveis. Ha hum observação notavel a fazer depois que principiaram as operações no Rio Grande; e he que as armas imperiaes ainda não soffrerão o mais pequeno revez. Esperamos ter brevemente o prazer de communicar aos nossos leitores a noticia do golpe decisivo que pacifique essa maldada provincia.

(*Jornal da Comm. de 11 de Maio.*)

Porto Alegre 5 de maio.

—As noticias que tenho de communicar-lhe por este vapor são da maior importancia, e sobre ellas chamo toda a sua attenção.

Depois de hum inação que durou tanto tempo no rio Cuiabá, resolveu finalmente o general que o exercito acampasse na margem direita passasse para a esquerda, e marchasse contra o acampamento rebelde que estava na Capella e immedições. Esta passagem devia effectuar-se no dia 26 de abril, no passo do Contracto; porém tão pouco regredito se guardou nos preparativos desse movimento, que no dia 18 já elle era geralmente conhecido em Porto Alegre!... No dia 24, as forças que guarneciam nas cabeceiras do rio o passo do Paricy desceram para o passo do Contracto para effectuar a passagem geral do exercito; mas no dia 23 de abril (mez fatal e de mau agouro para a legalidade) os rebeldes, achando desgarnecido o passo do Paricy, atravessaram o rio Cuiabá, e fizeram junção com Crescencio, e Neto, que alguns dias antes tinha passado.

Este acontecimento produziu na capital huma grande sensação. Levantaram-se queixas (e talvez justas) contra o general, sem duvida soldado valente, mas que opprimido pelo peso dos annos não tem a actividade necessaria para semelhante campanha, e que pela sua inexplicavel demora no Cuiabá, e pela publicidade de hum movimento empreendido

já tarde, malogrou todas as combinações de hum plano tão sabiamente calculado, e retardou o decisivo triumpho das armas imperiaes.

Receando-se que os rebeldes atravessassem apressadamente a campanha, e fossem dar hum golpe na cidade do Rio Grande, hoje pouco guarnecida, dirigio-se o exercito imperial para o rio Taquary para tentar impedir a passagem dos rebeldes. Nesta marcha aconteceu-nos nova desgraça, mas desta ao menos não se pôde culpar ninguém. No dia 27, estando o exercito em marcha, cahio morto o brigadeiro Calderon. Cegamente devotados ao seu valente general, e sorprendidos por hum morte tão repentina, os soldados de Calderon acreditaram n'hum boato que logo se espalhou de envenenamento (meia hora antes de montar a cavallo o general havia tomado mate), e querendo vingar a morte do seu chefe, fallarão de arrazar a casa onde elle havia pernoitado, e de matar os supostos envenenadores. Os cirurgiões, porém, examinaram o corpo do brigadeiro; procedeu-se á autopsia, e ao abrir-se o craneo, sahio o sangue a jorros: o illustre guerreiro tinha sido victima de hum ataque apoplectico. A perda do brigadeiro Calderon he para nós irreparavel. Morreu este bravo official no momento em que acabava de prestar valiosos serviços á legalidade: a terra lhe seja leve!...

No dia 2 do corrente, o general deu ordem para que o exercito passasse o Taquary para o lado de Santo Amaro, afim de impedir a passagem do inimigo no mesmo rio, porque o Jacuhy está guarnecido com vasos de guerra: a primeira brigada de Philippe Nery protegia a passagem do resto da nossa força. No dia 2 do corrente ás 10 horas da manhã, David Canavarro á frente de 2.000 homens accommetten esta brigada composta de 1.014 praças. Travou-se a peleja com denodo de parte a parte, sobretudo depois que o 6.º batalhão repassou o rio, e veio com o bravo Grenfell em soccorro da força de Philippe Nery. Ahi mostraram as armas imperiaes todo o seu valor: inferiores em numero, mas superiores em coragem, os nossos soldados imitaram os seus denodados chefes, e bateram-se como leões: a victoria devia coar tautas proezas.

O general Manoel Jorge, velho na idade, mas moço na bravura, comportou-se admiravelmente. O nobre guerreiro teve hum cavallo morto a peioas, e continuou a avançar contra o inimigo. Tanto heroismo da parte do soldado octogenario reacendeu a coragem vacillante de alguns dos nossos, que aos gritos de *viva o nosso general!* arrastaram o

inimigo com furor. Assegura-se-me que o quartel-general abandonou todo o nosso velho general, que teria ficado sem officiaes a seu lado e não ser o bravo major Polidoro que ficou combatendo junto a sua pessoa. Finalmente, depois de hum combate de tres horas, humo brilhante carga de bayonetas, á frente da qual estava o tenente-coronel João Nepomuceno, decidio a victoria: os inimigos apesar de superiores em numero, tiveram de fugir vergonhosamente.

Petecemos neste combate entre mortos e feridos cento e tantos homens, entre elles alguns officiaes. Philippe Nery teve tres cavallos mortos e foi ferido no braço; foram tambem feridos o tenente-coronel Neves e João Nepomuceno, que se recolherão a Porto Alegre com os mais feridos. Morreram o Chabal e o Chagas que se afogou no Taquary: o major Padilha foi ferido de humba bala que lhe atravessou o rosto, e julga-se a ferida mortal.

Do lado dos rebeldes a mortandade foi grande: não se sabe ao certo quanta gente elles perderão: as relações varião entre 200 e 400 homens.

Cumpre notar que de ambos os lados só entrou em combate a infantaria. Este bello feito de armas augmentou o entusiasmo da nossa tropa, que na verdade está possuida do melhor animo, e que de nada precisa para alentar a sua coragem.

Íntil he dizer-lhe que o denodado chefe Grenfell teve na acção do Taquary hum comportamento digno em tudo do bravo guerreiro que perdeu o braço direito em deliza da gloria e honra do pavilhão imperial.

Na occasião do fogo, o bravo major Francisco Pedro apoderou-se de 500 cavallos dos rebeldes que se haviam apinhado para entrar em acção, por não dar o terreno lugar a que manobrasse a cavallaria, e matou a gente que os guardava.

O sitio de Porto Alegre está de todo levantado. Entrou na capital o Chabal com 22 homens armados, os quaes contão (ignoro se com razão) que 700 rebeldes, que ficaram na Capella com as peças e bagagens, seguirão a encorporar-se com a mais força rebelde; porém parece que foram tarde, e que terão de esbarcar com a nossa gente.

Estas circumstancias são sem duvida favoráveis, e a brilhante acção do Taquary he hum fôto de armas, que honra o exercito imperial. Entretanto não posso deixar de lamentar que por hum descuido imperdoável se deixasse aos rebeldes atravessar o Caby: negligenciando-se de parte hum plano sabiamente combinado, cujo resultado infallivel devia ser hum golpe decisivo na rebeldia, que encurralada e cercada por todos os lados, não podia resistir a forças superiores, não somente em numero, mas em valor, como acaba de demonstra-lo a acção do Taquary.

Hoje o exercito imperial occupa a margem direita do Taquary: os rebeldes acham-se entre o Taquary e o Caby, e devido que se lhes possa voltar a passagem para a emigração. O governo está batendo a porta: com elle cessão as operações, e eis que temos a guerra novamente prolongada, retardando o triumpho da legalidade, no mesmo momento em que havia as mais boas fundadas esperanças de ver o termo de nossos males.

Consta-me que por esta brecha vão officios ao governo, pedindo a substitui-

ção do general. Diz-se-me mais que a este se dera a entender que conviria que se retirasse com parte do doente, e que até se pedira ao comde do Rio Pardo que aceitasse o commando interino do exercito, o que elle recusara. Não affianço que isto seja exacto, com quanto o tenente de boa parte. Quanto a mim, sou de parecer que conviria a mudança do nosso general: mas quem se nomeará para o substituir?

(Carta particular.)

(Journal do Comm. de 16 de Maio.)

MARANHÃO.

Quartel da Presidencia, e do Commando das Armas na Cidade do Maranhão 6 de Junho de 1849.

Ordem do Dia n. 42.

—S. E. e. o Sr. Coronel Presidente, e Commandante das Armas da Provincia, manda fazer publico para conhecimento da Divisão Pacificadora do seu Commando, que tendo marchado o Sr. Capitão Joaquim Pereira Chaves Garalhada do ponto da Ribeira, no dia 25 do mez proximo passado, com destino ao ponto da Baraba, onde constava existir rebeldes, em numero de 200, tornou-se mister sua demora no logar—Matão Grande, por se ter molhado algum cartuxo na passagem do rio Ribeira, persistindo ali até o dia 29, com pretensão de no seguinte atacar o referido ponto da Baraba, que distava logo a meia; porém sciende de que os facciosos reforçados com 300 insurgentes do Caxó, Espigão, e Bella-Agoa, travaram de atacal-o, os esperos neste logar, dispondo a sua força para os receber. Os rebeldes pois, dirigidos para ali, em massa, começaram por atacar hum das nossas avançadas, por huma picada ainda não descoberta, dando apenas tempo á 12 Soldados, de que ella se compunha, para disparar as armas, e após d'ella vierão ter no abarrastamento da mesma força, que evidentemente fô incoadado, e ali travaram o mais vivo fogo, desde as 7 horas da noite, até as 3 da madrugada, podendo apesar do perigo conseguir o mesmo Sr. Capitão Garalhada apoderar-se da Baraba que lhe servia de Quartel, e salvar todo o cartuxo: os nossos Soldados á pé firme receberam seu ataque, e os fizeram retroceder, deixando no campo 11 mortos, além dos que foram por elles arrastados, segundo se collige de vestigios aqui existentes, que deixarão no caminho havendo da nossa parte a perda de 9 mortos; entre os quaes se conta o benemerito Capitão Manoel José da Fonseca, que relevantes serviços prestara á causa da Ordem, e foram feridos levemente 29, contando-se neste numero o mesmo Sr. Capitão Garalhada de huma bala na mão, e o Sr. Tenente Alberto José de Mello na parte posterior da perna: perderão mais os rebeldes 1 par de pistolas, 4 armas finas, 2 granadeiros, além de outros muitos objectos, que deixarão no campo.

S. E. e. louva em geral a todos os Srs. Officiaes, e mais pracinhas, que entraram nesta acção, e muy principalmente ao Sr. Capitão de guerrilhas Demétrio José Ayres, 2.º Tenente d'Armada Nacional Joaquim Alexandre Manoel Sayão, e Affres Luiz José Moreira.

Manda outro sim publicar o mesmo Exm.º Sr., que a partida commandada

pelo Sr. Major Pedro Paulo de Moraes Rego, pertencente a 2.ª Columna, atacou, no dia 19 de Maio proximo passado, os rebeldes no sítio Ladeira, de onde, depois de alguma resistencia, que intrincheirados fizeram em numero de 200, foram decididamente expellidos, deixando 2 prisioneiras, além de diversos objectos, apresentando-se 1 delles com 9 escravos, que tinham roubado de huma Fazenda vizinha, sendo dos nossos 2 levemente feridos.

No dia 20, outra partida, sob o mando do Major Luiz José Ferreira, atacou os rebeldes no ponto da Tabatinga, estrada das Preguiças, onde dominavam 14 trincheiras, que por elles foram abandonadas depois de perfido combate, morrendo dos nossos 1 pracinha, que servia de guia, e 1 Soldado do 5.º Batalhão.

Antonio Nunes d'Aguilar, Ajudante e Quartel Mestre General.

Acampamento da 2.ª Columna em Opperações na Villa do Brejo 17 de Maio de 1849.

ORDEM DO DIA N.º 47.

—O Commandante da Columna publica para saptificação das Tropas de seu commando os felizes resultados dos trabalhos da Partida, que persegue os Salteadores além do Rio Parnahiba no territorio do Piahy.

O Sr. Tenente Conrado Jozé de Lorena Figueiredo Commandante desta Partida, desde 29 de Abril pp. tem batido os rebeldes, e expellidos os dos seus Pontos—Gabeceiras, Cristos, Remanso, Lagoa do meio, Curral velho, Bocca da Matta, Curralinho, Macaco, Rãgão, S. Christovão, S. Thingo, e Barro vermelho e coadjuvando no dia 7 as Tropas do Piahy no ataque das Matas do Egipto, e Corimatam: em todos estes combates, tivemos 4 mortos e poucos feridos entre estes o apprehendido Valerio José de Oliveira, cuja coragem, e bons serviços são reconhecidos.

O inimigo perdeu 11 mortos, e muitos feridos, 6 armas grossas, 30 cartuxos, pólvora, lathas, chumbo, e outras couzas que cobrem os soldados. Nos Músuns foram ainda batidos os rebeldes, e presos 3.

Nem as trincheiras, nem as frequentes guerrilhas, nem os caminhos tapados com grossas arvores, nem o vivo fogo embaraçaram os bravos da Legalidade, que sempre occuparão os pontos dos rebeldes depois de os ter denodadamente destróida.

A partida que conduzia os presos a este acampamento, commandada pelo Sr. Affres João Sabino da Fonseca Castro bateu no Baqui a hum piquete do inimigo, matou 1, e aprisionou 3 com 2 espingardas finas, e no Porto do Mocambinho foram mortos 2, e presos 3, com 6 das ditas espingardas.

O Commandante saptificado com os bons serviços prestados pela Partida Exploradora no territorio do Piahy, elogia as praças que a compoem, por seus triumphos, e valeroso comportamento no fogo, o Sr. Affres João Sabino da Fonseca e Castro pela vantagem que conseguio contra os grupos, que encontraram na sua marcha para este acampamento; e principalmente o denodo, actividade e optima direcção de Sr. 2.º Tenente Conrado Jozé de Lorena Figueiredo commandante da dita partida, que honrado

à com a estima geral de seus camaradas d'armas desta columna, estima, que lhe tinha adquirido seus importantes serviços, não deixaria de obter o premio, que o Governo de S. Magestade destinava aos heróis do Exercito.

Joze Thomaz Henriques, Tenente Coronel Comandante da 2.ª Columna

Acampamento da 2.ª Columna em Opeparades, na Villa do Brejo 18 de Maio de 1840

Ordem do Dia n. 48.

— Havendo sido destruida a 13 do corrente a quadilha de rebeldes, e negros que occupava o sitio—Baixa—ameaçando o Ponto do Barro Vermelho, e que a pouco obrigara a retirar-se uma partida de 50 praças d'aquelle ponto depois de remido combate; o commandante da columna fez publico aos individuos do seu commando, que este feito d'armas se devia a Partida de 160 praças, que foi atacar aquelles rebeldes debaixo do commando do Sr. Major Antonio Gomes Leal, que com toda a pericia, e promptidão conseguiu desbaratar aquelles facinorosos, tornando-lhes as trincheiras, e o acampamento em menos de meia hora de activo fogo, tendo apenas um soldado levemente ferido. O inimigo perdeu dois negros mortos, que se virão, e muitos outros ferimentos, deixando vestígios de sangue em diversas partes; e fugindo em precipitada fuga, perseguido na distancia de uma legoa duas clavinas, algumas cartuxas d'ellas, xunços, balias, fresas, ferramenta, uma egua, arroz, e 16 alqueires de farinha ficaram em nosso poder. O commandante elogia o comportamento do Sr. Major Antonio Gomes Leal, que se offereceu para destruir os rebeldes, que ameaçavam os nossos Pontos do Barro Vermelho, e Chapadilha, e frequentarão a estrada de nossas communicações; e que com a maior actividade, e acertadas medidas tem frustrado os intentos dos perversos, que se aglomeravam nas proximidades dos ditos pontos; avançando corajosamente a frente da partida contra o ousado inimigo.

O Sr. Tenente Joaquim Guedes de Quimilhões, Alferes José Lourenço de Oliveira Diniz, e Sargento Adjunto André Acciolo Pinheiro, são dignos de louvor pelo bem que se portaram no fogo; e também os Senrs. Alferes Quartel Mestre José Gregorio de Jesus, e Joze Joaquim de Barros que se offereceram para marchar contra o inimigo, deixando o primeiro o seu emprego, e axando-se o 2.º em convalescença de grande molestia.

*Joze Thomaz Henriques
Tenente Coronel Comandante.*

CHRONICA MARANHENSE.

Noticias do Piahy, e do interior.

—Cartas recebidas do Piahy até a data de 30 de Maio passado dizem que o grupo rebelde das Prochiras se elevava a 1500 homens, mas que na Parnaíba haviam 600 legalistas, e que as forças da Gera montavam a 830 homens que se faziam disposições para o ataque, que devia tambem ser coadjuvado pela força que o tenente coronel Manuel Antonio trouxera do Brejo.

Da nossa provincia parte das noticias constam das pegas officiaes; acrescenta-se

que Raimundo Gomes se achava no Canahubal, á testa de um grupo de rebeldes e escravos, tendo em sua frente o tenente S. Paes com força legal.

Em Anajataba o destacamento tentou sublevar-se, seduzido por um sargento, mas graças á actividade e coragem do digno commandante, o major Sanchez, esse ruim desígnio foi prevenido, prendendo-se os amotinadores.

Em Itapucurú-mirim não tivemos igual fortuna; na noite de 13 do corrente, sublevar-se a guarnição, seduzida por alguns sargentos, prenderam os officiaes, requisitaram o pagamento dos soldos que se lhes deviam, porém não praticaram outro algum attentado; no dia 14 de manhã soltaram os officiaes que tinham conseguido prender, os quaes se retiraram para o Rosario, donde voltaram com 120 homens no dia 15. Esperava-se que no dia 16 estivesse a villa restaurada, porque quando de lá sahiram os officiaes ja os sublevados não passavam de 70, muito estomacados, tendo-se os mais acolhido nos diversos pontos, ou fugido. Esta desagradavel noticia chegou a capital no dia 16, e na madrugada de 17 partiu S. Exe. com 350 homens, no vapor *Plumierense*.

Pessoa fidedigna sahida da villa com os officiaes assegurava-nos que havia suspeitas fundadas contra o capitão José Lino Belfort, e um seu filho, que em quanto estavam presos os seus collegas, levaram todo o dia 14 a jogar, e a divertir-se, recusando acompanhá-los na retirada. O certo é que os sublevados que até á partida dos officiaes não tinham commandante, ja o tem em pessoa do capitão José Lino: constanos tambem que o sargento Barros se elevou a tenente. Offerecemos á consideração dos nossos leitores o seguinte officio do commandante dos sublevados.

Ill.º Sr. José Raimundo da Silva ou seu irmão.

—Tendo finalizado a carne para sustento da tropa que guarnece esta villa he preciso que Vm. remetta até amanhã a noite impreterivelmente ao menos seis caballos de gado, em quanto manda o resto para fornecimento das praças, visto não haver nesta villa mantimento algum. *Este acampamento se acha presentemente em socorro, e he preciso alimento para animar a tropa. Deus Guarde a Vm. Quartel em Itapucurú-mirim 15 de Julho de 1840.—Joze Lino Nunes Belfort, Cap.º Comd.º Militar Interino.*

Noticias da Corte.

—O vapor S. Salvador as trouxe até a data de 22 de Maio passado. As suas armas tinham obtido no Rio Grande as importantes vantagens que constam dos artigos que damos no lugar competente. O ministerio foi modificado no dia 18 ficando composto do seguinte modo: estrangeiros, e interino do imperio, *Lopes Gama*; fazenda, e interino da justiça, o procurador da coroa *Joze Antonio da Silva Maia*; guerra, o brigadeiro *Salvador Joze Maciel*; marinha, o chefe de livramento *Jacinto Roque de Sena Pereira*. Tivham de entrar muito breve para os ministerios do imperio e justiça os deputados Torres, e Paulino; disse-se mesmo que o sr. Francisco Bibiano de Castro occuparia o lugar de ministro da marinha.

As emaras se achavam divididas em partidos iguaes: na dos deputados o can-

didato da opposição á presidencia, o desembargador Aureliano, obteve 41 votos; o do partido contrario saliu com 42. No senado o projecto declarando maior de idade a S. M. L. apresentado pela opposição, calou, porque só teve a seu favor 16 votos, sendo contrarios 18.

No numero seguinte daremos mais amplas noticias.

VARIEDADE.

A noiva perdida no jogo.

(Continuado do numero antecedente.)

—Então, meu senhor, lhe disse este, já comprio a promessa? ou ainda o senhor de Sirey ignora o nosso ajuste?

—Creio que ainda o não sabe, responde Gustavo.

—Como! o senhor falta á sua palavra? Isso é um roubo! eu joguei com contos de reis debaixo da hypothese que propuz e agora recusa executar o contracto. Ah! o senhor é vellaco por esse modão.

Quando Gustavo tal ouvio, levantou a mão, e descarregou-lhe uma bofetada na face. O Inglez ficou immovel e Gustavo lhe respondeu:

—O senhor nunca jogou, nem hade jogar com homem mais honrado. Eu ainda fiz mais do que ajustei. Eugénio de Sirey já sabe tudo; e se não instrui seu pai, he porque as circumstancias não lhe permitiram. Se antes de me insultar escutasse o que agora lhe disse, poderia evitar-nos a hum e outro o grande ultrage que mettamente nos fizemos. Qual foi o termo que marcamos para significar aos parentes da noiva que já não queria recebê-la? nenhum; porém, admitto que eu fosse obrigado a cumprir o mais breve possível, segundo as leis do jogo, tinha vinte e quatro horas, que ainda não passaram, desde que lhe dei a minha palavra. Estou as suas ordens.

Disse e continuou o seu caminho, mudando em idéas de vingança as de suicidio que no principio concebiera. Já tinha conseguido, sem que premeditasse a offensa, pôr o Inglez nas circumstancias de desafiar; além disso, pretendia contar aos amigos o que se tinha passado, e divulgado o caso, era impossível que o seu adversario lhe não fosse pedir satisfação. Porém Smith não carecia que o insultassem a desaggravar-se. No dia seguinte apresentou-se em casa de Gustavo, e como era o mais offendido, exagou na escolha das armas lhe fosse adjudicada assim como a forma do combate, que elle devia declarar. Gustavo podia argumentar que tinha sido atacado com o epitheto affrontoso de ladrão, o que bastava a bofetada que em resposta lhe dera; porém, não se quiz prevaler de argumentos, e concezio ao Inglez, sem discutir, quantas vantagens pedia.

—Então, continuou Smith, eis aqui de que sorte havemos terminar a contenda eu sou indubitavelmente mais forte do que o senhor, e por consequencia quero aproveitar até o fim a superioridade que a fortuna me concede, mesmo no generoso offensa que recebi, a mortandade a de signar as armas, o campo e a forma que havemos combater. O campo, determino que seja o bosque de Itapucurú; as armas, a pistola e fôrça. Tinha pistola carregada, outra vazia. Uma dos padrinhos

tirado á sorte, ha de incumbir-se de revistar as duas armas, e carregar uma só em distancia que nenhum de nós possa ver postas de parte, o outro padrinho irá lançar, para no las offerecer. Amigos teremos os olhos vendados; eu hei de escolher primeiro, e aquela que ficar é que lhe pertence. Feito isto, desvendamos os olhos, e arrumando a boca da arma ao ouvido do contrario, a um aceno do segundo padrinho, um de nós fica em pé, creio queerei eu, e o outro.... Isto hade acontecer amanhã pelas cinco horas da madrugada.

Pouco importava a Gustavo que fosse elle proprio ou outro, qualquer o autor da sua morte, que elle havia de antenão resolvido.

—Arranje esse negocio inteiramente á sua guisa, responde o tio não pausado, já agora não temo a sorte; o que tinha de perder está perdido.

Smith sahio, e Gustavo, depois de pôr em ordem os seus papeis, e de arrecadar os capitães que tinha depositado em diferentes mãos, para os remeter ao afortunado Inglez, achou-se com algumas pequenas dividas, que por descuido não tinha satisfeito; vendo-se agora na impossibilidade absoluta de as pagar, escreveu este bilhete a seu tio e tutor:

—Meu honrado tio e tutor.—Ao receber estas linhas, he de crer que eu já não exista. Huma loucura sem igual me fez arriscar e perder em quatro horas, não só todos quantos bens possuia, mas ainda as esperanças de um casamento em que fundava a minha felicidade. Deixo poucas dividas, e fado na sua bondade inclua remitto os nomes dos credores rogando-lhe o favor de os satisfazer, para que apoz de mim não fique um nome que o envergonhe. O homem que tudo me ganhou tambem quer despojar-me da vida, que sem a mais leve repugnancia lhe entrego. Levo comigo a consolação de ser este o primeiro e unico desgosto que lhe deu o seu respeitoso pupillo e sobrinho.—Gustavo.

Recebido o bilhete, entregou-o ao criado para o levar no outro dia pelas cinco horas da manhã a seu tio; a esse tempo julgava elle estar livre de cuidados. Sentindo-se fatigado pela serie de fregues e desastres que em tão pouco espaço de tempo se accumularam em torno d'elle, deitou-se em cima da cama vestido, e não tardou muito que adormecesse. Mas o criado, que estimava seu mo, e tinha ouvido a conversação deste com o Inglez, prezunio que a carta continha mais despedida para o outro nome, ou coisa semelhante. "Porque, disse, he reflectindo na commissão, porque, enquanto o senhor Gustavo dormir, não learei eu esta carta a seu tio? Quem sabe se elle achará algum modo de evitar desao que talvez o prive de seu querido sobrinho? Mais vale dizer bem feito do que se en sabero! Que me pode acontecer? porém-me no andar da rua; vá, se ha de ser amanhã, depois do meio ter ido para os anginhos seja hoje, talvez que lhe aproveite." Dito e feito.

Mal que o Sr. Adolfo de Grafigny viu o fatal escripto, e soube do criado, que mais ou menos qual era a razão do desao correu á casa do sobrinho. O senhor de Grafigny he hum destes honras de excellente coração, porém arrestando, e que não medem muito as excessões quando o seu temperamento caprichoso se acia em movimento.

—Já sei tudo, gritou elle, entrando pelo quarto de Gustavo, que acordou sobresaltado; já sei tudo. Esgaqui o que acontece aos rapazes tolos, que se não aconselham com a experiencia dos parentes sensatos. Sou tio e tutor deste feidinho, como se não fosse huma coisa nem outra. Que tolice, que extravagancia ir jogar com contos de réis em quatro horas! tolice e extravagancia que merecia palmatoadas, mas que he nada em comparação da maneira de se desafiar com hum estrangeiro porque perdeu ao jogo, como se não tivesse hum parente capaz de o soccorrer em qualquer afflicção. Pois sabe, rapaz sem miolos, que o dinheiro que tu consumistes com tanta sensaboria era o quinhão do diabo, e que o diabo levou; já lho entregaste, estás desencanado; mas, tens em meu poder o duplo que te pertence, e quando o não tiveres, nem porisso deves guerrear por dinheiro antes de fallar comigo.

—O que, senhor? pois ainda sou tão rico!! Mas, de que me serve já agora essa riqueza?... (Gustavo escondia o rosto com as mãos, e por entre os dedos lhe corria lagrimas ardentes.)

—E esse diabo não se pôde honradamente acomodar?

—Acomodar!! meu tio não queria perguntar isso. Amanhã, pelas 6 horas, hum de nós está delirante; até esse ponto continúa o jogo.

—Vai-te com todos os diabos, disse o tio de Gustavo atirando-lhe com o bilhete. Eu não quero ser teu herdeiro. Em que sitio he o desao?

—No bosque de Boulogne.

—Eu quero ser teu padrinho. A que horas?

—As cinco.

—Espera por mim. Até amanhã ás cinco horas.

Erão cinco horas da manhã, estavam os actores no lugar designado, e o padrinho de Smith, a quem a sorte incumbira de preparar as armas, dizia: "Atraz daquelle grande pinheiro está huma pistola carregada e outra vazia." O tio de Gustavo atou hum lenço nos olhos ao Inglez, em quanto o padrinho deste fazia entro tanto a Gustavo. O primeiro, segundo a determinação de Smith, foi buscar as pistolas ao sitio indicado, e apresentou-lhas pela cronha, para elle escolher. O Inglez vacillava, e tres vezes apalpoou alternativamente as duas armas, como se tivesse perdido a confiança na felicidade que até aquelle instante o acompanhara. Pegou n'huma, enfim, e a outra foi entregue a Gustavo. "Adéos, meu caro tio!" disse elle; adeós, amada Eugénia!! O senhor de Grafigny quizera ver os miolos do Inglez ao sol, porém, o coração lhe palpitava desordenadamente, quando se lembrava que os de seu sobrinho estavam á mercê de hum acaso. Desvendaram os olhos aos dois inimigos, e elles buscaram com intrepidez a posição convencional. Afistaram-se os dois padrinhos; o tio de Gustavo, que era obrigado a fazer o signal para a descarga, fechou os olhos e levantou o braço. No mesmo instante, a explosão de huma pistola o fez estremecer, e não se atrevia ainda a abrir as palpebras, quando sentio hum abraço. Era Gustavo, que amava o bom velho, proximo a desmaiar de susto e prazer ao mesmo tempo. Smith jazia sem vida a dez passos de distancia.

A tarde entrava Gustavo em casa do Sr. de Sirey, cuja familia estava na

salla esperando ansiosa a decisão dos medicos que se achavam em conferencia no quarto de Eugénia.

Apenas o avistaram, todos vieram ter com elle, e o Sr. de Sirey lhe disse affectuosamente:

—Desde hontem inutilmente o tenho procurado; como he possivel que deixasse a pobre Eugénia até agora, sem procurar noticias della?

—Está em perigo? perguntou Gustavo, cheio de tenor.

—Veremos o que dizem os medicos, meu amigo; até agora tem delirado, fallando em jogo, em cartas, em perdas enormes; e a febre, ainda ha meia hora, a não tinha desamparado.

Bem viu Gustavo que Eugénia o não denunciara, e seguro por este lado, inventou negocios urgentes para desculpar-se de não ter apparecido, e declarou ao mesmo tempo que não se affastaria mais della até a hora de a conduzir ao altar. Os medicos sahiram da conferencia e significaram que a doente estava livre de perigo. Então Gustavo sentou-se á cabeceira da cama. O pequeno ruído que elle fez despertou Eugénia, a qual lhe disse:

—Meu amigo, eu tive hum sonho horrivel.... mas seria sonho ou realidades?... As minhas idéas estão confusas.... (Gustavo soluçava) Ah! agora me recordo.... O Sr. que faz aqui?

—Choro o meu crime, imploro o teu perdão.

—E o jogo?

—O meu adversario perdeu a derradeira mão, e com ella as esperanças de te possuir.... eu sou duas vezes mais rico do que pensava. Além disso, o testamento de meu tio, ao qual instrui do fatal acontecimento....

—Elle perdoou-te?!

—Porque bem sabe que não sou jogador, e....

—Tambem eu te perdoo....

—Pois esse estouvado casou com a filha do Sr. de Sirey! disse a Sra. de C... que escutava sentada n'huma poltrona defronte da chaminé, ao Sr. de Libois. Se elle fazia assim antes do casado, que tal seria ao depois?!

Este deu sorriso, e respondeu:

—Que lhe parece do meu governo domestico? pensa que minha esposa tenha motivos de queixar-se?

—Mas o senhor he hum homem de juizo, como se encontrão poucos; além disso, a Sra. de Libois, não era mulher para soffrer desarranjos....

—Sim? pois então saiba que Libois e sua mulher são os mesmos Gustavo e Eugénia, em carne e osso.

—Carlota, chama aquella meza e traze cartas. O Sr. ha de jogar hoje comigo.

—Ha vinte annos que não pego em cartas.

(Por Maria Aycar.)

(Do Despertador.)

Atizo a os senhores assinantes.

Houve demora na sahida da Chronica não só por encomodos do redactor, como por impedimento dos operarios da typographia no serviço militar.

Maranhão Typ. Imparcial Maranhense.

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

TERÇA-FEIRA 23 DE JUNHO DE 1840.

N.º 244.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapcos de Vidigal Irmão & C., rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas aculsas cedem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os acisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

RIO DE JANEIRO.

Falla com que o Regente, em nome do Imperador o Senhor D. Pedro II, encerrou a sessão extraordinária, e abriu a terceira sessão da quarta Legislatura da Assembléa Geral Legislativa, no dia 3 de Maio de 1840.

Augustos e Dignissimos Srs. Representantes da Nação.

Esta encerrada a sessão extraordinária.

Rendamos graças ao Todo Poderoso pelo completo restabelecimento da saúde de Sua Magestade o Imperador, e continuação da de Suas Augustas Irmãs.

O Consórcio de Sua Alteza Imperial, segundo vos ponderei na sessão do anno passado, bem como o de Sua Alteza a Senhora Princesa D. Francisca, devem merecer a vossa particular consideração.

Continuo as relações amigáveis entre o Imperio, e as demais Nações. O Governo da França tem ultimamente resolvido a desocupação do Amapá.

O aspecto do paiz é actualmente esperançoso. Em Santa Catharina um feito d'armas, expellindo os invasores da Laguna, desassombrou toda a provincia. Em S. Pedro do Rio Grande do Sul é de esperar que, auxiliados pela lealdade, e firmeza da nação, possam os esforços do Governo reunir em breve os dissidentes em torno da Coroa Imperial. Na provincia do Maranhão tem prevalecido a força publica sobre os estragos da fúria; e os criminosos, que acoados buscão infestar as provincias limitrophes, confio que experimentarão a merecida repressão. No restante do Imperio subsiste inalterada a ordem publica.

Depois da lei, que tem de fixar a intelligencia dos artigos da reforma constitucional, a revisão das leis penaes, e do processo; o melhoramento das finanças, e os meios de attrahir colonos uteis ao paiz, são objectos certamente dignos da vossa especial solicitude.

Está aberta a sessão ordinaria.

Pedro de Araujo Lima.

CÂMARA DOS SENHES. SENADORES.

Sessão de 15 de Maio de 1840.

O SR. HOLLANDA CAVALCANTE.—Sr. presidente, ha muito que hum pensamento, que denominarei magestoso, se apodera de mim, sempre que applico a mi-

nha attenção ao desempenho de meus deveres, como legislador.

Dois obstaculos tem prevalecido para eu retardar a manifestação deste meu pensamento. O primeiro é o sagrado respeito que tributo a todos os artigos da constituição, ainda a aquellos que por sua natureza não são reputados constitucionaes. O segundo é a oportunidade da apresentação de tal pensamento; e a sublimidade delle, comparada com o meu natural acanhamento. O respeito que tenho constantemente manifestado a todos os artigos da constituição, ainda mesmo a aquellos que não são constitucionaes, tem um pouco paralyzado em mim a convicção da grande conveniencia e alta necessidade que eu julgo haver no objecto que tenho de apresentar á consideração da casa.

Este objecto, eu presumo, já é conhecido do Senado... he a declaração da maioridade do Sr. J. Pedro II. (Sessão de 15 de Maio de 1840.) Quando vejo o que se pratica a respeito da maioridade dos Monarchas, em todos os paizes do mundo mesmo naquelles, cujos governos são constitucionaes, e com especialidade nos que mais analogia tem com o systema adoptado pelo Brasil; quando contemplo a anxiedade que por todo o Brasil se manifesta por ver o monarcha em maioridade, e até as saudades do governo do fundador do Imperio; quando observo mesmo os embaraços e difficuldades que todos os dias resultão do estado excepcional em que nos achamos; quando vejo que o estado excepcional nunca poderá trazer estabilidade e prosperidade ao meo paiz; quando, por outra parte, percebo a grande conveniencia que ha em se tomar a medida que tenho de propor, sendo a todos notorio que o nosso Augusto Imperador se acha, presentemente muito desenvolvido em suas faculdades; e, permitta-se-me dizê-lo, quando antevio o prazer que todos terão de que se entregue ao Augusto orão o thesouro que a Providencia e o voto unanime dos povos lhe tem destinado, á vista destas considerações, não hesito em julgar eminentemente conveniente dispensar-se hum artigo que não ha constitucional. Em quanto porém á circumstancia da oportunidade, confesso que tenho duvidado se já he chegada; mas já expuz ao Senado os motivos que me precipitaram a apresentar este pensamento.

Srs., hum questão tão importante não me pareceo que devia ser tratada por hum incidente, ou occasionalmente; ella, por sua natureza, deve ser tratada com toda a madureza. No anno passado, quando se apresentou á casa o projecto do comorcio de S. A. I. a Sra. D. Januaria, declarei minha opinião a esse res-

peito: disse que entendia que se não podia tratar de tal materia durante a menoridade do Monarcha. Eu reconheci, e ainda reconheço, com todos os nobres membros que approvaõ aquelle projecto, a conveniencia, a summa utilidade, e mesmo a necessidade desse prompto consorcio, que Deos permitta se realice o mais vantajosamente possivel; mas, julgando este negocio da competencia do Monarcha, entendi que delle se não deveria tratar durante a menoridade do nosso Augusto Imperador. Não quiz todavia aproveitar-me dessa occasião para apresentar opinão alguma a esse respeito, e não sei se seria então occasião opportuna para eu apresentar o meo projecto; mas aquelle que trata do consorcio de S. A. I. está dado para ordem do dia: seo illustre autor está na casa, e eu peço que elle se discuta. Em quanto ao meo pensamento, a minha palavra he muito fraca para lhe dar o devido desenvolvimento; submetto-o simplesmente á consideração do Senado, que resolverá como entender em sua alta sabedoria, e desculpará o meu arrojo. O projecto é o seguinte (lê):

"A assembléa geral legislativa decreta: Art. unico. O Senhor D. Pedro II, imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil, he declarado maior desde já.

"Paço do Senado, 13 de maio de 1840. Antonio Francisco de Paula e Hollanda Cavalcanti de Albuquerque.—José Martiniano de Alencar.—Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque.—José Bento Leite Ferreira de Mello.—Antonio Pedro da Costa Ferreira.—Manoel Ignacio de Mello e Souza."

O projecto está apoiado pelo numero de membros que requer o nosso regimento, e por isso está no caso de ser dispensado de certos tramites que aliás exigiria.

Dezjoso, como acabei de dizer, de trazer as cousas ao estado normal, do qual só devemos esperar a estabilidade que tanto anhelamos (porque huma e outra coisa são entre nós synonymos), julgo do mesmo modo conveniente acompanhar aquelle projecto de outro que lhe he analogo, o qual tambem submetto á consideração da casa, igualmente apoiado pelas mesmas assignaturas.

O projecto he o seguinte (lê): "A assembléa geral legislativa decreta:

"Artigo unico. Logo que o Sr. D. Pedro II for declarado maior, nomeará hum conselho, que se denominará conselho privado da coroa, composto de dez membros, que terão os mesmos ordenados que tinham os antigos conselheiros do estado.

Paço do senado, 13 de maio de 1840.—Antonio Francisco de Paula e Hollanda Cavalcanti de Albuquerque.—Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque.—Joze Bento Leite Ferreira de Mello.—Antonio Pedro da Costa Ferreira.—Joze Martiniano de Alencar.—Manoel Ignacio de Mello e Souza.

Vão a imprimir os dons projectos do Sr. Hollanda Cavalcanti.

(De Homem do Povo N. 16.)

SESSÃO DE 20 DE MAIO.

Ordem do dia.

—Entra em primeira discussão o projecto de lei que declara o senhor Dom Pedro II imperador constitucional e defensor perpetuo do Brasil, maior desde já. (Reina o mais profundo silencio.)

O Sr. Presidente:—Como não ha quem queira a palavra para fallar sobre o projecto, fallarei então eu; e portanto convidado o Sr. vice-presidente a occupar a cadeira.

O Sr. vice-presidente occupa a cadeira, e o Sr. presidente toma assento entre os demais Srs. senadores.

O Sr. Marquez de Paranaguá (movimento de curiosidade):—Sr. presidente, a posição em que a honradez do senado, por me honrar, se dignou de collocar-me, nomeando-me presidente da camara, me permitia, sem desar meu, deixar de emitir a minha opinião e de votar em tão importante materia; punha-me assim a salvo de poder desagradar com o meu voto a hum dos lados da casa; não disse bem, desculpe-me o senado, não conheço lados nella, corrigirei pois a minha expressão; punha-me assim a salvo de poder com o meu voto desagradar a algum dos Srs. senadores, a algum dos meus amigos que são de sentimento contrario ao meu nesta questão, cuja estima aliás eu muito desejo conservar; mas, a importancia do negocio, a gravidade do assumpto, a magestade do seu objecto, são de tal magnitude que, alem de outras considerações, e demais a de não haver quem ora pedisse a palavra, quando semelhante materia não he para se abandonar ao acaso de hum votação, sem se discutir, me decidiram, me obrigaram a valer-me da faculdade que me dá o regimento, de largar a cadeira da presidencia, para entrar na discussão, para vir manifestar o meu pensamento a este respeito.

Sr. presidente, trata-se neste projecto de declarar maior a S. M. I. o senhor D. Pedro II, que está proximo a contar 15 annos de idade, trata-se de se lhe supprir por lei, pois que intelligencia lhe sobra bastante, a falta dos tres annos para completar a idade ordinaria, declarada em hum dos artigos da constituição, o qual, no meu entender, não julgo constitucional. Ora, a expectação publica no presente caso não pode ser maior: e si eu posso ser interprete do sentimento geral, parece-me, (talvez estarei enganado) parece-me que a nação, cansada de soffrir tantos males porque tem passado, desde a fatal abdicção do senhor D. Pedro I até hoje, cansada de esperar o termo delles no complemento daquelle idade, deseja que S. M. o imperador tome já as reas do governo, e presida com a sua augusta presença, o influencia immediata ás deliberações do governo na direcção dos negocios do imperio.

Com effeito, Srs., todos sabemos o estado em que se achava o Brasil, e se tem achado desde aquella infeliz época. O governo das regencias apenas tem feito a nação hum unico beneficio, todavia o mais relevante; que he o de firmar nos corações brasileiros o amor da monarchia, desenganando por meio de hum dolorosa experiencia aos credulos dessa decantada bondade dos governos de pouco custo, ou baratos; dos governos electivos e temporarios; dos governos democraticos; dos quos por certo muy pouco differe, se não he a mesma coisa, o governo regencial pela forma acanhada e quasi republicana que lhe demos.

Se pois, Sr. presidente, está nas nossas mãos abreviar o termo dos nossos males, se está nas nossas mãos realisar as nossas esperanças, porque o não faremos? porque não imitaremos essas nações que, em tales circumstancias, e por mais de hum vez, fizeram, para se salvarem deste estado incerto e vacillante, o que indica o projecto? Hum exemplo bem recente temos diante dos nossos olhos, e em hum nação tão constitucional como a nossa, em hum monarchia cuja constituição foi até copiada da brasileira. Essa nação não duvidou, não hesitou em confiar ás mãos tenras e delicadas de hum rainha ainda menor, de hum sexo muito mais fragil, o pesado leme da nação do estado; e essa rainha, sem conselho de estado, a tem conduzido sem sobrar, apesar dos escarcéos e refegas revolucionarias, que alli por vezes se tem levantado. Mas, dir-se-ha, como alguém já disse, que as circumstancias em que se achava aquelle paiz justificavam essa medida extraordinaria: navegamos porém nós em mares mais bonancosos? Vai, por ventura, o Brasil em maré de rosas? Que se olhe para as suas provincias, e então se me responda com sinceridade.

Sr. presidente, nada mais direi; tenho dito quanto basta para fazer conhecer a minha opinião a este respeito: cumpre que o projecto seja discutido, e discutido com serenidade e sem prevenções: he pois para isso que eu voto que elle passe a segunda discussão, onde qualquer membro da casa pode mais largamente discutir, fallando as vezes que quizer. A questão he muito importante. Este o meu voto. (Este discurso foi ouvido em profundo silencio, e com grande attenção.)

Julgada discutida a materia, e posto á votação o projecto para passar á segunda discussão, não passa por 18 votos contra 16.

O Sr. Presidente occupa de novo a cadeira, e consulta o senado se o projecto de lei para que o Senhor D. Pedro II, logo que for declarado maior, nomé hum conselho que se dominará conselho privado da corôa, se achava prejudicado, e assim se decide.

(Do Despertador.)

A Maioridade de S. M. I.

—Hoje foi regeitado em primeira discussão o projecto declarando maior S. M. I., e foi julgado prejudicado o outro creando o conselho privado da corôa.

Estavamos na galeria da camara dos senadores quando tão importante objecto devia ser decidido, e notamos que os espectadores erão em pequeno numero, como se quisesse pouco interesse na questão. Leo-se a acta e expediente no meio de mais profundo silencio, em seguida

leo o Sr. Saturnino alguns pareceres de commissão, e passou-se á ordem do dia, havia na casa 35 senadores, S. Exc. o Sr. Marquez de Paranaguá occupava a cadeira da presidencia.

Foi proposta a discussão do projecto: morno silencio acolheu as palavras do Exm. presidente: ninguém quiz incetar a discussão. S. Exc. então largou a presidencia, convidou o sr. conde de Vallença para tomar a cadeira que deixava, e em breve e resumido discurso orou em favor do projecto, mostrando que o termo dos males que opprimem o Brazil dependia de sua adopção; que o governo regencial somente tem servido para desenganar os credulos que davão preferencia aos governos baratos, ou democraticos; e para radicar no espirito publico o amor á monarchia. Expoz o que se fizera em Portugal, e concluiu votando que fosse approvedo o projecto para passar a segunda discussão.

Ninguém mais fallou, e posto a votos não passou, tendo contra 18 votos e a favor 16.

Votaram a favor os Srs. Contra os Srs.

Marquez de Paranaguá.
Manoel de Carvalho.
A. e Albuquerque.
Paula e Albuquerque.
Marquez da Palma.
Francisco de Lima.
Vergueiro.
Costa Ferreira.
Conde de Lagos.
Manoel Ignacio.
Ferreira de Mello.
Hollanda Cavalcanti.
Alencar.
Jardim.
Paula Cavalcanti.
José Saturnino.

Paraná.
Nabuco.
João Evangelista.
Castello de Campos.
V. da Pedra Branca.
Alves Branco.
Marquez de Maricá.
Patrião.
Araujo Vianna.
Augusto Monteiro.
Cunha Vasconcellos.
V. de Congonhas.
Padre Marcos.
Pedre Lourenço.
Oliveira.
Vasquez.
Lopes Gama.
Cassiano.

Fallarão á Sessão os Srs.

Vasconcellos.

D. Nuno.

Rodrigues de Carvalho.

Devemos respeitar a deliberação do Senado, sejão quaesquer que forem nossas opiniões particulares.

(Do Diario do Rio.)

SANTA CATHARINA.

Desterro, 6 de maio de 1840.

—O general Labatut está em Lages; para ali vai agora hum official (o major Rangel) commissionado por elle, dizem que para requisitar mais tropas, afim de poder operar sobre Missões, o que não julga dever fazer com os 1,200 homens que tem.

Mas não poderá elle com esta força guarnecer os passos que conduzem á Serra, e evitar que livres a possão vingar os rebeldes? Estou que sim; mas talvez me engane, porque não sou pratico das localidades. O que eu temo he que se deixe ao inimigo franca retirada, que elle possa ganhar Missões, e que dahi desça desimpedido, porque então ficaremos em peor estado que dantes, principalmente se lhe derem tempo para ir sobre o Rio Grande, agora mal guarnecido.

He pena que se não saiba ou se não possa aproveitar o arder que ás nossas tropas tem inspirado os successos parciais obtidos, e o consequente desalento dos rebeldes.

O Teixeira, repellido vigorosamente na ultima tentativa que fez contra a brigada da Cruz-Alta nos Coritibanos, retirou-se em debandada, foi abandonado por perto de 200 dos seus; tentando descer

cer a serra pelo caminho das Tres Fortes, ali foi atacado, e quasi completamente derrotado, podendo escapar-se com custo pelo atilho do Maquino para ir ter a Capella. Successos como este talvez possa obter as forças de Lages e as que devem perseguir os rebeldes na sua retirada.

Insta-se do Rio Grande para que seja para ali restituído o 2.º batalhão que vai partir. Avançada como está a estação, não sei que preciso possa ali haver agora deste corpo, que faz falta á nossa brigada, não tanto pela sua força numerica como pelas qualidades guerreiras do seu pessoal.

O que me reduz a crer que não mostram bom aspecto os negocios da rebelião, he que os nossos desavairados patriotas que se deixam levar pelos insidiosos convites dos malvados voltam de continuo a apresentarem-se. Hoje me asseguraram, mas não o affirmo eu ainda, que na Laguna se apresentaram o Padre Vicente, o Joaquim da Costa, e o mui desculpavel pobre velho, José Antonio de Embalau. A politica adoptada pelo presidente de não perseguir esta gente, sem commoção os arranjar á acção das leis, parece-me mal conveniente nas actuaes circunstancias. (Carta particular.)

—Ilm. e Exm. Sr.—Tenho a satisfação de participar a V. Ex. que o municipio de Lages se achava completamente expurgado dos anarchistas que o infestavam. A constancia dos briosos Serranos, a quem tenho a gloria de comandar, operou este triumpho; e porque me cumpre communicar a V. Ex. a razão da precipitada retirada do inimigo, he por isso que passo a expor a V. Ex. No dia 12 do passado, tendo eu hum pequena guarda na Ponte Alta junto ao Canaas, e 200 homens nos Cachorros, tentou o inimigo fazer hum reconhecimento, e aproveitando o rio que se achava baixo, passaram em numero de 400 a 500, e correndo com a minha guarda avançada, foram até perto onde existião os 200 homens commandados pelo tenente coronel João Gonçalves Padilha, que naquella dia havia eu mandado para a frente; não trepidou este bravo official: carregou sobre elles até a dita Ponte Alta, onde se fizeram fortes, e mandando Padilha passar hum official com 9 homens a pé, ali deu duas descargas no flanco da columna inimiga, que logo os poz em desordem: neste tempo se aproximou a noite; e crendo o inimigo, pelo denodo que observou nos nossos, que toda a força o atacaria, com as trevas desaparececeram, temendo serem reproduzidas as scenas de 12 de Janeiro; e em desordenada fuga não pararam senão do outro lado do Pelotas, recostando-se ás Antas. Perdidos na refrega hum tenente e dois soldados, além de tres ou quatro feridos. Sua desercão foi espantosa, pois que me consta passar de 200 homens. Os Lageanos se tem apresentado já em crescido numero, e entre estes o tenente-coronel Serafim Moniz, tenente Mariano, irmão do mesmo, e outros, e 16 infantes do inimigo armados.

Não participei logo a V. Ex. de tudo o occorrido, porque me achava de communicação directa com o Exm. Sr. general Labatut, e porque o capitão Marcellino me avisou já ter participado a V. Ex. Aqui cheguei a este Paço com 366 infantes e 400 homens de cavallaria, além de perto de 200 da mesma arma que já tenho em Lages, além dos apresentados.

Estou todos os dias á espera do Exm. Sr. general Labatut neste lugar, assim como do coronel Catete e o major Paula, que vem com 150 praças de cavallaria de linha; e hoje me dirijo a Lages a providenciar ali alguns arranjos de primeira necessidade.

He quanto tenho a honra de participar a V. Ex.

Dos guarde V. Ex. muitos annos. Campo em Canaas, 6 de abril de 1840. —Ilm. e Exm. Sr. marechal Francisco José de Souza Soares de Andréa, dignissimo presidente e commandante das forças de Santa Catharina.—Antonio de Mello e Albuquerque, coronel commandante da imperial brigada cruz-altense.

Conforme.—Bernardo Joaquim de Mattos, secretario do governo.

(Do Jornal do Commercio.)

VARIEDADES.

Escolha de companhias.

—Uma das inclinações que mais comvem excitar no animo da mocidade inexperita é a das boas companhias que conviria fossem sempre compostas de pessoas superiores não só em graduacão, como em talento e ascendência, as unicas que, geralmente falando, tem admissoão na boa sociedade. Verdade é que se observa frequentemente que alguns individuos em quem se não dão tões qualificações são mui bem recebidos; mas cumpre notar que essa tolerancia nunca recae em homens de rasteira condiçã, ou de caracter decididamente infame e vil.

As maneiras polidas e a belleza de linguagem só se aprendem na companhia culta, que é aonde se reúnem as pessoas instruidas, que por genio e timbre fazem particular estudo d'aquellas materias.

Poder-nos-hão objectar que nem todos os individuos tem a occasião de frequentar polidas sociedades. A isso responderemos que sempre as obterá com mais ou menos facilidade a pessoa que por suas circunstancias possa viver como cavalheiro; e uma vez alli admitida, a instrucção, boa educaçã e modestia lhe grangearão a estima dos individuos que a ella igualmente concorrem, e cuja intimidade e relações lhe serão proveitosas. Tenha-se sempre presente que a polidez é a qualidade mais necessaria, e a em que mais podemos confiar: sem ella todas as outras habilitações, posto que apreciaveis, de pouco ou quasi nada servirão: sem ella o estudioso dado ás letras e sempre tido em conta de pedante; e sem ella, finalmente, o homem que mais meritos possua será por todos ollado como um rustico.

Não aconselharemos todavia os jovens a que se deliquem absolutamente ao tracto dos homens de letras, com o qual, ainda que vantajoso seja no progresso do espirito, se não aprendem certas maneiras que o mundo tanto aprecia, e de que não faz caso o litterato que viaja quasi sempre pelas regiões superiores. Isto não é reprovar as relações com uma classe tão respeitavel; bem pelo contrario as achamos de summa utilidade, não havendo demasiada frequencia.

As companhias de que todos, e principalmente os mancebos bem educados, se devem desviar, são as das pessoas tão rasteiras de condiçã como de porte e maneiras. Semelhante gente, destituída

de todo o merito e habilitação, procura sempre a companhia dos que lhe são superiores, e em quem, para captar sympathias, louvam com fingido enthusiasmo qualquer vicio, ou extravagante loucura.

Muitos mancebos loverão adornados de prudencia e sã juizo, a quem tões vilezas não fascinem; no entanto se se virem applaudidos e admirados como pessoas de grande capacidade; se a lisonja, embuçada no manto da hypocrisia, representar bem o seu papel, então a sua victima, cheia d'uma vaidade orgulhosa, cae na rede que se lhe armou, começa a amar o que até alli aborrecera, e cria estreitas relações com individuos que vem por fim a causar-lhe total ruina.

A sociedade infima é quasi sempre viciosa, porque a ignorancia, que anda ordinariamente associada ao vicio, tem nella a sua sede. A boa companhia, porrem, não participa tanto deste mal; e se de algumas pessoas que as frequentam ouvimos contar cousas desagradaveis, podemos ficar certos que não são alli tão estimados ou respeitados como o seriam se tões defeitos não possuíssem. O contrario disto acontece nas sociedades infimas, porque nellas se admiram e applaudem com frequencia vicios sobre os quaes toda a sociedade decente e grave lança um completo anathema.

Recommendamos portanto aos mancebos incautos que fujam das companhias abjectas, porque o frequenta-las é o primeiro passo para a depravação mental. Pedimos-lhes que procurem antes imitar as maneiras graves e sisudas das pessoas bem educadas, na certeza de que se alguns defeitos nestas se notarem, serão sempre na razão de um para cem em relação aos que nas outras se encontram. Todavia declararemos que isto não se entende absolutamente de todas as classes rasteiras, mas sim das companhias abjectas por seus vicios e desordens.

Effeitos do exercicio.

—Nada contribue tanto para o augmento da força muscular como o exercicio diario e regular. Homens ha que não se achando com animo de caminhar uma legua em vinte e quatro horas, tem conseguido, mediante o exercicio d'algumas semanas, poder andar diariamente oito ou dez leguas. E' pois o movimento constante e bem dirigido que devemos attribuir o extraordinario vigor que tanto admiramos em alguns homens. E se o exercicio pôde augmentar a vitalidade dos membros do corpo humano, porque motivo não ha-de elle prolongar a existencia de toda a machina?

Cumpre tambem observar que do exercicio corporal resultará muito maior beneficio se caminhar ao lado do progresso mental. Quem poder combinar com aquelle alguma diversão scientifica, ou negocio particular, ha-de obter do exercicio maiores vantagens do que o limitar a um movimento meramente mechanico. Em todos os paizes se sentem quotidianamente os bons effeitos que provem do exercicio mental e corporal. Nós que os vemos e admiramos supponho-los quasi sempre dotes da natureza, quando não são mais do que resultados do exercicio methodico, com o qual todos podem alcançar iguaes vantagens.

Os erros da dieta, do exercicio muscular, do vestuario, e ventilação; as doenças mentaes que resultam destes erros,

e de alguma intensa actividade mental, ou prolongada inquietação, originam muitas enfermidades que se evitam facilmente quando ha cuidado e bom regimen, e se enfraquecem as paixões que sempre nos guiam para o mal.

Galeno, posto que de delicada constituição até os trinta annos, conseguiu por aquelles meios chegar a avançada idade. O mesmo se refere de Herodoto, mestre de Hippocrates, que muito soffrera em mocidade por causa da abundancia de humores. Socrates e Agésilau estavam tão convencidos dos bons effeitos do exercicio que o recommendavam constantemente a toda a gente. Asclepiades, famoso medico da antiguidade, declarou publicamente que queria passar por idiota se a sua morte não fosse só devida a velhice, ou alguma outra causa acima do poder humano; e não errou o calculo, porque como seguia sem desvio as leis da natureza, viveu mais de cem annos com perfeita saúde, morrendo porfim de uma queda desastrada.

(Do Panorama.)

CHRONICA MARANHENSE.

Neste e no passado numero havemos extractado dos jornaes da corte varios artigos sobre os acontecimentos mais importantes que nella, e nas provincias de Santa Catharina e Rio Grande tem occorrido; nós acrescentaremos algumas particularidades, que não deixam de ser curiosas, e que além disso esclarecem o principal.

Parece fora de duvida que o actual regente tem entendido que pode governar, nomear e demittir ministerios, sem consultar o voto das camaras; certos patriotas que no tempo do Sr. Frijó o accusavam por esse motivo, estão hoje em silencio, e acham tudo muito natural, e conforme aos estylos constitucionaes. Assim, vimos o sr. Alves Branco, ex-ministro da fazenda, declarar ao senado que o ministerio se retirava, por não ter maioria, visto que a camara temporaria se achava dividida em tres grupos, com pretensões em que o governo não podia convir, no entanto que foi conservado, e ficou fazendo parte do novo gabinete o Sr. Lopes Gama, só por ter a seu favor a particular protecção e amizade do regente, supposto tivesse contra si as mesmas antipathias que os seus collegas.

Cumpramos notar que o partido da antiga maioria do gabinete de 13 de Setembro nunca se declarou abertamente contra o gabinete que acaba de dissolver-se, fazia-lhe porém uma guerra surda para substitui-lo por gente sua. Mas quasi toda a opposição da Bahia atacou-o ainda com mais vehemencia do que a propria opposição, porque tinha como questão de vida e morte a dimissão do presidente Thomaz Xavier, a quem accusava de inepto, arbitrario, absolutista, e de descarado protector do partido absolutista. A vista da identidade de principios, linguagem, e interesses desses 9 ou 10 deputados da Bahia, era de crer que se unissem á opposição; mas não houve tal, isso não lhes dava esperanza de obterem promptamente a ançada dimissão, porque o regente não se importa muito só com as maiorias; ligaram-se justamente ao partido que na corte era accusado de regressista, e de partilhar a politica do presidente Thomaz Xavier, a

quem havia nomeado e sustentado por tanto tempo, e esse partido *transigiu* também, sacrificando o presidente, e foi o senhor José Clemente Pereira, seu antigo socio *columna*, o encarregado de ir pedir ao regente a sua dimissão! O regente convio nella, e ao que parece, com repugnancia, e sem nada comunicar aos seus ministros; mas o nosso eximio deputado padre doutor que tinha sido do Club, communicou o caso a um delles, em confidencia e amizade, e com isso o senhor Galvão, ministro do imperio escandalizou-se tanto, que logo e logo se dimittiu, no principio do mez. O senhor Limpo d'Abreu, referindo-se a liga da opposição bahiana com a maioria antiga, e ás suas asperas censuras ao presidente da Bahia acompanhadas de tão absoluto silencio sobre as gentilezas do presidente de Minas, e sobre os actos escandalosos do do Ceará, applicou-lhe muy ajustadamente o—*Don't vent on cords, recat censura columna*. Perguntou-se-lhes mais porque razão não havia de ser auctoriado o *absolutismo* do senhor Thomaz Xavier, da mesma forma que o do sr. José Clemente? Ainda se não tinha verificado a dimissão, mas era infallivel. Esperamos agora que cá o Amigo do Paiz, que tanto exaltava os meritos do sr. Thomaz Xavier quando elle era combatido pela opposição bahiana, diga nestas circumstancias alguma coisa em favor do moribundo, e contra a vergonhosa transacção dos senhores regente, José Clemente, e Honório.

A questão da maioria de S. M. o I, que parece não ter-se ainda ultimado, pois supponho que ainda havia tenção de a proclamar na camara temporaria, tem-se tornado da mais subida importancia; ambos os partidos parecem mutuamente entender que della depende a conservação ou a queda do partido actualmente dominante, isto é, o do regente ou deputado Honório. A anciadade que resulta das forças quasi iguaes de ambos os partidos, o vigor e a irritação com que foi essa questão aventada na camara temporaria, dão-lhe um interesse verdadeiramente dramático. Cumpramos notar que o famoso ex-ministro Vasconcellos poz-se neutro neste combate, annunciou os projectos no seu *Instincto* sem lhes annexar a menor observação, e no dia da votação só entrou no senado, depois della concluida! Este grande homem, o primeiro Brasileiro, no conceito do nosso estimavel collega da Revista, que só nelle librava todas as suas esperanças, estando n'uma guerra tão accesa com a opposição, não teve a menor duvida em declara-la também ao ministerio que cahiu, no que se organizou ao regente, e a todo o seu partido. É certo que ainda não fez causa commum com a opposição liberal; mas cremos que sem medo de errar podemos asseverar que a duvida não está nelle. Convidamos o nosso estimavel collega da Revista a dizer alguma coisa a cerca do senhor Vasconcellos, e tornamos a rogar ao Amigo do Paiz que se não esqueça do seu querido Thomaz Xavier.

Noticias de Itapucurú-Mirim.

A força que havia sahido do Rosario na manhã do dia 16, apoderou-se do acampamento dos sublevados na noite de 17, sem resistencia alguma dos 40 a 50 que festavam, que foram presos, bem como os cabeças. Tanto o sr. major Rocha que no Rosario dispoz a expedição,

como o sr. capitão Manuel Lopes Teixeira Junior que a commandou, e mais officiaes que o acompanharam, são dignos de louvor pela actividade, zelo e pericia com que decimpenharam os seus deveres. Observaremos aqui de passagem que no principio destas malfadadas desordens, houve não poucas auctoridades que em lugar de mandarem as forças para os lugares que as reclamavam, como fez o honrado major Rocha, tractavam de readar-se do maior numero que lhes era possível; e outrosim que o pre do sr. capitão Teixeira, ancião de 70 annos, quando apenas começava a convalescer de uma doença mortal, foi em fins de Maio preso em Caxias pelo coronel Sergio que ha quatro mezes ainda se não tinha lembrado, só porque este cidadão foi cogido pelos rebeldes a ser membro de uma junta por causa de 8 dias! Nós teremos de occupar-nos brevemente com o coronel Sergio.

Voltando ao assumpto, consta que S. Ex. chegara ao Itapucurú mirim na noite de 18, quando ja tudo estava composto. Todavia não é menos para louvar e agradecer a presteza com que apromptou e poz em movimento uma força respeitavel para abafar uma revolta que tam finestas consequências podia ter. Consta-nos igualmente que a guarnição da villa montava a 260 praças, e presume-se que a maior parte dellas se tem reunido aos diferentes destacamentos da legalidade.

Por amor a verdade declaramos aqui que havemos tido novas informações acerca do capitão José Lino e de seu filho, contrarias ás que mencionamos no n.º anterior. Resta com tudo o seu officio, que publicamos, e que se explica pela coacção. Estimaremos muito que se justifiquem, se hó que alguma accusação pesa contra elles.

A Revista diz que a sublevação não podia ter lugar sem que houvesse relaxação ou fraqueza da parte de alguns officiaes. É grande a injustiça que o contemporaneo lhes irroga; o commandante, o major Carlos, é um official de muita honra e capacidade, e achava-se muito doente havia mais de 15 dias; os Srs. Lopes e Carmo são os officiaes que conduziram a expedição do Rosario com tanta felicidade; em uma palavra, temos de pessoa que se acha bem informada que aquillo foi uma sublevação que se não manifestou anteriormente por indicio algum, e que só foi devida á perversidade de alguns inferiores, ajudada da falta de pagamento dos soldos ha dous ou tres mezes.

A Revista diz que a sublevação que esteve para arrebentar em Anajatuba, de que demos noticia, é para ella coisa nova. Pois indague! O destacamento do porto, composto de 10 praças, desobedeceu formalmente ao sr. major Sanchez, recusou deixar-se render por outro destacamento que o foi substituir, e resistiu n'uma casa ao mesmo major, que reuniu 30 a 40 homens para os desarmar e prender. Na resistencia foi ferido o guarda Ignacio Luiz, que se acha preso a bordo juntamente com o furriel Manuel Pereira de Souza, commandante do destacamento sublevado. O successo da resistencia e prisão teve lugar na dia 7 do corrente.

Maranhão Typ. Imparcial Maranhense.
Anno 1840.

CHRONICA MARANHENSE.

VOI. II.

DOMINGO 23 DE JUNHO DE 1840.

N.º 245.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapéus de Vidigal Irmão & C., rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas azules vendem-se a 160 reis na sobredita Fabrica, e os avisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

MARANHÃO: IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

RIO DE JANEIRO.

Camara dos Srs. Deputados.

Sessão em 18 de Maio.

O Sr. Carneiro Leão diz que tem de apresentar um projecto, que pede seja julgado urgente, acerca da maioridade de S. M. o Imperador. (*Grande movimento de curiosidade.*)

Fallando largamente sobre a materia diz que o artigo que exige 18 annos no imperador para ser maior, é constitucional, mas que não obstante podia-se obter a maioridade dentro de 8 mezes, decretando-se a reforma, e auctorisando-se o regente a dissolver a camara, porque viria a outra competentemente auctorizada para a reforma. Que revogar esse artigo constitucional por uma lei ordinaria, seria um recurso á força, um golpe de estado, uma revolução (*numerosos apoiados*). Mas nem com isso mudaríamos de posição, porque qualquer partido que ficasse descontente tambem faria guerra ao governo do imperador, tambem se fallaria nessas camarilhas, nesses espiritos malignos, e gabinetes secretos...

O Sr. Alcares Machado: (*interrompendo*). Não compare o imperador com este governo de Polichinellos.

O Sr. Carneiro Leão: Que ha um projecto cabos, um projecto monstro, crendo um conselho privado, uma especie de inquisição de Veneza (*numerosos apoiados*), que se quer tirar o imperador da tutela domestica para o sujeitar a uma tutela politica (*apoiados*). Que elle orador para que passasse o projecto que ia apresentar, não havia de intrigar, ameaçar, nem procurar, como lhe constava que se procurava, homens rasteiros para seduzir o animo do imperador, para perturbar os seus estudos, accendendo-lhe o desejo de governar. O orador conclue offerecendo o seguinte projecto:

"A assemblea geral legislativa decreta:

„ Art. Unico. Os eleitores dos deputados para a seguinte legislatura lhes conferirão nas procurações especial faculdade para reformar o art. 121 da Constituição, a fim de que S. M. o imperador actual, o Senhor D. Pedro 2.º, possa ser declarado maior antes da idade de 18 annos completos. Págo da camara dos deputados em 18 de Maio de 1840.—Honorio Hermeto Carneiro Leão.

O projecto é apoiado por mais da terça parte da camara.

O Sr. Montezuma (pela ordem):—Sr. presidente, para poder fundamentar a idea que pretendo emittir, peço a V.

Ex. que queira mandar-me a constituição. (*He satisfeito.*)

A constituição não se oppõe ao destino que V. Ex. deu ao projecto, mas eu persuado-me que ha exemplos na casa que justificaram a opinão que tenho de emittir, e este he o que se seguiu quando na casa appareceu a reforma de 1832, e creio mesmo que de 1831.

Ora eu, Sr. presidente, para poder fundamentar a minha opinão de ordem, peço a V. Ex. que me dê licença para passar em revista aquillo que realmente offerece este projecto. Este projecto tende...

O Sr. Presidente:—O projecto não está, nem pôde entrar já em discussão.

O Sr. Montezuma:—Muito bem o sei, Sr. presidente. Eu não quero entrar no exame d'elle, nem era possível que quizesse examinar já semelhante materia: materia de tanta magnitude não pôde ser discutida ainda, nem pôde a camara já formar hum juizo sobre ella!

As proposições que a camara acabou de ouvir, senhores, emittidas pelo nobre deputado de Minas, são de tal gravidade e transcendencia, que não permitem mesmo a oradores de grande illustração fazerem de improviso observações sobre ellas, quanto mais ao deputado que nesta occasião tem a honra de dirigir-se á casa!

O que sinto, senhores, he que o tachygrapho, que veio especialmente tomar o discurso do nobre deputado em hora que lhe não pertence (*apoiados*), tomasse o discurso do nobre deputado, e que acabado elle, se fosse embora, porque, querendo eu nesta occasião sustentar a minha opinão de ordem de maneira que podesse ser bem entendido, desejava ter a mesma vantagem. Senhores, he preciso nesta occasião recordar á camara que tenha em vista, para poder avaliar aquillo que disse o nobre deputado sobre o projecto monstro, que nesta casa appareceu hum projecto ainda mais monstro do que esse (*apoiados*)! e que esse projecto, tão horroroso como era, ficando sepultado na poeira da secretaria da camara, foi desenterrado pelo nobre deputado pedindo que se discutisse. E não se pôde acreditar que era para que fosse rejeitado immediatamente, porque o nobre deputado votou por elle! O nobre deputado julgou muito honroso bannir do Brazil aquelle que tinha sacrificado huma coroa á face do mundo civilisado, em beneficio da nossa independencia! aquelle que, príncipe, sympathisou sempre com a liberdade; aquelle que pugnou sempre pelo amor d'elle; aquelle que á testa da nação expoz-se a todos os riscos pela sua liberdade e independencia: o fundador do imperio!

Sr. presidente, quando tal projecto appareceu nesta casa, e foi desenterrado da poeira em que estava sepultado, por que motivo não poderá tambem apparecer esse projecto monstro, com cujas ideas não sympathisa o nobre deputado? Senhores, he bom que no campo em que nos achamos não appareçam proposições que obriguem ao lado que sustenta a idea magestosa da maioridade a ir procurar nos annaes de nossa historia parlamentar factos que hoje (permitta-se-me que o diga) cravão o punhal do remorso no coração daquelles que não tiveram sufficiente prudencia para se declararem por tal forma nessa occasião (*apoiados*).

Ea, Sr. presidente, tendo em vista o projecto do nobre deputado, não julgo a materia ordinaria para poder votar-se nesta casa sem que seja remittido a huma commissão, e esta deve ser a de constituição. Cumpre primeiro que tudo que huma commissão no remanso da meditação examine bem todas e quaesquer palavras desse projecto, e tome em consideração o estado de nossa legislação civil, para que sobre o projecto, dando hum parecer, a camara tenha huma base sobre que firme huma opinão.

O que avanço, Sr. presidente, me parece tanto mais digno da attenção da camara, quanto se eu quizesse citar as palavras do nobre deputado, proferidas em hum dos seus discursos ha poucos dias, encontraria nellas, segundo o literal sentido de cada huma, a opinão de que tal pensamento, isto he, objecto do encurtamento da maioridade, não era artigo constitucional. Hoje ouvimos o contrario!

Se pois das proprias palavras do digno representante da provincia de Minas se pôde isso colligir; se nesta casa haverá hum duvida muitos espiritos illustrados que votem pela mesma forma; se no senado já se julgou objecto da deliberação hum projecto nesse sentido; se o paiz está tão propenso e decidido, como he publico, a adoptar o mesmo pensamento (*numerosos apoiados*), porque, digo, não havemos procurar primeiro huma opinão da commissão de constituição para termos hum parecer sobre que deliberarmos? Não he, Sr. presidente, isto tanto mais necessario quanto o nobre deputado não se aterrou em considerar hum golpe de estado a apresentação do projecto na camara vitalicia? Havemos nós de repente, e sem mais exame, tomar como artigo constitucional, para sujeitar aos tramites marcados na constituição, o objecto do projecto de que se trata? Não praticamos nós isso no anno de 1832, quando enviamos todas as indicações sobre a reforma da constituição para huma commissão offerecer sobre ellas sua opinão?

Eu não quero dizer que em 1832 se procedesse exactamente como acabo de propor; mas o que he verdade he, tanto quanto me recordo, que esses projectos foram todos a hum commissão que os redigiu, e depois ainda houve trabalho sobre isso. E por que motivo não praticaríamos agora da mesma forma?

Senhor presidente, o discurso do nobre deputado, inteiramente fóra da ordem... (apoiados)

O Sr. Carneiro Leão:—Desenvolver os motivos que me obrigaram a apresentar o projecto não he estar fóra da ordem; podia fazê-lo...

O Sr. Montezuma:—... apresentem cousas que não tinham relação com o projecto...

O Sr. Carneiro Leão:—Não fica ao juizo de ninguém avaliar isso.

O Sr. Montezuma:—Não me serve de norma para que o siga em tudo. Não, embora me parecesse que o objecto proposto hoje foi o resultado de hum decisão tomada fóra de casa, e suggerida para embarçar-nos na discussão do maior assumpto que se tem offerecido á consideração da assembleia geral legislativa.

O Sr. Carneiro Leão (com vehemência):—Isto he impossível tolerar-se, he hum insulto! Peço a ordem: sou incapaz de fazer aquillo que o nobre deputado me imputa...

O Sr. Presidente:—Ordem, ordem. Muitas vozes:—Ordem, ordem.

O Sr. Carneiro Leão:—He hum injuria...

(Muito susurro, gritos de—ordem—partem de todos os lados da sala.)

O Sr. Montezuma:—O nobre deputado pôde sem duvida informar-nos de tudo quanto tem occorrido depois que foi feita a proposição no senado da parte daquelles que, não sympathizando com ella, dizem que he contra a monarchia.

O Sr. Carneiro Leão:—Não sou manivella, não me tenho por manivella; se eu quizeria ser mais franco, diria que o senhor he mais manivella...

Muitas vozes:—Ordem, ordem, (grande susurro).

O Sr. Presidente:—Peço aos nobres deputados que guardem a ordem.

O Sr. Carneiro Leão:—Não he aqui que essas cousas se decidem, he lá fóra...

O Sr. Presidente:—Ordem, ordem.

O Sr. Montezuma:—Tudo quanto o nobre deputado disser de indecoroso não passa do nobre deputado (apoiados), e cobria-se sem duvida do reproche que recebe sempre sobre aquelles que desastam a dignidade da camara, que faltam á empenha de sua propria posicao, e postergam os estylos da casa.

O Sr. Presidente:—Ordem, ordem.

O Sr. Montezuma:—Eu, Sr. presidente, encaro tudo...

O Sr. Carneiro Leão:—Sou injuriado, devo responder... devo repellir a injuria.

Algumas vozes:—Apoiado.

O Sr. Montezuma:—Eu, Sr. presidente, encaro tudo quanto tem apparecido nesta casa como o resultado de hum inconcebivel estrategia, que, ainda sendo victoriosa, pouco tempo poderá demorar a derrota do ominoso provisorio que nos desola.

O Sr. Carneiro Leão:—Peço a ordem, Sr. presidente... (grande susurro e muitas vozes de—ordem, ordem).

O Sr. Presidente:—Rogo aos Srs. deputados que se cingam ao que está em discussão.

O Sr. Carneiro Leão:—Hei de explicar-me; hei de repellir a a injuria...

O Sr. Montezuma:—Ten V. Ex. razão, e peço-lhe que tenha a bondade de me advertir quando por qualquer palavra eu salta fóra da discussão. Espero que V. Ex. tenha paciencia comigo, e que me chame á ordem quando não estiver nella.

Eu não tive por fim responder ao nobre deputado, não o podia fazer: porque o seu discurso foi tão fértil em pensamentos graves e transcendentes, que não creio que muitos dos nobres deputados desta casa lhe podessem responder improvisando; mas o meu fim foi, Sr. presidente, fazer com que a camara não deixasse de remetter este projecto á commissão de constituição (apoiados); he objecto de muita consideração, e por isso a camara deve approvar aquillo que offereço á sua consideração.

Para sustentar, Sr. presidente, o seu pensamento, eu ouvi o nobre deputado dizer nesta casa que na nossa mão estava o poderemos obter o governo de S. M. o Imperador já maior no curto espaço de oito mezes. Sr. presidente, este he o nosso mais ardente desejo; por hum tal proposição nós fazemos os maiores esforços, e continuaremos a fazê-los: não duvidaria pois que mais por este motivo o projecto fosse a hum commissão, e que esta commissão seja a de constituição, para, á vista delle, dar hum parecer que se discuta nesta casa (apoiados). Mas eu conheço a ironia, talvez o esgarneo com que se exprime o Sr. deputado...

O Sr. Carneiro Leão:—Não ha tal.

O Sr. Montezuma:—... propondo que autorissemos o governo regencial para dissolver a camara, e então em breve se decidir a reforma. Autorisar-se o governo, senhores, para dissolver a mara dos deputados...

O Sr. Carneiro Leão:—Não disse tal.

O Sr. Montezuma:—... he objecto de grande ponderação! (apoiados) O governo que tem por tantos modos influido nas eleições até hoje, dissolvendo a camara dos deputados não procurará fazer hum deputação que venha representar no seio da assembleia geral hum pensamento verdadeiramente ministerial (apoiados)! He esta sempre a conducta dos governos anti-nacionais. Devemos pois contar com esse resultado! He assim que S. M. I. será maior no curto espaço de oito mezes? Como? Foi isto o que o nobre deputado nos prometteu? Senhores, eu acho hum tal sarcasmo eminentemente indigno da materia, indigno ainda do nobre deputado, e completamente indigno da casa (apoiados)! Não, nós não daremos esse poder a governos que nenhuma confiança merecem da nação! a governos que vergonhosamente mendigam votos e apoio, sem que sejam esses votos e esse apoio o resultado da demonstração da utilidade de seus actos administrativos!

Não, Sr. presidente, tranquilise-se o nobre deputado, o governo não terá esse poder; importaria elle acabar completamente com as liberdades publicas (apoiados)! Temos exemplos, e exemplos que provam assaz que o governo não trabalhava senão para ter sobre as eleições o poderio e a influencia mais decidida (apoiados)! Senhores, o Ceará, Minas Geraes e outras provincias o tem provado; ellas tem sido o theatro desgraçado da protervia administrativa (numerosos apoiados)!

O Sr. Ramiro: (ministro da justiça):—Peço a palavra pela ordem.

O Sr. Montezuma:—Tenho portanto, Sr. presidente, creio justificado assaz a idéa que propuz de ir o projecto á commissão de constituição.

Senhores, nós devemos ter em vista que o magestoso pensamento da maioria de S. M. o I. he de tal natureza, que deve da nossa parte obter toda a condescendencia, mormente quando pelo regimento da casa não está clara e expressamente determinado o contrario daquillo que proponho.

Eu deixo, Sr. presidente, nas actuaes circunstancias, de responder a tudo para não augmentar o desgosto com que a camara ouviu as proposições do nobre deputado. Mas nem por isso deixarei de tocar em hum topico a meu ver de grande gravidade. Segundo suas expressões, servirão-se das pessoas mais rasteiras para illudir-se o imperador na sua infancia, e abusar-se da sua pouca experiencia! Não erão os homens, Sr. presidente, que levarão ao conhecimento do senado o projecto declarando a maioria do imperador, capazes de procurarem os agentes mais rasteiros, segundo disse o nobre deputado, os homens os mais indignos, que he o que significão essas expressões, para serem os que fossem manifestar ao imperador a necessidade de tão transcendente medida.

Por ventura não se recordou o nobre deputado que poz em contacto a pessoa de S. M. com as pessoas de semelhante classe? e em hum contacto tal, que podião ellas intervir sobre a sua pessoa, illudir a sua infancia?! Srs., o nobre deputado, pretendendo mostrar a inconveniencia da maioridade de S. M., disse que em breve o seu governo seria desatado, como fora o de seu augusto pai. E não poderíamos nós agora lançar sobre o lado opposto tal censura? Assevero porém ao nobre deputado que de certo taes proposições, contrarias ao decóro do throno, nunca partirão daquelles donde partio o projecto declarando a maioridade (apoiados)! esse lado me parece que está absolutamente extremo de culpa a tal respeito; elle he incapaz de adoptar pensamentos que não tenham por base o decóro e o respeito mais profundo á pessoa de S. M. o I.

Pretende-se, senhores, com estas e outras proposições illudir o povo, habituado a ouvir as censuras feitas pelo poder á opposição, mormente de mil oitocentos e tantos (não quero de proposito fixar a época), e ainda ressentido de alguns discursos proferidos nesta casa em 1834; pretende-se que o povo creia, senhores, que, tomando S. M. o imperador as redas do governo, se produzirão esses mesmos discursos? Eu nem de mim, nem do lado a que pertence, e permitta-me V. Exc. que o declare, nem do lado do nobre deputado, bem que seja grande a sua repugnancia, grande e extraordinaria a opposição que fazem á maioridade de S. M. I., posso esperar semelhante procedimento. Não, estou intimamente convencido de que S. M. suffocará tudo quanto he opposição systematica e desorganizadora do systema constitucional. Este he o unico prestigio que será capaz de produzir tão saudavel effeito.

Portanto, cansado e rouco como me acho, peço a V. Ex. que haja de consultar a camara se deve o projecto ser remittido á commissão de constituição.

O Sr. Presidente:—Admitta esta

proposição de ir a huma comissão, depois que a camara por votação adoptar o projecto para discussão porque então fica sujeito a todos os tramites que marca o regimento. Assim se procedeu nas reformas anteriormente propostas.

O Sr. Andrade Machado:—Eu penso muito differente do nobre deputado sobre esta materia; penso que a marcha he errada, e que V. Ex. assenta sobre huma falsa que nada tem com o que dispõe a constituição, porque a marcha que vai seguir he a do art. 174, que he para reformar arts. constitucionaes. Mas a questão preliminar, a questão se he ou não constitucional o que se propõe a reformar, deve ser decidida primeiro, porque essa marcha he só adoptada para a reforma dos arts. constitucionaes. Não sei mesmo como V. Ex. possa estender a martello este art. para que elle sirva de mostrar a marcha que devemos seguir contra o que a constituição prescreve. Parece-me que neste caso o que se deve, e o que se pode pedir, he que primeiramente se veja se o artigo he ou não constitucional, e depois então, propondo-se a reforma, sigão-se os tramites do estylo; o contrario fazer he alterar o regimento, he a seu modo querer V. Ex. entendê-lo.

Trata-se pois desta questão preliminar, porque della depende tudo; pois se acaso se decidir que o artigo não he constitucional, fica esse trabalho perdido, supervacaneo, fica essa reforma illusoria, e illusoria he a reforma, porque não se pode verificar no tempo que se propõe no projecto. A subtilidade he propria do seu nobre autor, a quem ninguém nega fineza e ardil.

He expertamente lembrada, como o nobre deputado costuma; mas não deite poeira nos olhos dos seus contendores, dos que estão avessos em semelhantes materias. V. Ex. teve o descuido de não chamar o nobre deputado á ordem quando pronunciou palavras altamente, tenho pezar de o dizer, offensivas á dignidade imperial, altamente offensivas aos membros que seguem o pensamento da maioridade! Elle pronunciou, e está obrigado a prova-lo, se quer ser digno de credito, que se mandou seduzir a innocencia de S. M. por pessoas rasteiras! O acto he inaudito, he insolito, elle he indecoroso para a alta personagem de S. M., como para as pessoas mais conspicuas do lado a quo pertencem, e que sustentam o grande pensamento; he ultraje ao venerando corpo dos senhores que assignarão o projecto, e que o julgaram objecto de deliberação. Isto he ineuiter no paiz ideas de que membros de outro partido se servirão de escada para chegar até S. M.! Quem tanto pronunciou deve provalo, a não se desdizer. Com que cara pois ouzará elle offender-se quando se disser que he estrategia sua tudo que aqui apresentou com o fim de retardar a idea magistosa da maioridade? Realmente eu não o diria; acorrenado á decencia parlamentar, não imputo a nenhum deputado fim algum sinistro; mas alguém que o fizesse teria em desculpa os preparatórios da mudança do tachygrapho fora do costume. Fosse como fosse porém, eu só digo que não tem muita razão o nobre deputado em offender-se, quando guarda tão pouco respeito com os mais seus collegas. Dar a ferida mais profunda no lado a quo pertencem, e querer ficar se rindo, he o que não he possível. Tudo isto se teria evitado se V. Ex. tivesse chamado o Sr. deputado á ordem.

O Sr. Carneiro Leão:—Assim como o poderia chamar agora.

O Sr. Andrade Machado:—Agora não, agora não pode ser, he consequencia da primeira desordem: as desordens seguem-se humas ás outras, e eu não era capaz de pronunciar isso. Eu resinto-me pela parte que me toca, peço-lhe a prova, e demonstrei que se engana, que he asserção sua, puramente sua, e que se não fonda senão no desejo de fazer odiosos os seus contendores; e se o contrario succede, como no caso presente, culpe a sua indiscreção.

Eu tenho a honra de beijar a mão de S. M., tenho a dignidade de lhe fallar esta mesma linguagem, e dizer-lhe o que entendo: dir-lho-hei talvez hum dia destes, e não julgo que elle precise de ouvir classes rasteiras; seria insalencia que não sahiria da boca de hum respeitador da dignidade imperial, melhor fica na do nobre deputado. Nem eu mesmo vivo com classica rasteira para dellas me servir para fallar a S. M. I. e apresentar-lhe os gemidos do seu povo, que suspira pelo fim do cativeiro.

O Sr. Carneiro Leão:—Não digo que precisava della.

O Sr. Andrade Machado:—Mas disse que esses de classe rasteira querião persuadir a S. M. I.

O Sr. Carneiro Leão:—Ninguém o ousou.

O Sr. Andrade Machado:—Eu faço tão bom conceito desta casa, que me parece que não haverá quem se abaixe a essas baixezas ridiculas (apoiados)! Ai de mim! ai do povo! ai da nação! se gente com vistas tão ridiculas se senta entre nós (apoiados)! Eu tenho tal idea de hum representante da nação, que nunca creio que se abaixe; que se abaisse, creio eu; mas que faça dessas baixezas, não acredito (apoiados)!

Nem eu posso, senhores, continuar, estou bem doente; eu laboro ainda de baixo de huma enfermidade. Creio que a marcha que V. Ex. vai seguir não he boa; creio que se deve tratar primeiramente da questão preliminar, isto he, ver-se se o artigo he constitucional, e então tratar-se da reforma, que he por em hum burla; porque he zombaria e burla grosseira a proposição de hum remédio para quando o mal tem cessado, he um geitoso estratagemas de hum partido, que com elle obtem tudo quanto quer, conservar-se a regencia, e com ella com a sua camarilla a fazer as combinações do estylo. Mas o senso nacional outra coisa ha de decidir, eu ao menos o creio.

O Sr. Presidente:—Devo dizer ao illustre deputado que se apresentou este projecto como huma reforma, e não posso deixar de o considerar como tal, nem entrar na questão se o artigo he constitucional ou não. Apresentou-se como reforma, e sendo assim, deve seguir a marcha competente; e depois he que na discussão poderá ter lugar ver-se se o artigo he ou não constitucional; he isto que se tem seguido em todas as reformas; eu examinei as actas, e vi aquillo que se tem seguido. Por consequente fica sobre a mesa.

(Do Jornal do Commercio.)

CHRONICA MARANHENSE.

O Legalista assevera que o sr. tenente-coronel José Thomaz Henriques, tendo sido a principio objecto da nossa

colera, o alvo dos nossos tiros, tendo sido até tachado de *barbára*, tem sido agora obsequiado com epithetos estrondosos, com que procuramos animar o seu justo ressentimento; mas *crê-se*, e com fundamento, que o nosso arrependimento não é sincero, que é antes um meio de que nos servimos para excitarmos que se publiquem importantes documentos sobre a nossa connexão com a *rebeldia*, que *proacelmente* foram nas mãos do sr. José Thomaz Henriques!

Era melhor que o Legalista não aventasse a discussão sobre tal assumpto, porque alem da resposta que vamos dar a accusação de contraditório, evitaria que se lhe dissesse que os seus collegas que o anno passado elogiavam a bravura, pericia, honradez, e grandes serviços dos officizes, mal que elles saltavam nas praias do Maranhão, quando ainda não eram conhecidos de ninguém, nem mesmo dos redactores panegyristas, agora se tem em grande parte recolhido ao silencio, se bem que a Revista lá o rompia para dizer que a revolta do Itapucurú foi decidida no desleixo e fraqueza de alguns officiaes.

Supponho que quando o sr. José Thomaz Henriques aqui saltou, não seria mais afortunado que os outros, isto é, que não deixaria de ser comprimado ou á bordo, ou na rampa, pelo officioso sr. Godinho, e que em terra não escaparia ás obsessões dos intrigantes, que todas as suas posses envidavam, e envidam ainda, para fazer crer que os bandos de malfeitores que devastam a provincia, eram auxiliares de uma causa politica, por cujas inspirações tinham tomado as armas; e em taes circumstancias, era difficil que qualquer animo desprevenido deixasse de cabir no laço. Ainda nisto, o sr. Henriques não seria mais feliz que outro qualquer.

Em quanto o digno official se conservou em Itapucurú-quirim, commandando simplesmente o acampamento, mas sem tomar de sua pessoa uma parte immediata na guerra, não entendemos que seus serviços eram de natureza tal que merecessem especial menção; mas tambem de actos propriamente seus, apenas censuramos a demasiada concisão de uma de suas participações officiaes, onde se dava conta, em grosso, do resultado de uma exploração, sem declarar se os meios por que fora obtido. Nunca o chamamos *barbára*, como falsamente diz o Legalista; assignalamos, sim, os acatos e desvios praticados por certos destacamentos exploradores, dos quizes nem todos pertenciam ao batalhão de Pernambuco, (como, por exemplo, o que atacou a fazenda dos forros do Lopes, em Cantanhedões) e esses desacatos, infelizmente, foram mais que muito reaes, como provamos até com queixas dos prejudicados. E quando o sr. Henriques, tendo de informar a tal respeito, defendendo, não a sua pessoa, mas alguns dos seus subordinados, usou para com nosco de expressões acerbas, e que certo lhe não mereciamos, foi tal a dignidade e moderação da nossa resposta, que sem duvida, á vista della, o digno official se convenceria da injustiça que nos irrogara.

Quanto aos elogios, nós só lh'os damos depois que o sr. Henriques batea por differentes vezes os rebeldes na Vergem Grande, a despeito, ás vezes, da exequidão das forças que commandava, do abandono em que foi deixado por muitos dias, fulto até de noticias, a despeito

da mais que equívoca subordinação do sr. capitão Ernesto, que só queria fazer o que entendia, que desempenhou mal certas comissões, que officiou directamente, sobre operações, ao commandante das forças, como se não estivesse subordinado ao commandante da columna, com quem, segundo nos consta, se poz a final em desintelligencia aberta. Então não o elogiámos somente, revindicamos tambem em seu favor a integridade da gloria desses successos que a Revista e consocios (e infelizmente tambem o presidente da provincia) queriam usurpar em favor do commandante das forças, attribuindo o melhor de tais acontecimentos aos seus suppostos planos de campanha, que alias nunca existiram, como provámos em artigos proprios e communicados.

Posteriormente, o sr. José Thomaz, é verdade que habilitado com forças superiores, tem occupado todo o territorio que vai da Vargem ao Brejo, desafiou esta villa do apertado assedio que lhe punha o inimigo, e tem soccorrido a provincia visinha com fortes partidas, commandadas pelo bravo tenente Lorena. Demais disso, amestrado pela experiencia, tem conhecido que as intrigas politicas tendem a prolongar a guerra, e a torna-la mais encarnizada e fatal, dando de suspeitos, como inimigos, a muitos e bons cidadãos; e assim, tem-se posto superior a essas intrigas, como o provam os seus actos, e as suas proclamações; nem nos consta que á feição do commandante de Caxias vá prendendo, e perseguindo a culpados e innocentes, mais tarde, ou mais cedo, conforme as exigencias e os interesses de uma facção qualquer.

E' por tudo isto que elogiámos o distincto militar; foi por serviços relevantissimos que elogiámos igualmente o muito honrado major Falcão, sobre tudo quando elle era aqui victima de odiosas injustiças, de indecorosas vexações, e de baixas intrigas.—Mas ao Legalista e collegas não servem nem os elogios nem as censuras da Chronica; só se pagariam do silencio completo e absoluto.—Esperam debalde.

Quanto aos documentos que acerca da nossa pretendida connivencia com os rebeldes devem parar nas mãos do sr. José Thomaz, repetiremos ao Legalista que é melhor não tocar nisso; alem de que o gráoço já enoja de addico, o digno official saberá dar o devido apreço a esses meios infames que para reabilitar-se emprega um partido desacreditado, tanto mais que a experiencia sem duvida lhe terá dado a conhecer que muitos dos que tem cheia a boca (que o peito não) do seu amor á legalidade, não são dos que lhe prestam maiores serviços.

O Legalista tambem nos falla de intrigas entre o commandante da columna, e o prefeito do Brejo, intrigas de cuja existencia até hoje não fomos informados senão pelo digno redactor, que logo as attribuiu aos Bentiveis; nós cremos piamente que isto é outro gráoço. Fora bom que tambem não tocasse nisso.

—Os nossos dois eximios deputados padre Antonio, e Belleza tem feito um papel brilhante, no meio de todas as manobras que tem tido lugar na corte, e que referimos em o nosso ultimo n.º Já do sr. P. Antonio demos uma ligeira noticia; o sr. Belleza, antes da reunião das camaras, disse que sustentava os ministros,

mas na camara dos deputados, como a visse quasi unanime contra as emendas do senado á lei do orçamento, as quaes o ministerio apoiava, foi com as turbas, votou contra. Mas reunem-se as duas camaras, ha grande maioria a favor das emendas, o sr. Belleza votou a favor. Que cruéis torturas! Tudo porque pretende obter ou uma pensão, ou mais um posto de accesso para o sr. Lourenço Serra, irmão do sr. Leonel, (que sem duvida merece muito mais) e o pagamento dos sollos atrasados do sr. major Carvalho.—Os nossos fiéis representantes não brillam como oradores, não tem influencia na camara, nem gosam de grande consideração fora della; mas nisto de arranjar empreguinhas, dimissões, pensões, de fazer annullar e ratificar ordens ou nomeações, diz a fama que nunca lá appareceram iguaes. Honra e gloria para elles, e proveito para os seus amigos, e tambem para elles!

Noticias.

—S. Exc. chegou do interior no dia 25 da corrente, á tarde, tendo deixado as cousas inteiramente compostas em Itapucurú-mirim; foram presos quarenta e tantos dos revoltosos, e os encheas postos em conselho de guerra. Ficou commandando a villa o sr. major Carvalho, se bem que daqui não fosse elle commandando toda a força que acompanhou a S. Exc., como erradamente disse a Revista. A guarda nacional voltou.

O ponto do Gaiola, nas margens do Muniz, guarnecido por um destacamento de 40 a 50 praças, foi acometido por cerca de 200 rebeldes, que depois de 18 horas de fogo, foram repellidos, deixando 12 mortos no lugar da acção, afora os que se presume terem arrastado, e grande quantidade de feridos. O commandante do destacamento, o sr. tenente Fortunato José da Costa, portou-se com grande coragem e decisão, e em remuneração aos serviços importantes prestados naquella occasião, S. Exc. promoveu-o a capitão de commissão.

No mesmo dia 25 entrou do Rio uma embarcação que nos trouxe jornaes até a data de 26 do mez passado. Haviam effectivamente sido nomeados, o sr. Paulino para ministro da justiça, e o sr. Torres, para ministro do imperio, e interino da marinha. Continuavam as camaras nos seus trabalhos, sem que nada houvesse occorrido de notavel.

MARANHÃO.

Quartel do Commando Militar interino da Villa do Itapucurú-mirim, 18 de Junho de 1840.

Ordem do dia.

—Publico para conhecimento da Guarnição desta Villa e Pontos a ella sujeitos o Officio abaixo transcripto do Sr. Major Carlos Augusto d'Oliveira a mim dirigido, em consequencia do qual tenho entrado no exercicio interino do Commando Militar.

Satisfeito, já desde ontem a noute, os dois primeiros deveres, dos que me foram incumbidos, da occupação e pacificação desta Villa, confio que igualmente satisfarei ao ultimo, e não menos essencial, para que não venha a cahir este

importantissimo Ponto em mão dos rebeldes. A tropa deve conhecer que, rompendo os laços da subordinação, a licença em que fica a torna instrumento execravel e bem depressa impotente, trocando o titulo honroso de Defensores da paz e Ordem publica, pelo de sclerados e tantos outros vergonhosos, e até infames, quantos são os crimes a que é arrastada pelo proprio desenfreado, e raramente escapa a severa punição infligida pelas Leis.

O acontecimento havido nesta Villa das duas para as tres horas da manhã do dia 14 do corrente, que foi tão fatal a Disciplina, deixou todavia de o ser á vida e propriedade de pessoa alguma.

A pessoa que ostensivamente figurou como cabeça do motim achou-se presa, e assim mais trez que se mostraram cúmplices, alem de quarenta e oito praças da Companhia de Ligeiros em cujo Quartel deu-se o signal de alarma, e armadas coagiram a todos quantos compareceram; prendendo a uns, e fazendo armar e entrar em suas fileiras á outros.

Aos Srs. Capitães Antonio Joaquim Bello, e Fernando Cezar Pereira de Castro, devo o maior agradecimento e todo o elogio pelo bom accordo e disposição com que me tem auxiliado no desempenho da Commissão que me foi incumbida, ficando o mesmo Sr. Capitão Bello encarregado do Commando de todas as praças aqui existentes pertencentes ao seu Batalhão, o Provisorio da Villa do Rosario, e assim mais das que vierão da dita Villa e pertencem a outros Corpos.

O Sr. Capitão Joze Lino Nunes Belfort commandará interinamente o Batalhão Provisorio de que é Mandante.

A marcha do serviço continua em tão como se achava estabelecida pelo Sr. Major Carlos Augusto d'Oliveira—Assignado—Manoel Lopes Teixeira Junior, Capitão Commandante Militar interino.

Officio a que se refere a Ordem do Dia acima.

—Ilm. Sr.—Com as 80 praças armadas e municadas que aqui se entregou a V. S. e com os apresentados sahidos da Villa do Itapucurú depois do motim; siga V. S. á mesma Villa a desempenhar a Commissão de que o tenho encarregado, tendente a occupação, pacificação desse Ponto, e para que não venha elle a cahir em mãos dos rebeldes; considerando-se V. S. no exercicio interino do Commando Militar, a vista do estado de molestia em que me acho. Acompanho a Força quatro Officiaes, sendo dois Capitães do Batalhão Provisorio desta Villa, e com estes combinará V. S. sobre todas as operações que se tenham a executar.

Deos Guarde a V. S. Quartel na Villa do Rosario 16 de Junho de 1840.

—Ilm. Sr. Capitão Manoel Lopes Teixeira Junior.—Assignado—Carlos Augusto d'Oliveira, Major.

Conforme.—Manoel Lopes Teixeira Junior, Capitão Commandante militar interino.

—AVISO.—

—No escriptorio de Francisco Marques Rodrigues & Irmãos, ha para vender hum molata de 20 a 22 annos, com algumas habilidades, e 1 preta de meia idade que lava e cozinha, vindas no ultimo navio de Pernambuco.

Maranhão Typ. Imparcial Maranhense. Anno 1840.

CHRONICA MARANHENSE.

VOL. II.

QUINTA-FEIRA 2 DE JULHO DE 1840.

N.º 246.

Assigna-se em casa do Redactor, rua do Egypto n.º 12, e na Fabrica de Chapéus de Vidigal Irmão & C., rua Grande: preço por trimestre 3\$000, por semestre 5\$500, e por anno 10\$000 reis, pagos adiantados. As folhas avulsas tendem-se a 150 reis na sobredita Fabrica, e os avisos imprimem-se a 60 reis por linha, mas os dos assignantes, gratuitamente, com tanto que não excedam a 20 linhas.

PARANHENSE IMPRESSO NA TYP. IMPARCIAL MARANHENSE. ANNO DE 1840.

RIO DE JANEIRO.

Extracto do relatório apresentado a assembleia geral, na sessão actual, pelo ministro dos negócios estrangeiros.

COMISSÃO MIXTA BRASILEIRA E INGLEZA.

ORAÇÃO por esta comissão julgadas desde Maio do anno passado as embarcações seguintes, debaixo da bandeira portugueza: brigue escuna *Carolina*, com 211 negros; patacho *Especuador*, com 268; brigue *Ganges*, com 300; brigue *Leal*, aliás *Leão*, com 312, e *D. João de Castro*. A primeira e segunda daquellas embarcações foram capturadas pela corveta de S. M. Britannica *Electra*, as outras pelo brigue de guerra inglez *Grecian*. Todas ellas foram condemnadas, emancipando-se os negros na conformidade da convenção adicional de 23 de Julho de 1827.

Tambem foram remettidos a esta comissão o patacho *Providencia*, apreendido pelo brigue de guerra brasileiro *Constança*, e o hiate *Afreido*, que foi apprehendido no rio de S. Francisco, sem mestre nem piloto, unicamente com cinco negros a bordo, na supposição que se empregariam no commercio illicito de Africanos.

A comissão não achou provas para tomar conhecimento do hiate e do patacho.

Alem destas embarcações, foram detidas outras com bandeira portugueza na sahila deste porto do Rio de Janeiro, debaixo das suspeitas de se destinarem ao trafico de escravos, a saber: barca *Maria Carlota* e patacho *Recuperador*, pelo brigue de guerra inglez *Grecian*, e o brigue *Pompeo* pela mexeriqueira *Faria*. A primeira daquellas embarcações foi condemnada, e as outras mandadas relaxar.

Tendo-se suscitado duvida entre os commissarios brasileiro e inglez sobre o julgamento de navios apresados em seu destino para a Costa d'Africa, expedio o governo imperial o Aviso de 27 de Julho de 1839, ordenando que se tomasse conhecimento de taes prezas para serem julgadas como fossem de direito.

Sociedade promotora de colonisação do Rio de Janeiro.

—No dia 30 de abril, pelas 2 horas da tarde, celebrou esta sociedade a sua sessão annua, concorrendo consideravel numero de accionistas, huys presentes, e outros representados por procurações; e foi grande o prazer da assembleia ao

ver pelo relatório do presidente da mesa de direcção, que abaixo se transcreve, huma sociedade ha hum anno reputada cahida apparecer resuscitada com vital vigor, e em estado de continuar suas operações, que tão uteis tem sido ao paiz pelo crescido numero de braços livres por ella introduzidos, e mais util poderá ainda ser se huma administração discreta e zelosa souber dirigir as suas operações no sentido manifestado no dito relatório, e a reforma dos estatutos proposta pela mesa for approvada definitivamente como he de esperar.

Srs. Accionistas da Sociedade Promotora de Colonisação.

—A mesa da direcção, cumprindo o art. 22 dos estatutos, tem a honra de apresentar ao vosso conhecimento o relatório dos trabalhos da sua administração, acompanhado do balanço do estado activo e passivo da sociedade do 1.º de março a 31 de dezembro de 1839.

Não se tendo offerecido occasião de fazer novas inscrições de colonos durante o referido periodo, limitaram-se os trabalhos da mesa a dar destino aos colonos anteriormente inscriptos, e a liquidar, como lhe cumpria, o estado da sociedade: o conseguia ultimar este difficil trabalho organisando hum balanço geral do activo e passivo da mesma sociedade, escripturando com precisão e clareza sobre os assentos existentes na secretaria de todas as operações praticadas desde o 1.º de março de 1833, dia em que se installou a primeira mesa de direcção; tendo-se previamente verificado com aturada diligencia a existencia dos colonos devedores á sociedade.

Por este trabalho, que vos será presente, vereis que sendo o capital entrado na caixa da sociedade em acções capitalizadas e não capitalizadas de 78:150\$000 rs., e additando-se a esta quantia a de 12\$55\$333 proveniente de dividas passivas, e a de 12\$332\$746 rs. de lucros illiquidos por penderem da boa ou má cobrança das dividas activas, vem a ser o passivo total 98:740\$701 rs.

Igual somma de 98:740\$601 rs. constitue o activo da sociedade, consistindo, a saber: em bilhetes da alfandega 16:000\$000 rs., em notas correntes 1:542\$199, em moveis e utensilios pelo preço do seu custo 731\$000 rs., em dividas de colonos inscriptos 79:756\$029 rs., e em outras diversas dividas 710\$782 rs.

Da comparação do referido passivo e activo, parece que os fundos da sociedade não terão quebra, mas quando se observa que a divida dos colonos inscriptos terá de soffrer necessariamente consideravel rebate, o qual no entender da

mesa não poderá ser menor de 31:905\$500 rs., igual a 40 p. c., resulta que existe huma perda presumivel de 12:572\$305 em diminuição de capital.

Tal era o estado da sociedade em 31 de dezembro de 1839, em que foi necessario fechar o balanço junto a esse relatório, na conformidade do art. 22 dos estatutos; mas os fundos arrecadados achão-se hoje consideravelmente elevados em virtude das cobranças posteriormente verificadas; existindo na caixa da sociedade em 31 de março do corrente anno 21:000\$000 rs. em bilhetes da alfandega, e 4:312\$488 em dinheiro liquido, prefazendo hum total de 25:342\$488 rs.

E espera a mesa que lhe seja possível arrecadar effectivamente até o fim do presente anno mais 20:000\$000 rs. de dividas seguras, alem do que actualmente se poder receber das duvidosas; podendo bem calcular-se que a sociedade deverá possuir na referida época em fundos reaes a quantia de 50:000\$000 reis pelo menos.

Insignificante portanto virá a ser a perda da sociedade; ou antes grandes são os seus interesses, quando se considera que essa perda presumivel se acha sobrejamente compensada com os lucros reaes de valor inapreciavel que o Brazil recebeu na introdução de 2,554 braços livres em outros tantos colonos inscriptos nos livros da sociedade; unicos e verdadeiros lucros que todos os socios tiveram em vista colher, quando para esta entraram com seus capitães, e não os pecuniarios; que a Sociedade Promotora de Colonisação do Rio de Janeiro nunca foi considerada pela natureza da sua patriótica installação, na classe das commerciaes.

E aquelles interesses, senhores, ostensivamente se fazem sentir nos muitos operarios de todos os officios e serventes, que dentro desta capital, sem fallar de outros em maior numero espalhados por diversas provincias do imperio, vierão encher o vazio que vão deixando os braços captivos; beneficio que só sabrá devidamente apreciar quem, conhecedor da estatística dos obitos dos escravos fallecidos dentro de igual periodo nesta cidade, se fizer cargo do avaliar os prejuizos que de tão consideravel diminuição de braços deverião necessariamente ter resultado, se não tivessem sido opportunamente em alguma parte substituidos por outros de mais subido valor: diminuição que a morte diariamente augmentará até sua total anniquilação, com graves embaraços para o serviço do paiz, se quanto antes se não empregarem meios efficazes para chamar braços industrioses, que superabundão em outras nações,